



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Bruxaria Paroquial: poderes políticos e repressão à *feitiçaria* na formação da Paróquia de
Urussanga-SC (1897-1932)

Florianópolis

2025

Yury dos Santos

Bruxaria Paroquial: poderes políticos e repressão à *feitiçaria* na formação da Paróquia de Urussanga – SC (1897-1932)

Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação em História do Centro de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Federal
de Santa Catarina como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel/ Licenciado
em História.
Orientadora: Profa. Dra. Aline Dias da
Silveira

Florianópolis
2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Santos, Yury dos

Bruxaria Paroquial : poderes políticos e repressão à feitiçaria na formação da Paróquia de Urussanga-SC (1897-1932) / Yury dos Santos ; orientadora, Aline Dias da Silveira, 2025.

237 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. História. 2. Bruxaria. 3. Imigração Italiana. 4. Santa Catarina. I. Silveira, Aline Dias da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e cinco, às 14 horas, no Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais - *Meridianum*, sala 312, bloco D do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo(a) Professor(a) Aline Dias da Silveira, Orientadora e Presidente e pelo Professor Paulo Pinheiro Machado, Titular da Banca, designados pela Portaria nº 58/2025/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da(o) acadêmico **Yury dos Santos**, subordinado ao título: **"Bruxaria Paroquial: poderes políticos e repressão à feitiçaria na formação da Paróquia de Urussanga-SC (1897-1932)"**. Aberta a Sessão pelo (a) Senhor(a) Presidente, o(a) acadêmico(a) expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o(a) mesmo(a) foi arguido(a) pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o(a) candidato(a) recebido da Professora Aline Dias da Silveira a nota final **10** e do(a) Professor(a) Paulo Pinheiro Machado a nota final **10**, sendo aprovado(a) com a nota final **10**. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia dez de dezembro de dois mil e vinte e cinco. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2025.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Aline Dias da Silveira



Prof.Dr. Paulo Pinheiro Machado



Candidato Yury dos Santos





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Yury dos Santos, matrícula n.º 17201119, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Bruxaria Paroquial: repressão à "feitiçaria"** na formação da Paróquia de Urussanga (1897-1932), com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 09 de dezembro de 2025.



Documento assinado digitalmente
ALINE DIAS DA SILVEIRA
Data: 09/12/2025 19:39:21-0300
CPF: ***.016.810-11
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientadora

Às 7 Senhoras.

Em reparação ao Sagrado Coração de Jesus
por todas as crianças vítimas do trabalho
infantil no mundo inteiro.

AGRADECIMENTOS

A São Tomaz de Aquino e à Santa Catarina de Alexandria que de uma igrejinha lá do alto do Tapado sempre me regem e me guardam meus estudos junto de seus asseclas anjos e santos que sob as formas de *gajúns* e de *kupléh* lhes auxiliam em tão nobre ofício.

Gostaria de agradecer também ao *Meridianum* por me acompanhar em toda minha trajetória de crescimento durante a graduação. Em especial à Jana, à Rafa Barbieri e à Bianca Klein por me ajudarem nos momentos de apuro quando mais precisei. Especialmente também à Raisa por toda sua ajuda e contribuição através de infinitas discussões e trocas de acervo bibliográfico sobre *bruxaria*. À minha orientadora, a Professora Aline Dias da Silveira, por toda sua paciência e sensibilidade comigo, mesmo eu sendo muitas vezes um verdadeiro orientando-problema. À minha Madrinha Keka que me amadrinhou nesse curso.

Em agradecimento também aos Professores Paulo Pinheiro Machado e Cristina Scheibe Wolf por me alertarem sobre os perigos e armadilhas fascistas e ultramontanas que dentro dessa linha de pesquisa historiográfica se escondem. Em especial também à Professora Letícia Borges Nedel por me mostrar uma luz no fim do túnel quando pensei que estava tudo perdido. Ao Raphael, à Cris, ao Milano e a todos os demais membros do Departamento de História que sempre me ajudaram e também tiveram muitíssima paciência comigo nessa lida. Principalmente à Professora Eloisa Rosalen que me ajudou na revisão de tradução das fontes desse trabalho.

Ao C.A.L.H., ao D.C.E., à Reitoria e à P.R.A.E. por sempre ouvirem meus clamores e nunca me deixarem na mão quando precisei. Aos camaradas do Centro de Convivência que sempre me ajudaram a cobrar dessas quatro entidades o cumprimento de seu devido papel.

À Capela do Puríssimo Coração de Maria, tentei dar o melhor de mim, mas nem sempre as coisas saem como o esperado. Gostaria de agradecer especialmente à Katiely porque graças ao seu apoio consegui juntar diversas fontes essenciais para o andamento de minhas pesquisas.

À Pink House por me acolher no momento que eu mais precisei e a todos os demais amigos, principalmente à Gabriela Panitz, Malu Ortiz e Vini Lanças, que me acompanharam e me ajudaram muito nessa trajetória. Ao pessoal da Maloca por todo seu apoio e compreensão.

Gostaria de agradecer a todos os amigos e professores do IFC de Araquari e da Escola Municipal Professora Laura Andrade, em especial às professoras Jocinara, Gisele, Renilse e Edvanderson, pois sem vocês eu nada seria. A todo pessoal das Capelas São Pedro Apóstolo do Portinho e Nossa Senhora Aparecida do Parque Joinville por todo conhecimento e carinho que sempre recebi de vocês.

A todos os sacerdotes e demais religiosos das Arquidioceses de Joinville e Florianópolis, em especial da Diocese de Tubarão. Espero que entendam que esse é o meu trabalho, não faço isso porque quero falar mal da Igreja, mas porque devemos aprender com certos erros do passado para que eles nunca mais se repitam: nem por *descuido*, nem por *engano* e muito menos de *brincadeirinha*.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todos os meus familiares que infelizmente não vou poder mencionar ninguém especificamente aqui já que o familiar é grande e se eu esquecer de alguém é capaz de dar briga. Mas gostaria de agradecer imensamente e do fundo de todo meu coração a todos vocês por compartilharem pelo menos um pouquinho de toda sua cultura comigo ao mesmo tempo que sempre me incentivaram a ter uma postura e um olhar crítico sobre o mundinho em que eu vivo. Amo muito todos vocês!

“Assim como os três reis magos
Que seguiram a estrela-guia
A bandeira segue em frente
Atrás de melhores dias, ai, ai”

(Ivan Lins, Bandeira do Divino)

RESUMO

A problemática central de nosso trabalho se inicia com a descrença e a manifestação de preconceito religioso por parte de membros da comunidade ítalo-brasileira de Treze de Maio para com os ofícios de benzedeira e parteira apresentados por Karen Réchia. A partir dessa problemática verificamos por meio dos jogos de escala propostos por Jacques Revel como os discursos clericais que circulavam pela Paróquia de Urussanga durante seu período de formação moldaram o imaginário cultural das comunidades ítalo-brasileiras dessa localidade. Utilizando-se para isso da metodologia micro histórica de Carlo Ginzburg alinhada aos pressupostos teóricos de Maria Luiza Marcílio para a construção historiográfica do catolicismo popular brasileiro, conforme os parâmetros estabelecidos pelo CEHILA, colhemos os denominadores comuns que permeiam os discursos clericais de repressão às práticas de *bruxaria* e *feitiçaria* que circulavam pela Paróquia de Urussanga dentre os anos de 1897 a 1932. Utilizamos para isso de duas fontes primárias principais: o livro *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* (1904) do Padre Luigi Marzano e o Telegrama de João Cabral (1897) acerca da “*seita*” misteriosa de Nova Veneza em conjunção ao depoimento do scalabriniano Padre Pedro Maldotti exposto por Riolando Azzi (1989). Dessa forma, em nosso primeiro capítulo mostramos como se sucedeu a aplicação das reformas ultramontanas junto às políticas higienistas da Primeira República na região do Tubarão através da criação de novos núcleos de colonização italiana como exemplos de sociedade modelo para a aplicação dessas políticas reformistas com base nos padrões eurocêntricos de *italianidade* pressupostos pelo Consulado Italiano. No segundo capítulo mostramos como esse discurso foi desenvolvido pelo Padre Luigi Marzano com o objetivo de garantir a manutenção do monopólio da italianidade sobre a administração política de Urussanga a níveis municipais e paroquiais. Por fim, analisamos como os discursos presentes nessa obra se desdobraram em políticas públicas de repressão à *bruxaria* e *feitiçaria* com base na *antropologia criminal* que culminaram numa das principais diretrizes ditatórias do fascismo italiano cujo ápice se dá no manifesto *Mulheres Brasileiras – Inimigas de Cristo* (1932) do Padre Huberto Rohden. Dando origem assim à toda uma vertente historiográfica de “*padres-historiadores*” do sul de Santa Catarina que ao dividir toda a base historiográfica dos municípios dessa região do estado em “*caixinhas étnicas*”, baseadas na demarcação territorial dos antigos núcleos coloniais ali presentes, acabaram por culminar na descrença e nas diversas manifestações de preconceito por parte de membros das comunidades ítalo-brasileiras contra os ofícios de benzedeira e parteira presentes nessa localidade, como é o caso de Treze de Maio por exemplo.

Palavras-chave: Bruxaria; Imigração Italiana; Santa Catarina.

ABSTRACT

The central problem of our work begins with the disbelief and manifestation of religious prejudice on the part of members of the italian-brazilian community of Treze de Maio towards the practices of traditional healers and midwives presented by Karen Réchia. Based on this problem, we verified, through play of scales proposed by Jacques Revel, how the clerical discourses that circulated in the Parish of Urussanga during its formation period shaped the cultural imagination of the italian-brazilian communities in that locality. Using the microhistorical methodology of Carlo Ginzburg, aligned with the theoretical assumptions of Maria Luiza Marcílio for the historiographical construction of popular brazilian catholicism, according to the parameters established by CEHILA, we gathered the common denominators that permeate the clerical discourses of repression against *witchcraft* and *sorcery* practices that circulated in the Parish of Urussanga between the years 1897 and 1932. For this purpose, we used two main primary sources: the book *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* (1904) by Father Luigi Marzano and João Cabral's Telegram (1897) concerning the mysterious "sect" of Nova Veneza, in conjunction with the testimony of the Scalabrinian Father Pedro Maldotti, presented by Riolando Azzi (1989). Thus, in our first chapter we show how the application of ultramontane reforms, alongside the hygienist policies of the First Republic, unfolded in the Tubarão region through the creation of new italian colonization settlements as examples of model societies for the application of these reformist policies based on the eurocentric standards of *italian identity* presupposed by the Italian Consulate. In the second chapter, we show how this discourse was developed by Father Luigi Marzano with the aim of ensuring the maintenance of the italian monopoly over the political administration of Urussanga at the municipal and parish levels. Finally, we analyze how the discourses present in this work unfolded into public policies of repression against *witchcraft* and *sorcery* based on *criminal anthropology*, culminating in one of the main dictatorial guidelines of italian fascism, whose peak is reached in the manifesto "*Mulheres Brasileiras – Inimigas de Cristo*" (1932) by Father Huberto Rohden. This gave rise to an entire historiographical trend of "*priest-historians*" in southern Santa Catarina who, by dividing the entire historiographical basis of the municipalities in that region of the state into "*ethnic boxes*", based on the territorial demarcation of the old colonial settlements present there, ultimately led to disbelief and various manifestations of prejudice on the part of members of the italian-brazilian communities against the practices of traditional healers and midwives present in that locality, as is the case in Treze de Maio, for example.

Keywords: Witchcraft; Italian Immigration; Santa Catarina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa da região sul de Santa Catarina em 1927	16
Figura 02 – Lista de Verônicas da Paróquia de Imaruí	23
Figura 03 – Meninas enfeitadas com flores em Nova Veneza	27
Figura 04 – Desmembramento do Município do Tubarão (1870-1961)	28
Figura 05 – Saída da Bandeira do Divino Espírito Santo em Procissão Marítima para a Comunidade Praia Vermelha, 1948.....	32
Figura 06 – Caminhos de Tropas.....	34
Figura 07 – Crenças falsas e nocivas (A), Crenças superiores e inferiores (B).....	42
Figura 08 – Cultos, mitos, ritos com fundo xamânico na Europa.....	45
Figura 09 – Mirari vos de Gregório XVI (A), Qui Pluribus de Pio IX (B).....	54
Figura 10 – <i>Vida Nova</i> , 1893 (Nova Veneza)	59
Figura 11 – Mulheres Xokleng em atividades domésticas.....	59
Figura 12 – Telegrama de João Cabral para Hercílio Luz no dia 16/03/1897.....	62
Figura 13 – <i>Nova Veneza</i> , 1893.....	81
Figura 14 – Império do Divino em Lages, 1890.....	85
Figura 15 – Tropeiros transitando na “estrada” Lages a Tubarão.....	86
Figura 16 – Capela Santa Ana.....	89
Figura 17 – Interior da Capela Santa Ana.....	89
Figura 18 – Padre Luigi Marzano acompanhado de um mateiro em uma de suas caçadas pela floresta.....	91
Figura 19 – Representação do ritual de Perfuração dos lábios dos meninos para a inserção do botoque e a realização tatuagem na perda das meninas, 1933.....	95
Figura 20 – Mapa da Região Sul do Brasil.....	96
Figura 21 – Jovens Laklãnõ-Xokleng usando cintos cerimoniais.....	103
Figura 22 – Padre Luigi Marzano com algumas crianças indígenas.....	108
Figura 23 – Grande Festa Tradicional Xokleng, 1933.....	109
Figura 24 – República de Veneza e região, 1797.....	118
Figura 25 – Capela Santa Augusta, 1887.....	149
Figura 26 – Restauração das Imagens de São Pedro, Santa Augusta e São Paulo.....	150
Figura 27 – Réplica da Imagem de Santa Augusta na Matriz de Nosso Senhor do Bonfim.....	150
Figura 28 – Imagem da Senhora da Piedade após reforma ultramontana.....	151
Figura 29 – Imagem da Senhora da Piedade original datada por volta da década de 1820.....	152

Figura 30 – Manchete Capa de Jornal: “ <i>Gli Anarcoidi</i> ”	169
Figura 31 – Quadro com o número de encomendações da Paróquia de Urussanga entre os anos de 1908 a 1928.....	186
Figura 32 – Gráfico representando o número de encomendações da Paróquia de Urussanga entre 1908 a 1928.....	188
Figura 33 – Cortejo fúnebre em Urussanga na metade do século XX.....	195
Figura 34 – Post-Mortem do Cônego Luiz Gilli, 1956.....	195
Figura 35 – Post-Mortem do primeiro filho de Edith Massucheti, 1944.....	196
Figura 36 – Sepultamento de Antônio Rosso, 1950.....	196
Figura 37 – Criança carregando a cruz durante sepultamento, 1949.....	196
Figura 38 – Manchete Capa de Jornal: “ <i>O Charlatanismo e suas Deploráveis Consequências</i> ”	199
Figura 39 – Escola Pública “Secção Feminina” de Cocal Professora Francisca Martins de Oliveira Búrigo (1927)	201
Figura 40 – Inauguração do Núcleo Escolar Padre Schüller (1933)	203
Figura 41 – <i>A Estação de Santa Veronica</i> , 1960	205
Figura 42 – Capa de Jornal: Manifesto “ <i>Mulheres Brasileiras — Inimigas de Christo</i> ”	205

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: <i>Ora pro nobis, Sancta Dei Genitrix!</i>	14
2. A SENHORA DA PIEDADE: <i>A Grande Matriarca Do Tubarão</i>	20
2.1. ... ET CONCÉPTI DE SPIRICTU SANCTO: <i>Intercruzamentos Interculturais e Desenvolvimento da Cosmovisão Litorânea na Paróquia Do Tubarão</i>	28
2.2. FIAT MIHI SECÚNDUM VERBUM TUUM: <i>As Reformas Ultramontanas frente ao Padroado Regalista no Brasil enquanto ferramenta de ruptura político-social entre o Império e a Primeira República</i>	38
2.3. ET VERBUM CARO FACTUM EST: <i>Criação e desenvolvimento dos novos Núcleos Coloniais enquanto modelo para a aplicação prática das Reformas Ultramontanas na Paróquia do Tubarão</i>	56
3. A SENHORA DA CONCEIÇÃO: <i>A Política de ‘Pão e Queijo’ da Paróquia de Urussanga</i>	69
3.1. A SENHORA SANT’ANA: <i>Seguindo o Caminho das Tropas de seu Esposo, o Senhor São Joaquim</i>	73
3.2. KÓKÓLY-KAMLÉM: <i>O Grande Kujá da Vinda e do Retorno ao Outro Lado da Vida</i>	91
3.2.1. Persona Kamlém versus Persona Christi	97
3.3. HOC EST CORPUS: <i>A Transubstanciação Bruxólica</i>	112
3.3.1. O FESTIM BRUXÓLICO: <i>A crença em bruxas no badalar dos sinos.</i>	117
3.3.2. PÃO E QUEIJO: <i>Bruxos e Missionários Italianos nas Florestas de Urussanga</i>	126
3.3.2.1. PÃO	131
3.3.2.2. QUEIJO	146
3.3.3. SACERDOS ET PONTIFEX: <i>O monopólio político do Pão e do Queijo</i>	165
3.3.3.1. DIVISÃO DISTRITAL E CONTROLE: <i>A Senhora Menina do Cocal e os degredados Filhos de Eva</i>	185
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: <i>Ut digni efficiamur promissionibus Christi!</i>	219
REFERÊNCIAS	225

1. INTRODUÇÃO: *Ora pro nobis, Sancta Dei Genitrix!*

A problemática central por trás deste estudo consiste em descobrir quais foram as motivações políticas por trás do processo de reelaboração cultural pelo qual as conceitualizações de *feiticeira* e *bruxaria* passaram a ser remodeladas pelos discursos clericais voltados ao público ítalo-brasileiro que circulavam pela Paróquia de Urussanga entre os anos de 1897 e 1904. Utilizaremos enquanto fonte primária principal o livro *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* (1904) do Padre Luigi Marzano em conjunção ao depoimento do sacerdote scalabriniano Padre Pedro Maldotti sobre a misteriosa “*seita*” de Nova Veneza que assombrou as autoridades do Tubarão ainda no final do século XIX para que possamos analisar então os discursos clericais nos quais esse processo de reelaboração cultural da crença em *bruxas* e *feiticeiras* se apresenta.

O livro *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* foi escrito originalmente em italiano e publicado pela primeira vez na cidade italiana de Turim pelo Padre Luigi Marzano, proveniente dessa província diocesana, no ano de 1904¹. Nesse livro o Padre Luigi Marzano faz um relatório acerca de suas atividades missionárias na Paróquia de Urussanga, na qual atuou como pároco entre os anos de 1899 a 1908². Os relatos missionários do Padre Luigi Marzano contidos nesse livro contemplam em sua temporalidade os antecedentes paroquiais que precederam sua chegada em 1899, desde os primórdios da fundação da Colônia de Urussanga na década de 1870 até junho de 1903 pouco antes da obra ser publicada³.

A problemática acerca da reelaboração cultural da *bruxaria* surge com base na seguinte constatação observada por Karen Réchia em sua dissertação *Lembranças íntimas de minha avó* ao analisar o binômio fé/italianidade enquanto legitimador do ofício das parteiras na região de Treze de Maio no sul de Santa Catarina:

Dna. Robertina, que teve quatro filhos que morreram “entrevados” da paralisia me apresenta uma variante, acerca da morte ou dos males dos bebês, “que naquele tempo morria essas criança embruxada, não sei se você ouviu falar. As vizinha tinha, essas criança embruxadinha”. Esta senhora comungava de uma crença luso-brasileira, reafirmada pelo seu grupo de convívio anterior, pois só se estabeleceu em Treze de Maio, no meio da italianada, a partir do quarto filho. Corroborando com a afirmação de que esta não era uma crença compartilhada por suas vizinhas, ela mesmo diz que “uma veis elas não acreditavo, ainda tem muita italianada que não acredito.”

¹ BIFF, Claudino. *Crônicas da Diocese de Tubarão*. Tubarão: Coan, 1997, p. 158.

² OTTO, Clarícia. *Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006, p. 72.

³ MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 15.

Não acreditavam, mas recorriam à ela, porque Dna. Robertina benzia “ramo de aire”, “criação afogada” e, Dna. Arina vivia com a casa repleta de pessoas atrás das suas benzeduras. As figuras da benzedeira e da bruxa estão relacionadas mais fortemente a comunidades luso-brasileiras, e é na pesquisa de Sônia Maluf, sobre narrativas de bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição, que encontrei analogias às lembranças destas minhas duas depoentes.

Nem toda benzedeira é parteira, mas Dna. Arina é uma personagem que reúne estes dois saberes, incluindo-se entre aquelas mulheres que,

“detendo determinados conhecimentos curativos, sobre ervas medicinais, sobre rezas e benzeduras, sobre o parto e o cuidado dos bebês recém nascidos e tendo o poder e o conhecimento dos procedimentos rituais para enfrentar ou proteger dos malefícios, como quebranto, mau-olhado, feitiçaria e bruxaria, são vista como ‘especialistas’ nestas questões pelos outros moradores do lugar”.

Dessa maneira, por mais que as italianas não acreditassem em bruxas, segundo Dna. Robertina - e esse tipo de assunto não é realmente evocado em suas recordações, porque provavelmente não há um aporte em sua cultura de origem - havia uma procura por essa especialidade. Pode-se relacionar este fato ao processo de reelaboração de uma cultura, onde outras situações e conflitos estão em jogo, e questões étnicas ficam relegadas ou se modificam, em função da própria sobrevivência.⁴

A contextualização espaço-temporal da territorialidade paroquial de Treze de Maio é essencial para que possamos entender os conflitos étnico-culturais relacionados à crença em *bruxas* e a procura pela prática da *benzedura* enquanto um tabu presente entre os membros da comunidade ítalo-brasileira, conforme os relatos de Dona Robertina e Dona Arina apresentados por Karen Réchia que foram coletados nessa região⁵. A região de Treze de Maio pertenceu à Paróquia de Pedras Grandes desde a sua fundação em 1886 até o ano de 1966⁶. Dessa forma Treze de Maio por meio de Pedras Grandes fazia divisa paroquial com o Curato do Cocal que pertenceu à Paróquia de Urussanga até 1947⁷. Todas essas circunscrições eclesiais nas circunvizinhanças da Paróquia de Urussanga foram estabelecidas com base na demarcação de terras dos núcleos coloniais, em sua maioria de colonização italiana, a partir da década de 1870⁸, conforme podemos verificar no mapa abaixo⁹:

Figura 01 - Mapa da região sul de Santa Catarina em 1927.

⁴ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 50-52.

⁵ *Ibidem*, p. 51-52.

⁶ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão.** Tubarão: Coan, 1997, p. 248-249.

⁷ *Ibidem*, p. 184-187.

⁸ BÚRIGO, Tânia Bernadete Serafim. **Grupo Escolar Professor Padre Schüller** – Educação, História e Memória em Cocal do Sul – Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2008, p. 27.

⁹ Ver Figura 01. BRUNELLO, Piero. **Trofei e prigionieri: una foto ricordo della colonizzazione in Brasile.** Verona: Cierre edizioni, 2020, p. 18.



Fonte: BRUNELLO, 2020, p. 18.

A demarcação territorial desses núcleos coloniais, por sua vez, se deu em meio a uma região que já vinha sendo ocupada pela comunidade afro-luso brasileira desde o século XVIII. Essa ocupação se deu por meio da concessão de terras tanto para imigrantes luso-açorianos, conforme apontado por Karen Réchia¹⁰, como também para os escravizados que vinham da região de Laguna ao serem libertos com a Abolição da escravidão pela Lei Áurea de 1888, como bem nos mostra Claudino Biff¹¹. Os trabalhos de Tania Búrigo¹² e Edson Zilli também evidenciam como essa região passou a ser ocupada pela comunidade afro-luso brasileira através de caminhos dos tropeiros que passavam por ali conectando a serra gaúcha ao litoral catarinense e a região serrana de Lages¹³.

¹⁰ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 23.

¹¹ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão.** Tubarão: Coan, 1997, p. 248.

¹² BÚRIGO, Tânia Bernadete Serafim. **Grupo Escolar Professor Padre Schüller – Educação, História e Memória em Cocal do Sul – Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2008, p. 35-44.

¹³ ZILLI, Edson. **Caminhos das tropas no Extremo Sul Catarinense: memória e patrimônio.** Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015, p.55-59.

Tanto a concessão de terras como a implantação de núcleos coloniais pelo Império do Brasil ignoravam totalmente a presença das comunidades xokleng-laklãnõ que enquanto população originária viviam naquela região¹⁴. Dessa forma o governo imperial brasileiro ao expropriar as comunidades xokleng-laklãnõ de seu território também fez com que elas passassem a ser alvo de diversos conflitos, ameaças de morte e massacres tanto por parte de imigrantes europeus, como também por membros da comunidade afro-luso brasileira integrados à sociedade nacional¹⁵.

Levando em consideração que Treze de Maio está situada nas circunvizinhanças que por meio do Curato do Cocal fazem fronteira ao leste com a Paróquia de Urussanga utilizaremos o livro *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* (1904) do Padre Luigi Marzano e o depoimento do Padre Pedro Maldotti para analisar os discursos clericais que circulavam nessa paróquia entre os anos de 1896 a 1904¹⁶. Para resolvermos a problemática proposta por esse estudo utilizaremos o método proposto por Jacques Revel onde a análise histórica das variantes conceituais de *bruxaria* e *fetiçaria* presentes nessas duas fontes será submetida a variações de perspectiva em micro e macro escala¹⁷.

A utilização dessa metodologia de análise tem por objetivo trazer um aspecto decolonial para o estudo com base nas rotas fluviais de transporte guarani dos domínios do Cacique Tubá-Nharô e às rotas terrestres de migração xokleng-laklãnõ e kaingang que cortam o planalto serrano conforme apresentado por Amádio Vettoretti (1997)¹⁸ e Almir Antônio de Souza (2015)¹⁹ respectivamente. Essas rotas a níveis fluviais e terrestres ao serem tomadas pelos colonizadores luso-brasileiros se transformaram nas principais rotas de comércio e de transporte enquanto meio de contato e ponto de trocas interculturais entre as paróquias cuja territorialidade é demarcada com base nos núcleos coloniais da região analisada²⁰.

¹⁴ SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 12-19.

¹⁵ *Ibidem*, p. 133-134.

¹⁶ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 184-187.

¹⁷ REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista brasileira de educação**, v. 15, 2010, p. 438-439.

¹⁸ VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão: das origens ao século XX**. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 64.

¹⁹ SOUZA, Almir Antônio de. Um viajante no Brasil Joanino. Auguste de Saint-Hilaire, o Caminho das Tropas, o mato e o campo, e os índios do Planalto Meridional. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 15, n. 35, 2015, p. 150-153.

²⁰ VETTORETTI, *op. cit.*, p. 64.

Para que possamos fazer uma operação analítica com base nessas variações de escala, utilizaremos a metodologia micro histórica proposta por Carlo Ginzburg em *O Queijo e os Vermes* (2006)²¹. Assim, conforme exposto por Ginzburg na proposição dessa metodologia²², submeteremos as fontes apresentadas a uma análise à contra-pelo, utilizando-se como denominadores comuns os conceitos de *feitiçaria* e *bruxaria* enquanto fio condutor para descobrirmos quais práticas e pessoas eram alvos dessas acusações.

Para auxiliar-nos na busca por esse resultado aplicaremos nas fontes analisadas a metodologia proposta por Carlo Ginzburg (2006)²³ a partir das proposições lógicas de Maria Luiza Marcílio em *O Povo na Igreja do Brasil Tradicional: Indicações Documentais para uma História do Catolicismo Popular, da Colônia aos Meados do Século XIX* conforme as instruções do manual *Para Uma História da Igreja na América Latina (O debate metodológico)* (1986)²⁴ proposto e organizado pela Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA). Conforme proposto por esse método procuraremos ao máximo possível recolher fontes imagéticas, orais e escritas que possam fornecer uma descrição mais fiel e próxima possível da realidade acerca dos mitos e ritos que possam compor a organização cosmológica de catolicismo popular do nicho socio-regional analisado em suas especificidades²⁵.

Tendo em vista nossa problemática central frente aos aportes teórico-metodológicos que utilizaremos para sua resolução dividiremos nosso trabalho em dois capítulos concernentes à causalidade dos eventos de nossas fontes primárias principais que nos foram apresentadas. Dessa forma em nosso primeiro capítulo: “*A SENHORA DA PIEDADE: A Grande Matriarca do Tubarão*” demonstraremos por meio do depoimento do missionário scalabriniano Padre Pedro Maldotti, os antecedentes criminais da misteriosa “*seita*” de Nova Veneza enquanto pano-de-fundo essencial, necessário para que se tecesse a demanda de padres missionários da Missão Turinesa no Brasil aos núcleos de colonização italiana à oeste do Tubarão. Já em nosso segundo capítulo: “*A SENHORA DA CONCEIÇÃO: A Política de ‘Pão e Queijo’ da Paróquia de Urussanga*”, analisaremos, portanto, como esses antecedentes criminais influenciaram diretamente e

²¹ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. Companhia das Letras: São Paulo, 2006, p. 11- 26.

²² *Ibidem*, p. 18-25.

²³ *Ibidem*, p. 11-26.

²⁴ MARCÍLIO, Maria Luiza. *O Povo na Igreja do Brasil Tradicional: Indicações Documentais para uma História do Catolicismo Popular Brasileiro, da Colônia aos Meados do Século XIX*. In: **Para Uma História da Igreja na América Latina (O debate metodológico)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986, p. 109-122.

²⁵ *Ibidem*, p. 111-122.

de forma política nas acusações de *bruxaria* e *feitiçaria* perpetradas pelo missionário turinês Padre Luigi Marzano em seu relatório de missão: o livro *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* (1904) junto às suas respectivas consequências na formação sociocultural pertinente ao imaginário popular religioso de toda essa região.

2. A SENHORA DA PIEDADE: A *Grande Matriarca do Tubarão*.

Os fundamentos teóricos utilizados por Karen Réchia para analisar a crença em bruxas e a procura pela prática da benzedura nos relatos de Dona Robertina e Dona Arina em *Lembranças íntimas de minha avó* (1998) tem como base a conceitualização de *bruxaria* presente na cosmologia do catolicismo popular apresentado pelas comunidades afro-luso brasileiras da região sul de Santa Catarina ainda no início do século XX²⁶. Essa cosmologia, de acordo com Karen Réchia, podemos ver sistematizada por Sônia Maluf em *Encontros perigosos* (1989), onde são analisados relatos de *bruxaria* coletados no litoral sul-catarinense que remontam à primeira metade do século XX²⁷.

Na *Cosmologia da Bruxa e de Outros Poderes* sistematizada por Sônia Maluf nesse estudo, a *bruxaria* é um fenômeno que ocorre de forma totalmente involuntária e no quais mulheres podem se transformar inconscientemente em bruxas através da metamorfose noturna²⁸. De acordo com a autora, ao serem transfiguradas em outra forma de estado de espírito por meio da metamorfose noturna, as *bruxas* podem assumir as mais variadas formas, apresentando as mais diversas características humanas, desumanas e animaisas possíveis²⁹. Tal habilidade em modificar-se de forma, por sua vez, seria capaz de lhes conferir poderes sobrenaturais causadores de malefícios contra toda ordem social e que vão além de suas limitações humanas, incluindo a própria morte, passando a partir daí a atacar na forma de espírito³⁰.

Além da *bruxaria*, o *quebrante* e o *mau-olhado*, são também outros dois poderes categorizados como provenientes de impulsos involuntários que partem de forma inconscientemente interna do indivíduo que os lança³¹. Diferenciando-se da *bruxaria* que depende do processo de metamorfose para acontecer, o *quebrante* é um mal-estar que aflige as criancinhas ainda bebês por meio de um impulso de energia interna que causado por sentimentos de inveja e intriga com a mãe ou paixão e fofura pela criança, pode ser lançado pelos adultos que estão em volta³². O mesmo ocorre com o *mau-olhado*, que

²⁶ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó**: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio – SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 51-52.

²⁷ *Ibidem*, p. 50-52.

²⁸ MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos**: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989, p. 16.

²⁹ *Ibidem*, p. 101-102.

³⁰ *Ibidem*, p. 137-141.

³¹ *Ibidem*, p. 143.

³² *Ibidem*, p. 141.

partindo de uma energia interna gerada por sentimentos de concupiscência dos olhos, pode causar o caos e a desordem social, bem como os mais diversos malefícios a quem por ele é atingido³³.

Diferente dos outros três poderes que partem de um impulso de energia interna lançada de forma totalmente inconsciente e involuntária, a *feitiçaria*, por sua vez, constitui-se de um malefício causado por uma ação voluntária, feita por vontade própria e de forma totalmente consciente pelo indivíduo, dependendo de rituais, fórmulas e instrumentos mágicos externos para que possa se manifestar³⁴. Os malefícios causados tanto pela *feitiçaria*, como pela *bruxaria* e demais poderes só podem ser revertidos por meio da prática da *benzedura*, administrada pelas *benzedadeiras*, que de acordo com Sônia Maluf, são:

mulheres que, detendo determinados conhecimentos curativos, sobre ervas medicinais, sobre rezas e benzeduras, sobre o parto e o cuidado dos bebês recém nascidos e tendo o poder e o conhecimento dos procedimentos rituais para enfrentar ou proteger dos malefícios, como quebranto, mau-olhado, feitiçaria e bruxaria, são vista como ‘especialistas’ nestas questões pelos outros moradores do lugar.³⁵

A partir dessa sistematização conceitual acerca das diferenciações teóricas entre poderes conscientes e involuntários apresentada por Sônia Maluf podemos compreender as subjetividades cosmológicas do meio em que Dona Robertina e Dona Arina enquanto *benzedadeiras* estão inseridas³⁶. Ao levarmos em consideração tanto a ascendência luso açoriana de Dona Arina³⁷, bem como a contexto geográfico espacial no qual Dona Robertina migrou de São Martinho para Treze de Maio, poderemos então trazer uma breve contextualização de como se desenvolveram os conflitos étnico culturais envolvendo membros das comunidades ítalo e afro-luso-brasileiras apresentados acerca da crença em *bruxas* e a procura pelo ofício de *benzedeira* na região por Karen Réchia analisada³⁸.

³³ MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos**: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989, p. 141.

³⁴ *Ibidem*, p. 142-143.

³⁵ *Ibidem*, p. 144.

³⁶ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó**: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio – SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 22-24.

³⁷ *Ibidem*, p. 115.

³⁸ *Ibidem*, p. 43.

Esses mesmos conceitos de *bruxaria*, *feitiçaria*, *quebrante* e *mau-olhado* que encontramos sistematizados por Sônia Maluf através d'A *Cosmologia da Bruxa e Outros Poderes* em sua obra *Encontros Noturnos* (1989)³⁹, de acordo com Élio Cantalício Serpa estariam todos eles inseridos dentro de uma mesma cosmovisão por meio da devoção ao Ciclo de Festas do Divino, conforme podemos muito bem verificar em seu clássico *Igreja e Poder em Santa Catarina* (1997)⁴⁰. Esse mesmo Ciclo de Festas do Divino era demarcado pelo Tempo de Pentecostes que se iniciava 50 dias após a Páscoa a partir da Solenidade de mesmo nome e findava no domingo anterior ao início do Advento que demarca as quatro semanas que antecedem o Natal⁴¹. Essa mesma ciclicidade é a responsável pelo ciclo de *vida, morte, renascimento* do calendário religioso fazendo com que o ano litúrgico acompanhe de forma cíclica os fenômenos da natureza de acordo com as estações do ano através das tēmporas de cada estação: Verão (Natal), Outono (Cinzas), Inverno (Páscoa) e Primavera (Pentecostes)⁴².

Será, porém, nas circunvizinhanças de São Martinho⁴³ que essa conjunção cosmológica entre o Ciclo de Festas do Divino junto à crença em *bruxas* e a prática do ofício de *benzedeira* deu origem a um catolicismo popular regional de características próprias e de protagonismo majoritariamente feminino⁴⁴. A incidência desse fenômeno ocorre mais precisamente nos arredores da Lagoa do Imaruí que abriga a Paróquia de São João Batista do Imaruí às suas margens, onde em suas águas salobras deságua o Rio Tubarão junto ao Atlântico banhando a antiga região portuária de Laguna⁴⁵.

O protagonismo feminino na organização e administração das manifestações do catolicismo popular nessa região é apresentado em diversas fontes abarcando todo o

³⁹ MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos**: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989, p. 101-102.

⁴⁰ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 56-58.

⁴¹ GANDRA, Manuel. O Império do Divino. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 33.

⁴² Tēmporas são os três dias de jejum e oração que antecedem as Festas de cada estação em agradecimento pelo ciclo da colheita. Ver: Cf. MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. 573-575.

⁴³ A fronteira entre São Martinho e Imaruí atualmente é demarcada pelo Santuário da Beata Albertina Berkenbrock pertencente à Paróquia de Vargem do Cedro. Ver: Cf. SILVA, Kelly Caroline Noll da. **"Sangue e silêncio na mata virgem"**: a construção da santidade de Albertina Berkenbrock (Santa Catarina, 1950-2008). Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2020, p. 36.

⁴⁴ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 145-146.

⁴⁵ Ver Figuras 01 e 04.

decorrer do século XX e das quais podemos citar como exemplo as cartas enviadas por Dona Quitéria Cabrita em 1905 ao jornal *O Albor* protestando contra o desmanche das festas religiosas tradicionais de Laguna, perpetrado pelas políticas ultramontanas do Vaticano I e higienistas da Primeira República⁴⁶. A implantação das políticas ultramontanas e higienistas em Laguna nesse período tinham por pano de fundo o objetivo de coibir a presença da cultura afro-brasileira na cidade que conforme apresentado por Élio Cantalício Serpa (1997), apresentava grande influência nessas manifestações populares religiosas seja por meio de sua musicalidade animando os cortejos, como também pela Irmandade do Rosário que assumia grande importância para organização das festas dos santos oragos locais, sendo sediada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário demolida por sucateamento e negligência das autoridades públicas na década de 1930⁴⁷. Outros dois bons exemplos acerca do protagonismo feminino no catolicismo popular brasileiro dessa região também podemos encontrar também do outro lado da Lagoa na Paróquia de São João Batista do Imaruí a partir da década de 1930, seja através do Culto à Virgem Albertina⁴⁸ ou da extensa lista de *Verônicas*⁴⁹ que vemos a seguir:

Figura 02 – Lista de Verônicas da Paróquia de Imaruí.

124 * RESGATANDO A HISTÓRIA			
Nº	ANO	NOME DA INTERPRETE	SOLENIDADE
01	1933	Maria da Silva Delfino	Semana Santa
02	1934	Lezirival Mattos	Semana Santa
03		Rosalina Vieira ("Preta")	Semana Santa
04	1947	Zaira Matus Dittencourt	Semana Santa
05	1948	Zaira Matus Dittencourt	Semana Santa
06	1949	Zaira Matus Dittencourt	Semana Santa
07		Alcides	Semana Santa
08	1950	Irene Cardoso	Semana Santa
09	1951	Irene Cardoso	Semana Santa
10	1952	Berlilde Faust	Semana Santa
11	1953	Irene Cardoso	Semana Santa
12	1954	Terezinha Silva	Semana Santa
13	1955	Zeli Terezinha Corrêa Damázio	Semana Santa
14	1956	Zoe Mattos Corrêa	Semana Santa
15	1959	Maria "Mariquinha" Vieira	Semana Santa
16	1962	Paulina da Silva Thiesen	Semana Santa
17	1964	Rosa Rezende Valério	Semana Santa
18	1965	Cecília Oliveira Silva	Semana Santa
19	1966	Rosalina Espindola	Semana Santa

125			
20		Julia Pereira Albino	Semana Santa
21		Maria "Caraca"	Semana Santa
22		Maria Correia da Silva	Semana Santa
23	1972	Isaac Dittencourt Light	Semana Santa
24	1974	Mai Barreto	Festa de Passos
25	1974	Laura Oliveira	Semana Santa
26	1975	Olívio Vieira	Festa de Passos
27	1976	Laura Oliveira	Passos e Semana Santa
28	1977	Zélia Vieira	Semana Santa
29	1978	Assis Madalena	Semana Santa
30		Cleusa Barreto	Semana Santa
31		Maria Zilda Corrêa Barreto	Semana Santa
32		Ana Maria Ribeiro	Semana Santa
33	1982	Zulma C. Cordeira	Festa de Passos
34	1982	Elvinda M. Ramundo	Semana Santa
35	1983	Zulma C. Cordeira	Semana Santa
36	1984	Dalcilene Oliveira Claudino	Passos e Semana Santa
37	1985	Zulma C. Cordeira	Semana Santa
38	1987	Maria Vieira	Festa de Passos
39	1987	Zulma C. Cordeira	Semana Santa

126			
40	1989	Zulma C. Cordeira	
41		Leza Silveira	Festa de Passos
42		Laura Cirilo Cordeira	
43		Claudete	Festa de Passos
44	1997	Tatiana Dittencourt	Festa de Passos
45	1993	Maria Alta Espindola	Semana Santa
46	1994	Aracinda Gondrat	Festa de Passos
47	1994	Maria "Zoi" Alves Umbelina	Semana Santa
48	1995	Maria Alta Espindola	Festa de Passos
49	1995	Isaura de Souza	Semana Santa
50	1996	Elio Francisco	Passos e Semana Santa
51	1997	Maria de Fátima Pereira	Festa de Passos
52	1997	Elio Francisco	Semana Santa
53	1998	Ida Silveira	Passos e Semana Santa
54	1999	Elio Francisco	Festa de Passos
55	1999	Rute C. Amorim	Semana Santa
56	2000	Maria das Dores "Dó" Faust	Festa de Passos
57	2000	Maria Alta Espindola Rodrigues	Semana Santa
58	2001	Elizabeth Duarte Rouwenq	Passos e Semana Santa
59	2002	Liliane Santos da Rosa	Festa de Passos
60	2002	Isaura de Souza Thiesen	Semana Santa

⁴⁶ Sobre o caso ver: Cf. SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 182-198.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 193-198.

⁴⁸ Para mais detalhes acerca da devoção ver: Cf. SILVA, Kelly Caroline Noll da. "**Sangue e silêncio na mata virgem**": a construção da santidade de Albertina Berkenbrock (Santa Catarina, 1950-2008). Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2020, p. 19-27.

⁴⁹ A travessia e chegada das primeiras *Verônicas* teve justamente o barco como principal meio de transporte. Para mais informações detalhadas acerca das minúcias e dos aspectos desta sublime devoção ver: Cf. COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 122-123.

Fonte: COSTA, 2003, p. 124-126.

Esse mesmo catolicismo popular apresentado por Dona Robertina de acordo com a região da qual ela advém é categorizado por Claudino Biff em seu livro *Crônicas da Diocese de Tubarão* (1997)⁵⁰ como sendo de cunho estritamente *animista*. Nesse contexto o termo *animista* é evocado pejorativamente através da concepção tyloriana de “*religião primitiva*”⁵¹ com o objetivo de aos moldes colonialistas do racismo positivista⁵² caracterizar como sinônimo de atraso, imbecilidade e retrocesso a expressividade religiosa de determinados grupos sociais que compõem a comunidade afro luso brasileira presente em todo o entorno da Lagoa do Imaruí sob uma ótica freudiana na qual, de acordo com Marcos Vanieri (2021):

Freud (2012 [1912-1913]) compara o animismo à psicopatologia e aos modos de pensar infantis. O animismo é análogo a uma fase do desenvolvimento infantil, perceptível em desenhos e histórias produzidas por crianças, em que a objetos podem ser atribuídos rosto, emoções e movimento voluntário. Já no psiquismo neurótico, está presente no pensamento mágico, que fundamenta sintomas como rituais obsessivos e inibições conversivas⁵³.

Um dos maiores exemplos da utilização pejorativa desse termo está nas palavras de Claudino Biff acerca da população que habitava a Paróquia de São João Batista do Imaruí: “*Imaruí nunca foi fácil, habitada por povo açoriano com poucas ambições, animista. Segue o determinismo: o bom Deus, o bom mar, o bom Capitão Pedro Bittencourt resolvem o problema... O paternalismo não morreu em Imaruí, por isto ela não evoluiu.*”⁵⁴. Esse mesmo trecho para além de expor o viés preconceituoso do autor para com a religiosidade do povo dessa região, também leva em desconsideração todo o histórico de revoltas populares dessa mesma população durante a Guerra dos Farrapos na primeira metade do século XIX⁵⁵, bem como as diferentes famílias que por meio de facções políticas próprias, de acordo com Auricélio Costa (2003)⁵⁶, vêm disputando o monopólio político dos Bittencourt em Imaruí, estabelecido durante os regimes autoritários do Estado Novo e da Ditadura Cívico-Militar.

⁵⁰ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 126.

⁵¹ ROSA, Frederico Delgado. Edward Tylor e a extraordinária evolução religiosa da humanidade. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), São Paulo, v. 19, n. 19, 2010, p. 300-301.

⁵² Sobre os usos colonialistas, racistas e etnocêntricos dos termos *animismo* e *fetichismo* a partir dos parâmetros positivistas ver: PIRES, Rogério Brittes W. Pequena história da ideia de fetiche religioso: de sua emergência a meados do século XX. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2011, p. 97-90.

⁵³ VARNIERI, Marcos Lampert. Nikolai Leskov e o animismo: falar com pedras no conto Alexandrita. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 26, 2021, p. 07.

⁵⁴ BIFF, *op. cit.*, p. 126.

⁵⁵ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 24-26.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 27-32.

Auricélio Costa (2003)⁵⁷ ao tentar rebater de forma indireta as alegações de Claudino Biff (1997)⁵⁸, tem por objetivo porém, construir uma imagem açorianizada do catolicismo popular presente nessa região na qual a utilização desse termo junto a uma miscelânea de outros estereótipos negativos comumente atribuídos a descendentes de imigrantes luso açorianos que aportaram no litoral brasileiro a partir do século XVIII são associados à falta de compreensão para com a simbologia cíclica de vida, morte e ressurreição pertinente à ritualística da *Passio Açoriana*, sem nem sequer levar em consideração os elementos da religiosidade indígena de origem carijó-guarani originária dessa região a que ele mesmo também classifica como sendo de cunho estritamente *animista*⁵⁹, bem como a influência nordestina e afro diaspórica manifestadas pela expressividade religiosa dos habitantes da Lagoa do Imaruí mencionadas também pelo autor nessa mesma obra⁶⁰, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

O homem açoriano é de índole humilde e natural, de poucas ambições e, às vezes, determinista, do tipo: “se Deus quiser”. Não vive preocupado em acumular riquezas, o que o ajuda a viver bem. Tem espírito solidário e hospitaleiro. Vive em harmonia com a natureza, é alegre e profundamente religioso (às vezes, animista).

Caracterizar assim a “natureza” de uma pessoa (ou de um grupo étnico) é muito arriscado. Ainda mais que o homem do litoral tem sofrido interpretações distorcidas sobre seu modo de ser e fazer. Aquela história preconceituosa de que o descendente de luso-açoriano é “brasileirinho”, “manezinho”, “malandro”, “vadio”, “preguiçoso”, “papa-peixe” (peixerinho, marisqueiro), “atrasado” ... Este autor, também descendente de açorianos, sabe muito bem o que significa esta plêiade de estereótipos!

No coração do açoriano o Cristianismo, a religião da Vida, encontrou um terreno fértil. Os valores culturais e religiosos foram transplantados dos Açores para o Brasil. Entre tantas manifestações da fé temos a “*PASSIO AÇORIANA*”.

A “*passio*” (em latim: paixão) é o jeito do povo celebrar um dos momentos mais fortes da fé cristã: a Paixão e Morte de Jesus Cristo. É uma preparação para a festa máxima do Cristianismo: a Páscoa da Ressurreição do Senhor.

O que chamamos de “*Passio Açoriana*” é o conjunto de rituais que tratam dos momentos finais da vida de Jesus:

- a **Procissão do Senhor dos Passos**: recorda a perseguição, condenação e flagelação sofridas por Jesus;
- o **Sermão da Soledade (do Encontro)**: quando se celebra o encontro da Mãe das Dores com o seu Filho Sofredor a caminho do Calvário;
- a **Procissão do Senhor Morto (Encerro ou enterro)**: quando, na esperança da Ressurreição, se celebra a fatalidade da vida, isto é, a morte.

Através de um conjunto de ritos, gestos, usos e costumes que compõem a “*Passio*” podemos perceber em que consiste o “subconsciente coletivo” dos devotos, bem como sua religiosidade e seu jeito de entender a existência neste

⁵⁷ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 70-71.

⁵⁸ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 126.

⁵⁹ COSTA, *op. cit.*, p. 40.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 22-24; *Ibidem*, p. 73-74.

mundo e os desafios da sociedade. Enfim, podemos açambarcar muito da sua cultura.⁶¹

Com base nessas conclusões vê-se que ao se utilizar do conceito tyloriano de *animismo* sob a ótica freudiana para tipificar pejorativamente o catolicismo popular manifestado pelos habitantes da Lagoa do Imaruí, ambos os autores apresentam diversas incongruências que não sustentam entre si, nem justificam tal afirmação, não possuindo nenhum outro objetivo além da reafirmação do preconceito étnico-racial para com a comunidade afro-luso-brasileira em detrimento dos ítalo e teuto descendentes⁶², subjugando assim, etnicamente a religiosidade das pessoas mais simples que fogem às regras da ortodoxia institucional do Vaticano e dos padrões higienistas eurocêntricos estabelecidos pelo positivismo eugenista republicano do início do século XX⁶³. Tanto Claudino Biff, como Auricélio Costa enquanto sacerdotes católicos a serviço da Diocese de Tubarão fazem parte da tradicionalíssima e impecavelmente intocável linha historiográfica de “*padres-historiadores*” do sul catarinense, cuja representatividade xokleng-laklãnõ dentro dessas obras é meticulosamente analisada, questionada e debatida por Marina Spindola (2018)⁶⁴.

Esse mesmo formato de retórica preconceituosa também é utilizado por Claudino Biff (1997)⁶⁵ para descrever a comunidade afro-brasileira de Treze de Maio ao criar uma imagem infantilizada e preguiçosa da mesma e na qual se associa a passividade política enquanto sinônimo de inferioridade étnica por meio da figura do “*negro animista*”⁶⁶, sem levar em consideração novamente os processos de violência que essas pessoas sofreram mediante às políticas públicas de higienismo social eugênico dentro do ambiente eclesial a partir do pós-Abolição no final do XIX, bem como no decorrer de todo o século XX⁶⁷. É importante salientar também que de acordo com Claudino Biff (1997)⁶⁸ essa mesma

⁶¹ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 70-71.

⁶² Ver a categorização e divisão demográfica da Diocese de Tubarão por meio de caixinhas étnicas feitas por Claudino Biff em: Cf. BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 18-23.

⁶³ Sobre os padrões europeus de higienismo nas políticas públicas acerca da religiosidade popular catarinense na Primeira República ver: Cf. SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 193-198; Sobre os usos políticos eugenistas do conceito de *animismo* nesse contexto ver: Cf. SERAFIM, Vanda Fortuna. Os Conceitos “Fetichismo” e “Animismo” no Discurso de Nina Rodrigues. **Em Tempo de Histórias**, Brasília, n. 15, jul./dez. 2009, p. 64-65.

⁶⁴ SPINDOLA, Marina Paiano. **As representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores da região sul de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2018, p. 31-37.

⁶⁵ BIFF, *op. cit.*, p. 248.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 19-20.

⁶⁷ SERPA, *op. cit.*, p. 194-198.

⁶⁸ BIFF, *op. cit.*, p. 248.

comunidade afro-brasileira de Treze de Maio após ter sido supostamente assimilada culturalmente por imigrantes italianos teriam se mudado logo em seguida para as “*periferias de Laguna*”, mais precisamente na região do Portinho que ao sul do Estreito da Cabeçada faz frente diante da foz do Rio Tubarão e que dá acesso ao Atlântico por meio costa leste da Lagoa do Imaruí, a mesma que de acordo com as próprias palavras dele possui uma população estritamente *animista*⁶⁹. Um ótimo exemplo de representação imagética da comunidade afro-brasileira de Treze de Maio podemos verificar através dessa pintura de Pedro Weingärtner, datada de 1893, na qual temos um breve vislumbre acerca do cotidiano infantil nos primeiros anos da fundação de Nova Veneza:

Figura 03 – Meninas enfeitadas com flores em Nova Veneza.



Fonte: WEINGÄRTNER, 1893.

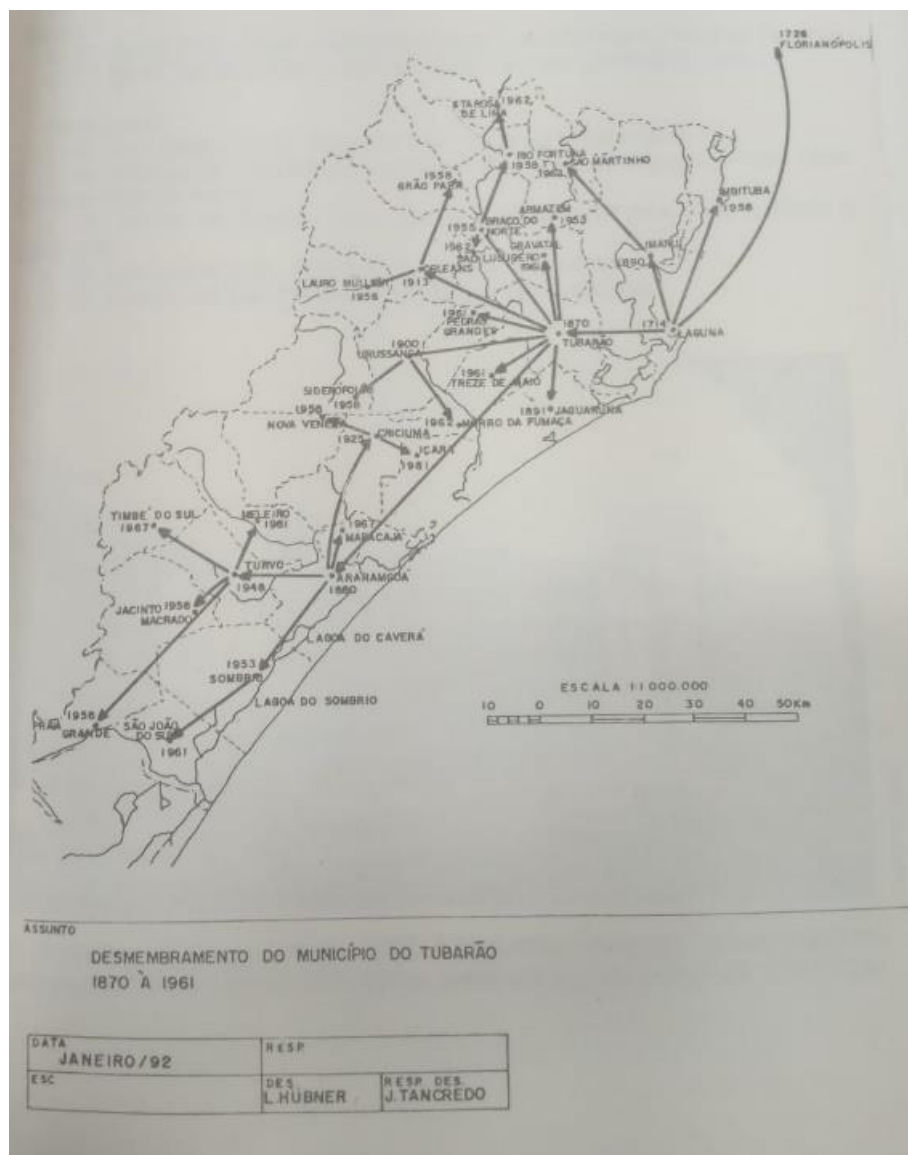
Como bem podemos ver a partir das elucubrações acima, a Lagoa do Imaruí possui, portanto, um papel fundamentalmente importante para que possamos compreender a formação do catolicismo popular afro-luso-brasileiro do qual deriva a crença em *bruxas* e a prática do ofício de *benzedeira* enquanto principais objetos de análise para a resolução da problemática abordada por esse estudo. Isso se dá não somente pelo fato dessa ser a região de origem de Dona Robertina enquanto personagem que nos aponta a problemática de estudo a ser solucionada⁷⁰, mas também por esse ser de fato o ponto de partida para que assim possamos delinear a nossa história por aquela que por muito tempo foi a porta de entrada para a Paróquia de Urussanga: a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão⁷¹.

Figura 04 – Desmembramento do Município do Tubarão (1870-1961).

⁶⁹ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 125-126.

⁷⁰ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio – SC**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 50-52.

⁷¹ *Ibidem*, p. 23.



Fonte: VETTORETTI, 1992, p. 70-71.

2.1. ... ET CONCÉPTI DE SPIRICTU SANCTO: *Intercruzamentos Interculturais e Desenvolvimento da Cosmovisão Litorânea na Paróquia do Tubarão.*

A freguesia de Santo Antônio dos Anjos da Laguna a partir do final do século XVII foi um dos principais pontos de integração via terrestre entre os Pampas Gaúchos e a região sudeste do Brasil por meio das caravanas comerciais de tropeiros que faziam o transporte de mulas por meio do Caminho da Praia que contornava todo o litoral sul brasileiro⁷². O forte poderio comercial de Laguna a partir de meados do século XVIII, porém, passou a ser ameaçado com a criação do Caminho dos Conventos no qual os

⁷² VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 34-37.

tropeiros poderiam chegar à São Paulo contornando a Serra do Rio do Rastro atravessando o estado por Lages sem precisar passar pelo litoral⁷³.

Para contornar essa situação foi que se decidiu a partir das ondas migratórias açorianas para o litoral brasileiro investir nas atividades portuárias na região de Laguna, criando-se assim uma forte rota de comércio fluvial e marítimo a partir da criação de duas novas freguesias em volta da Lagoa do Imaruí: São João Batista do Imaruí e Nossa Senhora da Piedade do Tubarão⁷⁴. À Freguesia de São João Batista do Imaruí (que junto à Pescaria Brava pegava toda a costa oeste da Lagoa) ficavam incumbidos os comércios via marítima dos excedentes econômicos de farinha de mandioca e açúcar produzidos ali naquela freguesia que eram comercializados nos portos de Laguna e do Nordeste brasileiro através de navios cargueiros que contornavam o Estreito da Cabeçuda rumo ao Atlântico⁷⁵. Já à Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão ficava ao encargo das rotas fluviais de comércio sobre as quais se estabelecia o contato entre a parte navegável do Rio Tubarão que desembocava da costa sul da Lagoa do Imaruí rumo ao Picadão da Serra que se dava enquanto um caminho alternativo para os tropeiros que atravessando a Serra do Rio do Rastro conectavam o Caminho dos Conventos ao litoral⁷⁶.

Além do sistema econômico mercantil, a Lagoa do Imaruí também assumia forte importância na organização sociocultural e religiosa de sua população através das festas dos oragos locais organizadas pelas comunidades pesqueiras ao seu redor que tendo a canoa como seu principal meio de transporte eram reconhecidas regionalmente pela beleza de suas procissões náuticas⁷⁷. Como exemplos de tais festas podemos encontrar a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes e as Marinhagens à Nossa Senhora do Rosário em Laguna⁷⁸ e as Festas de São Pedro considerado orago padroeiro de várias comunidades pesqueiras ao redor da Lagoa⁷⁹. Também temos os casos das Festas de Santo Antônio dos Anjos em Laguna e do Senhor dos Passos em Imaruí, que de acordo com Alice Arns

⁷³ VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992.37-39.

⁷⁴ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 22-23.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 23-24.

⁷⁶ VETTORETTI, *op. cit.*, p. 40-44.

⁷⁷ SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 182-188.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 185-196.

⁷⁹ COSTA, *op. cit.*, p. 181.

(1975)⁸⁰ e Auricélio Costa (2003)⁸¹ respectivamente, são dedicadas a dois santos cujas imagens veneradas nos altares de suas respectivas igrejas são detentoras de poderes sobrenaturais, tendo a capacidade de se mover e realizar prodígios miraculosos e cuja chegada às igrejas dessa região é demarcada por uma série de eventos paranormais inexplicáveis até os dias de hoje.

Dentre as inúmeras procissões náuticas da Lagoa do Imaruí incluem-se aqui os peditórios da Bandeira do Divino, folguedo que durante os meses que antecediam à Festa passava de casa em casa por todas as freguesias em volta da Lagoa acompanhada do cortejo musical de tambores, pandeiros, flautas e rabecas para colher as esmolas, prendas e donativos dos devotos em agradecimento por toda a fartura de frutos e dons recebidos do Divino Espírito Santo no ano que se passou⁸². Sendo o Divino Espírito Santo a grande fonte de vida do qual toda a natureza é gerada por meio da dispersão de seus dons⁸³, a cada devoto que contribuísse para a Festa com alguma esmola, prenda ou donativo lhe era dada em troca um pedaço das inúmeras fitas coloridas da Bandeira, representando cada uma por sua vez, um diferente dom do Divino Espírito Santo⁸⁴.

Devido à presença espiritual da essência criadora da própria Pombinha do Divino manifestada pela Bandeira, as fitinhas bentas recebidas pelos devotos durante o cortejo eram constantemente utilizadas tanto como amuletos, como também para a fabricação de chás, remédios e unguentos medicinais⁸⁵. Devido às capacidades sacras curativas das fitinhas bentas e coloridas da Bandeira do Divino enquanto ingrediente principal para a fabricação de amuletos e produtos medicinais por parte de seus devotos, eram-lhes portanto conferido o poder de curar toda a sorte de males e enfermidades do corpo, da alma e do espírito, dentre eles os terrivelmente fatídicos sintomas de *embruxamento* e *mau-olhado*⁸⁶.

⁸⁰ ARNS, Alice Bertoli. **Laguna**: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja. Curitiba: Imprimax, 1975, p. 105-113.

⁸¹ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 73-75.

⁸² NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino**: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Insular, 2010, p. 49.

⁸³ Sobre esses aspectos da devoção ao Culto do Divino Espírito Santo ver: Cf. FELLER, Vitor Galdino. Elementos básicos para uma teologia sobre o Espírito Santo. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 106-121; Cf. LUPI, João. A doutrina de Joaquim de Fiore sobre o Espírito Santo. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 59-69.

⁸⁴ NUNES, *op. cit.*, p. 50-51.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 51.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 51.

Os grandiosos Ciclos de Festas do Divino eram tradicionalmente todos organizados por irmandades religiosas autogeridas por leigos de forma completamente independente e autônoma, na qual sendo eles devotos da Pombinha do Divino visavam angariar fundos para a manutenção das alfaías das igrejas e das obras de caridade nas freguesias ao redor da Lagoa do Imaruí por meio da renovação anual do Ciclo da Festa⁸⁷. Dessa forma recolhiam-se os excedentes econômicos anuais das capelas de todas as freguesias em volta da Lagoa do Imaruí que ao serem levados para suas respectivas matrizes celebravam com grande júbilo mais um novo ciclo do período de produção agro-pisci-pastoril que se iniciava através da grande Festa do Divino Espírito Santo⁸⁸.

A distribuição dos excedentes econômicos associada ao ciclo de produção agro-pisci-pastoril enquanto parte da religiosidade popularmente manifestada pelas comunidades pesqueiras da Lagoa do Imaruí, por sua vez, consiste numa prática tradicionalmente antiquíssima que vai para além do Ciclo de Festas do Divino⁸⁹. De acordo com Auricélio Costa em *Imaruí do Senhor dos Passos* (2003) após voltarem da jornada com suas redes de pesca, a divisão dos pescados era dividida em partes iguais, sendo uma delas separada e restante repartido entre os pescadores, cada qual o seu quinhão⁹⁰. A parte separada era então oferecida ao Santo em agradecimento à fartura da pesca que lhes foi propiciada⁹¹. Do quinhão do Santo, o peixe maior era vendido e o lucro revertido em donativos para a caridade enquanto os outros demais peixes eram então distribuídos entre as famílias carentes da comunidade, de preferência às mães com criança pequena, sendo também um pouco dessa parte utilizada para fazer um agrado aos botos em forma de alimento, devido ao grande auxílio prestado por eles aos pescadores nas atividades pesqueiras da Lagoa⁹².

Devido a esses fatores o Ciclo de Festas do Divino passou a assumir cada vez mais influência em todo o setor econômico mercantil da região fazendo com que sua organização passasse a receber diversas interferências das elites comerciais e clericais a partir da segunda metade do século XIX, adquirindo características cada vez mais elitizadas e distantes do antigo formato de folguedo popular que a Festa anteriormente

⁸⁷ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino**: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Insular, 2010, p. 49.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 49-50.

⁸⁹ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 33-34.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 34.

⁹¹ *Ibidem*, p. 34.

⁹² *Ibidem*, p. 33-34.

mantinha⁹³. Imagens desse tipo de folguedo onde o traslado do Peditório da Bandeira do Divino ocorre por meio do cortejo de procissões náuticas foram coletadas atualmente por Diego Fernandes Custódio (2021) na costa norte da Lagoa do Imaruí⁹⁴. Mais precisamente nas margens que banham a Praia Vermelha do bairro de Mirim na cidade de Imbituba ao lado de Laguna na edição da Festa do ano de 1948⁹⁵.

Figura 05 – Saída da Bandeira do Divino Espírito Santo em Procissão Marítima para a Comunidade Praia Vermelha, 1948.



Fonte: CUSTÓDIO, 2021, p. 96.

Devido à extensão do Tempo de Pentecostes, o Ciclo de Festas do Divino nesse caso, tal qual como bem observado por Lélia Nunes (2010)⁹⁶, também passou a ser associado às comemorações dos oragos locais. As festas dos oragos locais em conjunção ao calendário de produção agro-piscai-pastoril acabavam por influenciar assim não somente a organização sociocultural religiosa como também o sistema econômico mercantil tal qual poderemos ver no caso da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão que analisaremos a seguir⁹⁷.

⁹³ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 24-26; *ibidem*, p. 49-50.

⁹⁴ CUSTÓDIO, Diego Fernandes. **Estudo do meio como possibilidade para uma educação libertadora**: a festa do Divino Espírito Santo de Mirim (Imbituba) como tema gerador. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação, Tubarão, 2021, p. 94-102; Ver Figura 05.

⁹⁵ CUSTÓDIO, *op. cit.*, p. 95-98; Ver Figura 01.

⁹⁶ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino**: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Insular, 2010, p. 24.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 108-114.

A Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão é considerada de acordo com Claudino Biff (1997) o atual marco zero da cidade que atualmente conhecemos como Tubarão⁹⁸. Sua origem se dá por meio da ereção de uma capelinha dedicada à Nossa Senhora da Piedade junto com a doação de um lote de terras em 1829 para uso fruto da população devota que exerceria os ofícios religiosos na capela enquanto forma de pagamento da promessa de João Teixeira Nunes a essa mesma santa pela qual a igreja era dedicada⁹⁹. A construção da capelinha junto com o loteamento de terras foi demarcada às margens do Rio Tubarão que recebeu esse nome por ficar nos antigos domínios do cacique Tubá-Nharô conhecido por seus acordos diplomáticos com os comerciantes e traficantes bugreiros de Laguna durante o século XVII¹⁰⁰. Amadio Vettoretti em *História de Tubarão* (1992) nos apresenta porém, diversas fontes escritas indicando a presença de habitação de colonos luso açorianos e trabalhadores escravizados afro brasileiros nessa região a partir da década de 1770, quase cinquenta anos antes da doação de João Teixeira, incluindo nesse meio a existência anterior de uma capelinha também dedicada à Senhora da Piedade de importância vital para os moradores dessa comunidade¹⁰¹.

O grande sistema comercial portuário da Lagoa do Imaruí junto com seus afluentes marítimos do Atlântico e fluviais do Rio Tubarão portanto, fizeram com que toda essa região do litoral sul catarinense prosperasse exponencialmente durante quase toda a primeira metade do século XIX¹⁰². Todo esse exuberante cenário marcado pela constante agitação de rotas comerciais aquáticas foi destruído durante os episódios do Levante de Tubarão¹⁰³ e a Revolta de Imaruí¹⁰⁴ logo após a Proclamação da República Juliana em 1839¹⁰⁵.

A revolta popular contra as forças farroupilhas nessas duas freguesias foi motivada justamente devido ao bloqueio portuário de Laguna pelo Governo Imperial Brasileiro com o objetivo de dissolver a República Juliana que fora recém-proclamada¹⁰⁶.

⁹⁸ BIFF Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 231.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 231-232.

¹⁰⁰ VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 22.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 57-60.

¹⁰² *Ibidem*, p. 64-70.

¹⁰³ COSTA, Gustavo Marangoni. **Entre contrabando e ambigüidades**: outros aspectos da República Juliana Laguna/SC – 1836-1845. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2006, p. 132-140.

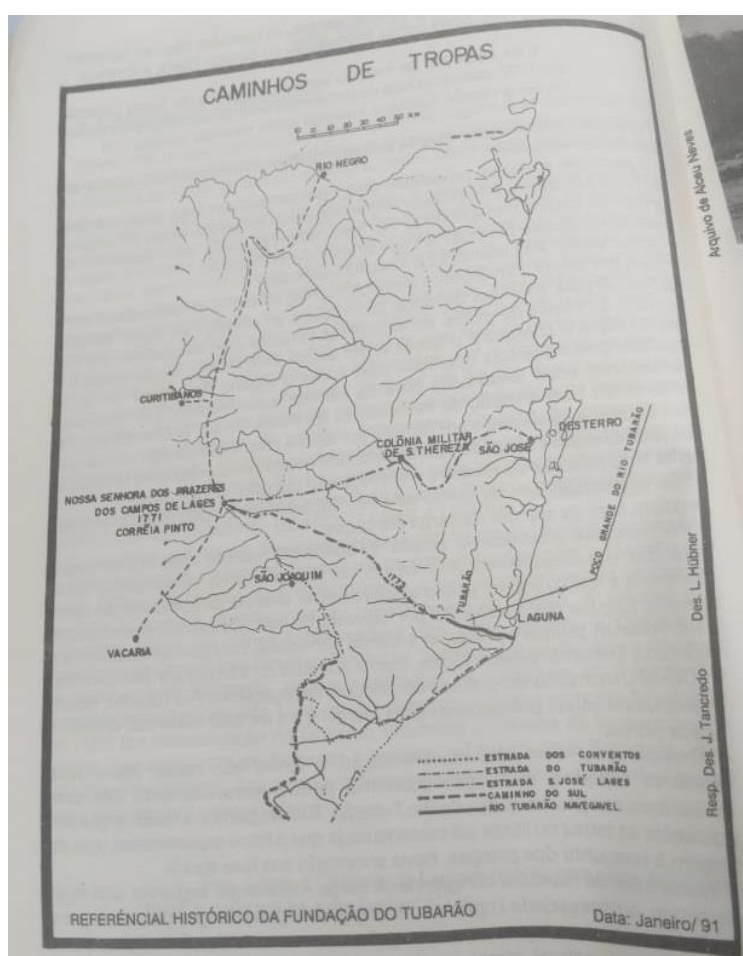
¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 121-127.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 40-48.

¹⁰⁶ COSTA, Gustavo Marangoni. **Entre contrabando e ambigüidades**: outros aspectos da República Juliana Laguna/SC – 1836-1845. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina,

Vendo que a motivação da revolta popular de Tubarão e Imaruí para com a República Juliana era o bloqueio portuário de Laguna os exércitos farroupilhas destruíram e saquearam completamente essas suas freguesias juntamente com todos os seus navios cargueiros¹⁰⁷. Esse sangrento episódio da Guerra dos Farrapos conhecido até os dias de hoje como *O Massacre do Imaruí*, trouxe consequências irreversíveis para essa região: interrompendo totalmente os fluxos portuários que conectavam diretamente a Lagoa do Imaruí ao nordeste brasileiro¹⁰⁸ e fazendo a economia de Tubarão concentrar-se quase que totalmente nas caravanas terrestres e fluviais dos comerciantes tropeiros após a Queda da República Juliana em 1845¹⁰⁹.

Figura 06 – Caminhos de Tropas.



Fonte: VETTORETTI, 1992, p. 42.

Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2006, p. 120-121.

¹⁰⁷ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 24-25.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 25-26.

¹⁰⁹ VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 61-70.

Após o grande estrago e prejuízo econômico causado pela Guerra dos Farrapos em toda essa região, a partir das décadas que se seguiram a economia de Tubarão passou a voltar-se cada vez mais para suas alianças comerciais com as caravanas de tropeiros que contornavam e entrecortavam a Serra do Rio do Rastro fazendo a interconexão com Lages e São Joaquim¹¹⁰. Ao estreitamento das alianças comerciais com Lages e São Joaquim por meio das caravanas de comerciantes tropeiros para o reerguimento econômico de Tubarão, juntou-se também as políticas públicas da concessão de terras do Governo Imperial para a implantação de núcleos coloniais nas regiões que contornando todo o Picadão da Serra por meio da Serra do Rio do Rastro¹¹¹, ainda eram considerados “*vazios demográficos*” pelo Império Brasileiro devido ao fato de em pleno século XIX essas terras ainda se manterem sob os domínios do povo xokleng-laklãnõ que resistia bravamente às diversas tentativas de inserção forçada à sociedade nacional¹¹².

Dessas políticas públicas de concessão de terras surgiram-se os diversos núcleos coloniais de colonização italiana ao redor de Tubarão a partir da década de 1870, tendo a Colônia de Azambuja ao norte da região conhecida atualmente como Pedras Grandes enquanto porta de entrada para as todas as demais colônias¹¹³. Desse modo, como forma de acompanhar a expansão territorial e econômica a nível municipal e paroquial do Município do Tubarão, foi que o Ciclo de Festas do Divino na Paróquia de Nossa Senhora da Piedade passou a ser realizado quadrienalmente, objetivando uma maior arrecadação de fundos que possibilitasse uma comemoração em grande júbilo dos excedentes econômicos gerados pela produção agrícola das colônias em conjunção com as relações comerciais estabelecidas entre os tropeiros da região serrana e os portos de Laguna¹¹⁴.

A arrecadação desses excedentes econômicos para além do Peditório da Bandeira também era acompanhada da reza de novenas que eram realizadas sempre seguida de bailões com arremate de prendas e distribuição de prêmios conforme podemos ver sendo exaustivamente demonstrados nos trabalhos que se debruçam a estudar o Ciclo de Festas

¹¹⁰ Ver: Figura 06; VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 64-70

¹¹¹ Ver Figura 06.

¹¹² SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925)**: resistência e extermínio. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 12-18.

¹¹³ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó**: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 23.

¹¹⁴ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino**: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2010, p. 109.

do Divino com destaque para Lélia Nunes (2010), Élio Cantalício Serpa (1997) e Márcia Alves (1999) com relação às comunidades afro-luso-brasileiras¹¹⁵, e mais especificamente Riolando Azzi (1988) acerca desse mesmo culto nas comunidades ítalo-brasileiras¹¹⁶. Esse aspecto das novenas assumirá importância particular na organização do Ciclo de Festas do Divino na Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão, onde de acordo com Lélia Nunes (2010) tal festividade por ser realizada quadrienalmente, era também, muitas vezes associada ao orago local cujo dia comemoração se seguia nos dias próximos à data da Festa, como foi o caso de Santa Rita de Cássia em 1907¹¹⁷. Caso totalmente diferente das Paróquias de São João Batista do Imaruí, onde a Festa do Divino ocorre tradicionalmente de forma anual no Último Domingo de Pentecostes anterior ao Advento¹¹⁸ e Santo Antônio dos Anjos de Laguna, cuja festividade também acontecia todos os anos na própria Solenidade de Pentecostes, abrindo dessa forma o Ciclo de Festas do Divino¹¹⁹.

A organização quadrienal do Ciclo de Festas do Divino em Tubarão a partir do final do século XIX, conforme apontado por Lélia Nunes (2010), coincide exatamente com a instalação da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina inaugurada em 1884¹²⁰. Com a instalação da malha ferroviária foi construído a Ponte de Ferro da Cabeçuda ligando Tubarão à Laguna em direção ao novo Porto de Imbituba¹²¹. Dessa forma os excedentes econômicos de toda a região de Tubarão passaram a ser transportados de trem substituindo as antigas rotas fluviais, tornando o uso de barcos para transporte no Rio Tubarão praticamente obsoleto com o tempo¹²². O mesmo se deu com Imaruí, cujas relações portuárias com o Nordeste foram totalmente interrompidas devido à construção

¹¹⁵ Sobre a importância e influência das novenas para uma boa organização e andamento da Festa do Divino ver: Cf. NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 15-27; Cf. SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 56-67; ALVES, Marcia. **Entre a folia e a sacristia: as (re) significações e intervenções da elite clerical e civil na festa do divino em Florianópolis (1896-1925)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1999, p. 49-53.

¹¹⁶ AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 59-103.

¹¹⁷ NUNES, *op. cit.*, p. 108-109.

¹¹⁸ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos**. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 181.

¹¹⁹ NUNES, *op. cit.*, p. 48-51.

¹²⁰ FILHO, Alcides Goularti. A Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina na formação do complexo carbonífero de Santa Catarina. **XXI Jornadas de Historia Económica**, 2008, p. 02.

¹²¹ *Ibidem*, p. 06.

¹²² VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão: das origens ao século XX**. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 67.

da Ponte da Cabeçada que impedia a passagem de navios de carga pelo Estreito¹²³.

Embora Lélia Nunes (2010) nos mostre um cenário de mudanças progressivas dentre a primeira década do século XX com um aumento significativo das pompas que acompanham o Cortejo Imperial na organização da Festa do Divino até o final dos anos 1960, com a dissolução total da Festa, é justamente nas três décadas anteriores ao recorte temporal de suas pesquisas que iremos nos ater¹²⁴. Tendo como base a delimitação temporal partindo da Proclamação da República em 1889 até a edição de setembro de 1904¹²⁵ em homenagem à Nossa Senhora da Piedade¹²⁶ que antecedeu àquela dedicada à Santa Rita de Cássia em 1907¹²⁷, demonstraremos o processo de constantes repressões policiais e políticas pelas quais sofreu o Culto ao Divino Espírito Santo mediante às mudanças sócio organizativas geradas pela ruptura entre a antiga administração do governo imperial diante das novas políticas públicas da recém-proclamada República Brasileira na Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão gerando grandes dificuldades com relação à sua organização, conforme podemos verificar no trecho a seguir retirado da edição de 27 de julho do jornal *A Várzea* (1904):

FESTA DE E. SANTO

Sabemos que o Sr. Gustavo Gonzaga pretende fazer em Setembro vindouro a tradicional festa do Divino Espírito Santo, que ha tres anos não é celebrada nesta cidade.

Desejamos, pois, que este nosso d s-tineto amigo, não desanime, e vença os obstáculos que possa encontrar para a realização de seu projecto.¹²⁸

Para que possamos entender os pormenores que esse processo de ruptura influenciou na organização religiosa e sociopolítica da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão é necessário atermos às reformas ultramontanas implementadas pelo Concílio Vaticano I a partir do início da década de 1870 e que tinham por objetivo legitimar o poder absoluto e infalível do papado sobre toda a humanidade com base nas diretrizes anteriormente formuladas pelo Concílio de Trento (1545-1563) ainda no século XVI¹²⁹. É, portanto, necessário revisitar novamente esses dois concílios para que

¹²³ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos**. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 25-26.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 108-110.

¹²⁵ IL COLONO. **Laguna, 19 de Outubro de 1904**. Anno I, n. 1, Urussanga, 21 out. 1904. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2024, p. 03.

¹²⁶ A VÁRZEA. **Festa do Espírito Santo**. Anno I, n. 4, Tubarão, 27 jul. 1904. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884375/5> >. Acesso em: 27 out. 2024, p. 04

¹²⁷ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 108-109.

¹²⁸ A VÁRZEA. **Festa de E. Santo**. Anno I, n. 1, Tubarão, 27 jul. 1904. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884375/1> >. Acesso em: 27 out. 2024, p. 01.

¹²⁹ SILVA, Ana Rosa Cloclet da & COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. **Estudos De Religião**, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021, p. 336-338.

possamos entender como os acordos diplomáticos do Vaticano com as demais monarquias europeias influenciaram diretamente os regimentos legislativos das políticas públicas de subsídio à colonização italiana em território brasileiro no sul de Santa Catarina a partir da década de 1870, conforme muito bem apontado por Clarícia Otto (2006)¹³⁰. Esse mesmo escopo de alianças diplomáticas teria sido ao mesmo tempo, portanto, um dos principais responsáveis pelos constantes processos de reelaboração cultural da *bruxaria* dentro do imaginário popular a partir de sua conceitualização jurídica enquanto delito passível de criminalização e pena pertinentes às particularidades *regalistas* específicas de cada *padroado* em questão, conforme poderemos verificar nos aportes teóricos explicitados pela perspectiva ibérico-continental de Margarida Ventura (1998)¹³¹ e Julio Baroja (1998)¹³² acerca desse fenômeno conforme veremos em nossa análise a seguir.

2.2. FIAT MIHI SECÚNDUM VERBUM TUUM: *As Reformas Ultramontanas frente ao Padroado Regalista no Brasil enquanto ferramenta de ruptura político-social entre o Império e a Primeira República.*

A proclamação do dogma da infalibilidade papal pelo Papa Pio IX durante o Concílio Vaticano I (1869-1870) foi um verdadeiro divisor de águas com relação a toda tradição diplomática da Santa Sé com os outros países no período posterior ao Concílio de Trento no século XVI¹³³. Isso se deve principalmente por conta das doutrinas políticas dos *padroados* e *regalismos* régios cujos parâmetros, de acordo com Margarida Ventura (1998)¹³⁴, Ítalo Santirocchi (2015)¹³⁵ e Maria da Conceição Vilela Franco (2023)¹³⁶, só seriam devidamente padronizados e definidos a partir do Concílio de Trento (1545-1563).

De acordo com ambos os autores, o *regalismo* político regulamentado pelo papado

¹³⁰ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 31.

¹³¹ VENTURA, Margarida Garcês. Heresias e dissidências: regalismo e anti-regalismo no século XV. **Lusitania Sacra**, Lisboa, n. 10, 1998, p. 303-305.

¹³² BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 13-18.

¹³³ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo - Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 24-25.

¹³⁴ VENTURA, *op. cit.*, p. 303-304.

¹³⁵ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). **Itinerantes**: Revista de Historia y Religión, San Miguel de Tucumán, n. 5, 2015, p. 65-66.

¹³⁶ FRANCO, Maria da Conceição Vilela. A Igreja e o Padroado: o clero secular e as ordens regulares na América portuguesa (séculos XVI-XVIII). In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann & AMANTINO, Marcia (Org.). **Franciscanos, jesuítas e beneditinos na América colonial, séculos XVI-XVIII**. São Leopoldo: Oikos, 2023, p. 29-30.

durante esse Concílio foi uma doutrina de governança eclesial que equiparava em pé de igualdade os poderes cívicos, religiosos e temporais que a Igreja e o Estado exerciam sobre a população civil e na qual caberia ao chefe de estado decidir quais ditames das encíclicas e bulas papais estariam ou não autorizados e de que forma eles seriam devidamente implantados em sua jurisdição, gerando assim a base doutrinal para o surgimento das monarquias absolutistas católicas em toda a Europa¹³⁷. Já o *padroado*, por sua vez, foi uma doutrina de governança eclesial na qual caberia aos monarcas e demais líderes governamentais de cada estado-nação indicar os bispos responsáveis pelo controle do clero secular, bem como controlar a entrada e permanência das ordens religiosas regulares dentro de seu território de governo¹³⁸.

Embora os *regalismos* dos *padroados* régios já se mantivessem em vigor desde o século VIII a partir da coroação de Pepino, o Breve pelo Papa Estevão II e suas sucessivas alianças papais que se sucederam subsequentemente ao Império Carolíngio, de acordo com Maria da Conceição Vilela Franco (2023)¹³⁹, essas mesmas formas de governo ainda não possuíam assim uma regulamentação muito bem definida principalmente com relação às dimensões governamentais dos poderes *sacros* e *temporais*. Ambas as dimensões permaneciam em constante disputa entre si apesar dos constantes concílios, tratados e reformas que procurassem tratar de sua resolução problemática, destacando-se dentre elas a Reforma Gregoriana do século XI, na qual houve um processo de maior regularização moral do clero bem como de reafirmação da autoridade papal sobre os *poderes temporais*, permitindo assim uma maior liberdade de atuação eclesiástica do papado frente à interferência de reis e nobres¹⁴⁰.

É ainda durante esse mesmo período que de acordo com Julio Baroja (1998)¹⁴¹, entre os séculos IX e XI se surgirão em meio ao continente europeu uma multiplicidade de códigos jurídicos canônicos que se divergiam entre si com relação à definição de

¹³⁷ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo - Reforma. Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 24-25; VENTURA, Margarida Garcês. Heresias e dissidências: regalismo e anti-regalismo no século XV. **Lusitania Sacra**, Lisboa, n. 10, 1998, p. 305-306.

¹³⁸ FRANCO, Maria da Conceição Vilela. A Igreja e o Padroado: o clero secular e as ordens regulares na América portuguesa (séculos XVI-XVIII). In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann & AMANTINO, Marcia (Org.). **Franciscanos, jesuítas e beneditinos na América colonial, séculos XVI-XVIII**. São Leopoldo: Oikos, 2023, p. 25-28; SANTIROCCHI, *op. cit.*, p. 25-26; *Idem*. Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). **Itinerantes: Revista de História y Religión**, San Miguel de Tucumán, n. 5, 2015, p. 65-66.

¹³⁹ FRANCO, *op. cit.*, p. 19-24

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 24-27.

¹⁴¹ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 84-93.

bruxaria enquanto devido ao fatos desses códigos legislativos estarem inerentemente condicionados às experiências jurisdicionais eclesiásticas dos padroados régios locais, apresentando majoritariamente duas principais vertentes variantes a partir dessas divergências. A primeira delas comumente encontrada em diversos éditos dentre os séculos VIII e IX nos quais o delito de *bruxaria* estaria condicionado à prática das adivinhações e à capacidade de realizar prodígios miraculosos meteorológicos, maléficos ou medicinais a outrem por meio da intervenção diabólica ou do exercício de ritos e atividades religiosas de cunho pré-cristão¹⁴². A segunda variante que vê-se surgir a partir do século IX seria a de que a *bruxaria* estava inerentemente assimilada à permanência de crenças pré-cristãs, nas quais certos indivíduos eram capazes de se metamorfosear em diferentes formas de animais e objetos e até mesmo alçar voo através de sua forma de espírito de modo a participar das cavalcadas noturnas com antigas deidades femininas tais como Diana e Herodiade junto de outras demais divindades pertinentes a antigos cultos pré-cristãos de natureza agrária, conforme podemos conferir por meio da menção em larga escala do *Canon Episcopi*¹⁴³ nos códigos jurisdicionais e *livros de espelho*¹⁴⁴ que se surgirão dentre os séculos X e XII, onde a veracidade desses eventos é relegada ao campo da *ilusão diabólica*¹⁴⁵.

É dentro desse contexto, portanto, que de acordo com Wagner Stefani (2015)¹⁴⁶ as dioceses submetidas aos *regalismos* estatais dos *padroados* locais acabavam por não ter um ritual litúrgico uniformizado da *Missa* que pudesse ser contemplado por todos, ficando cada qual sacerdote totalmente dependente dos livros litúrgicos (lecionários, sacramentários, antifonários, etc) à disposição em sua localidade de atuação. A falta de uniformidade ritual e legislativa somada às instabilidades geradas pelas constantes

¹⁴² BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 84-88.

¹⁴³ *Canon Episcopi*: Coletânea de instruções dedicadas aos bispos e seus respectivos representantes, escrita por Regino de Prüm por volta de 906. Ver: Cf. GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 106-136; Cf. LIMA, Cauana Harz de. **O deus do êxtase e o masculino anticristão**: um estudo comparado entre as figuras condutoras dos Bacanaís e dos Sabás das bruxas. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Florianópolis: UFSC, 2022, p. 43-47.

¹⁴⁴ *Livros de Espelho*: *Speculum* ou *Espelho dos Príncipes* é um gênero literário de uso político, cujas obras tem por objetivo orientar os governantes sobre as melhores formas de agir para o bom funcionamento de seu governo. Ver: Cf. SILVEIRA, Aline Dias da. Relação corpo, natureza e organização sociopolítica no Medievo: revelação, ordem e lei. In: NODARI, Eunice Sueli & KLUG, João (Org.). **História Ambiental e Migrações**. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 160-162.

¹⁴⁵ BAROJA, *op. cit.*, p. 89-101.

¹⁴⁶ STEFANI, Wagner Aparecido. **A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015, p. 71-83.

guerras de expansão territorial orquestradas pelas monarquias europeias durante o decorrer do século XII fez com que se agravasse uma enorme crise política entre o papado e os diversos grupos religiosos comunais, dentre eles os cátaros e valdenses acusados de *heresia*¹⁴⁷. Na tentativa de contornar essa crise foi que na virada dos séculos XII e XIII, 1184 é organizado o Tribunal da Santa Inquisição¹⁴⁸ com o objetivo de averiguar os casos dos grupos religiosos comunais considerados heréticos de acordo com a legislação do *padroado* da diocese local¹⁴⁹, até que em 1229 passa a ser administrado pelos franciscanos e dominicanos em correspondência direta com o papa¹⁵⁰.

Visando combater o surgimento de novas *heresias* relacionadas aos movimentos de grupos religiosos comunais que o Papa Inocêncio III resolve então convocar o Concílio de Latrão IV (1215) com o intuito de otimizar de forma prática os preceitos anteriormente estabelecidos pelas reformas gregorianas do século XI de modo a conseguir solucionar as problemáticas de seu tempo¹⁵¹. O Papa Inocêncio III resolve por meio do Concílio de Latrão IV (1215) dar início às reformas curialistas que por meio da uniformização litúrgica de todas as dioceses pretendiam fazer valer de forma prática as reformas de Gregório VII, nas quais pregava-se a livre atuação eclesiástica frente às autoridades monárquicas temporais em conformidade à soberania da autoridade papal sobre todas as demais¹⁵². Dessa forma são unificados todos os livros litúrgicos (leccionários, sacramentários, antifonários, etc) anteriormente dispersos para ser lançado o primeiro *Missal* com toda a base necessária para se rezar a missa de acordo com os padrões pré-estabelecidos pela Cúria Romana¹⁵³. Da mesma forma, conforme apresentado por Wagner Stefani (2015)¹⁵⁴, é lançado também o primeiro *Breviário* de modo a unificar nesse

¹⁴⁷ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 114; STEFANI, Wagner Apécido. **A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015, p. 100.

¹⁴⁸ FRANCO, Maria da Conceição Vilela. A Igreja e o Padroado: o clero secular e as ordens regulares na América portuguesa (séculos XVI-XVIII). In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann & AMANTINO, Marcia (Org.). **Franciscanos, jesuítas e beneditinos na América colonial, séculos XVI-XVIII**. São Leopoldo: Oikos, 2023, p. 25.

¹⁴⁹ STEFANI, *op. cit.*, p. 92.

¹⁵⁰ FRANCO, *op. cit.*, p. 25;

¹⁵¹ STEFANI, *op. cit.*, p. 75-89.

¹⁵² FRANCO, *op. cit.*, p. 24; STEFANI, 2015, p. 76.

¹⁵³ MACIEL, Rafhael Silva. A História do Missal Romano: Um Livro Litúrgico para a Celebração do Mistério. **Ars Celebrandi** – Revista de Liturgia, Curitiba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2023, p. 12-15; STEFANI, 2015, p. 96-106.

¹⁵⁴ STEFANI, *op. cit.*, p. 107-109.

mesmo padrão todos os *livros de horas*¹⁵⁵ que a partir desse momento deveriam ser seguidos fidedignamente à risca por todos os sacerdotes e demais religiosos por meio do *Divino Ofício*¹⁵⁶. Embora toda a base de estruturas ritualísticas expressas pelo Missal e pelo Breviário fossem de seguimento obrigatório, ainda assim a estruturação de ambos permitia com que pudessem haver algumas adaptações de acordo com as demandas religiosas locais, sendo a Ordem Franciscana pioneira na divulgação e adaptação desses livros que poderiam em muito variar de acordo com suas necessidades missionárias¹⁵⁷.

O estabelecimento de um padrão ritualístico unificado estendido à todas as dioceses bem como sua possibilidade de adaptação de acordo com as demandas eclesiásticas missionários e dos padroados locais, teria então provocado uma mudança de paradigmas naquilo que tange à moralidade religiosa europeia do século XIII conforme podemos ver exemplificado nos seguintes diagramas esquematizados por Julio Baroja (1998)¹⁵⁸ a seguir:

Figura 07 – Crenças falsas e nocivas (A), Crenças superiores e inferiores (B).

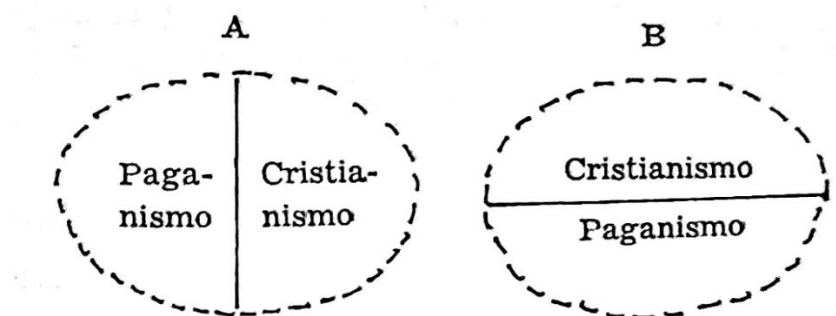


Figura 7

Fonte: BAROJA, 1998, p. 105.

Antes desse processo de ruptura a moralidade religiosa cristã europeia era dividida em dois lados que representavam os “*únicos*” dois tipos de crenças existentes: as *falsas* e

¹⁵⁵ *Livro de Horas*: também conhecido como *Breviário*, é um livro que contém as orações correspondentes às *horas canônicas* do dia: *Laudes* (aurora), *Terça* (manhã), *Sexta* (meio-dia), *Nona* (tarde), *Vésperas* (pôr-do-sol), *Completas* (noite). Ver: Cf. STEFANI, Wagner Apécido. **A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015, p. 45-46.

¹⁵⁶ *Ofício Divino*: também chamado de *Liturgia das Horas*, é o exercício de cumprir fielmente à risca a responsabilidade de rezar as orações de todas as *horas canônicas* do dia pontualmente e sem falta. Ver: Cf. STEFANI, *op. cit.*, p. 47-51.

¹⁵⁷ MACIEL, Rafael Silva. A História do Missal Romano: Um Livro Litúrgico para a Celebração do Mistério. **Ars Celebrandi** – Revista de Liturgia, Curitiba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2023, p. 12-15; STEFANI, *op. cit.*, p. 15-16; *ibidem*, p. 110-112.

¹⁵⁸ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 103-106.

promotoras de vícios representadas pelo “*paganismo*” em paralelo ao *cristianismo* enquanto única *verdadeira* existente, conforme podemos verificar de forma horizontalizada no Diagrama A¹⁵⁹. Nesse caso a conceitualização de *bruxaria* estava condicionada ao campo da permanência de práticas e crenças religiosas *pré-cristãs* tidas como *falsas* pelos filósofos e teólogos cristãos que encontravam nas teorias de *intervenção* e *ilusão diabólica* a única explicação possível para o fenômeno da realização de prodígios miraculosos dentro desse âmbito da esfera religiosa¹⁶⁰.

Durante o século XIII o processo de uniformização litúrgica impulsionado pelo Concílio de Latrão IV (1215)¹⁶¹ em que se criou um padrão de *cristianismo* aos moldes da Cúria Romana passou também a ser alicerçado pela escola escolástica de filosofia inaugurada pelo dominicano Tomás de Aquino (1225-1274) enquanto grande expoente teórico lógico e filosófico científico da racionalidade humana à época¹⁶². Nesse caso a esfera moral religiosa se verticaliza entre as crenças *superiores* mais próximas da padronização papal representadas pelo *cristianismo* promotor das virtudes celestiais e as *inferiores* que conforme se afastam desse padrão passam a ser correlacionadas com o *paganismo*, conforme podemos ver representado no Diagrama B¹⁶³. Esse mesmo afastamento seria o responsável pela promoção dos *erros* e *vícios* que conduziriam o indivíduo à *subserviência diabólica*, fator esse que combinado à capacidade de realizar prodígios miraculosos passaria a caracterizar a *bruxaria* a partir de então¹⁶⁴.

É dentro desse contexto em que as brechas deixadas pelo *Missal* promulgado pelo Concílio de Latrão IV acabavam por favorecer a difusão de uma multiplicidade de ritos a partir de uma mesma *missa* ao mesmo tempo que afastar-se do padrão de *cristianismo* estabelecido pelo papado poderia significar um enorme risco de proximidade para com a *subserviência diabólica*, é que a partir do século XIII começam a surgir os primeiros relatos de *demonolatria* onde vilarejos inteiros passam a ser considerados heréticos e acusados de promover um culto organizado a *Satã*, como no caso dos habitantes de Stedinger que de acordo com bulas episcopais da época o adoravam na forma de um

¹⁵⁹ STEFANI, Wagner Aprecido. **A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015, p. 103-105.

¹⁶⁰ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 105-107.

¹⁶¹ STEFANI, *op. cit.*, p. 96-109.

¹⁶² BAROJA, *op. cit.*, p. 104-105

¹⁶³ *Ibidem*, p. 105.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 105-106.

sapo¹⁶⁵. Nessa mesma esteira que a partir do século XIV as acusações de *demonolatria* e *bruxaria* se fundem com o surgimento dos primeiros relatos acerca do *Sabá Diabólico*, onde certas pessoas tornam-se *bruxas* após selar um pacto com o demônio sendo obrigadas assim, mediante *convocação diabólica* a voar pelos ares em espírito junto às hostes infernais, ora em vassouras, ora transfiguradas em animais, rumo a um lugar isolado em que reunidas a outros *bruxos* prestarão culto em adoração *Diabo* com a paga de obter a capacidade de realizar prodígios miraculosos por lhe prestar tão devoto serviço¹⁶⁶.

A fusão dos conceitos de *bruxaria* e *demonolatria* através do *Sabá Diabólico* seguem se espalhando por toda a Europa durante os séculos XIV e XV, principalmente nas regiões onde segundo Carlo Ginzburg (2012)¹⁶⁷ se predispunha uma maior difusão da vertente apresentada no *Canon Episcopi* das cavalgadas noturnas com deidades femininas com base na permanência de determinadas crenças locais de cunho e características pré-cristãs nesses lugares existentes conforme podemos verificar no mapa a seguir:

Figura 08 – Cultos, mitos, ritos com fundo xamânico na Europa.

¹⁶⁵ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 105-113; STEFANI, Wagner Apécido. **A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015, p. 89-112.

¹⁶⁶ BAROJA, *op. cit.*, p. 121-129.

¹⁶⁷ GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 120-121.



Mapa 3
Cultos, mitos, ritos com fundo xamânico na Europa.

- | | | |
|--|---|---|
| <p>□</p> <p>Viagens extáticas em companhia de divindades predominantemente femininas. Fadas (Escócia); Diana Habonde, 'abadesa' dos benandanti, Matres, fadas etc. (França, Renânia, Itália centro-setentrional); 'mulheres de fora' (Sicília). (Parte II, capítulos 1 e 2.)</p> | <p>□</p> <p>Batalhas travadas em êxtase tendo como escopo principal a fertilidade. Benandanti (Friuli); mazzeri (Córsega); kresniki (Ístria, Eslovênia, Dalmácia, Bósnia, Herzegovina, Montenegro); tállós (Hungria); bunkudžurs (Cesquia); lo-bisomens (Livônia); xamãs (Lapônia). (Parte II, capítulo 3.)</p> | <p>□</p> <p>Aparições semianimaescas durante os doze dias. Kalikantzari (Grécia). (Parte II, capítulo 3.)</p> |
| <p>•••••</p> <p>Grupos de jovens disfarcados de animais, principalmente durante os doze dias. Regós (Hungria); eskari (Bulgária macedônica); surovaskari (Bulgária oriental); calusari (Romênia); koljadanti (Ucrânia). (Parte II, capítulo 4.)</p> | <p>□</p> <p>Batalhas rituais pela fertilidade. Punctidurs (grêsoes). (Parte II, capítulo 4.)</p> | <p>★</p> <p>Aparições dos mortos a indivíduos predestinados. Benandanti (Friuli); amiers (Ariège); mesuttane (Geórgia).</p> |

Fonte: GINZBURG, 2012, p. 120-121.

A crença no *Sabá Diabólico* que durante o decorrer dos séculos XIV e XV permanecia circunscrita apenas ao âmbito das jurisdições legislativas locais, assume então caráter canônico universal com base nas prerrogativas de padronização papal quando apenas uma década depois do lançamento do *Missal* de 1474 em sua primeira edição impressa e atualizada¹⁶⁸, o Papa Inocêncio VIII promulga a bula *Summis Desiderantes Affectibus* (1484)¹⁶⁹ conferindo autoridade máxima e total liberdade no

¹⁶⁸ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 115-129; MACIEL, Rafael Silva. A História do Missal Romano: Um Livro Litúrgico para a Celebração do Mistério. *Ars Celebrandi* – Revista de Liturgia, Curitiba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2023, p. 18-20; STEFANI, Wagner Aprecido. **A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015, p. 39-50.

¹⁶⁹ INOCÊNCIO VIII. A bula de Inocêncio III. In: KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 23-26.

exercício do ofício inquisitorial aos teólogos dominicanos Heinrich Kramer e Jacob Sprenger com o objetivo de investigar e dissolver os grupos heréticos que sob suspeitas de *demonolatria* e *bruxaria* se alastravam em diversas províncias da Alemanha do Norte, bem como nas dioceses de Mainz, Colônia, Trévez, Salzburgo e Bremen. É com base nessas prerrogativas que três anos depois em 1487, Heinrich Kramer e Jacob Sprenger com a aprovação da Faculdade de Teologia da Universidade de Colônia publicam juntos o *Malleus Maleficarum*¹⁷⁰ enquanto tratado e manual de instruções ensinando de que forma identificar, investigar e penalizar os hereges infratores praticantes de *bruxaria*¹⁷¹.

Na visão de Heinrich Kramer e Jacob Sprenger a *bruxaria* denotava-se de uma heresia manifestada majoritariamente por mulheres que através do *pacto diabólico* tornavam-se *bruxas*, passando assim a integrar uma espécie de “seita” de culto organizado a Satã¹⁷². De acordo com Heinrich Kramer e Jacob Sprenger a principal característica das manifestações ritualísticas expressas por essa “seita” consistiria justamente na subversão sacrílega e escarnecedora das rubricas do Missal e do uso de *objetos sacramentais*¹⁷³. Dessa forma ao inverter-se o sentido sacro de adoração a Deus da missa católica, procurava-se estabelecer um ritual de culto perfeitamente oposto que estivesse à altura dos agrados do Demônio que em retribuição à essa devoção concederia então aos *bruxos* (seus devotos) além do privilégio do voo ou do teletransporte ao seu encontro, a capacidade de realizar prodígios miraculosos desde que com isso se realizassem toda sorte de malefícios em sua honra¹⁷⁴.

Longe de estabelecer-se um padrão normativo universal no combate à heresia de *bruxaria*, conforme pretendia-se estabelecer inicialmente através dos estudos de Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, a publicação do *Malleus Maleficarum* (1487) na verdade somente fomentou mais ainda as divergências e discussões dos inquisidores por toda a

¹⁷⁰ Comumente traduzido como *O Martelo das Feiticeiras* nas edições em português. Ver: Cf. SANTOS, Livia Guimarães Torquetti dos. Pomadas, poções e unguentos: as reuniões secretas diabólicas em manuscritos Alpinos do século XV. In: SILVA, Semiramis Corsi, MARQUETTI, Flávia Regina & FUNARI, Pedro Paulo (Org.). **Magia, encantamentos e feitiçaria**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023, p. 179.

¹⁷¹ KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 492-494.

¹⁷² BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 135-136; KRAMER & SPRENGER, *op. cit.*, p. 144-149; LIMA, Cauana Harz de. **O deus do êxtase e o masculino anticristão: um estudo comparado entre as figuras condutoras dos Bacanaís e dos Sabás das bruxas**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Florianópolis: UFSC, 2022, p. 57-59;

¹⁷³ KRAMER & SPRENGER, *op. cit.*, p. 183-196; *Ibidem*, p. 216-220.

¹⁷⁴ BAROJA, *op. cit.*, p. 136-137; KRAMER, Heinrich & SPRENGER, *op. cit.*, 2017, p. 198-205; LIMA, Cauana Harz de. **O deus do êxtase e o masculino anticristão: um estudo comparado entre as figuras condutoras dos Bacanaís e dos Sabás das bruxas**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Florianópolis: UFSC, 2022, p. 58-59.

Europa nas décadas que se seguiram¹⁷⁵. Isso se deu por dois principais motivos: o primeiro porque acreditava-se que a *bruxaria* se tratava de um delito de caráter inteiramente individual sem quaisquer relações com atividades em grupo ou de seitas organizadas nas localidades onde a crença nas *cavalgadas noturnas* e no *Sabá Diabólico* não chegaram a se desenvolver¹⁷⁶; já o segundo denota-se pelas atribuições jurídicas com que Kramer e Sprenger tratavam o delito enquanto um crime civil que deveria ser tratado com prioridade máxima não somente pelos tribunais *religiosos* como também pelos *civis* que devido às demandas do *padroado* local na maioria das vezes não viam o assunto com tanta urgência¹⁷⁷.

Os contornos da resolução dessa miscelânea de conflitos relacionados à abrangência da área de atuação dos tribunais *civis* e *religiosos*, bem como dos poderes *sacros* e *temporais*, por sua vez, começou-se a se desenhar somente décadas após a partir do Concílio de Trento (1545-1563), conforme apontado por Ítalo Santirocchi (2015)¹⁷⁸. De acordo com o autor, foi somente a partir das deliberações desse concílio que a devida regulamentação dos regimes dos *padroados régios* voltou a tornar-se pauta frente ao continuo aumento dos principados adeptos à Reforma Protestante e no qual determinou-se fim a igualdade total de poder político entre as dimensões *eclesiásticas* e *estatais*¹⁷⁹. Como forma de fazer valer essas mesmas deliberações é lançado novamente um novo *Missal Romano* (1566) pelo Papa Pio V estabelecendo somente um único rito universal para a realização da missa, abolindo todos os demais ritos que por questões regionais de seus *padroados* pudessem de alguma forma ter surgido há menos de 200 anos, ou seja, a partir das brechas em aberto presentes no antigo Missal de 1474¹⁸⁰.

É dessa forma, portanto, que de acordo com Julio Baroja (1998)¹⁸¹ que a partir do século XVI são cristalizadas diferentes *categorias* ou *estilos* diferentes de *bruxas* por toda a Europa cuja base é a mesma: a capacidade de realizar prodígios miraculosos através de meios paralelos àqueles estabelecidos pela religião estatal (*catolicismo* ou *protestantismo*), podendo adquirir determinadas variações conforme a relação eclesio-

¹⁷⁵ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 144-157.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 137.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 139-153.

¹⁷⁸ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). **Itinerantes: Revista de Historia y Religión**, San Miguel de Tucumán, n. 5, 2015, p. 65-66.

¹⁷⁹ *Ibidem*, 2015, p. 67-70.

¹⁸⁰ MACIEL, Raffael Silva. A História do Missal Romano: Um Livro Litúrgico para a Celebração do Mistério. **Ars Celebrandi** – Revista de Liturgia, Curitiba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2023, p. 20-21.

¹⁸¹ BAROJA, *op. cit.*, p. 139-177.

estatal de seu local de origem. Dentre as principais variações de *bruxas* encontradas a partir do século XVI podemos encontrar aquelas onde a *bruxaria* permanece enquanto um ofício profissional totalmente atrelado à prática do curandeirismo, da adivinhação, e do fabrico de filtros, poções e unguentos miraculosos por meio de encantamentos como nos casos encontrados majoritariamente por toda Península Ibérica e ao sul da Península Itálica¹⁸². Há também os casos onde a *bruxaria* está estritamente correlacionada ao ofício religioso das *seitas* de cultos demonolátricos pertinentes ao *Sabá Diabólico*, como nos casos encontrados na França, Alemanha e ao norte da Península Itálica, por exemplo¹⁸³. Em outras localidades essas duas vertentes acabam por se fundir a antigos elementos de devoção pertinentes ao catolicismo romano e às religiosidades de cunho pré-cristão comumente realizados por ali anteriormente como no caso de alguns principados protestantes como na Inglaterra e na Alemanha e Países Baixos, por exemplo¹⁸⁴.

A devida regulamentação dos regimes de *padroado* e seus respectivos *regalismos* assumida pelo papado a partir do Concílio de Trento (1545-1563) foi fundamental, portanto, para que se operassem as reformas tridentinas com objetivo de inibir os avanços da Reforma Protestante, pois além de dissolver os conflitos regionais existentes localmente entre os inquisidores com base na política de estado, também foi responsável por impulsionar as missões católicas em territórios ultramarinos das demais coroas europeias, bem como facilitar os acordos diplomáticos entre os principados protestantes¹⁸⁵.

Embora obtivesse significativo sucesso em seus dois primeiros séculos de consolidação a partir da reforma de sua regulamentação operada pelo Concílio de Trento (1545-1563), ao final do século XVIII, esse mesmo sistema de *padroado regalista* passou a apresentar diversas falhas e instabilidades com a ascensão dos nacionalismos provenientes das constantes crises de sucessão que abalaram a continuidade do antigo regime absolutista no restante do continente europeu após a Revolução Francesa e o advento do racionalismo cientificista dentre os maiores círculos intelectuais da Europa¹⁸⁶. A crise desse sistema se tornou mais grave após as guerras napoleônicas da primeira

¹⁸² BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 139-143.

¹⁸³ *Ibidem*, 1998, p. 153-177.

¹⁸⁴ *Ibidem*, 1998, p. 177-183.

¹⁸⁵ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo - Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 24-25; *Idem*. Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). **Itinerantes**: Revista de Historia y Religión, San Miguel de Tucumán, n. 5, 2015, p. 21-22

¹⁸⁶ DIAS, Maria Odila. A interiorização da metrópole, 1808-1853. In: MOTA, Carlos Guilherme. (Org.). **1822: Dimensões**. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 165-167.

década do século XIX, no qual inverteu-se totalmente o quadro de governo de grande parte das monarquias europeias que, por sua vez, corriam o risco de serem dominadas pelo Império Franco-Napoleônico¹⁸⁷, tornando inclusive o papa prisioneiro e tirando-lhe a soberania dos Estados Papais ao sul da Península Itálica¹⁸⁸. O mesmo ocorreu com o Império Português que precisou mudar a sede de sua metrópole de Lisboa para o Rio de Janeiro em 1808¹⁸⁹.

Após a queda do Império Franco-Napoleônico as monarquias europeias foram novamente restituídas a partir dos acordos diplomáticos tratados no Congresso de Viena em 1815¹⁹⁰. Os trâmites legais acerca da sucessão monárquica que deveria reger Lisboa como a nova sede restituída do Império Português acabaram resultando na Independência do Brasil que se tornou um governo imperial com sede própria no Rio de Janeiro em 7 de setembro de 1822¹⁹¹. Ao se tornar independente o governo imperial brasileiro decidiu então implementar uma série de reformas no *regalismo* vigente no Brasil ao reafirmar a soberania sobre seu território impondo uma série de exigências sobre as ordens religiosas estrangeiras, sendo uma delas justamente a subordinação aos bispos brasileiros, não sendo mais admitidas a administração dessas ordens em território português que passou a ser considerado estrangeiro a partir desse momento¹⁹². Dessa forma o governo imperial poderia obter um maior controle dos bens patrimoniais de alto valor artístico, cultural e religioso em território brasileiro, cuja administração, de acordo com Maria Odila Dias (1972)¹⁹³ e Augustin Wernet (1997)¹⁹⁴, concentrava-se majoritariamente nas mãos dessas ordens religiosas. Essa situação passou a se agravar mais ainda quando após inúmeras recusas em se readequarem às novas exigências do governo imperial passou a ser proibida a admissão de noviços nessas ordens a partir de 1850¹⁹⁵.

De acordo com Luís Beneduzi (2004), situações de conflitos do papado com os demais chefes de estado envolvendo o sistema de padroado regalista ocorreram também

¹⁸⁷ DIAS, Maria Odila. A interiorização da metrópole, 1808-1853. In: MOTA, Carlos Guilherme. (Org.). **1822: Dimensões**. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 167-169.

¹⁸⁸ AZEREDO, Carlos de. O reino de Portugal e o Bloqueio Napoleônico. **História: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 10, 2018, p. 12.

¹⁸⁹ DIAS, *op. cit.*, p. 165.

¹⁹⁰ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 53-54.

¹⁹¹ DIAS, *op. cit.*, p. 161-165.

¹⁹² WERNET, Augustin. Crise e definhamento das tradicionais ordens monásticas brasileiras durante o século XIX. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 42, 1997, p. 121-123.

¹⁹³ DIAS, *op. cit.*, p. 168.

¹⁹⁴ WERNET, *op. cit.*, p. 126-128.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 123-125.

na Península Itálica durante esse período com a restituição dos Estados Papais a partir de 1815¹⁹⁶. Embora os Estados Papais dominassem boa parte da região central e sul da Península, as demais províncias itálicas passaram a ser regidas por monarquias independentes enquanto as regiões ao norte incluindo o Vêneto e o Friuli foram anexadas ao Império Austríaco por meio do Tirol-Trentino¹⁹⁷. Essa divisão da Península Itálica permaneceu até o período da Unificação Italiana, no qual após diversas guerras o rei Vitor Emanuel II da Sardenha unificou todo o território Peninsular em 1868, dando origem assim ao país que hoje conhecemos como Itália¹⁹⁸. A Unificação da Península fez com que os Estados Papais passassem a fazer parte do Reino da Itália e o papado perdesse a soberania de todo esse território¹⁹⁹. Esse processo todo de Unificação gerou uma enorme crise de caráter patrimonial ao Vaticano causada pelo sistema *regalista*, tal qual como ocorrido no Brasil, só que afetando dessa vez, porém, a própria sede do papado, dando origem assim à *Questão Romana*²⁰⁰.

Em resposta a essas tendências anticlericais de caráter nacionalista contra os bens patrimoniais do papado que assolavam as monarquias europeias, bem como ao racionalismo cientificista que ameaçava a dominação cultural hegemônica do catolicismo romano ao redor do globo é que o papado lançará uma série de encíclicas que culminarão na convocação do Concílio Vaticano I (1869-1870)²⁰¹. A grande precursora dessas encíclicas foi o *Mirari vos* do Papa Gregório XVI de 1832, na qual o liberalismo enquanto sinônimo de indiferentismo religioso foi amplamente condenado em todas as suas esferas sejam elas econômicas, morais, religiosas, culturais, filosóficas ou científicas²⁰². Baseando-se na crença de que a liberdade seria um estado de plenitude de espírito encontrado somente em Deus, cujo alcance mesmo que independente das vontades humanas só poderia ser obtido pelo cumprimento da Vontade Divina manifestada por

¹⁹⁶ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 88-92.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 53-56.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 54.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 92-97.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 96-99. Sobre as encíclicas de Pio IX que tratam da *Questão Romana* com base no documento da *Doação de Constantino* ver: Cf. SILVA, Ana Rosa Cloet da & COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. **Estudos De Religião**, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021, p. 344. Sobre as investigações medievais de Lorenzo Valla acerca dos usos fraudulentos da *Doação de Constantino* ver: Cf. GINZBURG, Carlo. Lorenzo Valla e a doação de Constantino. In: **Relações de Força**: História, retórica, prova. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 64-68.

²⁰¹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930).

Florianópolis: Insular, 2006, p. 31-36.

²⁰² SILVA & COSTA, *op. cit.*, p. 341.

uma única religião somente: o catolicismo romano do papado, reafirmando assim o papel do catolicismo papal enquanto única religião verdadeira, logo detentora da única verdade possível no mundo antagonizada pelos ideais filosóficos do liberalismo²⁰³.

Foi seguindo essa mesma linha de raciocínio que seu sucessor, o Papa Pio IX lançou a encíclica *Qui pluribus* (1846), baseando-se nas prerrogativas expostas por Gregório XVI em seu *Mirari vos* (1832) ao reafirmar a importância da hierarquização clerical calcada na figura do sacerdote católico, cujo papel seria de levar a única *Verdade* verdadeira a toda humanidade principalmente aqueles que permanecendo fora do catolicismo romano institucional teriam então sua capacidade de raciocínio perdida em trevas, ou seja, infrutífera e causadora da destruição²⁰⁴. De acordo com Pio IX nessa sua mesma encíclica *Qui Pluribus* (1846)²⁰⁵, todas as verdades e formas de pensamento antagônicas ou alheias aquelas propagadas e autorizadas oficialmente pelo Magistério da Igreja seriam todas derivadas de *seitas* e *sociedades* alinhadas ao liberalismo filosófico e científico que se antepunham enquanto inimigas da religião, sendo o *Comunismo* a principal dentre todas elas.

É diante das interposições de Pio IX em sua *Qui Pluribus* (1846) contra os princípios *iluministas* que regiam o *Pombalismo Lusitano*²⁰⁶ foi que o governo imperial brasileiro vendo-se ameaçado pelas ordens regulares e sacerdotes estrangeiros cujo controle estivesse fora do alcance dos poderes de seu padroado decide dar continuidade às *reformas pombalinas* outorgando a lei de 1855 que proíbe a vinda de novas ordens regulares estrangeiras pro Brasil e a admissão de novos noviços nos conventos e mosteiros já existentes que detivessem clérigos estrangeiros como superiores responsáveis pela representação legal de sua ordem no país²⁰⁷.

Em 1864, porém, Pio IX irá lançar uma de suas encíclicas mais polêmicas: o *Quanta cura* na qual se denunciam todos os erros da modernidade que por serem

²⁰³ GREGÓRIO XVI. *Mirari vos*. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1832, p. 06-07.

²⁰⁴ SILVA, Ana Rosa Cloquet da & COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. *Estudos De Religião*, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021, p. 342-343.

²⁰⁵ PIO IX. *Qui Pluribus*. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1846, p. 04-06.

²⁰⁶ *Pombalismo Lusitano*: doutrina política que garantiu a manutenção da centralização estatal do padroado régio do Império Português com base nos princípios iluministas das reformas implementadas pelo Marquês de Pombal que culminaram com a expulsão dos jesuítas ainda no século XVIII. Ver: Cf. SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). *Itinerantes: Revista de Historia y Religión*, San Miguel de Tucumán, n. 5, 2015, p. 75-79.

²⁰⁷ WERNET, Augustin. Crise e definhamento das tradicionais ordens monásticas brasileiras durante o século XIX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 42, 1997, p. 121-131.

derivados do liberalismo passaram a ser considerados heréticos pelo papado, ou seja, condenáveis sob pena de excomunhão²⁰⁸. Anexado ao *Quanta cura* está o *Syllabus Errorum*, uma enorme lista na qual estão listados todos esses erros dentre eles: o panteísmo, o naturalismo, o racionalismo (tanto absoluto como moderado), o indiferentismo, o latitudinarismo, o socialismo, o comunismo, as sociedades clandestinas, as sociedades bíblicas e as sociedades clérigo-liberais enquanto apenas alguns exemplos encontrados em meio à toda vastíssima coletânea de heresias apresentada pelo anexo²⁰⁹. Dentre as heresias listadas, conforme muito bem apontado por Claricia Otto (2006) também constam a continuidade dos regimes de *padroado regalista* sem a devida autorização e supervisão pontifícia²¹⁰.

Esse vasto acúmulo de frustrações com a doutrina de *padroado regalista* manifestado por meio de encíclicas papais de Gregório XVI e Pio IX durante o decorrer de todo o século XIX preparou o terreno fértil com a base teológica necessária para que então assim se convocasse o Concílio Vaticano I (1869-1870) no qual pôde-se ser proclamado, por fim, o dogma da *Infalibilidade Papal*²¹¹. O Concílio Vaticano I, por sua vez, para além das encíclicas papais que acabamos de analisar, irá também retomar as bases teóricas lançadas pelo Concílio de Trento (1545-1563) com o objetivo de promover a centralização do poder hierárquico clerical, no qual o papado sob o dogma da infalibilidade papal passa a exercer poder absoluto sobre a ordem social de todos os países para além do Vaticano²¹². Ficando vedada dessa forma unicamente ao corpo clerical católico a autoridade para aprovar ou invalidar todos e quaisquer saberes filosóficos, políticos e científicos enquanto resposta ao avanço do racionalismo cientificista e dos nacionalismos surgidos durante o século XIX²¹³.

Seguindo então as novas determinações do Concílio a partir da década de 1870 o clero brasileiro passou a se dividir entre duas facções políticas distintas: os *ultramontanos* ou “jesuítas”²¹⁴ e os *reformistas* ou *regalistas* que de acordo com Michelle Britto (2021), desde o século XVIII procuravam por meio de reformas na administração eclesiástica da

²⁰⁸ SILVA, Ana Rosa Clocllet da & COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. **Estudos De Religião**, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021, p. 345-347.

²⁰⁹ PIO IX. **Quanta cura**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1864, p. 08-11.

²¹⁰ OTTO, Claricia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 32-33.

²¹¹ *Ibidem*, p. 31-33.

²¹² SILVA & COSTA, *op. cit.*, p. 338-342.

²¹³ *Ibidem*, p. 342-347.

²¹⁴ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo - Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 26.

coroa portuguesa adaptar as diretrizes tridentinas do Vaticano aos ideais nacionais monárquicos²¹⁵. A facção dos clérigos ultramontanos pretendia fazer valer as determinações papais ao operar a reforma litúrgica no catolicismo de raízes pré-tridentinas popularmente praticado em todo território brasileiro com base nos moldes europeus romanizados emitidos pelo Vaticano I²¹⁶, enquanto os sacerdotes reformistas, porém, procuravam adaptar as diretrizes ultramontanas de Pio IX aos ideais do *regalismo josefinista*, doutrina política de caráter *iluminista* adotada pelo governo imperial brasileiro na qual o papado teria somente autoridade moral sobre seus fiéis, tornando a Igreja totalmente dependente e submetida ao Estado, não podendo interferir liturgicamente nas manifestações religiosas da população e nem cientificamente nos conteúdos lecionados nas escolas e instituições de ensino²¹⁷. Essa mesma trama política derivada de conflitos clericais acabou dando início assim à *Questão Religiosa* (1872-1874), causando a prisão dos bispos de Belém e Olinda que adeptos do ultramontanismo passaram a fazer campanhas de exclusão eclesiástica contra diversas facções políticas favoráveis ao governo imperial que ainda permanecessem coligadas à *Maçonaria*²¹⁸.

Essa situação toda passou a ganhar novos contornos, porém, quando em 1884 o sucessor de Pio IX, o Papa Leão XIII lançou a encíclica *Humanum Genus* na qual a *Maçonaria* também passou a ser condenada enquanto heresia²¹⁹. De acordo com Leão XIII, tal qual como descrito por Agostinho de Hipona, a humanidade desde as mais remotas eras sempre foi dividida entre dois lados: aqueles que amam a verdadeira verdade e as virtudes que por isso se submetem ao *Reino de Deus* que é a própria Igreja Católica Apostólica Romana em toda sua extensão terrestre contra os demais seres humanos restantes, que por permanecerem fora dela tornam-se assim verdadeiros *Servos de Satanás* ainda na esfera terrena²²⁰. Dessa forma, passam a fazer parte do *Reinado de Satanás na Terra* todos aqueles que por qualquer ínfimo motivo simplesmente não apresentarem pensamentos ou ações completamente condizentes daqueles que se esperam de acordo com os valores de *verdade* e *virtude* pertinentes ao catolicismo institucional

²¹⁵ BRITTO, Michelle Carolina de. Episcopado, clero regular e regalismo na América portuguesa. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 42, nº 87, 2021, p. 368.

²¹⁶ SANTIROCCHI, *op. cit.*, p. 25-27.

²¹⁷ ARNS, Alice Bertoli. **Laguna**: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja. Curitiba: Imprimax, 1975, p. 64-65.

²¹⁸ SOUZA, Ney de. Catolicismo, sociedade e teologia no Brasil Império. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 46, jan./abr. 2013, p. 136-137; VIEIRA, David Gueiros. O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil no século dezenove. **Estudos Teológicos**, v. 27, n. 3, 1987, p. 211-215.

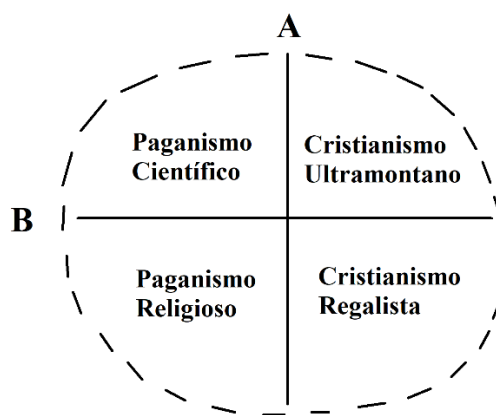
²¹⁹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 231.

²²⁰ LEÃO XIII. **Humanum Genus**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1884, p. 01-02.

pregado pelo papado²²¹.

A grande problemática global da humanidade a essa altura do século XIX para Leão XIII na verdade consistia no simples fato de todas as multidões que compõem o *Reinado de Satanás na Terra* estarem se organizando politicamente de forma unificada por meio de sociedades secretas comandadas pela *Maçonaria* ao redor de todo o globo terrestre objetivando sob os ideais do *liberalismo* associado ao *paganismo* destruir completamente o planeta a partir da destituição do catolicismo romano enquanto religião oficial dos estados-nações²²². Dessa forma o que vemos aqui é o inter cruzamento dos Diagramas A e B apresentados por Julio Baroja (1998)²²³ enquanto fator resultante das reformas ultramontanas deliberadas a partir das encíclicas *Mirari vos* (1832)²²⁴ de Gregório XVI (A) e *Qui Pluribus* (1846)²²⁵ de Pio IX (B) como resposta do papado aos avanços filosóficos, religiosos e científicos *liberais* equiparados pela *Humanum Genus* (1884)²²⁶ de Leão XIII ao *paganismo* e à *demonolatria* (sinônimos de *fraude nociva*)²²⁷ que dentro do catolicismo romano poderiam se manifestar por meio da influência de *seitas* organizadas infiltradas na governança *regalista* em detrimento ao sistema *ultramontano* considerado racionalmente superior, conforme podemos verificar no diagrama a seguir:

Figura 09 – *Mirari vos* de Gregório XVI (A), *Qui Pluribus* de Pio IX (B).



Fonte: Elaboração própria.

O lançamento da encíclica *Humanum Genus* (1884) se deu dentro de um contexto em que boa parte das autoridades políticas era majoritariamente adepta à Maçonaria, justamente nos países, como Brasil e Itália por exemplo, nos quais o Vaticano enfrentava

²²¹ LEÃO XIII. **Humanum Genus**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1884, p. 01.

²²² *Ibidem*, p. 02-03.

²²³ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 103-105; Ver Figura 07.

²²⁴ GREGÓRIO XVI. **Mirari vos**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1832, p. 06-07.

²²⁵ PIO IX. **Quanta cura**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1864, p. 04-05.

²²⁶ LEÃO XIII, *op. cit.*, 1884, p. 05-06.

²²⁷ BAROJA, *op. cit.*, p. 103-105; Ver Figura 07.

uma forte crise patrimonial causada pelas brechas doutrinárias que favoreciam a predominância da governança estatal dentro da doutrina *regalista*²²⁸. Todo esse embate político entre o papado e a Maçonaria acabou causando fortes impactos no cenário político imperial brasileiro, no qual muitos clérigos reformistas devido à sua intensa participação política nos poderes legislativos imperiais por serem adeptos aos ideais liberais monárquicos do *Josefinismo* passaram a ser associados à *Maçonaria*, cuja qual possuía grande influência entre as facções políticas do Império Brasileiro²²⁹.

Ao se instaurar a separação entre Igreja e Estado com a Proclamação da República em 1889, os bispos brasileiros desobrigados de qualquer subordinação estatal passaram a adquirir total liberdade com relação à administração de suas respectivas dioceses, podendo assim finalmente aplicar a tão sonhada reforma ultramontana do Concílio Vaticano I no país²³⁰. Para além dos bispos diocesanos, o clero regular também passou a desfrutar de inúmeros benefícios frutos dessa separação que poderiam finalmente permitir um avanço na aplicação das reformas ultramontanas: a dissolução da lei outorgada pelo governo imperial brasileiro em 1855 em que se proibia a vinda de novas ordens regulares estrangeiras pro Brasil e a admissão de novos noviços nos conventos e mosteiros não regularizados pela antiga legislação régia do país²³¹.

A divisão da nova ordem social religiosa global de crenças dividida em quatro quadrantes conforme preconizado pelas encíclicas ultramontanas²³², de acordo com Duglas Monteiro (1990)²³³, por se tratar de uma categorização organizacional generalizadora institucional imposta de cima pra baixo acaba por não levar em consideração as especificidades dos *regalismos* ibéricos em seu contexto colonial onde diversos elementos de trocas interculturais e sincretismos de caráter subversivo das populações dominadas sob a imposição de uma religião estatal vigente acabam por gerar toda uma cosmogonia de originalidade e características muito próprias, não representando

²²⁸ VIEIRA, David Gueiros. O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil no século dezenove. **Estudos Teológicos**, v. 27, n. 3, 1987, p. 200.

²²⁹ ARNS, Alice Bertoli. **Laguna**: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja. Curitiba: Imprimax, 1975, p. 64-65.

²³⁰ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo - Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 32-33; SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 46-51.

²³¹ WERNET, Augustin. Crise e definhamento das tradicionais ordens monásticas brasileiras durante o século XIX. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 42, 1997, p. 121-131.

²³² Ver Figura 09.

²³³ MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado**. In: FAUSTO, Boris (dir.) História geral da civilização brasileira. O Brasil Republicano – sociedade e instituições (1889-1930). 4ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 1990, p. 41-42.

de forma alguma a visão de religiosa das classes subalternizadas em sua plenitude. Ao levarmos em consideração esses apontamentos vemos que os conceitos de *ultramontanismo*, *regalismo*, *positivismo* e *republicanismo* são sistemas de governo e manifestações ideológicas governamentais totalmente distintos que podem conciliar-se ou afastar-se conforme os interesses diplomáticos estatais vigentes como é o caso do Padre Antônio Manno adepto do *regalismo napolitano* e da misteriosa “*seita*” de Nova Veneza de características pertinentes ao catolicismo popular local derivado das imposições coloniais do *regalismo brasileiro*, cuja presença nessa jurisdição eclesiástica é contemporânea desse sacerdote que analisaremos a seguir.

2.3. ET VERBUM CARO FACTUM EST: Criação e desenvolvimento dos novos Núcleos Coloniais enquanto modelo para a aplicação prática das Reformas Ultramontanas na Paróquia do Tubarão.

Essas mesmas modificações repentinas na organização religiosa e sociopolítica da população brasileira também puderam ser sentidas pelos habitantes da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão quando com a instauração do novo governo provisório de 1889, a Câmara de Vereadores que administrava o Município do Tubarão de forma totalmente dependente do Governo Provincial durante o regime monárquico até então, recebeu total autonomia para governar a cidade sob o título de Intendência Municipal²³⁴. Dessa forma os vereadores então empossados passaram a administrar de forma conjunta o município, mas agora no cargo de Intendentes e sob a liderança do Intendente João Cabral de Mello²³⁵. Com a promulgação da Constituição Estadual de 1891, João Cabral foi promovido ao cargo de Superintendente enquanto chefe do poder executivo municipal dentre os Intendentes, eleito por votação direta para administrar a antiga Intendência, agora denominada Conselho Municipal, permanecendo nessa mesma função até o ano de 1910²³⁶.

É durante esse período que a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão verá sua vida religiosa mudar de forma completamente repentina a partir de 1890 com a chegada do Padre Francisco Xavier Topp vindo da Diocese de Münster, sendo ele o grande responsável por operar as reformas ultramontanas do Concílio Vaticano I, bem

²³⁴ VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 89.

²³⁵ *Ibidem*, 1997, p. 89.

²³⁶ *Ibidem*, 1997, p. 89-90.

como a vinda de diversas ordens religiosas estrangeiras que rapidamente se espalharam por toda Santa Catarina²³⁷. Segundo José Artulino Bensen em *Histórias de Padres em Santa Catarina* (2015), Francisco Topp teria vindo para o Brasil comovido com o pedido do Padre Guilherme Roer em carta publicada em 1899 no jornal diocesano *Kirchliches Amtsblatt* da Diocese de Münster na Alemanha²³⁸. Estabelecido em Vargem do Cedro ao norte da Lagoa do Imaruí²³⁹, nessa carta, o Padre Guilherme Roer já com a saúde muito debilitada devido à sua avançada idade, pedia encarecidamente a vinda de novos padres alemães que pudessem lhe ajudar no atendimento religioso à comunidade teuto brasileira da Paróquia de Santa Teresa de Ávila, em cuja responsabilidade ficava a administração religiosa de toda a Colônia de Teresópolis e de seus demais núcleos coloniais dependentes²⁴⁰.

Ao chegar ao Brasil em 1890, o Padre Francisco Topp fixa residência em São Ludgero no Vale do Braço do Norte na extensão da Colônia de Teresópolis²⁴¹ que sai dos afluentes do Rio Capivari a oeste de São Martinho²⁴², assumindo então a Paróquia de Santa Teresa de Ávila no lugar do Padre Guilherme Roer que se retira para a Santa Casa de Porto Alegre, onde falece em 1891²⁴³. Temendo não conseguir dar conta sozinho da Paróquia de Teresópolis, Padre Francisco Topp por meio de carta ao Bispo de Münster consegue a vinda de mais dois seculares alemães pra lhe ajudar: os padres Antônio Eising e Francisco Auling²⁴⁴.

Em 13 de Maio de 1891 o Padre Francisco Topp assume a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão, substituindo o até então pároco Padre Cipriano Buonacore que voltava para a Itália²⁴⁵. Vendo a situação em que se encontrava a Paróquia de Tubarão que também passou a administrar toda a antiga região paroquial de Araranguá devido à escassez de sacerdotes, o Padre Topp decidiu utilizar-se de seus contatos com a

²³⁷ ARNS, Alice Bertoli. **Laguna**: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja. Curitiba: Imprimax, 1975, p. 64-70.

²³⁸ BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 162-163.

²³⁹ Ver: Figura 01; Nota 17.

²⁴⁰ BESEN, *op. cit.*, p. 162-163.

²⁴¹ Sobre a repressão das reformas ultramontanas contra os grandes bailões organizados pelos paroquianos da Colônia de Teresópolis ver: JOCHEN, Toni Vidal. **A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da igreja católica (1860 – 1910)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2002, p. 124-133.

²⁴² *Ibidem*, p. 60.

²⁴³ BESEN, *op. cit.*, p. 164-165.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 165.

²⁴⁵ *Ibidem*, p. 165.

Diocese de Münster para trazer os frades franciscanos da Saxônia que passaram a auxiliar os padres da Paróquia de Santa Teresa de Ávila, sendo Teresópolis o grande centro missionário deles²⁴⁶. Também é nesse período que em 1893 traz os padres Bernardino Freise e Carlo Schmess para auxiliar na administração religiosa da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão²⁴⁷. Em 1894 traz também as Irmãs da Congregação da Divina Providência direto da Diocese de Münster para ajudar nas escolas e hospitais de todo o Estado, inicialmente em 1894 para atender Tubarão e Blumenau e em 1898 expandindo-se para Florianópolis e Brusque, logo em seguida²⁴⁸.

É também durante esse período de mandato do Padre Francisco Xavier Topp sobre a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão que a Empresa Ângelo Fiorita e Companhia dirigida por Miguel Napoli funda os novos núcleos coloniais de Nova Veneza, Belluno, Treviso, Belvedere, Jordão e São Bento em 1891²⁴⁹. Esses novos núcleos coloniais foram fundados com base na Lei Glicério de 1890, onde se ajustavam as novas políticas de imigração e colonização às modificações legislativas geradas pelo advento do regime republicano²⁵⁰. Esses novos núcleos eram todos localizados ao sul da Colônia de Urussanga, sendo por isso considerados uma extensão colonial dependente dela²⁵¹. A Colônia de Urussanga por sua vez foi fundada junto dos núcleos coloniais de Azambuja, Quadro e Accioli de Vasconcelos (Pedras Grandes, Treze de Maio e Cocal do Sul atualmente), bem como Criciúma, todos localizados ao redor do Município do Tubarão²⁵² enquanto extensão do mesmo por meio das políticas públicas de concessão de terra para imigrantes a partir do contrato estabelecido entre o governo imperial e Caetano Pinto em 1874²⁵³. O cenário de transformações paisagísticas decorrente da implantação desses novos núcleos coloniais podemos observar através do quadro *Vida Nova* (1893) de Pedro Weingärtner, onde é retratada a região central da sede da Colônia de Nova Veneza durante seus primeiros anos de fundação:

Figura 10 – *Vida Nova*, 1893 (Nova Veneza).

²⁴⁶ BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 166.

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 167.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 167.

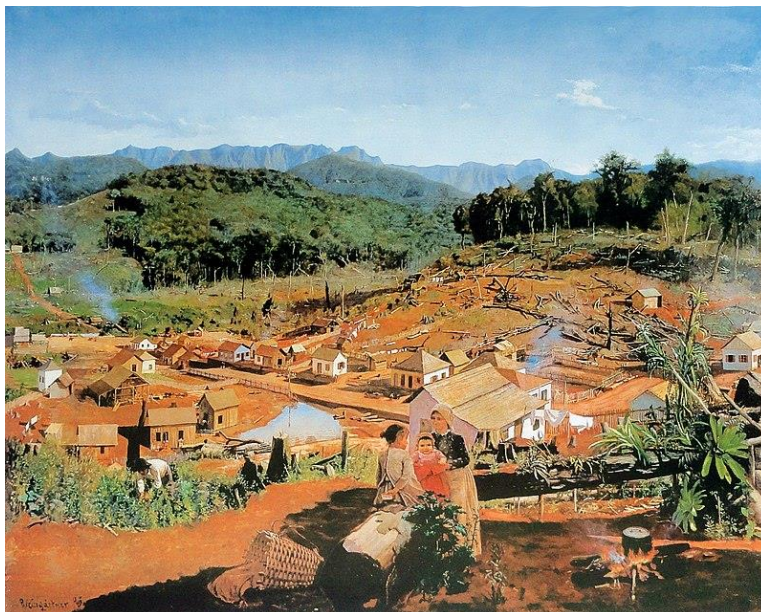
²⁴⁹ Ver: Figuras 01 e 04; OTTO, Claricia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 68.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 68.

²⁵¹ *Ibidem*, p. 68.

²⁵² A denominação oficial do município mais antiga já registrada foi Poço Grande (1833-1836), seguida de Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão (1836-1870), Município do Tubarão a partir de 1870. Ver: VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 64-65.

²⁵³ Ver: Figuras 01 e 04; OTTO, *op. cit.*, p. 68-69.



Fonte: TARASANTCHI, 2009, p. 119.

Um detalhe muito interessante desse quadro é o fato de estar presente na cena em meio às Três Senhoras²⁵⁴ moradoras de Nova Veneza um cesto de palha ao mesmo estilo dos cestos de taquara confeccionados no formato de uma aranha e que, de acordo com Marina Spindola (2018)²⁵⁵ e Milene Félix (2016)²⁵⁶, são tradicionalmente utilizados pelas mulheres da comunidade xokleng-laklãnõ em seus afazeres domésticos e no transporte agrícola. Guarde bem essa informação, pois ela será bem importante no decorrer desse trabalho.

Figura 11 – Mulheres Xokleng em atividades domésticas.



²⁵⁴ Muito provavelmente imigrantes italianos conforme a análise de Ruth Tarasantchi. Ver: Cf. TARASANTCHI, Ruth Sprung... [et al.]. **Pedro Weingärtner (1853-1929): Um artista entre o Velho e o Novo Mundo**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2009, p. 118-120.

²⁵⁵ SPINDOLA, Marina Paiano. **As representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores da região sul de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2018, p. 22.

²⁵⁶ SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklãnõ/Xokleng: no "tempo do mato"**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 19-20; *Ibidem*, p. 39-40.

Fonte: SPINDOLA, 2018, p. 22.

A assistência religiosa aos núcleos coloniais fundados a partir da década de 1870 passou a ser, dessa forma, administrada pela Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão²⁵⁷. Essa situação toda vai mudar quando por ocasião da fundação dos novos núcleos coloniais de 1891, quando Miguel Nápoli, diretor da Empresa Angêlo Fiorita e Companhia, visando atrair a atenção dos imigrantes católicos para vir morar nas colônias empreendidas por ele, promete à população trazer um padre próprio direto da Itália para atendimento exclusivo das terras de sua companhia²⁵⁸. A mesma situação se deu nesse mesmo ano com os habitantes da Colônia de Urussanga a quem o Padre Francisco Xavier Topp também prometeu a vinda de um padre que também falasse italiano, deixando provisoriamente aos seus serviços o Padre Bernardino Freise enquanto o novo padre prometido não vinha²⁵⁹.

A única condição imposta por Miguel Napoli e pelo Padre Topp para o cumprimento dessa promessa era a de que os habitantes de Urussanga e Nova Veneza iniciassem o mais rápido possível a construção de uma nova *Casa Paroquial*²⁶⁰. A situação dessa dívida ficará inerte até o ano de 1895, quando o então bispo da Diocese de Curitiba, Dom José Camargo Barros, por ocasião de sua visita pastoral e entusiasmado com a administração do Padre Francisco Topp diante da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão decide unir esforços junto com ele para trazer padres seculares missionários da Diocese de Turim no norte da Itália, para que assim se cumprisse a tão aguardada promessa, conforme nos mostra Agenor Marques Neves em *Imigração Italiana* (1978)²⁶¹.

Vendo potencial nas diversas parcerias estabelecidas pelo Padre Francisco Topp com o clero estrangeiro, como a vinda dos Franciscanos da Saxônia e das Irmãzinhas da Divina Providência por exemplo, é que Dom Camargo decide nomeá-lo ser o Vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro na Capital²⁶². A nomeação do Padre Francisco Xavier Topp para esse cargo visava atrair cada vez mais membros do clero estrangeiro e a vinda de novas ordens religiosas regulares não somente para suprir a alta demanda de

²⁵⁷ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 69.

²⁵⁸ *Ibidem*, p. 70.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 69.

²⁶⁰ *Ibidem*, p. 69-70.

²⁶¹ MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana**: Centenário de Urussanga. Criciúma: s.n., 1978, p. 123-124.

²⁶² BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 169.

vocações religiosas da Diocese, mas também, para que dessa forma se impusesse definitivamente a centralização clerical hierárquica preconizada pelas reformas ultramontanas do Concílio Vaticano I por toda Santa Catarina²⁶³

Vendo-se em desvantagem na corrida clerical pelo sonho do padre italiano próprio, Miguel Napoli trata logo de resolver essa questão o mais rápido possível, trazendo da região de Palermo no sul da Itália em 1896, seu amigo íntimo de longas datas: o misterioso Padre Antônio Manno²⁶⁴. O grande problema é que o Padre Antônio Manno era do sul da Itália, região que de acordo com Valeriano Altoé (1990) era internacionalmente conhecida pelos estereótipos negativos associados ao seu clero²⁶⁵. O motivo da visão pessimista com relação aos padres dessa região se deve ao fato de boa parte do clero do sul da Itália não ser condizente com os ideais ultramontanos de sacerdócio, no qual sua figura enquanto sacerdote deixa de ser apenas a de administrador dos ofícios religiosos na esfera pública para ser o agente responsável pelo controle da conduta moral de seus fiéis também em âmbito privado²⁶⁶.

Sendo assim o clero italiano do final do século XIX, conforme apontado por Valeriano Altoé (1990), se dividia em dois lados extremamente opostos: os padres do norte adeptos aos ideais ultramontanos do Concílio Vaticano I, por isso considerados *bons* e os padres do sul, também chamados de *napolitanos*, que eram considerados *maus* por serem apegados ao estilo de vida religiosa anterior às reformas conciliares²⁶⁷. Os padres napolitanos que eram então mais alinhados ao modelo de sacerdote liberal do antigo sistema regalista, muito parecido com o do clero reformista no Brasil, eram por isso considerados mais propensos a viverem amasiados, terem envolvimento com brigas e problemas com alcoolismo²⁶⁸. Devido à sua aproximação com os ideais liberais manifestados pelo clero reformista brasileiro, na visão de seus contemporâneos o Padre Antônio Manno estava muito mais propenso à Maçonaria do que ao exercício do sacerdócio em si, de acordo com relatos coletados por Clarícia Otto em entrevista aos moradores da região²⁶⁹.

²⁶³ BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 169-170.

²⁶⁴ MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana: Centenário de Urussanga**. Criciúma: s.n., 1978, p. 155.

²⁶⁵ ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos, “nuvem de gafanhotos”? In: Boni, Luís Alberto de (Org.) **A Presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Edições Est, 1990, p. 437.

²⁶⁶ *Ibidem*, p. 437-438.

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 437.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 437.

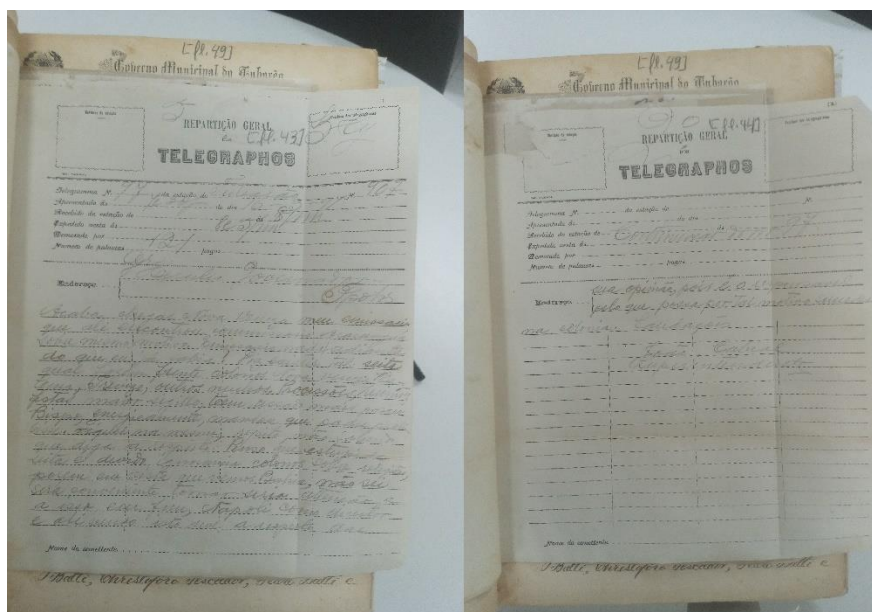
²⁶⁹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 70.

A chegada do Padre Antônio Manno em Nova Veneza, por sua vez, foi acompanhada da saída do Padre Francisco Topp da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão para tomada de posse do cargo de Vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro na Capital do Estado no ano de 1896²⁷⁰. É dentro desse contexto que em 16 de março de 1897, na Véspera de São Patrício, é enviado pelo Superintendente de Tubarão João Cabral de Mello ao Governador Hercílio Luz o desesperado telegrama a seguir:

Acaba chegar Nova Veneza meu emissario que ali encontrou commissario Araranguá sobre mesmo motivo. Emissario nada adianta do que eu já sabia! Diz existir tal seita qual fazem frente colonos Nova Veneza, Beluno, Trevizo, entre outros núcleos. Procissões, reuniões, festas maior sigillo, teem cessado mais porque Bispo, energicamente, mandou que padre prohibisse. Fiquei na mesma, repito, não sabendo que diga a respeito. Penso que estúpida seita é devido ignorancia colonos sobre religião, porem em vista que vemos Bahia, não sei será conveniente tomar seria attenção a a isso em fim, Napoli como diretor e ali vendo isto deve a respeito dar sua opinião, pois é o responsável pelo que possa por tal motivo succeder na colonia. Saudações.

João Cabral
Superintendente²⁷¹.

Figura 12 – Telegrama de João Cabral para Hercílio Luz no dia 16/03/1897.



Fonte: APESC, 2024, f. 43-44.

De acordo com um antigo morador de Nova Veneza contemporâneo a esses fatos, cujas memórias são citadas por Newton Bortolotto em entrevista exclusiva à historiadora Clarícia Otto (2006): “O pessoal era ‘muito unido e se reuniam em um lugar fechado,

²⁷⁰ BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 169.

²⁷¹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo, 1897**. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

numa sede provisória, uma tal de maçonaria’.”. Os motivos que levaram ao desesperado pedido de reforços militares ao Governo Estadual na Capital podemos conferir através do desfecho dessa trama que nos é apresentado por Riolando Azzi (1988) como um dos casos mais emblemáticos e curiosos de repressão religiosa por meio do uso da força policial contra a devoção ao Ciclo de Festas do Divino por meio desse trecho da carta do padre scalabriniano²⁷² Pedro Maldotti que transcrevemos a seguir:

A organização religiosa da vida católica nos primeiros tempos da imigração levou por vezes alguns leigos a formas consideradas extremadas pelas autoridades eclesiásticas, como os chamados “padres-leigos” do Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, por seu turno, o escalabriniano Pedro Maldotti registrava em fins do século passado o seguinte episódio bastante inusitado:

“Contava-me Monsenhor Topp que em Nova Veneza uma centena de homens italianos se reuniam todas as noites num oratório misterioso, onde se vestiam de vermelho escarlata, não permitindo que nenhum estranho entrasse. Diziam-se irmãos do Espírito Santo, com o qual se afirmavam em comunhão direta, e não queriam ouvir falar de sacerdotes católicos, de missa, confissão, etc. Pela vizinhança e por uma vasta região sussurravam-se mil coisas estranhas e extravagantes a respeito deles. Regularmente eles deixavam cheios de mistério o oratório na segunda-feira de manhã, e não saberia em quais outros dias da semana. Numa noite o chefe de polícia, informado por Monsenhor Topp, após viva resistência, arrombou a porta do oratório e encontrou uma centena de homens, numa total escuridão, não porém armados. Interrogou-os e ninguém respondeu nada. Tendo perdido a paciência, ele os fez sair um a um, presenteando-os com uma ou duas coronhadas por parte dos soldados, e arrasou o edifício. Não se falou mais nisso. Que queria, que fazia aquela gente?”.

E o sacerdote concluiu:

“Na falta de religião ou de quem a ensine a praticar, penetra facilmente a superstição e a impiedade. Onde não se adora a Deus é bem fácil que se adore o diabo, tendo um homem necessidade de crer em qualquer coisa, fosse mesmo um absurdo”.²⁷³.

De acordo com Márcia Alves em *Entre a folia e a sacristia* (1999), a devoção ao Ciclo de Festas do Divino devido às suas características de folguedo popular foi uma das manifestações religiosas mais atingidas tanto pelas reformas ultramontanas em território catarinense entre o final do século XIX, como pelas políticas públicas de higienismo do início do século XX²⁷⁴. Segundo Clarícia Otto (2006): “tais práticas eram vistas como

²⁷² Isso é, membro da Congregação dos Missionários de São Carlos fundada por Monsenhor João Batista Scalabrini em 1887, cujos religiosos congregados são chamados de *scalabrinianos* ou *carlistas*. Ver: Cf. AMBROZIO, Cláudio. João Batista Scalabrini e sua atuação junto aos migrantes. **TRAVESSIA - revista do migrante**, São Paulo, v. 11, n. 30, 1998, p. 42; OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 72-74; *ibidem*, p. 233.

²⁷³ AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 64-65.

²⁷⁴ ALVES, Márcia. **Entre a folia e a sacristia: as (re) significações e intervenções da elite clerical e civil na festa do divino em Florianópolis (1896-1925)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1999, p. 105-110.

conspirações contra a hierarquia católica onde o monopólio da verdade católica é posto em xeque”, o que acontece, porém, é que conforme vemos no telegrama enviado por João Cabral o que estava em xeque não era somente o monopólio da verdade católica, mas a legitimidade do regime republicano ao mencionar indiretamente a Guerra de Canudos (1896-1897) como aquilo que “*vemos [na] Bahia*”²⁷⁵.

A associação feita por João Cabral entre a “*seita misteriosa de Nova Veneza*” e a Guerra de Canudos (1896-1897) muito provavelmente se deve às características monárquicas da simbologia do Cortejo Imperial que compõe a Festa e que em muito se assemelha ao *Sebastianismo* o qual comumente as elites da época associavam ao movimento comandado por Antônio Conselheiro²⁷⁶. As semelhanças entre o *Sebastianismo*²⁷⁷ e a simbologia do Cortejo Imperial podemos encontrar na doutrina de Joaquim de Fiore acerca do Divino Espírito Santo formulada ainda no XII, e que segundo João Lupi (2000) e Manuel Gandra (2000), acabou dando origem à primeira Festa do Divino que se tem registro, ocorrida no Mosteiro de Alenquer e de cuja primeira Irmandade ele também teria feito parte²⁷⁸.

De acordo com tal doutrina, segundo Manuel Gandra (2000)²⁷⁹, obedecendo à ordem una e trina da Santíssima Trindade, a história da humanidade é dividida entre três períodos que coexistem entre si: 1. A Era do Pai: a época do Antigo Testamento ou do tempo que já se foi; 2. A Era do Filho: a época do Evangelho de Cristo ou o tempo de agora e 3. A Era do Espírito Santo: A plenitude da Graça Divina (a essência criadora) sobre todos os tempos ou o tempo que ainda está por vir. Cada um desses tempos, segundo João Lupi (2000)²⁸⁰ seria regido cada qual por uma das três diferentes classes sociais que compõem a sociedade cristã: os casados, os sacerdotes e os leigos²⁸¹.

²⁷⁵ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo, 1897**. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

²⁷⁶ PONTES, João Batista Arruda. **Canudos: messianismo e conflito social**. (Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural), Curso de Mestrado em Sociologia Rural, Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1992, p. 187-190.

²⁷⁷ *Ibidem*, p. 187-190; GANDRA, Manuel. O Império do Divino. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 34; Cf. LUPI, João. A doutrina de Joaquim de Fiore sobre o Espírito Santo. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 34-36.

²⁷⁸ GANDRA, *op. cit.*, p. 60-61.

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 34.

²⁸⁰ LUPI, *op. cit.*, p. 60-61.

²⁸¹ Dentro do contexto espaço-temporal em que Joaquim de Fiore se insere *leigo* é todo aquele que não recebeu o sacramento da Ordem e nem o do Matrimônio, logo sinônimo de monge. Sobre isso ver: Cf. *Ibidem*, p. 61.

Na Era do Pai, regida pelos casados, a humanidade condenada pelo pecado original à danação eterna teria vivido de acordo com os desejos da carne, oferecendo oblações de sacrifício de acordo com a Lei Mosaica para tentar aplacar a ira de Javé sobre o restante de seus dias terrenos. Na Era do Filho, os casados guiados pelo Evangelho de Cristo se submeteriam aos sacerdotes almejando alcançar a Salvação Eterna²⁸². Na Era do Espírito, porém, seria aquilo que é chamado de *A Plenitude dos Tempos*, onde o Espírito Santo transbordaria com todos os dons de sua Graça Divina o coração de cada um dos seres humanos sobre a Terra, tornando-os naturalmente sapientes de todos os mistérios contidos na Lei Divina tanto do Antigo, como do Novo Testamento²⁸³. Tal mistério acerca da *Plenitude dos Tempos* seria revelada por primeiro aos leigos, ou seja, aqueles que não receberam nem o sacramento da Ordem ou do Matrimônio, abolindo assim totalmente a necessidade de quaisquer formas de leis, governos, instituições e hierarquias com base nas práticas do bem na sua mais plena completude proporcionada pelo transbordamento da Graça Divina sobre tudo aquilo que já foi criado, dando origem assim ao *Império do Povo*²⁸⁴.

Na junção dessa doutrina com o imaginário da legendária criação da Festa do Divino enquanto fruto de uma promessa de Isabel da Hungria à Pombinha do Divino formado ao longo dos séculos é que se acabou dando origem ao Cortejo Imperial no qual se encena a Terceira Idade do Mundo e que compõe a simbologia do Ciclo do Divino até os dias de hoje²⁸⁵. Quanto ao mistério da *Plenitude dos Tempos* apresentada por Joaquim de Fiore no qual se abolirão todas as leis, governos, instituições e qualquer outra forma de hierarquia a partir da revelação da Graça Divina ao laicato podemos ver presentes no trecho da carta do Padre Pedro Maldotti no qual os Irmãos do Espírito Santo reclamam para si a autonomia sobre o recebimento e distribuição dos sacramentos, bem como o contato direto com o próprio Divino²⁸⁶.

Esse mesmo aspecto acerca da *Plenitude dos Tempos*, de acordo com Manuel Gandra (2000), também teria sido utilizado como base e pano de fundo para a criação de

²⁸² LUPÍ, João. A doutrina de Joaquim de Fiore sobre o Espírito Santo. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 65-66.

²⁸³ *Ibidem*, p. 65

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 68-69.

²⁸⁵ GANDRA, Manuel. O Império do Divino. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 34-35.

²⁸⁶ AZZI, Rioldo. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 64-65.

todo o escopo legendário do *sebastianismo* a partir do século XVI²⁸⁷. De acordo com tal crença acreditava-se que o infante desaparecido Dom Sebastião voltaria de forma messiânica para restaurar a Monarquia Portuguesa, dando início assim a uma nova era muito semelhante àquela apresentada por Joaquim de Fiore como sendo a *Plenitude dos Tempos*²⁸⁸.

Um outro aspecto muito importante apresentado pela carta do Padre Pedro Maldotti é o uso do vermelho escarlate²⁸⁹. O predomínio dessa cor durante as festividades do Ciclo do Divino representa o vermelho vivo das chamas do Paráclito que desceram sobre a Virgem Maria e os Doze Discípulos em Jerusalém e cuja memória e presentificação é justamente o objeto principal de culto da Solenidade de Pentecostes²⁹⁰. É interessante notar também que ao apresentar suas conclusões acerca desse episódio, o Padre Pedro Maldotti em sua carta relega as práticas religiosas manifestadas de forma autônoma pelos leigos sem a intervenção clerical ao campo da impiedade e da superstição enquanto sinônimos de *Culto e Adoração ao Diabo*²⁹¹.

De acordo com Clarícia Otto (2006), para Neuton Bortolotto havia contemporaneamente a essa “*seita*” dois tipos de pessoas em Nova Veneza: “os que defendiam o padre e os que tinham uma *religião diferente*²⁹²”, sendo esses últimos de posicionamento totalmente neutro com relação à Igreja²⁹³. É diante dessa proposição que nos perguntamos: afinal de contas, aqueles que defendiam o padre, defendiam qual tipo de padre? Os “ultramontanos” contrários à autonomia do laicato para a realização do Ciclo de Festas do Divino, ou os “reformistas” e “napolitanos” que se demonstravam a favor? É dentro desse dilema que se encontrará Miguel Napoli durante o desfecho do caso do Padre Antônio Manno que subsequente a todos esses fatos podemos conferir através dos depoimentos coletados pelo Monsenhor Agenor Neves Marques que transcrevemos a seguir:

²⁸⁷ GANDRA, Manuel. O Império do Divino. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 35-36.

²⁸⁸ PONTES, João Batista Arruda. **Canudos: messianismo e conflito social**. (Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural), Curso de Mestrado em Sociologia Rural, Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1992, p. 37.

²⁸⁹ AZZI, Rioldando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 64-65.

²⁹⁰ GANDRA, *op. cit.*, p. 33.

²⁹¹ AZZI, *op. cit.*, p. 65.

²⁹² OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 233.

²⁹³ *Ibidem*, p. 233.

Dos muitos depoimentos colhidos em paciente pesquisa sobre o P. Mano ressalta unânime: “era amigo e companheiro de caçadas de Miguel Nápoli... Valente, aventureiro, audacioso... Ninguém atirava melhor que ele... nenhuma fera escapava de sua mira segura e certa... Comprava todas as brigas, mas sempre em favor dos mais pobres e fracos... Seu cavalo andava sempre escumando, bem tratado e veloz...

Depoimento escrito do velhinho Pagani conta em 10 páginas uma dessas intervenções, que assim se resume: A família de Vitório Paningutti que viera de S. Paulo para Treviso, não conseguindo progredir em terreno estéril, acertara pagar suas dívidas mais adiante e viajava para apanhar o trem em Lauro Müller. Seus credores contrataram uma patrulha de cinco homens para forçá-los a voltar. Ao trazê-los para a sede encontraram na estrada escura um vulto a cavalo. O diálogo foi rápido.

— Quem sois, cavaleiro?

— Eu sou o Padre Mano, seus covardes!

Um tiro na escuridão e meia dúzia de relhaços foi o bastante. A patrulha voltou, e a família prosseguiu seu destino sob a guarda do Zorro embatinado.

Episódios semelhantes, que ainda hoje se contam junto à lareira, podem carecer de uma prova material, mas se reforçam na boca de velhos depoentes, que não admitem contestação.

— Velhinho, posso publicar sem medo essa história do revolver do Canela?

— Seu vigário, se era canela ou peroba eu não quero saber, mas que o Padre Mano tinha o corpo fechado, isto eu garanto. O tambor do revólver deu a volta toda e o gatilho funcionou e as balas falharam e o cara jogou a arma fora e o padre saiu andando. E no outro dia o homem foi buscar o revólver e bateu no gatilho e ficou abobado, quando os tiros saíram para o ar.²⁹⁴

De acordo com Claudino Biff (1997)²⁹⁵, os grandes credores da família Paningutti eram ninguém mais, ninguém menos que o próprio Miguel Nápoli e sua Empresa Ângelo Fiorita e Companhia de Imigração, que conforme amostrado no telegrama de João Cabral²⁹⁶, eram os grandes responsáveis por responder sobre absolutamente tudo o que acontecesse dentro dos núcleos coloniais instaurados pela empresa. E foi assim, por meio desse episódio que a amizade entre Miguel Napoli e o Padre Manno teve um fim, transformando ambos a partir daí em dois grandes arqui-inimigos²⁹⁷.

Após esse episódio, reza a lenda, o Padre Antônio Manno teria desaparecido sem deixar quaisquer vestígios de rastro da sua existência²⁹⁸. De acordo com alguns boatos de moradores locais, Padre Manno ainda teria morado algum tempo com Padre Giacca antes de ter desaparecido por completo²⁹⁹. De acordo com Clarícia Otto (2006)³⁰⁰, o Padre Antônio Manno teria sido transferido enquanto vigário responsável pelas paróquias de

²⁹⁴ MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana**: Centenário de Urussanga. Criciúma: s.n., 1978, p. 155.

²⁹⁵ BIFF Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 174.

²⁹⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo**, 1897. Florianópolis: APESC, 2024, f. 44.

²⁹⁷ BIFF, *op. cit.*, p. 174-175.

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 174-175.

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 175.

³⁰⁰ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 71.

Imaruí e Laguna entre os anos de 1902 a 1903, não havendo mais qualquer outro registro de seu paradeiro depois disso³⁰¹. Seu nome, porém, não consta em nenhuma das duas extensas listas de Vigários da Paróquia de Santo Antônio dos Anjos da Laguna apresentadas por Alice Arns (1975)³⁰². Ele, porém, aparece na lista de Vigários da Paróquia de São João Batista do Imaruí sob o codinome de *Paulo Manna*, tomando posse da administração paroquial no dia 31 de outubro de 1902, Véspera de Todos os Santos e finalmente entregando o seu cargo a 05 de janeiro de 1903, Véspera do Dia de Reis³⁰³.

Na edição de estreia do jornal *Il Colono*, após uma longa manchete de capa laudatória à vida e obra de Monsenhor Scalabrini³⁰⁴, é publicada uma carta vinda de Laguna em que se acusava três distintos moradores do Município de Urussanga de estarem distribuindo notas de dinheiro falsas na Festa do Divino de Tubarão ocorrida em 1904³⁰⁵. É com base nessa grande confusão que abordaremos como através das investigações de cunho missionário operadas pelo Padre Luigi Marzano sobre a tão misteriosa “*seita*” se desenvolveram políticas públicas de combate à *bruxaria* e *fetiçaria* enquanto ferramenta de imposição, construção e manutenção da *italianidade* sobre os imigrantes tutelados pelo Consulado Italiano a partir da chegada desse clérigo à Colônia de Urussanga em 1899³⁰⁶. Mas antes disso é necessário que façamos uma contextualização acerca da emancipação municipal (1900)³⁰⁷ e paroquial (1902)³⁰⁸ de Urussanga a partir do capítulo a seguir com base no livro *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* (1903), escrito enquanto relatório de missão pelo Padre Luigi Marzano durante esse período³⁰⁹.

³⁰¹ BIFF Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 174-175.

³⁰² ARNS, Alice Bertoli. **Laguna: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja**. Curitiba: Imprimax, 1975, p. 81-85.

³⁰³ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos**. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 62.

³⁰⁴ IL COLONO. “**Monsignor Scalabrini**”. Anno I, n. 1, Urussanga, 21 out. 1904. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2024, p. 01-02.

³⁰⁵ IL COLONO. **Laguna, 19 de Outubro de 1904**. Anno I, n. 1, Urussanga, 21 out. 1904. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2024, p. 03.

³⁰⁶ MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana: Centenário de Urussanga**. Criciúma: s.n., 1978, p. 124

³⁰⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 168-170.

³⁰⁸ *Ibidem*, p. 174-177.

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 15.

3. A SENHORA DA CONCEIÇÃO: A Política de ‘Pão e Queijo’ da Paróquia de Urussanga

Engana-se, porém, quem pensou que a concorrência pela obtenção de um padre italiano teria sido apenas uma estratégia para aumentar os lucros da Empresa Angêlo Fiorita e Companhia de Imigração³¹⁰ ou para melhor aplicar as reformas ultramontanas de acordo com os novos ideais republicanos tão somente³¹¹. Havia na verdade uma disputa de poder oligárquico muito maior por trás disso tudo em que toda essa região da Colônia de Urussanga junto de seus demais núcleos coloniais adjacentes por ocasião da Proclamação da República, passou a ser ferozmente disputada entre a família do Coronel Collaço, sogro de João Cabral³¹² e as famílias políticas dos coronéis Porphírio Lopes de Aguiar, João Fernandes de Souza, Apolinário João Pereira e José Vieira Maciel que mantinham o monopólio político sobre Araranguá, cidade que assim como Tubarão, também fora fundada enquanto importante ponto de passagem para as caravanas de comerciantes tropeiros³¹³.

Dessa forma seguindo a logística quadrienal de sequências da Festa do Divino de Tubarão: 1907, 1904, 1901, 1898... A realização de uma festa do Divino fora de época e com a frequência que se apresentava nos núcleos da *Empresa Angêlo Fiorita e Companhia* só poderiam significar uma coisa: os imigrantes ao sul de Tubarão estavam sob a influência de Araranguá, fato desmentido pelo subcomissário de lá que inclusive também estava investigando o caso³¹⁴. Voltamos então à pergunta inicial do Padre Pedro Maldotti: “Afim, o que queria aquela gente?”³¹⁵. A resposta é: “Pão e Queijo”³¹⁶.

Em 1890, descontentes com o baixo reinvestimento da administração municipal frente à arrecadação de impostos dos núcleos coloniais e aproveitando-se das políticas públicas de incentivo à obtenção do título de eleitor impulsionadas pelo novo regime

³¹⁰ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 68-69.

³¹¹ BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 164-167; MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana: Centenário de Urussanga**. Criciúma: s.n., 1978, p. 123-124.

³¹² Acerca dos domínios do Coronel Collaço e do Coronel Cabral sobre o Município do Tubarão ver: VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão: das origens ao século XX**. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 83-113.

³¹³ SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 29.

³¹⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo, 1897**. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

³¹⁵ AZZI, Rioldo. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 65.

³¹⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 127.

republicano, um grande contingente de italianos residentes daquela região resolveu requisitar seus títulos ao Município de Tubarão e dos quais somente 18 foram concedidos³¹⁷. Insatisfeitos com a recusa, todos aqueles que moravam à margem direito do Rio Urussanga decidiram requisitar novamente seus títulos, só que dessa vez ao Município de Araranguá, o qual concedeu 130, totalizando assim 148 eleitores daquela localidade e acabando por gerar uma enorme crise diplomática relacionada à territorialidade desses dois municípios³¹⁸.

Para resolver essa questão reuniram-se em conselho todos os intendentess de Tubarão e Araranguá junto aos seus respectivos párocos, onde por meio de votação declararam Urussanga Distrito de Paz pertencente ao Município do Tubarão³¹⁹. Dessa forma foi também eleito por votação Giovanni Damiani como Juiz de Paz e Cristóforo Pescador, Alfredo Pezzi e João Mathia (brasileiro) como suplentes³²⁰.

Quem também saiu ganhando nesse acordo foi a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão quando o Padre Júlio Carlos de Oliveira se retira do cargo de pároco e entrega a administração paroquial ao Padre Cipriano Buonacore, que assim como Antônio Manno também era napolitano³²¹. Dessa forma a Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá³²² junto das paróquias de São João Batista do Imaruí, São Pedro do Armazém e São José de Criciúma também passou a ser parte integrante e administrada religiosamente pela de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão³²³.

O monopólio de todo esse império paroquial forjado pelo Padre Cipriano Buonacore teria sido então entregue por suas próprias mãos ao Padre Francisco Xavier Topp em 1891³²⁴. A implantação dos novos núcleos coloniais da Empresa Angêlo Fiorita

³¹⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 92.

³¹⁸ *Ibidem*, p. 92.

³¹⁹ *Ibidem*, p. 93.

³²⁰ *Ibidem*, p. 93.

³²¹ BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 165.

³²² Acerca dos poderes sobrenaturais envolvendo questões de gênero atribuídas à imagem miraculosa de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá sobre o controle das grandes enchentes que periodicamente assolam os domínios jurisdicionais de sua territorialidade paroquial ver: *Cf.* FIGUEIREDO, Gabriela Freitas. **Festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens**: Patrimônio Imaterial de Araranguá. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016, p. 40-41.

³²³ Sobre a extensão dos domínios da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão nesse período ver: *Cf.* BENSEN, *op. cit.*, p. 165; *Cf.* MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 92; *ibidem*, p. 102-104; *ibidem*, p. 107; *Cf.* OTTO, Clárcia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 69-71.

³²⁴ BENSEN, *op. cit.*, p. 165; MARZANO, *op. cit.*, p. 102.

e Companhia em 1891, seguida da ereção dos curatos de Nossa Senhora da Conceição de Urussanga em 1895, (administrada por um padre alemão ultramontano ao norte), e São Marcos de Nova Veneza em 1896, (administrada por um padre “napolitano” ao sul)³²⁵, teria feito então com que João Cabral de Melo temesse seriamente pela perda do monopólio do Município do Tubarão sobre essa região devido às divergências de administração pastoral entre os dois vigários³²⁶. O medo da família Collaço de perder o controle do monopólio político nessa região, por sua vez, fez reascender uma nova trama política no horizonte: a emancipação municipal de Urussanga, fato que só foi se concretizar em outubro de 1900³²⁷.

Por ocasião de sua emancipação municipal foram eleitos por meio de votação direta os candidatos ao cargo de intendente para a criação de um Conselho Municipal formado exclusivamente por italianos³²⁸, sendo o título de Superintendente, ou seja, chefe do poder executivo do Município, concedido ao candidato mais votado gerando assim uma feroz disputa entre Jacinto De Brida e Bez Batti por esse posto³²⁹. Dessa forma foram então eleitos Lucas Bez Batti, Antonio Cechinel, Giovanni Pescatori e Antonio Baricchelo, sendo Jacinto De Brida o candidato mais votado, motivo pelo qual lhe foi concedido o título de Superintendente Municipal, tendo o apoio do Padre Luigi Marzano papel decisivo para sua vitória nessas eleições³³⁰.

Desse modo formaram-se duas facções políticas: a de Jacinto De Brida apoiado pelo Padre Luigi Marzano e a de Bez Batti com o apoio de Caruso MacDonald, fundador do jornal periódico *Lá Patria* e único porta-voz da imprensa autorizado pelo Município³³¹. Conforme apontado por Clarícia Otto (2006)³³² e Breno Anastácio Pereira (2017)³³³ respectivamente, o caráter simbólico de como se deu o processo de emancipação municipal de Urussanga para a criação de uma instituição estatal administrada

³²⁵ OTTO, *op. cit.*, p. 69-70.

³²⁶ MARZANO, *op. cit.*, p. 92.

³²⁷ *Ibidem*, p. 91-93; *Ibidem*, p. 169.

³²⁸ *Ibidem*, p. 169.

³²⁹ SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 24.

³³⁰ SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 24-27.

³³¹ Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 196-199; PEREIRA, Breno Anastácio. **Luigi Marzano: relações políticas e discursos de italianidades**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2017, p. 16.

³³² OTTO, *op. cit.*, p. 196-197.

³³³ PEREIRA, *op. cit.*, p. 16-17.

exclusivamente por italianos no Brasil podemos verificar através do seguinte discurso triunfal publicado por Caruso MacDonald na edição de nº 7 do jornal *La Patria*, datada de 07 de julho de 1901:

O município de Urussanga vive e viverá de vida verdadeira e gloriosa, porque nasceu forte, porque a sua emancipação deve-se a luta firme e constante de muitos anos e porque no seu seio guarda energias inexauríveis que o sol da ciência fará germinar. Ele, por isso compara-se à tenra plantinha, cujo desenvolvimento por muito tempo foi sufocado pelas ervas malignas: agora que as ervas foram extirpadas e que a luz o inunda com seus benéficos raios e o ar com sopro vivificante, desenvolver-se-á rapidamente e a sua estirpe vigorosa resistirá aos danos do tempo e às vicissitudes atmosféricas. E avante!³³⁴

Mas afinal de contas, o que seriam essas “*ervas malignas*” mencionadas por Caruso MacDonald? De acordo com Breno Anastácio Pereira (2017)³³⁵ essas “*ervas malignas*” seriam a influência política, social e econômica brasileira na região exercida por Tubarão. De acordo com o Padre Luigi Marzano o Município do Tubarão teria feito de tudo para impedir a formação de um corpo eleitoral por parte dos italianos e cujo impedimento era atribuído por muitos a “uma certa simpatia nacional” ou “vingança” relacionadas ao Município de Araranguá³³⁶, ou pior ainda: “um vão temor de que os estrangeiros chegassem um dia à supremacia”³³⁷. É interessante salientar aqui que essa mesma argumentação também é utilizada pelo Padre Luigi Marzano para defender a formação desse corpo eleitoral exclusivamente italiano como forma de conter o “*patriotismo exaltado*” dos brasileiros³³⁸.

Frente a essa situação não havia quem pudesse melhor separar o *joio* do *trigo*³³⁹ do que o próprio *Bom Semeador* enquanto prefiguração evangélica do missionário cristão³⁴⁰, nesse caso o próprio Padre Luigi Marzano em pessoa com único e exclusivo objetivo de missão: alcançar a Emancipação Paroquial de Urussanga enquanto último elo de co dependência política ainda restante para com as elites oligárquicas luso-brasileiras, bem como as demais possíveis influências políticas oriundas das comunidades afro luso

³³⁴ LA PATRIA. Urussanga, 07 jul. 1901, n. 07, p. 01 *apud* OTTO, *op. cit.*, p. 197.

³³⁵ PEREIRA, *op. cit.*, p. 16.

³³⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 92.

³³⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 92.

³³⁸ *Ibidem*, p. 169.

³³⁹ Sobre a separação moral do joio e do trigo correlacionada à estrutura polarizada de mundo entre o *Reino de Deus* e o *Reinado de Satanás* na Terra sob a perspectiva ultramontana ver: Cf. LEÃO XIII. **Humanum Genus**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1884, p. 01-02; MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. 111; *ibidem*, p. 719.

³⁴⁰ Sobre esses aspectos da *Parábola do Bom Semeador* sob a perspectiva ultramontana ver: *Ibidem*, p. 124.

brasileiras que por meio das rotas comerciais interceptadas por Tubarão pudessem vir a ameaçar o monopólio político das elites italianas recém-estabelecido sobre o corpo eleitoral da cidade³⁴¹. Munido daquela que era considerada a mais alta tecnologia de ponta em termos católicos no que diz respeito à metodologia de estudo das ciências sociais à época foi que o Padre Luigi Marzano deu início aos seus trabalhos, baseando-se para isso na nova Doutrina Social da Igreja estabelecida pelo Papa Leão XIII na sua encíclica *Rerum Novarum* (1891) e formulada com base na filosofia religiosa ultramontana enquanto método de validação científica pré-estabelecido por Pio IX em sua *Qui Pluribus* (1864)³⁴².

3.1. A SENHORA SANT'ANA: *Seguindo o Caminho das Tropas de seu Esposo, o Senhor São Joaquim.*

A encíclica *Rerum Novarum* (1891), conforme nos é apresentada por Ana Silva e Estela Costa (2021)³⁴³, pregava que: “a economia deveria estar à serviço do homem e não o contrário”. É com base então nessa premissa que o Papa Leão XIII nessa encíclica defende o direito de propriedade dos patrões desde que se garantisse assim o bem-estar social de seus operários³⁴⁴. É com base nas prerrogativas dessa encíclica, portanto, que o Padre Luigi Marzano irá defender as demandas de educação, saúde e bem-estar social, bem como a instrução profissional e religiosa dos imigrantes, sendo eles assim dessa forma então propriedade do Rei Vitor Emanuel II do Reino da Itália sob a tutela do Consulado Italiano no Brasil³⁴⁵.

Sendo assim, o Padre Luigi Marzano logo no início de seu livro nos traz uma tentativa de discurso contra base na retórica de “fazer a América” só que por meio da religião católica enquanto característica de superioridade civilizacional italiana da qual o Brasil careceria³⁴⁶, sendo a permanência do regime escravista até o ano de 1888, de

³⁴¹ MARZANO, *op. cit.*, p. 168-170.

³⁴² Sobre a utilização dessas encíclicas enquanto guia e pano de fundo das atividades missionárias de sacerdotes ultramontanos europeus dentro desse contexto espaço-temporal especificamente ver: Cf. OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 31-40.

³⁴³ SILVA, Ana Rosa Cloet da & COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. **Estudos De Religião**, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021, p. 351.

³⁴⁴ LEÃO XIII. **Humanum Genus**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1884, p. 08-10.

³⁴⁵ Sobre a tutela do Estado sobre as camadas proletárias conforme os ideais ultramontanos ver: Cf. LEÃO XIII, *op.cit.*, p. 05-06. Sobre a tutela dos imigrantes italianos durante esse período ver: Cf. MUSSI, Daniela. Antônio Gramsci e a questão feminina. **Tempo Social**, v. 31, n. 2, maio de 2019, p. 42-44; Cf. OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 86-96.

³⁴⁶ Sobre o binômio fé/italianidade ver: OTTO, *op. cit.*, p. 72-82.

acordo com ele, a prova cabal da inferioridade de características “*medievais*” da civilização brasileira³⁴⁷. Esse tipo de “*superioridade civilizacional religiosa*” descrita pelo Padre Luigi Marzano seria então manifestado pelo fato de seus imigrantes deixarem todos os seus bens materiais para traz, trazendo consigo somente os ideais de civilidade religiosa altamente preconizada pelos ditames papais ultramontanos, conforme podemos ver nos próximos dois trechos subsequentes que analisaremos a seguir:

Até há poucos anos a emigração foi descuidada na Itália, tanto por parte do governo, como da igreja. Somente nos anos mais recentes é que aprendemos de outras nações a importância de preocupar-nos com o emigrado, tanto ao que pertence à emigração temporânea, como à permanente.

A emigração não denota sempre pobreza, como alguém pensa erroneamente, mas, o mais das vezes, é a manifestação característica de um povo forte, que não é viciado. E o elemento emigratório não é de infâmia para a nação, mais sim uma extensão de raça, nova ramificação de parentela e, portanto, manifesta a ampliação desta nação.³⁴⁸

A partir dessa utilização retórica da catolicidade enquanto promotora do sentimento de italianidade, o Padre Luigi Marzano passa então a justificar as atitudes desornadas e violentas dos colonos, como seus vícios como sendo resultado da falta de assistência religiosa e da quase a total ausência de sacerdotes, impedindo assim que eles

³⁴⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985., p. 86-87.

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 24.

pudessem pôr em prática^{349, 350} a “catolicidade ultramontana”³⁵¹ enquanto pressuposto padrão da *italianidade*^{352, 353}.

Nos emigrados de emigração permanente, ainda mais nas colônias estrangeiras onde o agricultor italiano é proprietário e tem aquela terra como sua futura moradia, a residência de um sacerdote compatriota é da máxima importância.

Verdade é que o agricultor não está tanto em contato com a corrupção. Os maus jornais não os lêem, ou se lêem, não entendem tudo que está escrito. Assim mesmo, um grande perigo pode atingi-los, e é a perda de fé.

Vivendo em meio a imensas florestas, longe de toda comodidade religiosa, pouco a pouco sua fé se enfraquece, facilmente se habituamos aos usos do novo país. As bebidas alcoólicas atraem-nos. Daí a embriaguez, rixas e discórdias tornam-se o alimento dominical. Enquanto isto desaparece o fervor dos primeiros anos. Esquecem-se os ensinamentos religiosos recebidos na pátria. A capela feita de madeira ou palha, que nos primeiros anos estava

³⁴⁹ O *catolicismo* enquanto expressão daqueles que manifestam uma cosmovisão *católica* de ver o mundo entre as camadas leigas dentro desse contexto pode diferir-se e distanciar-se dos pressupostos teóricos emitidos pela classe sacerdotal enquanto porta-voz dos ditames ultramontanos que legitimam o acesso dos membros do laicato à sua possibilidade prática a partir da inversão do axioma patrístico “*lex orandi, lex credendi*”. Ver: Cf. TABORDA, Francisco. *Lex Orandi – Lex Credendi: Origem, sentido e implicações de um axioma teológico. Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 35, n. 95, 2003, p. 80-82. Exemplos dos usos políticos da inversão desse axioma podemos verificar em: Cf. ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos, “nuvem de gafanhotos”? In: Boni, Luís Alberto de (Org.) **A Presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Edições Est, 1990, p. 437-438; Cf. BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D’eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 56-75; Cf. MARCÍLIO, Maria Luiza. O Povo na Igreja do Brasil Tradicional: Indicações Documentais para uma História do Catolicismo Popular Brasileiro, da Colônia aos Meados do Século XIX. In: CEHILA. **Para uma História da Igreja da América Latina**: O debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 109-122; Cf. MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FAUSTO, Boris (dir.) **História geral da civilização brasileira**. O Brasil Republicano – sociedade e instituições (1889-1930). 4ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 1990, p. 85-92; Cf. SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciencias Humanas, 1989, p. 41-46; Cf. *Idem*. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 50-70;

³⁵⁰ Sobre o impacto dos usos políticos da inversão do axioma patrístico “*lex orandi, lex credendi*” enquanto fator de continuidade ultramontana que afetam diretamente de forma negativa a mística católica em nossa contemporaneidade ver: Cf. MIRANDA, Mario de França. “*Um Catolicismo Plural?*”. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 25, n. 65, 1993, p. 37-44; Cf. MOREIRA, José Cristiano Mansur. Cristofascismo e o integrismo católico: na construção do ideal de um Jesus bélico. In: PAOLOZZI, Mariana; NUNES, Marcus Vinicius [et al.]. **O sujeito dos afetos entre a religião e a política**: narrativas de um Brasil. Cachoeirinha: Fi, 2023, p. 67-74; Cf. STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Tradução Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de Leituras n. 62**. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017, p. 05-06; TABORDA, 2003, p. 82-86; Cf. VAZ, Henrique Carvalho de Lima. **Experiência Mística e Filosofia e na Tradição Ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 12-13.

³⁵¹ Trata-se de um silogismo, pois a *catolicidade* é um conceito que parte do princípio do sentimento de pertença à religião católica com base na subserviência de caráter nacionalista às diretrizes estatais do Estado do Vaticano, ou seja, inerentemente ultramontano. Ver: Cf. BENEDUZI, *op. cit.*, p. 91-116; Cf. CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial**: A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 15-68; Cf. OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 31-40; SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo - Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 24-26.

³⁵² Sentimento nacionalista de pertença ao Estado Italiano. Ver: Cf. BENEDUZI, *op. cit.*, p. 75-91; OTTO, 2006, p. 83-124.

³⁵³ Sobre o histórico de apropriações das especificidades do catolicismo vêneto para a construção dos nacionalismos italianos e ultramontanos ver: Cf. BENEDUZI, *op.cit.*, p. 87-91; Cf. ALTOÉ, *op.cit.*, p. 437-438.

sempre cheia, pouco a pouco torna-se deserta, e no máximo, será utilizada com a recita do santo rosário por poucas velhinhas.

Os adultos descuidam e esquecem a juventude, que cresce sem instrução religiosa. Chegam aos vinte anos, época do matrimônio e acontece que o sacerdote ao interroga-los sobre o número dos sacramentos, vê-los de boca fechada e ficam maravilhados ao se lhe dizer que são sete. Interrogando-os então sobre os alguns sacramentos da religião, ouvir-se-ão despropósitos de arrepiar.³⁵⁴

De acordo com Clarícia Otto (2006)³⁵⁵, esse mesmo tipo de retórica discursiva também foi amplamente utilizado pelo Padre Antônio Manno de Nova Veneza, sendo seu discurso digno de notas positivas nos relatórios do Cônsul Gherardo Pio di Savóia³⁵⁶. No caso do Padre Antônio Manno, por sua vez, ainda tínhamos o agravante de que o patrão que precisava ter seu direito de propriedade a ser defendida era ninguém mais, ninguém menos que Miguel Nápoli, presidente da Empresa Angêlo Fiorita e Companhia, experiência que conforme vimos apontado por Agenor Neves Marques (1978)³⁵⁷ e Claudino Biff (1997)³⁵⁸ no capítulo anterior, falhou drasticamente em sua prática.

Diferentemente do Padre Antônio Manno, o Padre Luigi Marzano saiu-se muitíssimo bem-sucedido em sua missão, conseguindo por isso alcançar a Elevação Paroquial em 1902³⁵⁹. Pois vejamos então a técnica estratégica utilizada por ele com base nas informações obtidas em seu relatório oficial de missão: o livro *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* (1903)³⁶⁰ onde a partir de sua chegada seguida da Emancipação Municipal de Urussanga em 1900 é dado prosseguimento ao modus operandi de repressão às “*seitas*” conforme relatado pelo Padre Pedro Maldotti durante o período correspondente à gestão de Bernardino Freise como pároco (1896-1900)³⁶¹.

Logo em seguida ao discurso de *catolicidade* enquanto promotora da *italianidade* que vimos acima³⁶², o Padre Luigi Marzano expõe a situação religiosa em que se encontravam os brasileiros da região serrana nos arredores da Paróquia de Urussanga a partir de sua própria observação científica empírica baseada no rigor da metodologia

³⁵⁴ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 25.

³⁵⁵ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 79-82.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 79.

³⁵⁷ MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana: Centenário de Urussanga**. Criciúma: s.n., 1978, p. 155.

³⁵⁸ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 174-175.

³⁵⁹ MARZANO, *op. cit.*, p. 174-177.

³⁶⁰ *Ibidem*, p. 15.

³⁶¹ *Ibidem.*, p. 168-169.

³⁶² *Ibidem.*, p. 24-25.

ultramontana acerca da cosmovisão daquilo que para ele seria um típico católico brasileiro:

Não faz muito tempo que eu fui aos nossos montes, cuja cadeia em brasileiro se chama a *serra*. Sobrevindo a noite no campo daquele extensíssimo planalto, fui bater uma porta, pedindo hospitalidade por aquela noite. Fui recebido com muita cortesia. O dono da casa era um rico proprietário, mas estando ausente por negócios deixou o governo da casa a um empregado fiel, que atendia, com outros subalternos, aos serviços da casa e ao numeroso rebanho.

Depois de restaurados com boa ceiazinha, deu-se início à animada conversa onde a vez era sempre do capataz encarregado da casa. Tinha alguma noção de geografia, expunha teorias sobre povos e nações, animava-se especialmente ao falar de sua nação, e qual novo Bismarck, começou a falar de política, censurando deputados e senadores, intercalando de quando em quando — “quando nós estivermos no poder”.

Tive vontade de conhecer como estaria aquele cícero frente ao assunto religião, e delicadamente, voltei o discurso: — “Por favor, diga-me, nunca chegam padres a estes lugares?”

— Sim, respondeu, vêm algumas vezes. Talvez uma vez por ano.

— Sabe me dizer quantos deuses há?

— Oh! Eu sou muito religioso, quero muito bem aos padres. Até Nossa Senhora do Parto é minha comadre, madrinha de Batismo de um filho meu.

— Responde-me, então, quantos deuses há?

Pensou um pouco e respondeu.

— Dois.

Caí de costas ao ouvir semelhante resposta.

— E as pessoas da Trindade, quantas são?

— Ah! Isto eu sei. São seis.

— Não, disse-lhe. Errou.

— São doze!

— Oh, não!

— Então são trinta e duas!

É fácil imaginar que impressão produziram em mim tais respostas.

Pobrezinho, exclamei, em que estado se encontra em assunto de religião! —expliquei-lhe que Deus é um só e três pessoas da Santíssima Trindade, etc.

Fez-me seguir uma infinidade de perguntas, ditadas não sei se pela simplicidade ou se pela ignorância. E olha que estava próximo dos trinta anos, e discursava como um doutor da Soborne, mas em assunto de religião, nix.

Este é um dos tantos exemplos que sucedem diariamente onde não há sacerdote, onde o homem cresce sem uma idéia de Deus. **Alguns são devotos, mas de uma devoção boba, supersticiosa e ridícula.** Perguntando-lhe em que coisas creêm, não sabem responder.

Se não for sacerdote com os nossos emigrantes, no decurso de poucos anos sucederá o mesmo. Eis porque disse que é necessário o sacerdote ao emigrante como alimento cotidiano, que mantenha firmes os velhos na religião e eduque os jovens na crença e no amor daquela religião santa que nobilita o homem, freia-o, rege-o, salva-o. ³⁶³

Os comerciantes serranos brasileiros das caravanas tropeiras aqui descritos como “*devotos de uma devoção boba, supersticiosa e ridícula*” nas palavras do Padre Luigi Marzano³⁶⁴, na verdade não eram ninguém mais, ninguém menos que os grandes

³⁶³ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 25-27.

³⁶⁴ **Grifo nosso.** *Ibidem*, p. 26.

concorrentes comerciais e por consequência, conforme veremos a seguir, os principais antagonistas à influência política das elites comerciais italianas que pediam a emancipação municipal de Urussanga. Fazendo frente do abastecimento de insumos para Tubarão e Araranguá³⁶⁵ os comerciantes tropeiros da região serrana eram os responsáveis pelo fornecimento de dois itens de alto valor aquisitivo para todos esses núcleos coloniais: o pão e o queijo.

Essa relação de inimizade entre as elites comerciais italianas de Urussanga e os comerciantes brasileiros e já era antiga e vinha ocorrendo desde os primórdios da fundação da Colônia quando ainda eram os comerciantes brasileiros que interceptavam o pagamento dado em gêneros alimentícios pela Companhia de Imigração aos imigrantes italianos conforme vemos no relato do Padre Luigi Marzano a seguir:

Ora, aconteceu que numa quarta-feira, vieram ao mercado, um barracão situado na praça de Urussanga, algumas mulheres belunenses³⁶⁶ moradoras do Rio Maior. Vieram com o cesto nas costas, para adquirir o necessário para sustentar a família. Apresentando-se ao armazém foi-lhes negado o alimento. Imaginemos a dor dessas infelizes pensando em suas criaturas deixadas em casa famintas, famintas elas mesmas! Depois reagiram e enfurecidas gritaram: “Seus miseráveis daí-nos de comer, se não...” E aquele tal, que não era italiano e indigno de chamar-se europeu, de modo cínico e repugnante: “Não tendes filhos adultos? pergunta-lhes. Pois bem, ide para casa e cozinhei um!” — A tal insulto, a tal proposta cruel e feroz, as boas mulheres se envenenaram, impregnando contra aquele bárbaro, dispostas a qualquer coisa... Neste ponto chega um tal Giovanni Savi Mondo com algum colega. Homem de muita energia, tendo compreendido de que se tratava, ele mesmo esfaimado, aproximou-se do armazém, disposto a não sair sem que antes se lhe desse o alimento. Enquanto isto descuidam, eis que aparece no interior da venda uma longa cobra chamada caninana, serpenteando de um lado para outro do armazém.

— “Eis, eis o Diabo que vai te comer disseram as mulheres ao negociante, ao vê a cobra. “Corpo de Bio”! dá-nos de comer!

Para Giovanni Savi Mondo ver a cobra e atirar-se sobre ela foi um átimo. Imobiliza-a, agarra-a com as mãos, aproxima-a da boca, com arrepio de todos, tira-lhe o couro com os dentes e atirando as carnes num braseiro grita o negociante: “Ests é a morte que tereis, ó avarentos, se não nos abastecerdes logo”.

³⁶⁵ SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 29; VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 34-42; ZILLI, Edson. **Caminhos das tropas no Extremo Sul Catarinense**: memória e patrimônio. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015, p. 11-14.

³⁶⁶ Isto é, de Beluno na Itália. Ver: Cf. MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 54. Não confundir com o núcleo colonial da Empresa Ângelo Fiorita e Companhia de mesmo nome (atual Siderópolis). Ver: Cf. LOCATELLI, Eloise Salvaro. **Um Olhar para Siderópolis**: a cultura local na escola. TCC (Graduação) - Licenciatura em Artes Visuais. Criciúma: UNESC, 2018, p. 22-31.

Diante de ato tão desesperado, aquele desumano, temendo ter o mesmo fim da serpente, forneceu a todos o que pediam e elas voltaram pacíficas e contentes para casa com o necessário para alimentar duas famílias.”³⁶⁷.

De acordo com o Padre Luigi Marzano esse mesmo Giovanni, juntamente com Fernando e Celeste, todos membros da família Savi, um ano mais tarde em 1879, também seriam responsáveis pela inauguração do primeiro moinho de farinha de milho na localidade de Rancho dos Bugres, movido por tração animal³⁶⁸. As peças desses moinhos que vinham do Rio de Janeiro tiveram seu modelo copiado e adaptado para a tração de água pelos moradores de diversas outras localidades da Colônia, inclusive para o processamento de outros insumos como a cana-de açúcar por exemplo³⁶⁹. Com a chegada de uma segunda leva de imigrantes em 1879, essas mesmas famílias que construíram os primeiros moinhos tiveram uma enorme margem de lucro vendendo farinha de milho e ovos para os novos moradores, dando origem assim aos primeiros armazéns de Urussanga³⁷⁰. Foi assim então que se surgiu uma pequena elite comercial italiana que para manter seu monopólio sobre o comércio da região passou a utilizar-se dessa mesma estratégia para com a terceira leva de imigrantes vindos com a Empresa Ângelo Fiorita e Companhia em 1891³⁷¹. Um fator curioso muito interessante acerca desse episódio de acordo com Paulo Pinheiro Machado (1999)³⁷², é que a recusa na entrega dos gêneros alimentícios pelo comerciante brasileiro às mulheres italianas na verdade se deve em razão do pagamento fiado que era acertado diretamente com a Companhia de Imigração por meio dos lucros concernentes à safra anual da colheita e cujo auxílio governamental fora drasticamente cortado devidos às políticas econômicas governamentais implementadas pelo Ministro da Agricultura Cansanção de Sinimbu a partir de 1878.

Até a inauguração da Estrada de Ferro em 1884³⁷³, porém, o consumo de queijo dependia exclusivamente das caravanas de tropeiros que vindos de Lages e São Joaquim ao norte cruzavam a região dos núcleos coloniais por meio do Vale do Braço do Norte ao norte e o Picadão da Serra ao sul enquanto rotas alternativas que compunham o Caminho

³⁶⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 58.

³⁶⁸ *Ibidem*, p. 59-60.

³⁶⁹ *Ibidem*, p. 60.

³⁷⁰ *Ibidem*, p. 65.

³⁷¹ *Ibidem*, p. 99.

³⁷² MACHADO, Paulo Pinheiro. **Política de colonização no Império**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 75-92.

³⁷³ *Ibidem*, p. 81-82; FILHO, Alcides Goularti. A Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina na formação do complexo carbonífero de Santa Catarina. **XXI Jornadas de Historia Económica**, 2008, p. 02; VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 83-113.

dos Conventos³⁷⁴. Dessa forma os comerciantes tropeiros trocavam o queijo e outros produtos que traziam em suas cargas por tecidos, açúcar e farinha da região portuária de Laguna seguindo caminho rumo à Araranguá ao sul por quem também eram eles os responsáveis pelo abastecimento³⁷⁵.

Com a inauguração da Estrada de Ferro, porém, chegaram os primeiros rebanhos de gado leiteiro em Urussanga, ficando a criação de cabras concentrada nas mãos da elite comercial italiana do centro enquanto as vacas eram utilizadas somente para o sustento de pequenos agricultores da periferia³⁷⁶. Por ocasião da chegada da terceira leva de imigrantes em 1891, o comércio de queijo nos novos núcleos coloniais da Empresa Angêlo Fiorita e Companhia passou a ser fortemente disputado por três concorrentes: 1) os criadores de cabras da elite comercial italiana do centro de Urussanga³⁷⁷; 2) os pequenos criadores de vaca da periferia de Urussanga que também viram nessa nova empreitada uma oportunidade de alavancar os seus negócios³⁷⁸; 3) Os comerciantes tropeiros que conforme apontado por Edson Zilli (2015)³⁷⁹, atravessavam a região do núcleo colonial de Nova Veneza que era o grande centro comercial e administrativo dos núcleos da Empresa Angêlo Fiorita.

Um breve vislumbre das relações comerciais desses núcleos podemos obter através desse quadro pintado por Pedro Weingärtner em 1893³⁸⁰, onde ele nos retrata uma moradora de Nova Veneza comprando queijo de um tropeiro:

³⁷⁴ Acerca dos caminhos e interconexões estabelecidas pelas rotas de caravanas tropeiras ver: Cf. VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 83-113; Cf. ZILLI, Edson. **Caminhos das tropas no Extremo Sul Catarinense**: memória e patrimônio. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015, p. 22-26; Figura 06.

³⁷⁵ VETTORETTI, *op. cit.*, p. 83-113.

³⁷⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 81-82; *ibidem*, p. 148.

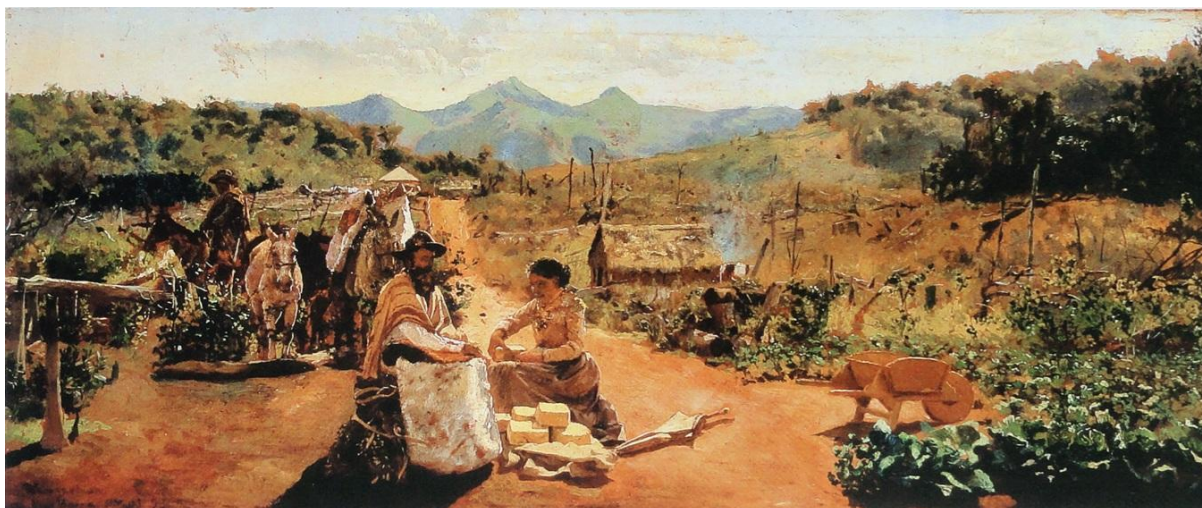
³⁷⁷ *Ibidem*, p. 148. Sobre as peripécias aprontadas pelas cabras nas pias de água benta da Igreja Matriz de Urussanga ver: Cf. *Ibidem*, p. 148. Acerca dos usos políticos dos rebanhos de caprinos em ameaças conspiratórias perpetradas por Bez Batti contra o Padre Luigi Marzano ver: Cf. BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 259.

³⁷⁸ MARZANO, *op. cit.*, p. 81-82; *ibidem*, p. 148-149.

³⁷⁹ ZILLI, Edson. **Caminhos das tropas no Extremo Sul Catarinense**: memória e patrimônio. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015, p. 55-62.

³⁸⁰ TARASANTCHI, Ruth Sprung... [et al.]. **Pedro Weingärtner (1853-1929)**: Um artista entre o Velho e o Novo Mundo. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2009, p. 121.

Figura 13 - Nova Veneza, 1893.



Fonte: TARASANTCHI, 2009, p. 121.

Já o pão era considerado artigo de luxo devido ao fato do trigo ser importado da Argentina e que também era comercializado enquanto moeda de troca pelos tropeiros que abasteciam os armazéns de comerciantes brasileiros em toda a região³⁸¹. O pão muito além de um simples gênero alimentício era também considerado um produto de caráter medicinal pelos imigrantes³⁸². Devido à escassez desse produto tanto na Itália como no Brasil, muitos imigrantes acreditavam que a causa de suas doenças na verdade era por conta da falta das vitaminas do pão ausente em sua dieta³⁸³. Dessa forma eles também acreditavam que comendo um pedacinho de pão somente poderia ajudar a curar suas enfermidades³⁸⁴. Devido a isso muitos dos habitantes desses núcleos coloniais só experimentavam o pão em momentos de grande enfermidade, quando a gravidade da doença já era quase considerada fatal³⁸⁵.

Com a Guerra Federalista de 1893, a região dos núcleos coloniais à oeste de Tubarão passou a ser inter cruzada pelos exércitos de pica-paus republicanos e maragatos federalistas através dessas rotas de comércio tropeiro pré-existentes³⁸⁶. A passagem de ambas as tropas provocou uma enorme onda de saques de ambos os exércitos em todos esses núcleos coloniais, principalmente dos rebanhos de cabra e de gado leiteiro da região,

³⁸¹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 136.

³⁸² *Ibidem*, p. 136.

³⁸³ *Ibidem*, p. 136.

³⁸⁴ *Ibidem*, p. 136.

³⁸⁵ *Ibidem*, p. 136.

³⁸⁶ *Ibidem*, p. 100-101.

fazendo assim com que as duas elites comerciais italianas de Urussanga ficassem no prejuízo e os tropeiros retomassem o monopólio da venda do queijo³⁸⁷.

Vendo a situação de precariedade em que se encontravam os núcleos coloniais no pós-guerra de 1893³⁸⁸ era a oportunidade perfeita então para que os tropeiros pudessem oferecer aquilo que poderia ser a solução para todos esses problemas: a Grande Festa do Divino da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens³⁸⁹. Diferentemente de Tubarão, onde a Festa do Divino somente ocorria quadrienalmente³⁹⁰ no Planalto Serrano ela ocorria todos os anos tomando proporções continentais e cujas novenas para arrecadação do Peditório da Bandeira ultrapassava de longe os limites do município³⁹¹.

É muito interessante de se notar que aquilo que o Padre Luigi Marzano chama de “*devoção boba, supersticiosa e ridícula*” provocada pela falta de padres³⁹², na verdade era uma forma de praticar o catolicismo muitíssimo bem organizada só que com base, porém, na periodicidade migratória das caravanas tropeiras, conforme apontado por Élio Cantalício Serpa (1997)³⁹³. Para os comerciantes tropeiros da região do Planalto Serrano não era comum o hábito de frequentar o culto dominical semanalmente, sendo realmente poucos os devotos e em sua maioria mulheres que o faziam mesmo havendo a presença constante de padres para o atendimento dos ofícios religiosos, de modo que o ritual da missa se tornava de importância secundária para o exercício de suas crenças religiosas³⁹⁴, nas quais:

Estes habitantes, designados por caboclos, vivenciavam suas práticas devocionais típicas do catolicismo popular em que: o leigo tinha participação ativa nos assuntos religiosos, as capelas eram geridas por capelães que não estavam subordinados à hierarquia eclesiástica, o Culto aos santos tinha um papel central, as benzeduras eram práticas corriqueiras, a crença em pessoas com poderes sobrenaturais fazia parte do cotidiano de homens e mulheres.³⁹⁵

Em contrapartida a participação popular era massiva e unânime durante as Festas de São João Batista, do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora dos Prazeres que

³⁸⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 101-106; VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão: das origens ao século XX**. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 83-133.

³⁸⁸ MARZANO, *op. cit.*, p. 100-101.

³⁸⁹ SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 62-65.

³⁹⁰ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 99-105.

³⁹¹ *Ibidem*, p. 108-114; SERPA, *op. cit.*, p. 64-65.

³⁹² MARZANO, *op. cit.*, p. 26.

³⁹³ SERPA, *op. cit.*, p. 63.

³⁹⁴ *Ibidem*, p. 62-65.

³⁹⁵ *Ibidem*, p. 79.

conjuntamente com o Senhor Bom Jesus de Iguape³⁹⁶, a Senhora Sant'Ana e seu esposo: o Senhor São Joaquim³⁹⁷, correspondiam respectivamente ao início, o meio e o fim do inverno, período em que os tropeiros se concentravam na região do Planalto Serrano para depois voltar a seguir viagem novamente suas viagens por meio das rotas comerciais durante o verão³⁹⁸. Embora não houvessem registros de irmandades, havia sim registros de uma participação preponderantemente ativa de leigos para a organização dessas Festas onde a figura do *festeiro* responsável por organizar a edição corrente da Festa assumia destaque principal, sendo este geralmente escolhido dentre os membros das elites dirigentes de fazendeiros locais³⁹⁹ e dentre as quais nessa região destacam-se as famílias Ramos e Costa enquanto duas grandes potências da política oligárquica estadual⁴⁰⁰.

Dentre todas essas Festas, a Festa do Divino era a que então assumia maior destaque e na qual os festeiros davam o seu máximo, já que essa era considerada uma importante ocasião para a formação de alianças entre os fazendeiros das elites oligárquicas através dos apadrinhamentos das cerimônias de batismo ocorridas nesse dia⁴⁰¹. Através dessa breve descrição de Élio Cantalício Serpa (1997), podemos ter uma ideia bem aproximada da imponência e importância política que o caráter social da Festa do Divino assumia nesse período:

A festa do Divino Espírito Santo constituía-se em outro evento importantíssimo no calendário religioso e social. Os festeiros, geralmente ricos fazendeiros da região, procuravam dar todo o brilhantismo, pois ela absorvia pessoas das mais diferentes localidades. Colhiam-se doações na comunidade, às vezes, extrapolando o próprio município, tendo como símbolo a “Bandeira do Divino”. Em cada residência que parava era recebida festivamente, sendo obrigatório ao dono da residência visitada servir cachaça e todos os quitutes disponíveis. O condutor da bandeira do Divino rezava no final um terço, padre-nossos e ave-marias, pelas almas de todos os falecidos da família e, em muitas residências, a folia varava a noite adentro, onde a vizinhança se divertia com um grande arrasta-pé.

No dia da festa, os fazendeiros saíam de suas fazendas ostentando luxo e riqueza e dirigiam-se às festividades em que o padre ocupava posição secundária, administrando sacramento do batismo aos afilhados dos fazendeiros e estes, por sua vez, viam-se na obrigação de conduzir com requinte a festa, que muitas vezes está era perturbada por entreveiros⁴⁰².

Embora a organização dessas Festas tenha se dado por meio de *festeiros* escolhidos dentre os fazendeiros que representavam as elites oligárquicas locais, a

³⁹⁶ SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 63-66.

³⁹⁷ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 105.

³⁹⁸ *Ibidem*, p. 62-65

³⁹⁹ *Ibidem*, p. 64.

⁴⁰⁰ *Ibidem*, p. 146.

⁴⁰¹ NUNES, *op. cit.*, p. 67-68.

⁴⁰² *Ibidem*, p. 64

execução, porém, se dava através de membros das camadas populares que faziam do período de arrecadação de prendas para as novenas da festa através de folias e folguedos, uma forma de confraternização social que em muito se assemelha àquelas descritas no telegrama de João Cabral de Mello⁴⁰³ e no depoimento do Padre Pedro Maldotti⁴⁰⁴ acerca da “seita” existente entre os moradores dos núcleos coloniais da Empresa Angêlo Fiorita e Companhia, conforme podemos ver na descrição de Élio Cantalício Serpa (1997) a seguir:

As festas religiosas raramente contavam com a presença de sacerdotes; eram realizadas nas poucas capelas existentes pelo interior do município, não faltando bebidas, jogos, danças, leilões e cantos acompanhados por rabecas, gaitas e sanfonas. Eram então verdadeiras reuniões sociais, onde se reviam os amigos, contavam-se os casos, sabia-se de novidades. Os atos religiosos eram puxados pelos capelões leigos tanto nas novenas que antecedia as festividades, quanto na condução e organização das procissões no último dia. Mas o que interessava era o pós-culto, onde os homens se reuniam “para tomar mate, cachaça, fazer prosa e presenciar brigas e tiros”⁴⁰⁵.

Com a Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens sendo tomada pelos franciscanos alemães em 1891, porém, essa situação toda mudou de figura, onde os frades por sua vez passaram a impor a readequação dos pais e padrinhos da Paróquia às reformas ultramontanas enquanto moeda de troca para a realização dos batismos que ocorriam durante a Festa do Divino⁴⁰⁶. Esse tipo de proposta acabou gerando grande descontentamento entre as massas populares que viam nesses batismos uma forma das famílias menos favorecidas conseguir benefícios e alavancar-se social entregando seus filhos para os ricos fazendeiros batizarem, fazendo assim com que o Ciclo de Festas do Divino dessa região entrasse em severo declínio, restando somente resquícios de sua lembrança na oralidade daqueles que as vivenciaram e nos poucos vestígios que chegaram até nós atualmente, conforme apontado por Lélia Nunes (2010)⁴⁰⁷.

Figura 14 – Império do Divino em Lages, 1890.

⁴⁰³ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo, 1897**. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

⁴⁰⁴ AZZI, Rioldo. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 64-65.

⁴⁰⁵ SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 66.

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p. 67-68.

⁴⁰⁷ *Ibidem*, p. 67-69. Embora, Élio Cantalício Serpa trate de tal declínio somente na região de Lages no Planalto Serrano devido às especificidades do recorte de sua pesquisa, Lélia Nunes nos traz uma análise mais abrangente desse fenômeno como parte de um só processo, desvelando a interconectividade que permitiu às repressões ultramontanas extinguir e apagar em quase toda sua totalidade a memória ainda restante do Ciclo de Festas do Divino nas cidades de Lages, São Joaquim e Tubarão respectivamente. Ver: Cf. NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 98.



Fonte: NUNES, 2010, p. 99.

É dentro desse contexto de descontentamento popular frente ao estreitamento nas alianças políticas do clero ultramontano com as elites oligárquicas que começam também a ganhar destaque na cena local diversos tipos de profissionais de ofício mágico-religioso como curandeiros, benzedeiros, capelões leigos, puxadores de rezas e adivinhos, por exemplo⁴⁰⁸. Todos esses profissionais devido à razão lógica de suas funções eram, portanto, detentores de poderes sobrenaturais que eram utilizados como forma de suprir as demandas médicas, sociais e religiosas da população mais carente da região⁴⁰⁹.

Dentre essas figuras, o que mais se destaca proeminente nesse contexto é justamente o monge João Maria de Jesus, que de acordo com Fabiano Feldhaus (2013)⁴¹⁰ e Élio Cantalício Serpa (1989)⁴¹¹, teria então surgido realizando profecias em meio aos exércitos de maragatos da Guerra de 1893, portando junto consigo uma bandeira branca dotada de uma pombinha vermelha capaz de curar os soldados combatentes feridos com apenas um toque⁴¹². Esse mesmo monge João Maria, por sua vez, seria o precursor do monge José Maria que a partir da década de 1910 assumiria então um dos papéis de maior destaque e liderança à frente das tropas caboclas na Guerra do Contestado⁴¹³.

⁴⁰⁸ SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 68-71.

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p. 68-69.

⁴¹⁰ FELDHAUS, Fabiano. O conflito do Contestado como espaço de representação do sagrado: dos monges ao ícone São João Maria. Revista **RA'E GA – O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 27, 2013, p. 218.

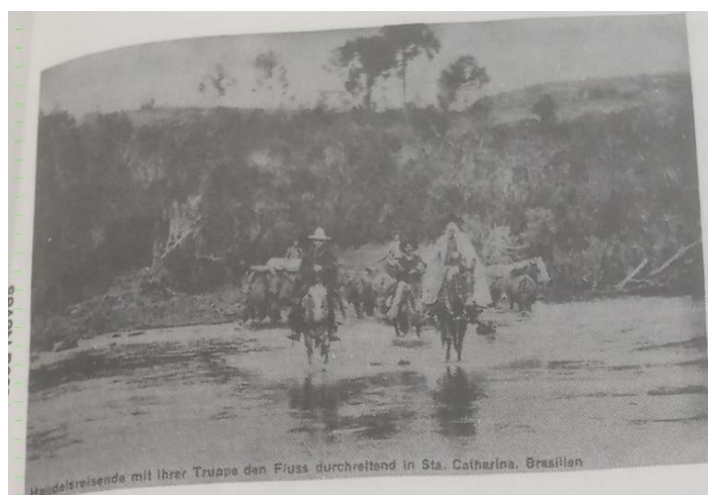
⁴¹¹ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, 1989, p. 62.

⁴¹² Sobre a simbologia da Bandeira do Divino (vermelha com a pombinha branca representada de forma invertida pelo monge) ver: Cf. NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 25-30.

⁴¹³ FELDHAUS, *op. cit.*, p. 217-220.

Dessa forma, levando em consideração o telegrama de João Cabral ser datado de março de 1897⁴¹⁴, vemos que tal data bate exatamente com o período de saída dos fluxos migratórios das caravanas tropeiras do Planalto Serrano⁴¹⁵. Sendo assim, é muito provável que os núcleos coloniais da Empresa Angêlo Fiorita e Companhia tenham sido utilizados enquanto locais de resistência da livre manifestação da religiosidade popular pelos tropeiros, assumindo também grande influência sobre os imigrantes que procuravam se adaptar aos costumes do novo país também, processo que teria sido facilitado então pelo Padre Antônio Manno, simpatizante desses ideais⁴¹⁶. A influência cultural que os comerciantes brasileiros assumiam sobre os imigrantes era tamanha que o próprio Padre Luigi Marzano relata que demorou meses para se adaptar e finalmente entender seus paroquianos devido ao dialeto italiano aportuguesado que era falado entre os imigrantes⁴¹⁷.

Figura 15 – Tropeiros transitando na “estrada” Lages a Tubarão.



Fonte: VETTORETTI, 1992, p. 43.

Mais ainda: de acordo com Élio Cantalício Serpa (1989), 1897 é também o ano em que esse mesmo monge João Maria se estabelece na Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, realizando um forte entrave entre os frades durante o mês de dezembro ao reivindicar o direito à administração popular do batismo às populações

⁴¹⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo**, 1897. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

⁴¹⁵ SERPA, *op. cit.*, 1997, p. 63.

⁴¹⁶ ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos, “nuvem de gafanhotos”? In: Boni, Luís Alberto de (Org.) **A Presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Edições Est, 1990, p. 437-438; OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 68-70.

⁴¹⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 129-130.

carentes⁴¹⁸. Tal demanda pela administração popular do batismo se dava frente às diversas reclamações dos contingentes populacionais de caboclos da região serrana acerca das ordenações de extermínio das comunidades indígenas da região a mando dos franciscanos alemães, fazendo assim com que essas pessoas temessem receber os sacramentos diretamente das mãos desses frades que ocupam a administração paroquial pelo simples fato da maioria delas ainda manterem laços de relação familiar, ou mesmo que ainda não mantendo, ainda permanecerem conscientes de sua condição enquanto descendentes desses povos que foram tão friamente massacrados durante o processo de colonização do Planalto Serrano⁴¹⁹.

Embora os frades negassem veementemente o teor de tais acusações a ponto de fazer o Frei Rogério Neuhaus jurar de pé junto por tudo quanto é mais sagrado ao monge João Maria o não envolvimento de seus confrades em tais atrocidades, a verdade é que eles não somente prestavam auxílio religioso aos bugreiros como também apoiavam o massacre das comunidades indígenas como parte de sua metodologia catequética⁴²⁰. A prática de tais atitudes era considerada tão grotesca mesmo para sua época que não causava a revolta somente dos caboclos seguidores do monge João Maria como também da própria elite eclesial, fazendo assim com que os sacerdotes teutos do sul de Santa Catarina tanto regulares como seculares fossem severamente repreendidos posteriormente pelo então bispo diocesano Dom Duarte Leopoldo e Silva, (sucessor de Dom José Camargo Barros)⁴²¹, em carta endereçada ao Padre Francisco Xavier Topp no ano de 1905 conforme podemos ver apontado por Élio Cantalício Serpa (1997) no trecho a seguir:

Em relação aos índios em Santa Catarina, foram organizadas várias expedições de bugreiros que matavam a população indígena. A atitude dos padres alemães foi, a exemplo dos jesuítas no Brasil-colônia, de batizá-los e catequizá-los. Nas expedições de caça aos índios, os franciscanos sugeriram a presença de um padre, objetivando o atendimento às crianças, o que recebeu por parte de Dom Duarte Leopoldo e Silva, uma extensa carta em que entre outras advertências dizia o bispo:

“Não, meu caro padre. Em nome da religião, de que sou indigno ministro, em nome da sociedade a qual pertenço, em nome de minha pátria, protesto contra este singular sistema de catequizar e educar algumas pobres crianças, trucidando cruelmente os pais como se matam os tigres das florestas, para expor-lhes os indefesos caboclinhos à admiração pública dos civilizados”.

⁴¹⁸ As minúcias acerca desse embate podemos verificar em: Cf. SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciencias Humanas, 1989, p. 161-165.

⁴¹⁹ *Ibidem*, p. 161-165.

⁴²⁰ SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 65-67.

⁴²¹ *Ibidem*, p. 80.

Diante da impossibilidade de acompanhar expedições de bugreiros, pela clareza que D. Duarte Leopoldo e Silva teve da significação que o ato poderia ter no conjunto da sociedade, o padre Francisco Topp investiu na capacidade de regeneração pelo recurso à tutela esclarecida, adotando um nativo que ao batizá-lo deu-lhe o nome de Francisco Topp e Frei Rogério Neuhaus que recebeu, de João Maria a acusação de que “frei Redempto havia mandado matar bugres” apelou também para a adoção e ao batizar o índio, “deu-lhe o nome de Gregório em homenagem ao Gregório Janknecht, fundador da missão” e dizia que, “infelizmente este bugre não nos causou alegria”.⁴²².

Dessa forma, os caboclos brasileiros da região por medo de receberem a mesma sentença fatal por parte dos sacerdotes ultramontanos tal qual como ocorrera com seus conterrâneos indígenas, era preferiam e muito então recorrer às figuras do monge, do capelão e da benzedeira para o recebimento do sacramento do Batismo do que ter que apelar para os franciscanos alemães, ou seja, os mandantes do assassinato de suas próprias famílias que já vinham ocupando a administração de toda extensão territorial da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lagens desde 1891⁴²³.

Neste ponto é muito importante salientar que acompanhando a Rota dos Tropeiros no Caminho Entre Rios apresentado por Edson Zilli (2015)⁴²⁴ que entrecortava os antigos núcleos coloniais de Belluno, Treviso e Nova Veneza a caminho de Tubarão e Araranguá, é necessário que a pedido de Eloise Locatelli lancemos atentamente *Um Olhar para Siderópolis* (2018)⁴²⁵. O motivo: a área dos núcleos coloniais compreendida por essa rota é a mesma mencionada como sendo o local de atividade da “seita” denunciada por João Cabral em seu telegrama de 1897⁴²⁶. É exatamente nesse mesmo ano também que é chegada em Belluno (atual Siderópolis) a primeira imagem da Senhora da Sant’ Ana, dando origem assim a primeira capela desse núcleo⁴²⁷. Como parte das políticas de imposição das reformas ultramontanas apontadas por Serpa (1989)⁴²⁸ a capela original de madeira construída em 1897 foi legada a um severo processo de sucateamento, sendo reconstruída em alvenaria no ano de 1928 em estilo neogótico conforme os parâmetros

⁴²² SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 157-158.

⁴²³ *Ibidem*, p. 66-69; *Ibidem*, p. 142-146.

⁴²⁴ ZILLI, Edson. **Caminhos das tropas no Extremo Sul Catarinense**: memória e patrimônio. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015, p. 11-15.

⁴²⁵ LOCATELLI, Eloise Salvaro. **Um Olhar para Siderópolis**: a cultura local na escola. TCC (Graduação) - Licenciatura em Artes Visuais. Criciúma: UNESC, 2018, p. 11-15.

⁴²⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo**, 1897. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

⁴²⁷ LOCATELLI, *op. cit.*, p. 37-38.

⁴²⁸ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciencias Humanas, 1989, p. 165-175.

ultramontanos⁴²⁹. Atualmente a capela encontra-se desativada, ficando ao encargo dos moradores locais sua manutenção e acesso que permanece restrito⁴³⁰.

Figura 16 – Capela Santa Ana.



Fonte: LOCATELLI, 2018, p. 37.

Figura 17 – Interior da Capela Santa Ana.



Fonte: LOCATELLI, 2018, p. 38.

A chegada da imagem e propagação da devoção à Senhora Sant' Ana e seu devido estabelecimento em meio às rotas das caravanas tropeiras traz consigo um enorme arcabouço simbólico que denota um importante marco comemorativo de aliança comercial entre a Serra e o Litoral. O arcabouço simbólico da imagem de Sant' Ana⁴³¹

⁴²⁹ LOCATELLI, *op. cit.*, p. 37-38.

⁴³⁰ *Ibidem*, p. 37-38.

⁴³¹ Atual São Joaquim, desmembrada de Lages no ano de 1886 e que tinha por marco inicial a capela cujo padroeiro era o próprio São Joaquim. Ver: Cf. BERTONCINI, Sandra da Silva. **Acorde São Joaquim: identidade local e vocação turística.** Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina,

enquanto marco comemorativo das transações comerciais entre a Serra e o Litoral podemos verificar através do trabalho de Sandra Bertoncini (2011)⁴³² no qual vemos que a partir da criação da Freguesia de São Joaquim do Cruzeiro⁴³³ é que foram construídas as primeiras estradas de ligação entre Lages e Laguna que deram origem e seguimento às caravanas dos tropeiros que entrecortavam os núcleos coloniais ao oeste do Tubarão⁴³⁴.

Haja vista as diversas divergências ocorridas entre os frades franciscanos alemães e as camadas populares de seguidores do monge João Maria na região do Planalto Serrano seguia-se então uma série de acusações oriundas de ambos os lados onde face às alegações de mandonismo do assassinato e genocídio indígena por parte do clero teuto, os caboclos serranos brasileiros eram então respondidos à altura sendo acusados de serem charlatões e feiticeiros a serviço do Diabo por esses mesmos sacerdotes⁴³⁵. Face ao então considerado “*sofisticado*” método catequético dos franciscanos alemães de Lages, o Padre Luigi Marzano obviamente não poderia ficar por baixo, já que este, devido às suas políticas sócio religiosas de promoção da italianidade por meio da catolicidade, também fazia e promovia ampla concorrência à comunidade teuta no que diz respeito às tentativas de fazer o Brasil, e por conseguinte a América, progredirem civilizacionalmente por meio do branqueamento da população através do incentivo à imigração europeia⁴³⁶.

Sendo assim, o Padre Luigi Marzano nos aponta enquanto justificativa a falta de bons sacerdotes católicos (ultramontanos) para os brasileiros caboclos⁴³⁷ como sendo o motivo de sua ignorância religiosa da qual surgiria uma “*devoção boba, supersticiosa e ridícula*”⁴³⁸, fazendo-os assim mais suscetíveis à corrupção moral devido à sua proximidade étnico-cultural com os povos indígenas⁴³⁹. Dessa forma, é a partir desse

Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2011, p. 12-13.

⁴³² Esposa de São Joaquim, ambos pais da Virgem Maria e, portanto, avós maternos de Jesus Cristo. Sobre esses aspectos da devoção ver: Cf. MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. 1193; *Ibidem*, p. 1234; Sobre a transposição da Festa de São Joaquim de março para agosto mediante às reformas de Leão XIII no ano de 1890, influenciando possivelmente assim as Novenas em devoção a esse orago enquanto marco comemorativo da fundação da Freguesia de São Joaquim do Cruzeiro em março de 1886 ver: Cf. *Ibidem*, p. 1234; Cf. BERTONCINI, *op. cit.*, p. 13.

⁴³³ *Ibidem*, p. 13.

⁴³⁴ *Ibidem*, p. 13-14.

⁴³⁵ SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 211.

⁴³⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 26.

⁴³⁷ Sobre a definição de “*caboclo*” enquanto sujeito produto da miscigenação entre brancos e indígenas dentro desse contexto ver: Cf. CRESTANI, Taiza Gabriela Zanatta; COLOGNESE, Silvio Antônio & BAVARESCO, Paulo Ricardo. A construção do conceito de caboclo como demarcador social de inferioridade no sul do Brasil. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 27, n. 54, 2020, p. 29-33.

⁴³⁸ MARZANO, *op. cit.*, p. 26.

⁴³⁹ Definição da “*raça brasileira*” pelo Padre Luigi Marzano: “Por quase dois séculos foi um contínuo chover para o Brasil de aventureiros europeus. Estes, cruzando-se ainda com os negros trazidos da África

pressuposto das acusações de *charlatanismo* e *feitiçaria* que o Padre Luigi Marzano irá iniciar suas incursões para descobrir a gênese dessa revolta “*anticivilizatória*” no meio indígena⁴⁴⁰, pretendendo assim não somente “*extirpar as ervas malignas*”⁴⁴¹, como também arrancar completamente pela raiz qualquer forma de influência revoltosa que pudesse comprometer o monopólio da italianidade sobre o corpo eleitoral da Paróquia de Urussanga⁴⁴².

Figura 18 – Padre Luigi Marzano acompanhado de um mateiro em uma de suas caçadas pela floresta.



Fonte: MARQUES, 1978, p. 133.

3.2. KÓKÓLY-KAMLÉM: O Grande Kujá da Vinda e do Retorno ao Outro Lado da Vida.

Dando prosseguimento investigativo às incursões de “*jardinagem catequética evangelizadora*” do Padre Luigi Marzano, encontramos aqui aqueles que de acordo com ele eram considerados o maior de todos os empecilhos para o progresso civilizacional da

e com os selvagens ou índios, criaram uma raça nova, que forma o tipo não mais português, de quem só conservam a língua, mas do verdadeiro brasileiro”. Ver: Cf. MARZANO, *op. cit.*, p. 88.

⁴⁴⁰ Sobre a resistência xokleng-laklãnõ ao processo de assimilação forçada à sociedade nacional, considerada um retrocesso ao progresso civilizatório tanto pelo governo brasileiro, como pelos agentes da colonização europeia à época ver: Cf. SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 13-18; Cf. MARZANO, *op. cit.*, p. 70-73.

⁴⁴¹ Ver discurso triunfal de Caruso MacDonald acerca da Emancipação Municipal de Urussanga em: Cf. OTTO, Clárcia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 197.

⁴⁴² OTTO, *op. cit.*, p. 196-197; PEREIRA, Breno Anastácio. **Luigi Marzano: relações políticas e discursos de italianidades**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2017, p. 11-22; SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 23.

América: as comunidades xokleng-laklãnõ⁴⁴³, identificadas em seu relatório de missão sob a alcunha racista de “*os terríveis Botocudos, a raça mais feroz que existe*”⁴⁴⁴. Os botoques eram considerados pelo Padre Luigi Marzano como a marca incontestada e prova cabal da personificação da selvageria atribuída por ele ao povo xokleng-laklãnõ conforme podemos ver no trecho a seguir:

Enquanto tudo se encaminhava para o bem e quase os colonos iam esquecendo os sofrimentos passados e começavam adaptar-se à vida do Brasil. ai! novas calamidades e as mais terríveis, caíam sobre eles, isto é, os ataques dos selvagens da floresta. Seja por vingança e ódio, seja por falta de outra carne, devoravam os prisioneiros de guerra. Em algumas tribos havia o costume de desfigurar-se e praticavam nos filhos um orifício no nariz, e nas filhas no lábio inferior. Nesse furo colocavam um botoque de madeira, donde lhe foi dado o nome de Botocudos. Quando mais crescidos tiravam o botoque e serviam-se do furo para produzir um fortíssimo assobio em suas caças ou nas escaramuças ou nas guerras contra as outras tribos.

É propriamente dos Botocudos que eu devo falar, porque nos interessam mais. Em todas as incursões e aparições contra nossos compatriotas, sempre foram vistos só os Botocudos, de raça terrível.⁴⁴⁵

O botoque também conhecido como *tembetá* entre os indígenas⁴⁴⁶, para além de um belíssimo ornamento de alto valor estético⁴⁴⁷, era também visto pelas comunidades xokleng-laklãnõ como uma indumentária sagrada de cunho religioso que juntamente com seus cinturões de palha demarcavam o rito de passagem do menino infante para o homem adulto enquanto caçador e guerreiro: assumindo a partir de então a posição de provedor e defensor da aldeia, conforme apresentado por Milene Félix Silva (2016)⁴⁴⁸. Dessa forma os botoques se operacionalizavam na prática enquanto objeto religioso ao possibilitar uma maior gama de variedades sonoras de assobios para lhes auxiliar no empreendimento de suas habilidades de manejo e condução das atividades bélicas e de caça⁴⁴⁹.

⁴⁴³ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 71-73; SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 128-130; SPINDOLA, Marina Paiano. **As representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores da região sul de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2018, p. 28-30.

⁴⁴⁴ MARZANO, *op. cit.*, p. 187.

⁴⁴⁵ *Ibidem*, p. 71.

⁴⁴⁶ POPÓ, Carli Caxias. **Cosmologia na Visão Xokleng**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Terra Indígena Ibirama Laklãnõ: UFSC, 2015, p. 15.

⁴⁴⁷ Sobre o botoque enquanto um dos precursores dos piercings e alargadores e suas implicações legais em voga nos meios fashionistas alternativos e subversivos *non-mainstream* de nossa sociedade contemporânea ver: Cf. BARBOSA, Ewerson Joabe de Melo Ribeiro. A (im)pertinência de normatização constitucional acerca do princípio da ampla disposição do próprio corpo: Body Modification. **Revista de Direito UNIFACEX**, Natal, v. 8, n.1/2, 2018, p. 22-26.

⁴⁴⁸ SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklãnõ/Xokleng: no "tempo do mato"**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 85-89.

⁴⁴⁹ MARZANO, *op. cit.*, p. 71; SILVA, *op. cit.*, p. 85.

Assim como o botoque nos meninos, as tatuagens nas pernas das meninas eram também tidas como uma indumentária sagrada na cosmovisão xokleng-laklãnõ⁴⁵⁰. A mistura utilizada para a confecção das tintas a serem usadas nas tatuagens eram feitas a partir de um preparado de ervas simbolizando o rito de passagem entre a menina infante e a mulher adulta enquanto coletora e mãe: assumindo a partir de então a posição de provedora da aldeia e intermediária entre o Mundo Visível onde se materializava a Vida e o Mundo Invisível dos *Gajún* e dos *Kupléh*⁴⁵¹, isto é, dos espíritos que personificavam o bem e o mal e dos espíritos correspondentes à todos os elementos da natureza vivos e não-vivos respectivamente, constituindo-se assim, a multiplicidade diversificada e infinita de toda a Criação no Outro Lado da Vida na outra dimensão da matéria, e que mesmo mantendo-se fora do alcance da visão de nossos olhos podem manifestar sinais perceptíveis aos nossos sentidos por meio desses mesmos elementos, conforme também podemos conferir por meio dos trabalhos de Nanblá Gakran (2005)⁴⁵².

Logo ao tornarem-se grávidas e assumirem a posição de mães, as mulheres xokleng-laklãnõ passavam a assumir por consequência o papel de co-sacerdotisas⁴⁵³ dividindo assim os conhecimentos divinatórios⁴⁵⁴, herbológicos e medicinais com o *Kujá*, que era quem atuava enquanto sumo-sacerdote religioso desse povo⁴⁵⁵. Devido a tal fenômeno cosmológico era comum então que as comunidades xokleng-laklãnõ em seu período de pré-contato com a sociedade nacional assumisse uma organização religiosa e social de cunho matrifocal, onde as mulheres grávidas e as parteiras assumiam um papel

⁴⁵⁰ SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklãnõ/Xokleng**: no "tempo do mato". TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 75-77.

⁴⁵¹ *Ibidem*, p. 75-77;

⁴⁵² GAKRAN, Nanblá. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Laklãnõ (Xokleng) “Jê”**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudo de Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 24-25.

⁴⁵³ Sobre a importância das mulheres para o exercício da ritualística: a) dos ritos fúnebres ver: *Cf.* SILVA, *op. cit.*, p. 91; b) do nascimento de uma criança: *Cf. Ibidem*, p. 73-74; c) da passagem para a vida adulta: *Cf. Ibidem*, p. 82.

⁴⁵⁴ Sobre o ritual divinatório do vãtxo vaju realizado exclusivamente por mulheres: *Cf.* PRIPRA, Acir Caille. **Koplág: o ritual de previsão Xokleng/Laklãnõ**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 23-24.

⁴⁵⁵ GAKRAN, *op. cit.*, p. 24-25; POPÓ, Carli Caxias. **Cosmologia na Visão Xokleng**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Terra Indígena Ibirama Laklãnõ: UFSC, 2015, p. 21-22.

de suma importância de liderança comunitária, conforme apontado por Lalan Priprá (2015)⁴⁵⁶ e Elaine Kosicla Camlém (2020)⁴⁵⁷ respectivamente.

O Kujá, por sua vez, enquanto sumo sacerdote xokleng-laklânô, era assim então por consequência o mediador supremo entre o Mundo Visível dos Vivos e o Mundo Invisível dos Espíritos, assumindo dessa forma a persona divinizada de Kamlém⁴⁵⁸, tal qual os sacerdotes católicos em sua *Persona Christi*⁴⁵⁹. Somente ao kujá, enquanto sumo-sacerdote eleito dentre os meninos da aldeia através do Ritual do Peixe Pégtodé⁴⁶⁰, era incumbida a receita contendo a fórmula secreta e o modo de preparo da bebida sagrada: o Cauim, elemento essencial para a realização de todos os ritos de passagem xokleng-laklânô⁴⁶¹.

Embora a administração e distribuição do Cauim fosse vedada somente ao kujá, ficava, porém, ao encargo das parteiras a realização do ofício de todos os demais ritos de passagem xokleng-laklânô⁴⁶² com excessão dos ofícios fúnebres onde a devida encomendação dos kupleh era feita em conjunto de acordo com a necessidade de transposição entre as duas dimensões: visível e invisível⁴⁶³. A necessidade dessa transposição se dava sempre em decorrência do falecimento de um infante ou da impossibilidade da devida encomendação de um corpo, situação na qual era necessário que o kujá invocasse de forma ritualmente propícia o kupleh do falecido para que assim

⁴⁵⁶ PRIPRA, Lalan. **As Práticas de Autoatenção: Gravidez e Pós-parto entre as mulheres Laklânô/Xokleng na Terra Indígena Laklânô**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2015, p. 15-18.

⁴⁵⁷ CAMLEM, Elaine Kosicla. **Cândida Patté, Parteira Tradicional do Povo Xokleng Laklânô: retomada de práticas tradicionais e a saúde das mulheres**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 33-48.

⁴⁵⁸ **Kamlém**: palavra do idioma xokleng-laklânô que significa “*Deus*”, mas que também é utilizada para se referir enquanto sinônimo e modo de tratamento honorífico à figura divinizada do kujá enquanto mediador supremo entre os dois Mundos. Ver: Cf. POPÓ, Carli Caxias. **Cosmologia na Visão Xokleng**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Terra Indígena Ibirama Laklânô: UFSC, 2015, p. 29-31.

⁴⁵⁹ Sobre esses aspectos da devoção ver: Cf. GIRAUDO, Cesare. “In Persona Christi” – “In Persona Ecclesiae”: Fórmulas Eucarísticas à Luz da “Lex Orandi”. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 42, n. 117, 2010, p. 196-198.

⁴⁶⁰ CRIRI, Voia. **Impactos da colonização e da barragem norte sobre a espiritualidade do povo Laklânô/Xokleng: memórias do ritual do Pégtodé**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 16-19.

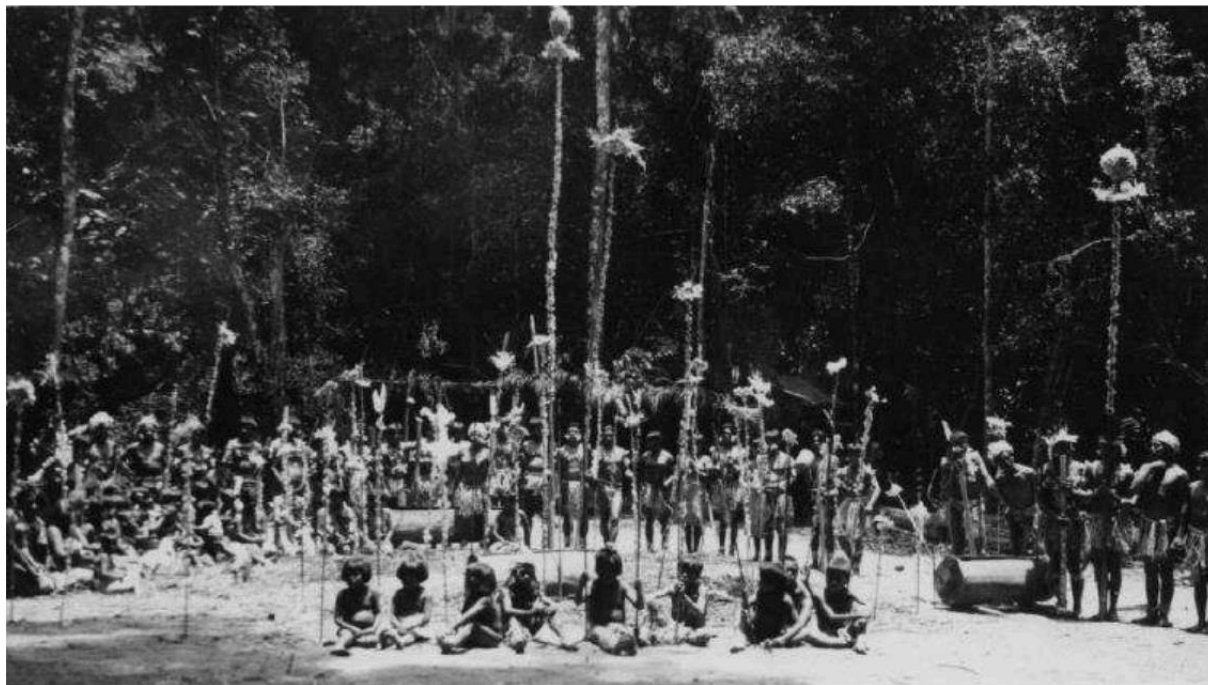
⁴⁶¹ SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklânô/Xokleng: no “tempo do mato”**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 78-80.

⁴⁶² *Ibidem*, p. 72-75.

⁴⁶³ Tal necessidade de transposição configuraria, portanto, na chamada “crença na reencarnação xokleng”. Sobre esses aspectos da devoção ver: *Ibidem*, p. 89-93; GAKRAN, Nanblá. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Laklânô (Xokleng) “Jê”**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudo de Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 24; POPÓ, *op. cit.*, p. 18-20.

ele retornasse com o auxílio das parteiras à dimensão visível através da subsequente gravidez de sua familiar enlutada mais próxima⁴⁶⁴.

Figura 19 – Representação do ritual de Perfuração dos lábios dos meninos para a inserção do botoque e a realização tatuagem na perda das meninas, 1933.



Fonte: SILVA, 2016a, p. 85.

O ritual de imposição do botoque para os meninos e das tatuagens para as meninas, bem como a iniciação e apadrinhamento dos recém-nascidos⁴⁶⁵, ocorriam periodicamente por sua vez, naquela que era conhecida como a Grande Festa do Cauim⁴⁶⁶. Conforme apontado por Almir Souza (2015)⁴⁶⁷, Marina Spindola (2018)⁴⁶⁸ e Milene Félix (2016)⁴⁶⁹ periodicidade com que ocorria a realização da Grande Festa do Cauim poderia variar, porém, de acordo com a ciclicidade produtiva de caça e coleta de forma seminômade, cujos ciclos migratórios dependiam também do contraste exercido pelas relações diplomáticas entre as comunidades xokleng-laklãnô e os povos kaingang que habitavam as

⁴⁶⁴ SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklãnô/Xokleng**: no "tempo do mato". TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 89-93; POPÓ, Carli Caxias. **Cosmologia na Visão Xokleng**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Terra Indígena Ibirama Laklãnô: UFSC, 2015, p. 18-20.

⁴⁶⁵ POPÓ, *op. cit.*, p. 72-89.

⁴⁶⁶ *Ibidem*, p. 78-82.

⁴⁶⁷ SOUZA, Almir Antônio de. Um viajante no Brasil Joanino: Auguste de Saint-Hilaire, o Caminho das Tropas, o mato e o campo, e os índios do Planalto Meridional. **Mneme - Revista de Humanidades**, Guarapuava, v. 15, n. 35, 2015, p. 147-154.

⁴⁶⁸ SPINDOLA, Marina Paiano. **As representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores da região sul de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2018, p. 15-19.

⁴⁶⁹ SILVA, *op. cit.*, p. 79.

circunvizinhanças à oeste no planalto serrano. Esse território com que se organizavam os xokleng-laklãnõ delimitado entre o litoral pelos guaranis e o planalto serrano pelos kaigang podemos conferir através do seguinte mapa apresentado por Elisete Ronchi (2015):

Figura 20 – Mapa da Região Sul do Brasil.



Fonte: RONCHI, 2015, p. 18.

Pois bem, vejamos os detalhes e minúcias dessa grandiosíssima e solene cerimônia sob o ponto de vista do olhar friamente atento e cientificamente calculista do próprio Padre Luigi Marzano:

Pelo que parece, entre os índios havia algumas crenças religiosas. Algumas tribos, principalmente os de raça Tupi, adoravam algum objeto, animado ou não, contanto que os tivesse impressionado. Mas todos tinham alguma crença religiosa e acreditavam numa vida futura. Nossos vizinhos e confinantes Botocudos, parecem ter alguma crença religiosa, temem muito o trovão e têm grande veneração pelos mortos que sepultam e acreditam numa vida futura.

Seus sacerdotes chamados pajés exercem entre eles grande influência e são muito respeitados. **São também feiticeiros, adivinhos, médicos, conselheiros e mestres, abusando frequentemente do poder que exercem sobre a consciência dos selvagens.**

As tribos obedecem a um chefe ou cacique, também chamados morubixaba. O governo deste é absoluto e só nos acontecimentos de grande importância devem consultar a assembleia dos guerreiros ou nhemangaba. É também certo que o chefe é eleito pelos guerreiros da tribo. Nas guerras este traz uma manta a tiracolo, e um cinto de um tecido que eles mesmo fazem.

Costumam ainda fazer uma festa do Cauim, bebida feita com a fermentação do milho ou da mandioca. Em tal festa devoram os prisioneiros de guerra. Conservam-nos por anos inteiros. No tempo de escravidão tratam-nos com toda a delicadeza, dando-lhe uma de suas filhas por mulher. Mas, ao chegar a época do cauim, devoram-nos sem piedade. Não sei se isto lhes é imposto por alguma de suas leis ou por certas crenças religiosas, ou seja efeito

de embriaguês a que se entregam em tal ocasião. A dança nunca falta também hoje em dia. Após uma boa caça, improvisam a dança ao som de tamborins e de flautas de taquaras.⁴⁷⁰

Conforme pudemos conferir no relato acima, é justamente a partir da observação empírica acerca dos rituais religiosos da população xokleng-laklãnõ é que o Padre Luigi Marzano também dá início às suas especulações acerca das práticas de *feitiçaria*⁴⁷¹. Essas mesmas especulações tinham por objetivo difamar tanto o modo de vida, como a organização sócio religiosa dos indígenas por meio de acusações caluniosas e totalmente distorcidas contra seus rituais religiosos, e principalmente, contra o kujá (aqui identificado por ele como *pajê*), enquanto sumo sacerdote e administrador principal de seus ritos⁴⁷².

3.2.1. *Persona Kamlém versus Persona Christi.*

Para entendermos o objetivo dessas especulações é necessário termos previamente em mente a conceitualização de *fetichismo religioso*⁴⁷³ enquanto recurso de retórica colonialista aqui empregado pelo Padre Luigi Marzano como forma de deslegitimar as atribuições sacerdotais do kujá enquanto sumo sacerdote xokleng-laklãnõ, amalgamando assim seus ideais ultramontanos às diretrizes ideológicas do positivismo republicano nacionalmente em voga⁴⁷⁴. Conforme apresentado por Rogério Pires (2011)⁴⁷⁵, o conceito de *feitiçaria* remontaria aos primórdios do colonialismo europeu dentre os séculos XVI ao XVIII na Costa do Golfo de Benin localizado na região noroeste do continente africano. A determinação de tal conceito teria sido então utilizada por missionários cristãos europeus (tanto católicos, como protestantes) para tipificar as tradições religiosas

⁴⁷⁰ **Grifo nosso.** Ver: MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil.** Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 72-73.

⁴⁷¹ *Ibidem*, p. 72.

⁴⁷² *Ibidem*, p. 71-73; SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 128-129; SPINDOLA, Marina Paiano. **As representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores da região sul de Santa Catarina.** Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2018, p. 28-30; SOUZA, Almir Antônio de. Um viajante no Brasil Joanino: Auguste de Saint-Hilaire, o Caminho das Tropas, o mato e o campo, e os índios do Planalto Meridional. **Mneme - Revista de Humanidades**, Guarapuava, v. 15, n. 35, 2015, p. 148-149.

⁴⁷³ Para um melhor aprofundamento acerca desse conceito ver: Cf. PIRES, Rogério Brittes W. Pequena história da ideia de fetiche religioso: de sua emergência a meados do século XX. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2011, p. 76-83.

⁴⁷⁴ ALBINO, Jefferson Nascimento. **Na imprensa, entre leis e ciências: o curandeirismo em questão na Primeira República (1890-1899).** Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021, p. 01-05; SELAU, *op. cit.*, p. 128-129; SPINDOLA, *op. cit.*, p. 28-30.

⁴⁷⁵ PIRES, *op. cit.*, p. 62-65.

de vários povos nativos dessa região cuja expressão ritualística centralizava-se na confecção e culto a objetos e amuletos consagrados que permitiam estabelecer contato com as forças da natureza regentes do Universo⁴⁷⁶.

O termo *feitiçaria* tornou-se então terminologia de dominação colonialista constantemente utilizada para definir as especificidades de cultos dos nativos norte-africanos como passíveis de condenação enquanto um meio termo entre a superstição, o politeísmo e a idolatria, e que por sua vez, eram em muito influenciados pelo islã⁴⁷⁷. É mediante ao constante uso dessa terminologia que a partir do século XVIII, porém, que nos principais círculos intelectuais europeus se desenvolverá o conceito de *fetichismo religioso* enquanto categoria de análise científica para o estudo das religiões enquanto fenômeno social humanista⁴⁷⁸.

É exatamente nesse ponto, que de acordo com Adriana Amorim (2007)⁴⁷⁹, podemos encontrar através do viés humanista de Augusto Comte que dá origem à teoria do positivismo, a conceitualização de *fetichismo religioso* enquanto ponto de intersecção entre o conceito de *feitiçaria* apresentado pelo Padre Luigi Marzano⁴⁸⁰ e os ideais de progresso positivistas almejados pelo regime republicano⁴⁸¹. Segundo Adriana Amorim (2007)⁴⁸² e Roberto Pires (2011)⁴⁸³, dentro da perspectiva do positivista comteano o fenômeno religioso consistiria numa das principais bases para o estudo de forma cientificamente empírica da sociedade humana passando por diversas etapas de desenvolvimento progressivo partindo da selvageria rumo à civilidade⁴⁸⁴. Dentro dessa escala de desenvolvimento progressivo do fenômeno religioso o *fetichismo* seria o equivalente ao seu estado mais primitivo enquanto o *humanismo* equivaleria então ao último e mais perfeito estágio do desenvolvimento humano⁴⁸⁵. A religiosidade ultramontana se encontraria então na penúltima etapa desse processo enquanto expressão

⁴⁷⁶ PIRES, Rogério Brittes W. Pequena história da ideia de fetiche religioso: de sua emergência a meados do século XX. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2011, p. 65.

⁴⁷⁷ *Ibidem*, p. 65-67.

⁴⁷⁸ *Ibidem*, p. 74-78.

⁴⁷⁹ AMORIM, Adriana Monteferrari. **O Projeto de uma Ciência Moral: A Religião em Auguste Comte**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Juiz de Fora, 2007, p. 11-15.

⁴⁸⁰ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 72.

⁴⁸¹ ALBINO, Jefferson Nascimento. **Na imprensa, entre leis e ciências: o curandeirismo em questão na Primeira República (1890-1899)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021, p. 01-05.

⁴⁸² AMORIM, *op. cit.*, p. 06-07.

⁴⁸³ PIRES, *op. cit.*, p. 76-77.

⁴⁸⁴ AMORIM, *op. cit.*, p. 11-13.

⁴⁸⁵ *Ibidem*, p. 13-14

máxima do monoteísmo que seria nesse caso o estágio mais avançado da religião teísta (não humanista) organizada⁴⁸⁶.

Ao relegar ao kujá a alcunha de *feiticeiro*, o Padre Luigi Marzano pretendia, portanto, encontrar uma brecha legal que pudesse alinhar as novas diretrizes das reformas ultramontanas aos parâmetros positivistas do novo regime republicano, favorecendo assim os seus interesses políticos de dominação⁴⁸⁷. Utilizando-se assim da artimanha retórica colonialista do *fetichismo religioso* como forma de categorizar as práticas religiosas distintas às do colonizador e das quais teria por único resultado, fortemente influenciado pelos efeitos do cauim a *antropofagia ritual* como efeito de causa único e prova cabal da selvageria enquanto aspecto de subdesenvolvimento civilizacional que toda essa cosmovisão representava⁴⁸⁸.

Conforme apresentado por Ninarosa Manfroi (2013)⁴⁸⁹, com exceção dos relatos missionários e de expedição bugreira que tinham por único objetivo justificar o extermínio dos povos indígenas por meio da calúnia e difamação, nunca houve comprovação por meio de provas empíricas, relatos confiáveis ou cientificamente aceitas da existência de hábitos rituais *antropofágicos* entre os povos nativos dessa região. Fato científico e empiricamente comprovado pelo médico *anarquista* Cesare Sartori, morador de Urussanga contemporâneo aos escritos do Padre Luigi Marzano, conforme podemos atestar no relato a seguir:

Ao ler jornais, revistas, ao acreditar em viajantes e excursionistas famintos por algo sensacional e romântico, o publico em geral pensa que selvagem equivale a feroz, canibal, antropófago. Mas, é um erro. Alippio Bandeira no “O Estado de São Paulo” afirma “que em nenhuma época da humanidade existiu antropofagia, ou seja, o homem jamais comeu carne humana ou fez do seu semelhante objeto de alimentação.”⁴⁹⁰.

Dessa forma o Padre Luigi Marzano ao relegar à categoria de *fetichismo* a cosmovisão xokleng-laklano manifestada pelos poderes do kuplêh dos objetos sagrados usados na Grande Festa do Cauim, procurava então tratar todo esse conjunto de crenças e ritos das comunidades indígenas que viviam no território de sua jurisdição eclesiástica

⁴⁸⁶ AMORIM, Adriana Monteferrari. **O Projeto de uma Ciência Moral: A Religião em Auguste Comte**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Juiz de Fora, 2007, p. 14-15

⁴⁸⁷ ALBINO, Jefferson Nascimento. **Na imprensa, entre leis e ciências: o curandeirismo em questão na Primeira República (1890-1899)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021, p. 01-05; MARZANO, 1985, p. 71-73.

⁴⁸⁸ MARZANO, *op. cit.*, p. 71-73.

⁴⁸⁹ MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. **Bleyer, Sartori e Bertoni: singulares imigrantes colonizadores de ideias**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013, p. 162-164.

⁴⁹⁰ MANFROI, *op. cit.*, p. 163.

enquanto sinônimo de expressão máxima do estágio mais primitivo da religiosidade humana⁴⁹¹. Desse modo o Padre Luigi Marzano também procurava justificar o colonialismo por meio da expansão do catolicismo ultramontano de acordo com os novos ideais positivistas do regime republicano⁴⁹². Desse forma o que observamos como recurso retórico no discurso do Padre Luigi Marzano é justamente estabelecer assim um contraste entre o kujá em sua Persona Kamlém enquanto feiticeiro (agente do *fetichismo*) frente ao clero católico na sua Persona Christi como expressão única da religiosidade ultramontana, considerada então pelo pensamento comteano positivista a expressão máxima do monoteísmo enquanto estágio mais avançado da religião teísta (não humanista) organizada.⁴⁹³

Levando em consideração as acusações de *feitiçaria* perpetradas pelo Padre Luigi Marzano procuramos trazer aqui, portanto, uma pequena contribuição de acréscimo à teoria evidenciada por Marcelo Selau (2006) na qual segundo ele a principal ferramenta de discurso para a justificação do colonialismo seria justamente a retórica comparativa de “*floresta versus progresso*” originando-se assim o título de sua obra *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* (1903)⁴⁹⁴. De acordo Marcelo Selau (2006), o sacerdote estaria dentro de um paradigma religioso, sendo obrigado a atuar enquanto porta-voz dos colonos mesmo que suas atividades missionárias fossem não-condizentes e totalmente paralelas às das expedições bugreiras promovidas popularmente pelos colonos⁴⁹⁵.

Conforme observado por Marcelo Selau (2006), a construção desse paradigma se daria com base na prerrogativa da necessidade de conversão das comunidades indígenas ao catolicismo ultramontano como forma de atender às demandas expansionistas com relação ao número de fiéis devotados à Santa Sé frente ao extermínio em massa perpetrado pelos colonos enquanto forma de autodefesa⁴⁹⁶. Ao analisarmos esse

⁴⁹¹ AMORIM, Adriana Monteferrari. **O Projeto de uma Ciência Moral: A Religião em Auguste Comte**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Juiz de Fora, 2007, p. 11-13; MARZANO, *op. cit.*, p. 72.

⁴⁹² MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 80.

⁴⁹³ Acerca do catolicismo ultramontano dentro da escala progressiva das religiões com base nos parâmetros positivistas ver: *Cf.* AMORIM, *op. cit.*, p. 14-16; *Cf.* BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Hedra, 2011, p. 53-55.

⁴⁹⁴ SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 128-130;

⁴⁹⁵ *Ibidem*, p. 128-133;

⁴⁹⁶ *Ibidem*, p. 130-133;

paradigma sob a luz das diretrizes do *Catecismo Romano* (1566)⁴⁹⁷ então em vigor à época o que vemos na verdade é um planejamento muito bem arquitetado de justificativa do extermínio em massa das comunidades xokleng-laklãnõ conforme veremos a seguir.

A construção desse paradigma apontado por Marcelo Selau (2006)⁴⁹⁸ se desenvolve com base em duas etapas que podemos observar a partir da retórica de discurso do Padre Luigi Marzano em dois capítulos de seu livro que correspondem à cada uma delas respectivamente. A primeira etapa refere-se à tutela da Igreja acerca dos catecúmenos, ou seja, daqueles que ainda não lhes foi outorgada a faculdade iniciática da vida cristã: o Sacramento do Batismo⁴⁹⁹, tal qual podemos conferir no trecho do *Capítulo XI – Os Botocudos ou Selvagens da II Parte do Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* (1903), na qual o Padre Luigi Marzano descreve os costumes e crenças das comunidades indígenas presentes em sua jurisdição eclesiástica⁵⁰⁰. A segunda etapa diz respeito às recomendações da Igreja com relação ao homicídio como forma de defesa circunscrita enquanto exceção referente ao *V Mandamento: Não Matarás* do *Decálogo Mosaico* que norteia a III Parte dos regimentos do *Catecismo Romano* (1566)⁵⁰¹. Um pequeno esboço da justificativa dessa segunda etapa podemos ver ainda ao final do *Capítulo XI – Consternação e Desânimo*⁵⁰². A questão da justificativa do extermínio em massa das comunidades xokleng-laklãnõ, porém, será novamente abordada com muito mais profundidade no *Apêndice*, onde são narrados os “*Últimos Acontecimentos*” dos núcleos coloniais adjacentes à Urussanga durante os últimos meses que se precederam à finalização do livro⁵⁰³. Nesse caso, mais especificamente no *Capítulo VII – Nova Aparição dos Selvagens. Graça de Nossa Senhora*, onde o Padre Luigi Marzano atribui como um milagre de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia o salvamento das crianças da família Amboni durante um episódio de saqueamento efetuado por um

⁴⁹⁷ CATECISMO ROMANO. *Catecismo dos párocos*, redigido por decreto do Concílio Tridentino.

Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 37-40;

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo - Reforma. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 26; SILVA, Ana Rosa Clouet da & COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. *Estudos De Religião*, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021, p. 336-338.

⁴⁹⁸ *Ibidem*, p. 128-133;

⁴⁹⁹ CATECISMO ROMANO, *op. cit.*, p. 230.

⁵⁰⁰ MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 71-73.

⁵⁰¹ CATECISMO ROMANO. *Catecismo dos párocos*, redigido por decreto do Concílio Tridentino.

Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 436-438.

⁵⁰² MARZANO, *op. cit.*, p. 77-80.

⁵⁰³ *Ibidem*, p. 166-191.

grupo de indígenas⁵⁰⁴.

Esse último capítulo infelizmente não é abordado pelo estudo de Marcelo Selau (2006)⁵⁰⁵, cujo capítulo referente a esse tema debruça-se quase que exclusivamente sobre o *Capítulo XI – Consternação e Desânimo*⁵⁰⁶. Procuramos a partir dessa nossa pequena contribuição, portanto, trazermos a análise do *Capítulo VII – Nova Aparição dos Selvagens. Graça de Nossa Senhora*⁵⁰⁷, enquanto complemento crucial para entendermos a lógica colonial de extermínio indígena em massa conforme os parâmetros do catolicismo ultramontano tendo por base as acusações de *feitiçaria* como pano de fundo. É muito importante analisarmos esses dois capítulos em conjunto já que neles há uma transição na qual nas palavras do próprio Padre Luigi Marzano: “*nossos vizinhos e confinados botocudos*”⁵⁰⁸ passam a ser descritos como “*os terríveis e implacáveis, nossos inimigos, os selvagens*”⁵⁰⁹ no final do livro. Pois bem, começemos da primeira etapa...

Conforme muito bem explicitado no parágrafo 28, artigo 5º do segundo capítulo da Parte II do Catecismo Romano (1566)⁵¹⁰, ficaria ao encargo da Igreja, portanto, a guarda e a tutela de todos àqueles que fossem candidatos ao catecumenato, ou seja, todos aqueles que já adultos e possuindo o pleno uso da razão ainda não foram batizados para que assim possam ser catequizados e receber de vontade própria o Sacramento do Batismo. Ao levarmos em consideração a retórica de discurso de *floresta versus progresso* junto às acusações de *feitiçaria* perpetradas pelo Padre Luigi Marzano contra o kujá, o que vemos na verdade é um grande antagonismo entre os sacramentos católicos administrados pelos clérigos ultramontanos e os ritos iniciáticos da Grande Festa do Cauim oficiados pelos assim chamados *pajés*⁵¹¹.

Para além de se oficiarem os ritos de passagem pertinentes aos infantes de forma muito semelhante ao batismo católico, era também dentro dessa mesma ritualística dentro da Grande Festa do Cauim que os neófitos eram então iniciados enquanto os novos

⁵⁰⁴ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 184-188.

⁵⁰⁵ SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 128-133.

⁵⁰⁶ MARZANO, *op. cit.*, p. 77-80.

⁵⁰⁷ *Ibidem*, p. 184-188.

⁵⁰⁸ *Ibidem*, p. 72.

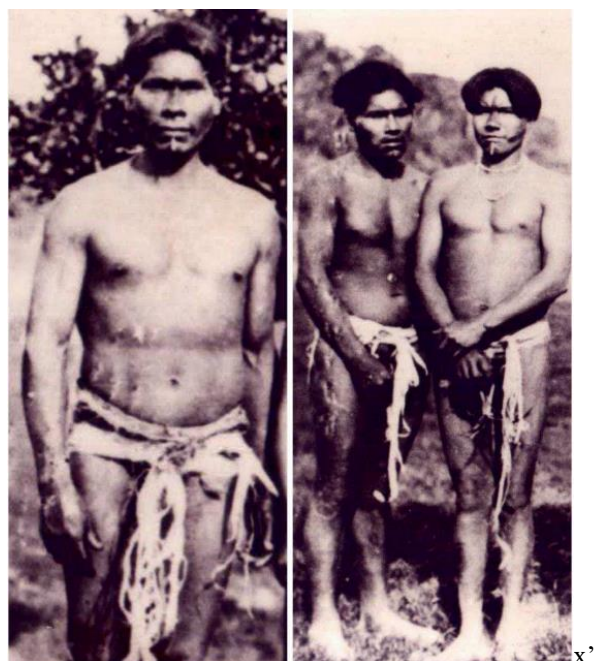
⁵⁰⁹ MARZANO, *op. cit.*, p. 184.

⁵¹⁰ CATECISMO ROMANO. Catecismo dos párcos, redigido por decreto do Concílio Tridentino. Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 227.

⁵¹¹ SELAU, *op. cit.*, p. 129.

guerreiros e caçadores da comunidade a partir da conferência do cinto sagrado entregue pelo kujá⁵¹². Esse mesmo motivo é também o pelo qual o Padre Luigi Marzano explica acerca da estruturação do uso de vestimentas sagradas enquanto parte do ofício bélico-militar entre os indígenas em meio ao seu relato acerca da Grande Festa do Cauim⁵¹³.

Figura 21 – Jovens Laklânô-Xokleng usando cintos cerimoniais.



Fonte: SILVA, 2016a, p. 89.

Esses mesmos jovens guerreiros e caçadores em posse de tais cintos tinham seus ofícios bélicos e de caça definidamente conduzidos por meio do Ritual do Koplág: no qual o kujá assumindo sua posição de *adivinho*⁵¹⁴ (também mencionada pelo Padre Luigi Marzano)⁵¹⁵ mostra a estratégia, os perigos e as boas oportunidades que estão por vir frente às expedições de caçadores e guerreiros da comunidade⁵¹⁶. Partindo desse princípio é que vamos então para a segunda etapa onde conforme Marcelo Selau (2006)⁵¹⁷ o extermínio em massa de comunidades indígenas por meio de excursões populares é elogiado de forma louvável pelo Padre Luigi Marzano enquanto forma de autodefesa, ato

⁵¹² SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklânô/Xokleng**: no "tempo do mato". TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 88-90.

⁵¹³ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 72.

⁵¹⁴ PRIPRA, Acir Caile. **Koplág**: o ritual de previsão Xokleng/Laklânô. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 13-15.

⁵¹⁵ MARZANO, *op. cit.*, p. 72.

⁵¹⁶ PRIPRA, *op. cit.*, p. 13-14.

⁵¹⁷ SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925)**: resistência e extermínio. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 130-133.

respaldado pelo Catecismo Romano (1566) conforme trecho a seguir:

[8] Pela razão alegada, é de toda evidência que não transgride este Preceito, quem mata outra pessoa, em defesa de sua própria vida, se tiver usado todas as precauções.

Estas espécies de homicídios, que acabamos de enumerar, não estão incluídas na proibição deste Mandamento. Com exceção delas, todas as mais são proibidas, quer se tenha em vista o assassino, quer a vítima, quer a maneira de matar.⁵¹⁸

Dessa forma o Padre Luigi Marzano ao conferir também ao kujá as categorias de “adivinhos, conselheiros e mestres, abusando frequentemente do poder que exercem sobre a consciência dos selvagens”⁵¹⁹, (fazendo referência indireta ao Ritual do Koplág)⁵²⁰, acaba relegando ao sacerdote indígena toda a culpa dos incidentes ocorridos entre colonos e indígenas. O avanço do “*progresso*” colonialista na visão retórica de “*progresso versus floresta*” do Padre Luigi Marzano só poderia se efetivar de fato, por meio da expansão do catolicismo ultramontano⁵²¹, o que significava a declaração de uma *guerra justa* frente aos guerreiros xokleng-laklãnõ então chefiados pelo kujá, atitude bélica-homicida também canonicamente amparada pelo Catecismo Romano (1566) conforme trecho a seguir:

[5] Da mesma forma, não pecam aqueles que, em guerra justa, tiram a vida dos inimigos, não por cobiça ou crueldade, mas unicamente por amor da causa comum de seu povo.⁵²²

A declaração dessa *Guerra Justa* podemos ver melhor evidenciada no *Capítulo VII – Nova Aparição dos Selvagens. Graça de Nossa Senhora*, onde o Padre Luigi Marzano após inferir a intervenção divina de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia pela sobrevivência de três crianças, cujos pais e a irmã mais velha foram feridos durante um saque perpetrado por indígenas, passa a pedir o abastecimento de armas para os colonos aos seus concidadãos italianos conforme podemos ver no trecho a seguir:

Tinham passado oito longos anos desde que não mais se tinha visto os terríveis e implacáveis, nossos inimigos, os selvagens. Tanto é verdade, que já se vivia seguro de que se tinham internado na floresta. Eis, em vez que, novamente apareceram. No dia 24 de outubro de 1902, pelo entardecer, estava no escritório ocupado em pôr em dia umas coisinhas, quando ouço o galopar de cavalos que param à frente da porta de casa.

⁵¹⁸ CATECISMO ROMANO. Catecismo dos párocos, redigido por decreto do Concílio Tridentino. Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 437-438.

⁵¹⁹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 72.

⁵²⁰ PRIPRA, Acir Caile. **Koplág: o ritual de previsão Xokleng/Laklãnõ**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p.14-15.

⁵²¹ MARZANO, *op. cit.*, p. 73; SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 132-133.

⁵²² CATECISMO ROMANO, *op. cit.*, p. 436.

Pensando que se tratasse de chamada para doentes, saio prontamente e vejo dois rapazes apear ofegantes, assustados, quase sem poder proferir palavra. Interrogo-os sobre o que estaria acontecendo e me respondem: — Padre, os bugres apareceram e feriram mortalmente três pessoas”.

Horrorizado por tal notícia, fi-los entrar, e tendo-me assegurado que os feridos ainda estavam com vida, fiz que me contassem os particulares:

Em Nova Treviso, precisamente na localidade de Rio Manim, mora a família Amboni composta do pai, Luís, da mãe, Madalena, e de quatro filhas de 15, 8, 6 e 2 anos e meio. Os pais, com a filha maior, estavam ocupados com a plantação de milho, quando, de improviso, ouviram um estranho e insólito rumor na mata virgem, que não distava deles mais de vinte metros. Pensaram que este rumor tivesse sido causado por algum animal, quando eis que a mãe dá um grito de dor. Que era? — Uma flecha atravessara-lhe o braço direito e transpassara-lhe as costas na altura do pulmão!

Mas, aí! Uma horda de selvagens salta da floresta. Num instante alcança-os e a golpes de lança na cabeça deixa-os sem sentidos, num lago de sangue.

Abandonando as vítimas, os selvagens correm para casa, distante uns duzentos metros, para depredá-la.

E às três meninas, que aconteceu?

Maria Santíssima, por elas invocada, defendeu-as e salvou-as de modo milagroso.

Enquanto se desenrolava esta tremenda cena, as três crianças divertiam-se sozinhas na frente de casa. Ouvindo os gritos lancinantes dos pais e os urros dos selvagens, logo refugiaram-se dentro de casa e fecharam as portas e as janelas. Não tardaram em chegar os selvagens. Com um forte empurrão abateram à porta, entraram e carregaram tudo que havia, vestes, roupa de cama, trens de cozinha, instrumentos agrícolas, gêneros alimentícios, até o colchão de palha. Tudo, enfim. Não deixaram mais que as paredes nuas.

E as três crianças?

No momento em que os selvagens saíram da mata e emitiram seu grito de guerra, os bois, as vacas e os cavalos que pastavam no campo, bufando, mugindo, e nitrindo, correram desenfreadamente para as casas. Os colonos que se encontravam meio quilômetro mais abaixo, ao ver chegar seus animais espavoridos pensaram logo que deviam ter reaparecido os selvagens.

Armaram-se como puderam de foices e de uma velha espingarda e só em dois atravessaram os quatrocentos metros de florestas e chegaram às propriedades dos Amboni. Com horror viram os três pobres feridos com tremendas convulsões no chão, num lago de sangue. Chorando disseram-lhe: “Recomendai-vos a Deus e logo voltaremos”. Correram à frente, com outros que chegaram, para socorrer as casas acima, que temiam estivessem em perigo. De fato viram-nas circundadas pelos selvagens. Então gritando dispararam a velha arma e viram os selvagens desaparecerem logo na floresta.

Saindo das casas, aqueles pobrezinhos que passaram uma hora com a morte à vista, todos correram a prestar socorro aos pobres feridos e transportaram-nos para a capelinha da comunidade, transformada em lazareto.

Enquanto isto todos perguntavam: — E as pobres meninas? Dois homens correram à casa dos Amboni, mas vendo o saque total efetuado, pensaram que elas tivessem sido levadas embora pelos selvagens. Que desolação em todos os corações! Outras pessoas chegam à casa e, chorando, chamam pelas meninas... E eis que finalmente, a maiorzinha de oito anos espia debaixo da cama e depois sai, seguida pelas outras duas, segurando ainda nas mãos o quadro de Nossa Senhora de Pompéia, atrás do qual estiveram escondidas no ato em que os selvagens entraram e saquearam a casa.

“Ao ver aqueles homens feios, assim contou a maiorzinha, corri para casa, fechei a porta e depois desprendi o quadro de Nossa Senhora de Pompéia e refugiei-me com as irmãs debaixo da cama. Todas as três segurávamos o quadro e retínhamos a respiração, com os olhos fixos na Senhora, que nos parecia muito bonita. Aqueles brutos vieram mais vezes perto de nós, mas não puderam fazer-nos nenhum mal porque a Senhora não queria”.

Não é um milagre?

Como é que os selvagens ao retirar até o colchão de palha, não descobriram as crianças?

Como explicar que as três crianças, a última delas com pouco mais de dois anos, ao ver entrar em casa e aproximar-se delas aqueles gigantes nus, negros, armados, que conheciam por fama de cruéis e ferozes, não tenha gritado ou chorado?

Eu estou convencido de que se trata de um milagre que Maria Santíssima quis operar no mês dedicado a seu Santo Rosário.

(...)

Cada família deveria providenciar uma arma de fogo tão temida pelos selvagens. O disparo de uma espingarda desbarata, como por encanto, uma horda de selvagens. Alguns colonos sempre trazem na cinta uma pistola ou um facão. Parece que os selvagens compreendem que eles estão armados. Até hoje estes nunca foram atacados, mesmo que tenha trabalhado e trabalhem nas proximidades da floresta. Se além disto tivessem um fuzil, com ele alguma vez estariam na floresta para caçar, os seus disparos manteriam bem longe os selvagens.

Não existe algum caçador emérito que queira privar-se de sua arma, para ele talvez já inútil, e enviá-la a estes pobres italianos?... Espero que sim.

De certo existem tantas senhoras que herdaram de seus pais, tios, ou irmãos espingardas que vão se consumindo pela ferrugem... Oh! Façam um presente a nossos pobres colonos! Com elas poder-se-á, talvez, salvar a vida a pobres mães de família e a tenras e inocentes meninas! Alguma, estou seguro, quererá fazer esta caridade.

As almas gentis, caridosas, e generosas, que quiserem acolher este meu apelo, podem expedir qualquer arma ao porteiro de Vila Basilica, 13, Turim. — Não se pedem espingardas de luxo ou com retrocarga. Basta que sejam espingardas, ainda que necessitem de algum conserto. Aceitam-se também pistolas e espadas. Serão suficientes para manter à distância os selvagens.⁵²³

Levando em consideração a especificidade da data desse episódio: 24 de outubro de 1902, alinhada ao fato de que, (de acordo com o relato do próprio Padre Luigi Marzano)⁵²⁴, já haviam se passado oito anos sem nenhum ataque ou avistamento sequer das comunidades indígenas que viviam nas circunvizinhanças dos núcleos coloniais dessa região, é muito provável que os colonos que vitimados pelas flechadas nos braços fossem também os mesmos mencionados nos estudos do médico *anarquista*, o Dr. Cesare Sartori responsável pelo atendimento de toda a população colonial de Urussanga à época, conforme podemos conferir a seguir:

Em 1902, em Urussanga, SC, retirei do espaço intercostal de um camponês italiano, uma seta disparada por um Botando. Isso é fatal como a espinha de um peixe, e não se pode retirá-lo sem dilacerar a pele. Descobriu-se que os colonos italianos, haviam matado duas ou três Botocudas, porque mataram e comeram um boi! Na cidade de Curitiba, no ano de 1906, encontrei uma senhora morta e uma moça com fratura parietal que [...] salvar.

⁵²³ **Grifos Nossos.** MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil.** Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 184-188.

⁵²⁴ MARZANO, *op. cit.*, p. 184.

Resultado da vingança dos Botocudos contra os brancos (Pires) que a ferro e fogo assassinaram vários pele-vermelhas.⁵²⁵

Afinal de contas, essa guerra era justa pra quem se de acordo com esse outro relato os membros da comunidade xokleng-laklãnõ também estavam se defendendo? Tendo em vista toda essa situação voltemos nosso olhar atento ao trecho do relato do Padre Luigi Marzano acerca das expedições populares contra as comunidades xokleng-laklãnõ sobre o qual Marcelo Selau (2006)⁵²⁶ tece suas conclusões:

A primeira avançou sobre as colinas entre Orleans e Grão-Pará, e, tendo encontrado os selvagens, **perseguiu-os tomando-lhes todas as armas e carregando três crianças indígenas.**

A outra companhia, depois de dois dias de investigação encontrou grande número de selvagens a uns vinte quilômetros ao Norte de Urussanga. **Destroçou-os trazendo feixes de flechas, arcos e duas crianças.** Várias mortes de pessoas irritavam os colonos e impeliam para a vingança, mas uma pessoa civilizada e cristã deve inclinar-se ao perdão. Não tem os selvagens uma alma como nós? Ou matar esses nossos irmãos não é um homicídio culpável?

Deixemos tudo isso nas mãos da Divina Providência. **Chegará a hora em que conquistaremos os selvagens da floresta, almas para a civilização e para o paraíso.**

Honra, portanto, à colônia italiana que em tantos anos de sofrimento, de moléstias e de mortes, soube manter uma atitude **digna e civilizada.**⁵²⁷

Ao reconhecer a *alma* e a *humanidade* das comunidades indígenas de sua circunvizinhança e colocar o destino dessa “*Guerra Justa*” nas mãos da Divina Providência⁵²⁸, o Padre Luigi Marzano na verdade não pretende aqui condenar o massacre e extermínio das comunidades xokleng-laklãnõ, mas sim, corroborá-lo portanto por meio do combate às forças sacerdotais e bélicas indígenas que ameaçassem o monopólio da territorialidade colonial poupando somente as crianças por serem consideradas assim o elo mais fraco dessa civilização, que “livres” da influência do kujá estariam então mais abertos à conquista de suas “*almas para a civilização e para o paraíso*”⁵²⁹. A prática de assimilação forçada tanto de crianças, como de mulheres indígenas à sociedade nacional, conforme apontado por Elisete Ronchi (2015)⁵³⁰ e até mesmo pelo próprio Padre Luigi

⁵²⁵ MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. **Bleyer, Sartori e Bertoni**: singulares imigrantes colonizadores de ideias. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013, p. 161.

⁵²⁶ SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925)**: resistência e extermínio. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 132-133.

⁵²⁷ **Grifos nossos.** MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil.** Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 80.

⁵²⁸ *Ibidem*, p. 80; SELAU, *op. cit.*, p. 132-133.

⁵²⁹ MARZANO, *op. cit.*, p. 80.

⁵³⁰ RONCHI, Elisete Soares. **Imigração, povos Xokleng e infância**: relatos e discussões (Sul de Santa Catarina 1880-1920). TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015, p. 13-14.

Marzano⁵³¹, longe de ser uma especificidade dos colonos italianos era também vastamente praticada por *bugreiros* pertencentes à comunidade afro luso brasileira tanto da Serra como do Litoral. Tal processo de assimilação forçada seja por meio de expedições populares como nos casos mencionados por Maurício Selau (2006)⁵³², ou por meio de bugreiros conforme apontado por Elisete Ronchi (2015)⁵³³, Marina Spindola (2018)⁵³⁴, teriam dado origem então a assim chamada população *cabocla*, que conforme abordamos anteriormente, de acordo com o Padre Luigi Marzano seria detentora de uma “*devoção boba, supersticiosa e ridícula*”⁵³⁵.

Figura 22 – Padre Luigi Marzano com algumas crianças indígenas.



Fonte: MARZANO, 1985, verso da capa.

Mas o que o Padre Luigi Marzano e os franciscanos alemães jamais poderiam imaginar nem mesmo nos seus piores pesadelos é que todos os conhecimentos herbológicos, medicinais e ritualísticos do kujá eram repassados diretamente e em partes às mulheres e crianças da comunidade seja enquanto co-sacerdotisas ou futuros candidatos ao sacerdócio, conforme podemos ver muito bem apontado nos trabalhos de

⁵³¹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 73; *Ibidem*, p. 88; SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 130-133.

⁵³² SELAU, *op. cit.*, p. 131-138.

⁵³³ RONCHI, Elisete Soares. **Imigração, povos Xokleng e infância: relatos e discussões** (Sul de Santa Catarina 1880-1920). TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015, p. 34-38.

⁵³⁴ SPINDOLA, Marina Paiano. **As representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores da região sul de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2018, p. 20.

⁵³⁵ MARZANO, *op. cit.*, p. 26.

Milene Félix (2016)⁵³⁶, Acir Pripra (2020)⁵³⁷ e Voia Criri (2020)⁵³⁸. Dessa forma ao serem forçadas a se assimilarem à sociedade nacional, as mulheres e crianças indígenas, mais especificamente no caso: oriundas das comunidades xokleng-laklãnõ, ao serem obrigadas a aderir ao catolicismo enquanto única cosmovisão socialmente aceita acabaram por trazer em sua bagagem todo esse escopo de conhecimentos e sabedorias ancestrais antiquíssimas e que em conjunção com a cosmologia católica deram origem às rezas e benzeduras populares, que de acordo com Élio Cantalício Serpa (1989; 1997)⁵³⁹, eram muito comumente encontradas principalmente entre os (assim chamados) *caboclos* da comunidade afro luso brasileira.

Figura 23 – Grande Festa Tradicional Xokleng, 1933.



Fonte: SILVA, 2016a, p. 81.

⁵³⁶ SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklãnõ/Xokleng**: no "tempo do mato". TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 82; *Ibidem*, p. 91-92.

⁵³⁷ PRIPRA, Acir Caile. **Koplág**: o ritual de previsão Xokleng/Laklãnõ. ". TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 23-24.

⁵³⁸ CRIRI, Voia. **Impactos da colonização e da barragem norte sobre a espiritualidade do povo Laklãnõ/Xokleng**: memórias do ritual do Pétogdé. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 17-19.

⁵³⁹ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciencias Humanas, 1989, p. 52-55; *Idem*. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 66-69.

E como se isso tudo não lhes fosse assustadoramente suficiente, ainda por cima segundo os trabalhos de Voia Criri (2020)⁵⁴⁰ e Carli Popó (2015)⁵⁴¹ era vedada ao kujá a capacidade de transfigurar-se nos três animais sagrados: o Bugio, o Pássaro Ról e a Ave Kókóly. Logo, ao manter-se fiéis e atentos aos sinais da natureza para então unir-se novamente à figura do kujá não é de se admirar o impacto que os movimentos messiânicos iniciados pelos monges sob o signo da bandeira de uma Pomba dotada de capacidades curativas⁵⁴², enquanto representação iconográfica também do Divino Espírito Santo⁵⁴³, tivessem tamanha influência nas grandes revoltas *caboclas* que, de acordo com Élio Cantalício Serpa (1989; 1997)⁵⁴⁴ acabaram por dar origem à Guerra do Contestado. Teoria essa que podemos ver elucidada nos trabalhos de Namblá Gakran (2015)⁵⁴⁵ acerca da espiritualidade xokleng-laklãnõ e sua relação com a natureza ao explicar como as formas de comunicação com a fauna sagrada acabaram por sofrer certas influências da religião cristã após o contato com os colonizadores resultando em diversas comparações entre Æggklẽnẽ, o mais elevado espírito que comanda a hierarquia dos *Gajún* à figura de Jesus Cristo junto de seus respectivos asseclas celestiais.

Dessa forma a categorização utilizada pelo Padre Luigi Marzano do *fetichismo religioso* enquanto prática subversiva promotora da desordem social seria então uma forma de justificar o uso bélico e militar da força para dissolver quaisquer elementos de organização popular cabocla e indígena que pudessem ameaçar o monopólio da *italianidade* no cenário político dos núcleos coloniais⁵⁴⁶. A justificativa para o extermínio

⁵⁴⁰ CRIRI, Voia. **Impactos da colonização e da barragem norte sobre a espiritualidade do povo Laklãnõ/Xokleng**: memórias do ritual do Pétogdé. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 11-12.

⁵⁴¹ POPÓ, Carli Caxias. **Cosmologia na Visão Xokleng**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Terra Indígena Ibirama Laklãnõ: UFSC, 2015, p. 29-30.

⁵⁴² SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciencias Humanas, 1989, p. 62.

⁵⁴³ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino**: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2010, p. 25-30.

⁵⁴⁴ SERPA, *op. cit.*, p. 59-68; *Idem*. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 68-77.

⁵⁴⁵ GAKRAN, Nanblá. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Laklãnõ (Xokleng) “Jê”**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudo de Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 32-33.

⁵⁴⁶ Acerca do monopólio político-comercial da italianidade dos núcleos coloniais dentre desse contexto ver: Cf. OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 196-197; Cf. PEREIRA, Breno Anastácio. **Luigi Marzano**: relações políticas e discursos de italianidades. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2017, p. 11-17; Cf. SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 23.

das comunidades indígenas xokleng-laklãnõ se daria então, de acordo com o Padre Luigi Marzano, enquanto único recurso ainda disponível para a aplicação da lei civilizadora ao alcance devido à escassez de (“bons”) padres em número suficiente para que pudessem em conjunto apaziguar os ânimos entre colonos e indígenas com base na assimilação forçada desses indivíduos ao catolicismo ultramontano⁵⁴⁷. A acusação de *feiticiaria* serviria, portanto, como uma forma de combater ambos os movimentos com uma cajadada só, estabelecendo-se assim paralelos que se encontravam enquanto denominadores comuns entre a ritualística xokleng-laklãnõ e as festividades populares brasileiras denunciadas enquanto “*seita*” em telegrama por João Cabral⁵⁴⁸.

Dentre esses denominadores comuns que podemos obter encontrar através de nossa análise, podemos encontrar aqui entre a Grande Festa do Cauim realizada pelas comunidades xokleng-laklãnõ e o Ciclo de Festas do Divino popularmente manifestado pela comunidade afro luso brasileira os seguintes elementos: a distribuição dos excedentes econômicos durante uma festividade religiosa periodicamente com base na ciclicidade econômica, conforme apontado por Élio Cantalício Serpa (1997)⁵⁴⁹, Lélia Nunes (2010)⁵⁵⁰ e Milene Félix (2016)⁵⁵¹; o uso de semióforos⁵⁵² enquanto objetos de função estética que a partir de sua sacralização passam a assumir funções práticas de teor laboral e medicinal, tais como o botoque e as fitinhas bentas da Bandeira do Divino, tal como apontado novamente por Milene Félix (2016)⁵⁵³ e Lélia Nunes (2010)⁵⁵⁴ em uníssono com Márcia Alves (1999)⁵⁵⁵ respectivamente; a realização de uma solenidade religiosa na qual a partir da ciclicidade das atividades econômicas em conjunção à periodicidade cíclica das estações também se realizem os ritos de passagem de caráter individual dos membros daquela sociedade de forma coletiva enquanto materialização

⁵⁴⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 72-73.

⁵⁴⁸ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo**, 1897. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

⁵⁴⁹ SERPA, Igreja e poder em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 63-64.

⁵⁵⁰ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 49-50.

⁵⁵¹ SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklãnõ/Xokleng: no "tempo do mato"**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 76-77.

⁵⁵² *Semióforos*: objetos portadores de significado e que por conseguinte detêm a capacidade de conectar o visível ao invisível. Ver: GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 284.

⁵⁵³ SILVA, *op. cit.*, p. 75-76.

⁵⁵⁴ NUNES, *op. cit.*, p. 51.

⁵⁵⁵ ALVES, Márcia. **Entre a folia e a sacristia: as (re) significações e intervenções da elite clerical e civil na festa do divino em Florianópolis (1896-1925)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1999, p. 45.

simbólica do ciclo de nascimento, crescimento, morte e renascimento pertinentes à vida humana, tais como a inserção do botoque xokleng-laklãnõ e o batismo católico por exemplo, ambos rituais nos quais os infantes são apadrinhados por membros mais velhos ou figuras eminentes daquela comunidade durante ambas as festividades da Grande Festa do Cauim e do Ciclo de Festas do Divino, conforme também podemos conferir por meio dos trabalhos de Milene Félix (2016)⁵⁵⁶ e Élio Cantalício Serpa (1997)⁵⁵⁷ respectivamente. Dentre esses denominadores comuns vale a pena ressaltar o uso dos *semióforos* e a materialização ritualística do ciclo de nascimento, crescimento, morte, e renascimento enquanto elementos de intersecção também encontrados por Carlo Ginzburg em sua obra *História Noturna* (2012)⁵⁵⁸ como sendo componentes primordiais para a configuração do mito do *Sabá Diabólico* enquanto uma seita organizada de bruxos que deveria ser combatida, dando origem assim à *Caça às Bruxas* da modernidade europeia enquanto modalidade de perseguição político-religiosa em larga escala influenciando em muito também a criação da figura da *bruxa* tal qual nós a conhecemos popularmente nos dias atuais⁵⁵⁹.

Agora que obtemos todos os denominadores comuns necessários para esse estudo de caso, vejamos então de que forma agia essa “seita” que de tão popular dentre os colonos italianos de Nova Veneza, Beluno, Treviso e demais núcleos coloniais adjacentes à Colônia de Urussanga acabou tornando-se comparável ao Movimento de Canudos⁵⁶⁰. Pois bem, vejamos como se deu a recepção de todo esse arcabouço cosmológico pelos colonos italianos...

3.3. HOC EST CORPUS: A Transubstanciação Bruxólica.

Ao adentrarmos na análise do Padre Luigi Marzano acerca dos costumes religiosos dos colonos italianos o que vemos logo de cara é a transposição dessa mesma retórica de *floresta versus progresso*⁵⁶¹, anteriormente utilizada pra tratar da questão

⁵⁵⁶ SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklãnõ/Xokleng**: no "tempo do mato". TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 74-75.

⁵⁵⁷ SERPA, **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 64-65.

⁵⁵⁸ GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 284-286.

⁵⁵⁹ Sobre a influência do mito do *Sabá Diabólico* sobre nossa concepção atual acerca da figura da *bruxa* ver: Cf. GINZBURG, *op. cit.*, p. 09-44; Cf. FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**. Editora Elefante: São Paulo, 2017, p. 407-418, Cf. BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 315-153.

⁵⁶⁰ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo**, 1897. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

⁵⁶¹ SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de

indígena, só que agora sendo usado enquanto parâmetro de medição positivista do progresso civilizacional religioso supostamente trazido pelos imigrantes italianos⁵⁶². Fato esse que podemos atestar por meio da dualidade “*Fé e Superstição*” enquanto título do IV Capítulo da III Parte de seu relato, no qual ele dá início às suas observações voltadas especificamente aos costumes religiosos dos italianos que viviam sob sua jurisdição eclesiástica⁵⁶³.

Ao iniciar sua análise acerca dos costumes religiosos dos colonos o Padre Luigi Marzano rasga-se em ternos e intermináveis elogios acerca da rigidez de suas demonstrações de fé, seja por meio da construção de capelas ou da frequência com que se participavam dos ofícios religiosos nos dias santos de guarda, conforme podemos verificar no trecho de relato a seguir:

Que os colonos italianos sejam ainda crentes testemunham-nos as muitas capelas por eles construídas. Cada grupo de 20 ou 30 famílias, tem sua capela, ainda que de madeira e de troncos e barro, mas para eles basta e lhe é cara como um rico santuário. São provas de sua fé ao acorrer aos Sacramentos nas festas de Natal e Páscoa e as trezentas comunhões mensais que se fazem em Urussanga.

Os domingos são santificados com a absoluta abstenção do trabalho pelo contrário, muitos colonos guardam também festas não obrigatórias. Às vezes, em dia de semana, o missionário vê um grande número de gente vestida como em dia de festa, que está na igreja assistindo à missa. Vai interrogá-los: — “Ancô xe lá sagra del nostro paese”. (Hoje é a festa patronal em nosso vilarejo na Itália). Se não tem padroeiro da aldeia de origem, o caso é raro, vêm à paróquia e o festejam da melhor maneira possível. Com que espírito de fé tomam parte nas funções da Via Sacra e cada sexta-feira da quaresma, nas funções da Semana Santa, nas solenes procissões da Sexta-feira Santa e do Corpo de Deus! **E como freqüentam os sacramentos sem nenhum respeito humano!**⁵⁶⁴.

É dentro desse corolário de copiosos elogios que um pequeno detalhe passa a nos chamar muito a atenção: o fato de que muitos desses imigrantes guardavam diversos dias santos e de festividades solenes até então desconhecidos ao sacerdote⁵⁶⁵. Embora alguns dos colonos que foram interrogados pelo Padre Luigi Marzano justificassem ser esse o dia do santo padroeiro local de sua respectiva terra natal na Itália, mesmo assim, haviam ainda muitos italianos que mesmo na ausência de tal prerrogativa continuavam a guardar

Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 129-133.

⁵⁶² Acerca desse parâmetro dentro da escala evolutiva positivista ver: Cf. AMORIM, Adriana Monteferrari. **O Projeto de uma Ciência Moral: A Religião em Auguste Comte**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Juiz de Fora, 2007, p. 11-16.

⁵⁶³ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 122-124.

⁵⁶⁴ **Grifo nosso**. *Ibidem*, p. 122.

⁵⁶⁵ *Ibidem*, p. 122.

dias santos de forma aleatória e por motivações que como pudemos ver no relato acima, permaneciam desconhecidas⁵⁶⁶. Outro pequeno detalhe nos chama muita atenção também é o fato de que após uma série de elogios o parágrafo simplesmente termina com o sacerdote reclamando da falta de respeito com que essas pessoas frequentavam aos sacramentos⁵⁶⁷. Tal reclamação, porém, é bem provável que seja em decorrência do uso abusivo ou do exagero apelativo ligado a constante necessidade e frequência com que se recorriam à dispensa de bençãos e sacramentos, bem como a animosidade pomposa com que se celebravam as mais diversas comemorações festivas com que se festejavam as festas patronais dos oragos locais de seus respectivos vilarejos de origem na Península Itálica⁵⁶⁸.

O abuso ou exagero ao tomar-se parte de tais ritos nesse caso, muito provavelmente se deve ao choque de agendas entre os marcos comemorativos que envolviam essas festas patronais previamente demarcadas pelos marcos simbólicos fundadores de seus respectivos oragos locais frente às reformas ultramontanas recém operadas por Leão XIII no calendário litúrgico, gerando assim um número de feriados de dia santo de guarda muito maior do que aqueles previstos formalmente pelas rubricas do Missal Romano no que diz respeito à ciclicidade litúrgica devido à transposição repentina das solenidades religiosas nas suas respectivas divisões em *Festas de 1ª, 2ª e 3ª Classe*⁵⁶⁹. Um exemplo de caso que pudemos verificar é da Capela Sant'Ana de Nova Belluno (atual Siderópolis)⁵⁷⁰ junto ao marco fundador da paróquia vizinha da Freguesia de São Joaquim do Cruzeiro, conforme vimos anteriormente⁵⁷¹.

A repetição ou transferência autônoma da data comemorativa de um santo patronal específico frente à transposição repentina das solenidades litúrgicas em suas respectivas divisões entre *Festas de 1ª, 2ª e 3ª Classe* pelo Papa Leão XIII⁵⁷², teria sido então um dos motivos que teriam causado o excesso de zelo dos colonos enquanto alvo das reclamações do Padre Luigi Marzano, atitude essa que segundo ele, era a grande

⁵⁶⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 122.

⁵⁶⁷ *Ibidem*, p. 122.

⁵⁶⁸ *Ibidem*, p. 122.

⁵⁶⁹ MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. XV-XVIII.

⁵⁷⁰ LOCATELLI, Eloise Salvaro. **Um Olhar para Siderópolis**: a cultura local na escola. TCC (Graduação) - Licenciatura em Artes Visuais. Criciúma: UNESC, 2018, p. 37-38.

⁵⁷¹ BERTONCINI, Sandra da Silva. **Acorde São Joaquim**: identidade local e vocação turística. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2011, p. 12-14.

⁵⁷² MISSAL ROMANO QUOTIDIANO, *op. cit.*, p. 193; *ibidem*, p. 1234.

responsável pela falta de respeito com que se acorriam à dispensa das bênçãos e sacramentos nesses eventos, recaindo portanto em pecado mortal contra o *Segundo Mandamento* do *Decálogo Mosaico*: "*Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus*", conforme podemos verificar no seguinte trecho do Catecismo Romano (1566) que expusemos a seguir:

[6] Em quarto lugar, não menos honrado é o Nome de Deus, quando pedimos confiantes a Sua proteção, ou para que nos livre de calamidades, ou para que nos dê força e coragem de suportá-las com perseverança. Assim quer Deus que se faça: "Invoca-Me, diz Ele, no dia da tribulação. Eu te salvarei, e tu Me darás a glória". Desta invocação, encontram-se notáveis exemplos em muitos lugares da Escritura, mormente nos Salmos 16, 43 e 118.

Em quinto lugar, honramos também o Nome de Deus, quando invocamos a Deus por testemunha, para comprovar uma verdade. É um modo de louvor que muito difere dos precedentes. Pois os modos já enumerados são, de sua natureza, tão bons e desejáveis, que nada pode ser mais ditoso e mais apetecível para o homem, do que exercer-se dia e noite em sua prática freqüente. "Bendirei ao Senhor em todo o tempo", dizia Davi, "e em minha boca estará sempre o Seu louvor".

O juramento, porém, ainda que seja bom em si, não é para louvar, quando usado freqüentemente.

[7] A razão de tal diferença está em que o juramento só foi instituído como remédio da fragilidade humana, e como um meio necessário para comprovar a veracidade de nossas afirmações. Assim como não convém aplicar remédio ao corpo, sem haver necessidade, sendo até prejudicial o seu uso freqüente: assim também não é salutar fazer-se juramento, desde que não haja, para isso, causa grave e justa.

Empregado muitas vezes, o juramento não só deixa de aproveitar, mas chega até a causar grande dano espiritual. Por isso dizia acertadamente São João Crisóstomo que não foi desde o início, mas em época já avançada do mundo, - quando os vícios se propagaram por toda a parte, e encheram todo o orbe da terra; quando nada mais se mantinha em sua ordem e lugar, e tudo ia de alto a baixo, no maior desconcerto, levando grande confusão nas coisas; quando, de todos os males o maior, quase todos os homens se precipitaram na degradante escravidão dos ídolos - só então, depois de longo tempo, é que se introduziu, entre os homens, a prática do juramento. Havendo, entre os homens, tanta perfídia e iniquidade, não era fácil fazer que alguém acreditasse [em seu semelhante]. Por isso, invocaram a Deus por testemunha.⁵⁷³

Dando prosseguimento às observações do Padre Luigi Marzano acerca do comportamento religioso de seus colonos, o que vemos é a tentativa de justificar os comportamentos por ele desaprovados com base na retórica de discurso político de criação e promoção da *italianidade*, no qual as *mulheres* são consideradas as principais *culpadas* pela permanência desses costumes devido à sua propensão à supersticiosidade frente a ausência de padres, médicos e escolas, conforme próximos parágrafos a seguir:

Sublinhe-se também a ânsia de chamar o padre em caso de doença, o desejo que mostram de receber os Sacramentos, a tranquilidade com que vão ao encontro da morte, a veneração por seus defuntos. São todas provas de fé. Sim, é só fé que produz estes bons efeitos.

⁵⁷³ CATECISMO ROMANO. Catecismo dos párocos, redigido por decreto do Concílio Tridentino. Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 405-406.

Enquanto louvo a fé dos colonos, devo porém confessar que muitos e muitos, **especialmente as mulheres, são supersticiosas e atribuem à feitiçaria todas as desgraças que acontecem.** Até um certo ponto **é preciso perdôá-los por terem ficado tantos anos sem padres, sem escolas, sem médicos.**⁵⁷⁴.

Esse abuso pelo qual podemos denotar nas reclamações do Padre Luigi Marzano está profundamente correlacionado à crença na *feitiçaria* principalmente entre as *mulheres*, categorizada dentro do espectro da *superstição* enquanto característica de uma expressão religiosa retrógrada, pouco instruída e subdesenvolvida de acordo com os parâmetros positivistas de progresso civilizacional religioso⁵⁷⁵, cujas propensões à supersticiosidade apontadas por ele em muito se assemelham fazendo eco paralelamente à propensão do gênero feminino para a prática de atividades maléficas relacionadas ao fenômeno da *bruxaria* apontado por Heinrich Kramer e Jacob Sprenger em seu *Malleus Maleficarum* (1487):

Mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnavais. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepçiona e mente. (...) E tal é o que indica a etimologia da palavra que lhe designa o sexo, pois *Femina* vem de *Fe* e *Minus*, por ser a mulher sempre mais fraca em manter e preservar a sua fé. E isso decorre de sua própria natureza; embora a graça e a fé natural nunca tenham faltado à Virgem Santíssima, mesmo por ocasião da Paixão de Cristo, quando carecia a todos os homens.

Portanto, a mulher perversa é, por natureza, **mais propensa a hesitar na sua fé** e, conseqüentemente, **mais propensa a abjurá-la** — fenômeno que conforma a raiz da **bruxaria**.⁵⁷⁶

Embora Karen Réchia (1998)⁵⁷⁷ e Quinto Davide Baldessar (1991)⁵⁷⁸ nos apresente tal crença como exclusividade das comunidades luso-açorianas presente no litoral, embora este último curiosamente registre a crença no *boitatá* entre imigrantes italianos⁵⁷⁹, há discordâncias entre os autores mais recentes que nos mostram que a descrença na *feitiçaria* enquanto elemento maléfico de caráter sobrenatural dentre

⁵⁷⁴ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 122.

⁵⁷⁵ AMORIM, Adriana Monteferrari. **O Projeto de uma Ciência Moral: A Religião em Auguste Comte**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Juiz de Fora, 2007, p. 11-16.

⁵⁷⁶ **Grifos nossos**. KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 94-95.

⁵⁷⁷ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 50-52.

⁵⁷⁸ BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes: sua história costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina**. [Criciúma]: [s. n.], 1991 p. 112-116.

⁵⁷⁹ *Ibidem*, p. 114-116.

membros da comunidade ítalo-brasileira na verdade se trata de um intenso processo político de imposição de padrões nacionalistas projetado com o intuito de criar um padrão religioso de italianidade ao mesmo tempo que buscava impedir quaisquer trocas interculturais que pudessem vir a ser uma ameaça à essa padronização, conforme podemos aferir por meio dos trabalhos de Luís Fernando Beneduzi (2004)⁵⁸⁰ e Maíra Inês Vendrame (2017)⁵⁸¹ respectivamente.

3.3.1. O FESTIM BRUXÓLICO: *A crença em bruxas no badalar dos sinos.*

Para que possamos compreender melhor os conflitos culturais que descreveremos a seguir disponibilizamos abaixo um pequeno mapa da região contendo legendas acerca dos eventos por Luís Fernando Beneduzi (2004)⁵⁸² analisados. Nesse mapa destacam-se as províncias de Belluno e Treviso que dão nome aos núcleos coloniais da Empresa Ângelo Fiorita e Companhia⁵⁸³ e das quais imigraram um contingente expressivo de habitantes para as colônias à oeste do Tubarão, inclusive com destaque entre eles para as mulheres belunenses que protagonizaram diversos conflitos com mercadores brasileiros em praça pública, conforme vimos mencionado pelo Padre Luigi Marzano anteriormente⁵⁸⁴.

Figura 24 – República de Veneza e região, 1797.

⁵⁸⁰ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 93-116.

⁵⁸¹ VENDRAME, Maíra Ines. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007, p. 175-179.

⁵⁸² BENEDUZI, *op. cit.*, p. 55.

⁵⁸³ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 68.

⁵⁸⁴ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 58.



Fonte: BENEDUZI, 2004, p. 55.

Segundo Luís Fernando Beneduzi (2004)⁵⁸⁵ a crença em bruxas, magos e feiticeiros que se reuniam em espírito em festins nos bosques, prados e campinas com o intuito de lançar malefícios à outrem, principalmente correlacionados à maternidade e a outras demais atividades do âmbito doméstico, de fato não era algo estranho aos imigrantes, principalmente dentre os oriundos das atuais regiões do Vêneto⁵⁸⁶, Friuli e Venezia-Giulia⁵⁸⁷, onde tais crenças não somente faziam fortemente parte de sua cultura, como também foram alvo de intensas disputas políticas durante todo o decorrer do século XIX⁵⁸⁸. Conforme apontado pelo autor⁵⁸⁹, com a queda da República de Veneza em 1797, toda essa região ao norte da Península Itálica destacada no mapa⁵⁹⁰, passou a ser palco de diversos conflitos bélicos e identitários de cunho nacionalista devido às constantes

⁵⁸⁵ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 69-74.

⁵⁸⁶ *Ibidem*, p. 53-56.

⁵⁸⁷ Acerca do processo de transformação dessas crenças no contexto friulano ver: Cf. GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 184-196; Sobre a incidência de imigrantes friulanos ver: Cf. MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 54-55; Faz referência direta à Udine, onde aconteceram os casos de *benandanti* analisados por Ginzburg: Cf. MARZANO, *op. cit.*, p. 129; Cf. GINZBURG, *op. cit.*, p. 57.

⁵⁸⁸ BENEDUZI, *op. cit.*, p. 53-56.

⁵⁸⁹ *Ibidem*, p.53-54.

⁵⁹⁰ Ver Figura 20.

guerras causadas pelas dominações napoleônicas e austro-húngaras, se estendendo por todo o século XIX mesmo após sua anexação ao Reino da Itália em 1866⁵⁹¹.

Foi visando conter os ânimos revoltosos da população de toda essa região frente às dominações napoleônicas foi que por meio de um decreto do Império Francês do ano de 1811, instaurou-se um grande investimento em pesquisas sob a responsabilidade do Conde Giovanni Scopoli acerca das crenças religiosas, lendas, costumes e tradições da cultura campesina local, dando origem assim à coletânea investigativa intitulada *Inchiesta Scopoli*⁵⁹². De acordo com Luís Fernando Beneduzi (2004)⁵⁹³, a criação dessa coletânea de pesquisas tinha por objetivo “lançar luzes” sobre as trevas de todo o retrocesso civilizacional que esses aspectos da cultura local campesina dessa região pudessem representar frente ao acelerado processo de laicização, urbanização e industrialização demandados pelo iluminismo napoleônico conforme seus ideais societários de nação.

Para além dos *festins bruxólicos* vastamente enunciados em suas pesquisas, a *Inchiesta Scopoli* (1811)⁵⁹⁴ debruça seus estudos principalmente sobre os diversos tópicos de organização sociocultural e religiosa da vida campesina nos quais a cadeia econômica produtiva dessa sociedade de base majoritariamente agrária se encontra intrinsecamente ligada ao calendário litúrgico católico junto às festividades dos oragos locais e santos populares e em conjunção direta com as fases lunares em meio à rotatividade cíclica das estações do ano⁵⁹⁵. Dentre esses tópicos de pesquisa da *Inchiesta Scopoli* (1811)⁵⁹⁶, podemos citar aqui alguns que parecem denotar grandes semelhanças com os comportamentos religiosos peculiares dos imigrantes italianos que vemos serem abordados no decorrer de todo o relato do Padre Luigi Marzano⁵⁹⁷, por exemplo, a escolha da data do casamento cuja qual:

Na terça-feira [martedì] não gostam, porque acreditam que derive da palavra mártir e, por isso, traga a idéia de martírio; **na quinta-feira se estima que as bruxas se agrupam e tenham influência sobre a ação dos homens;** na sexta-feira se faz resguardo pela paixão de Jesus Cristo⁵⁹⁸;

⁵⁹¹ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 49.

⁵⁹² Em português: “*Investigação Scopoli*”, em homenagem ao conde responsável pela operação da pesquisa. Ver: *Cf. Ibidem*, p. 69.

⁵⁹³ *Ibidem*, p. 67-69.

⁵⁹⁴ *Ibidem*, p. 69.

⁵⁹⁵ *Ibidem*, p. 143-156.

⁵⁹⁶ *Ibidem*, p. 67-69.

⁵⁹⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 122-128.

⁵⁹⁸ **Grifo nosso**. BENEDUZI, *op. cit.*, p. 70.

A importância das refeições coletivas após os ritos fúnebres:

Seguida a inumação retornam os parentes a casa do morto e, enquanto se estão confortando reciprocamente, se dispõe a mesa, a qual é preparada com a estatutária sopa de aletria [cabelinho de anjo], dita entre nós vulgarmente ‘bígoli’, com frango, salame e aquilo que de melhor puder dar a família. Os discursos que aqui se têm não são já dirigidos a distanciar a mente da imagem da dor, mas tudo gira em torno das louváveis qualidades do extinto. Caem as lágrimas; mas se os olhos estão prontos para o seu trabalho, não parecem menos prontas as mandíbulas e os dentes.⁵⁹⁹;

As novenas⁶⁰⁰ e procissões noturnas seguidas da distribuição de doces e premiação das crianças bem-comportadas durante as celebrações natalinas:

No frio do inverno, que o calor das estrebarias afasta, San Nicolò – 06 de dezembro, Vêneto Oriental – e Santa Lúcia – 13 de dezembro, Vêneto Ocidental – além dos personagens da Epifania – Befana, Menino Jesus e São Tomás – são os responsáveis pela premiação das crianças que se portaram bem e cumpriram seus deveres, foram mais “ajuizadas”. Esse é o momento de maior convívio na família campesina, pois o rigoroso inverno mantém todos mais tempo juntos no calor natural da estrebaria. Assim, tem-se o tempo para produzir e consumir os confeitados próprios da época, como o ‘mandorlato’ – composto de amêndoa, mel e clara de ovos. **Contudo, não se pode esquecer do símbolo máximo para as comemorações, o fogo, o qual passa pelas casas conduzido por jovens, simbolizando a vida que vai nascer.**⁶⁰¹;

Podemos ressaltar aqui também a comemoração do Carnaval de mascarados que demarcam o início do período de exortação e penitência quaresmais⁶⁰², bem como as celebrações da Semana Santa, que conforme vemos a seguir, possuem algumas características que embora em muito se assemelhem às nossas tradições de Páscoa atuais, possuem em seu pano de fundo, um caráter mágico-religioso um tanto quanto peculiar:

No que se refere ao momento da Páscoa, a “Inchiasta Scopoli” informa a tradição das encenações da Paixão de Cristo e o hábito de apanhar os ovos de galinha na sexta-feira santa para serem cozidos, pintados e comidos no domingo de Páscoa. Na província de Treviso, como relatado, acreditava-se nos efeitos mágicos da ingestão do ovo a partir desse ritual, tanto para preservar da “pleurisia” quanto como remédio para o histerismo.⁶⁰³;

Dentre esses costumes, porém, aquele que mais nos chama a atenção é justamente a estrita correlação da crença nos *festins bruxólicos* aos ritos agrários primaveris realizados durante as festividades da Ascensão do Senhor que ocorrem na semana anterior

⁵⁹⁹ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 71.

⁶⁰⁰ O dia de Santa Lúcia demarca o início da novena que antecede as Treze Noites de Natal. Ver: Cf. GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 164-202.

⁶⁰¹ **Grifo nosso**. BENEDUZI, *op. cit.*, p. 71-72.

⁶⁰² *Ibidem*, p. 72.

⁶⁰³ *Ibidem*, p. 72-73.

ao Domingo de Pentecostes, que por sua vez, demarca a abertura do Ciclo de Festas do Divino⁶⁰⁴, conforme visto anteriormente:

Ainda na primavera, nos dias que antecediam a ascensão, em um misto de fervor cristão e crença pagã, viam-se nas estradas os “pellegrini dele Rogazioni”. Entestados pelo sacerdote, esses contadini percorriam os espaços da comunidade agrária, fazendo momentos de pausa nos limites do território, em frente aos capitéis e das cruzes de agradecimento. **Ali procuravam esconjurar os espíritos malignos e as bruxas, e seus efeitos nocivos, com orações, hinos e santas bênçãos, nas quais o ‘pievano’ invocava: “A fulgure et tempestate libera nos Domine, ut fructus terrae dare et conservare digneris, Te rogamus Domine, audi nos!”**. Os rituais de defesa espiritual englobavam desde aspersões de água benta em cruzes de misericórdia, passando pelo cantar do evangelho nas propriedades, até a colocação de cruzes de agradecimento como sinal de proteção. Todos esses ritos funcionavam como instrumentos preservativos na comunidade rural, especialmente nas questões de fertilidade, sejam elas do solo ou da família. Nessas comunidades, nas quais os braços eram tão importantes para a produção familiar, e a produtividade do solo era o diferencial da sobrevivência ou da morte, as faces da presença do mal mostravam-se da não-fecundidade.⁶⁰⁵

É em meio a esses aspectos organizacionais agrários da sociedade veneta que vemos a presença de um catolicismo popular muito mais parecido com aquele encontrado no sul da Itália, que conforme vimos apresentado pelos estudos de Valeriano Altoé (1990)⁶⁰⁶, era considerado até então supérfluo, retrógrado, ignorante e supersticioso pelos sacerdotes ultramontanos contemporâneos ao Padre Luigi Marzano⁶⁰⁷. O cenário religioso de um Vêneto altamente clericalizado e pouco afeito a quaisquer manifestações culturais de cunho mágico-religioso que fugissem dos padrões dos padrões ultramontanos demonstrado pelas pesquisas de Valeriano Altoé (1990)⁶⁰⁸ só começará a se estabelecer, porém, a partir da dominação austríaca após a queda do Império Franco-Napoleônico em 1815⁶⁰⁹, pavimentando assim, terreno propício para as reformas ultramontanas de Pio IX que se sucederão durante todo o decorrer do século XIX, conforme vimos anteriormente

⁶⁰⁴ Ver: Cf. MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. 521-538; Cf. GANDRA, Manuel. O Império do Divino. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 33; Cf. NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 24.

⁶⁰⁵ **Grifo nosso**. BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D’eu (1884-1925)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 72-73.

⁶⁰⁶ ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos, “nuvem de gafanhotos”?. In: Boni, Luís Alberto de (Org.) **A Presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Edições Est, 1990, p. 437-438.

⁶⁰⁷ *Ibidem*, p. 437.

⁶⁰⁸ *Ibidem*, p. 437-439.

⁶⁰⁹ BENEDUZI, *op. cit.*, p. 75-77.

nos trabalhos de Ítalo Santirocchi (2010)⁶¹⁰ e Ana Silva e Estela Costa (2021)⁶¹¹ respectivamente.

Conforme apontado por Luís Fernando Beneduzi (2004)⁶¹², com o advento da dominação austríaca os resultados emitidos pelas produções investigativas da *Inchiesta Scopoli* (1811) continuaram a ser utilizados enquanto meio informativo e ferramenta política utilizada para justificar as reformas nobiliárquicas do Império Austríaco sobre a região do Vêneto e nas quais passou a investir fortemente na clericalização das jurisdições eclesiásticas locais com base no *regalismo josefinista*⁶¹³, objetivando assim dissolver qualquer manifestação cultural de caráter identitário que pudesse vir a ameaçar, bem como, melhor alicerçar o controle austríaco sobre esse território. Segundo o autor, assim como ocorrido durante as dominações napoleônicas onde esses aspectos culturais eram considerados um empecilho ao progresso civilizatório local com base nos ideais iluministas do Império Francês⁶¹⁴, a partir da dominação austríaca a categorização de tais costumes permaneceu nessa mesma posição de alvo enquanto retrocesso civilizacional a ser combatido, só que dessa vez com base nas diretrizes nobiliárquicas das reformas tridentinas promulgadas pelo Concílio de Trento (1545-1563), mais especificamente aos moldes do *regalismo josefinista*⁶¹⁵.

Em meio às diversas guerras geradas pelo de Unificação Italiana a partir de 1814 e mesmo após a anexação de toda essa região ao norte da Península Itálica pelo Reino da Itália em 1866, a situação não continuaria muito diferente, de acordo com Luís Fernando Beneduzi (2004)⁶¹⁶, intensificando-se ainda mais as repressões político culturais sobre a

⁶¹⁰ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo - Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 24-26.

⁶¹¹ SILVA, Ana Rosa Cloet da & COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. **Estudos De Religião**, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021, p. 336-338.

⁶¹² BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 75-76.

⁶¹³ ARNS, Alice Bertoli. **Laguna**: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja. Curitiba: Imprimax, 1975, p. 64-65.

⁶¹⁴ BENEDUZI, *op. cit.*, p. 88-91.

⁶¹⁵ Acerca do regalismo nobiliárquico promulgado pelas reformas tridentinas ver: *Cf.* ARNS, *op. cit.*, p. 64-65; *Cf.* SANTIROCCHI, *op. cit.*, p. 26-28; *Cf. Idem.* Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). **Itinerantes**: Revista de Historia y Religión, San Miguel de Tucumán, n. 5, 2015, p. 65-70; *Cf.* FRANCO, Maria da Conceição Vilela. A Igreja e o Padroado: o clero secular e as ordens regulares na América portuguesa (séculos XVI-XVIII). In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann & AMANTINO, Marcia (Org.). **Franciscanos, jesuítas e beneditinos na América colonial, séculos XVI-XVIII**. São Leopoldo: Oikos, 2023, p. 17-29; *Cf.* VENTURA, Margarida Garcês. Heresias e dissidências: regalismo e anti-regalismo no século XV. **Lusitania Sacra**, Lisboa, n. 10, 1998, p. 303-311.

⁶¹⁶ BENEDUZI, *op. cit.*, p. 76.

população desse território. Segundo o autor, todo esse território que compreende as atuais regiões do Vêneto, Friuli e Venezia-Giulia passou então a ser alvo de diversas disputas acerca do monopólio hegemônico entre o Reino da Itália e os Estados Papais sobre a identidade nacional dos habitantes dessa região⁶¹⁷. Dessa forma, tínhamos de um lado os Estados Pontifícios que buscavam implementar um senso de identidade nacional baseado no tradicionalismo católico extremamente clericalizado aos moldes das reformas culturais promovidos anteriormente pela dominação austríaca⁶¹⁸. Do outro tínhamos o Reino da Itália que também procurava promover esse mesmo senso de pertença nacional só que com base, porém, no acelerado processo de urbanização e industrialização aos moldes do humanismo iluminista promovido pela dominação napoleônica⁶¹⁹.

É a partir desse contexto, que conforme apontado por Luís Fernando Beneduzi (2004)⁶²⁰, os diversos conflitos bélicos sobre o domínio dos territórios ao norte da Península Itálica e do ódio em comum que as potências envolvidas nutriam pelos costumes das populações que viviam ali, é que se dará lugar a um fenômeno sócio histórico muito peculiar denominado *campanilismo*⁶²¹. De acordo com o autor, o sentimento *campanilista* surge enquanto consequência das constantes dominações sucessivas do território ao norte da Península Itálica por parte das grandes potências imperialistas franco-napoleônicas, austríacas, italianas e pontifícias que propunham diversas reformas de cunho cultural, religioso e linguístico totalmente diferentes daquela a que estavam habituadas a população daquele território⁶²². Dessa forma, ao invés de fazer com que a população convertesse seu senso de identidade nacional perante a potência imperialista dominante, acabou-se justamente por surtir o efeito contrário daquele almejado pelos projetos de dominação política conjecturados até então, de modo que as pessoas já não se identificavam mais como membros pertencentes a um país ou nação em específico, mas sim, parte da pequena comunidade organizada socialmente a partir do badalar dos sinos do campanário da igreja local⁶²³.

⁶¹⁷ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 91-101.

⁶¹⁸ *Ibidem*, p. 97-100.

⁶¹⁹ *Ibidem*, p. 92-97.

⁶²⁰ *Ibidem*, p. 138-141.

⁶²¹ *Ibidem*, p. 140.

⁶²² *Ibidem*, p. 75-77.

⁶²³ *Ibidem*, p. 77-80.

Dessa forma, de acordo com Luís Fernando Beneduzi (2004)⁶²⁴, essas comunidades se identificavam enquanto pertencentes aos pequenos grupos de aldeias que devotadas a um orago em comum sentiam-se unidas pela devoção ao santo padroeiro local, que por sua vez, dado à faculdade sobrenatural de seus poderes, deteria por meio das manifestações culturais e religiosas acerca desse sentimento o controle de seu próprio cosmos na forma de um pequeno país. Sendo assim, conforme apresentado tanto por Luis Fernando Beneduzi (2004)⁶²⁵, como por Claricia Otto (2006)⁶²⁶ e Julia Tomasi (2010)⁶²⁷, era muito comum que muitos desses imigrantes que vieram para o Brasil a partir de 1876 ainda não tivessem um senso de identidade nacional e nem um consenso linguístico muito bem definido durante as primeiras ondas migratórias, fazendo com que se sentissem mais católicos que italianos.

É dessa forma que de acordo com Claricia Otto (2006)⁶²⁸ e Luis Fernando Beneduzi (2004)⁶²⁹ após a anexação das províncias situadas a nordeste da Península ao Reino da Itália a partir de 1866, houve um processo de forte laicização, urbanização e imposição do dialeto florentino sobre toda essa região. Fator esse que assomado à *Questão Romana* acabou por cristalizar-se no binômio italianidade/catolicidade enquanto objeto de ferrenhas disputas políticas entre partidários dos ideais liberais-burgueses favoráveis ao estado liberal-monárquico do Reino da Itália recém-unificado e os adeptos do conservadorismo clerical ultramontano apoiadores do Papado e da continuidade de seus Estados Pontifícios, contrários a todo esse processo⁶³⁰.

Desse modo é que frente às onda de emigração em massa do campesinato vênето-friulano, que conforme apontado por Claricia Otto (2006)⁶³¹ e Natália Rovares da Silva (2016)⁶³² o Reino da Itália a partir da década de 1880 passou a intensificar sua atuação sobre a tutela de seus emigrantes visando por meio do incentivo à atividade missionária

⁶²⁴ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vênето imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 138-141; *ibidem*, p. 147-148.

⁶²⁵ *Ibidem*, p. 91.

⁶²⁶ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 74-75.

⁶²⁷ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana**: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 26-29.

⁶²⁸ OTTO, *op. cit.*, p. 74-75.

⁶²⁹ BENEDUZI, *op. cit.*, p. 96-108.

⁶³⁰ OTTO, *op. cit.*, p. 74; BENEDUZI, *op. cit.*, p. 97-100.

⁶³¹ OTTO, *op. cit.*, p. 74-82.

⁶³² SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 20-23.

de clérigos católicos junto aos emigrados impor os novos padrões de italianidade através da ação reformista ultramontana com objetivo de fortalecer os vínculos que trouxessem um retorno econômico por parte das colônias localizadas em solo latino-americano ao mesmo tempo que se apaziguasse os ânimos ultramontanos revoltosos com a Questão Romana ainda presentes na Europa. Fenômeno esse também observado pelo médico *anarquista*, o Dr. Cesare Sartori, morador de Urussanga contemporâneo a todos esses fatos, conforme podemos verificar no trecho a seguir extraído por Cléber Rudy (2009) de uma de suas publicações jornalísticas acerca da imprensa italiana no Brasil:

Aqueles jornais que se intitulam com o nome pomposo de “coloniais” sob cuja etiqueta se esconde uma recompensa duvidosa. Qualquer um deles deseja ostentar a veste monárquica (...).

Essa grande imprensa tem a estranha pretensão de representar a opinião pública da coletividade italiana no exterior, mas em verdade é a expressão, a porta-voz de uma camarilha de filbusteiros, de aventureiros audaciosos, analfabetos ou semi-analfabetos, alguns dos quais escaparam das prisões da pátria (ah! Pátria ingrata!), outros são corsários sob a lama da superfície, sem se ferir, mas todos animados do mesmo sentimento, guiados pelo mesmo ideal, que é o de fazer dinheiro “a qualquer custo”.

(...)

Alguns destes jornalecos estão nas mãos de frades e padres, e nesse caso caluniam a Itália, ofendem Garibaldi e chamam o rei de “bom”, são gente de bordel. E fazem bem em se comportar assim: afinal, o governo italiano subsidia as escolas confessionais no exterior e o Comissariado de Emigração.⁶³³

As inúmeras contendas de disputas entre o Reino da Itália e os Estados Pontifícios acerca da tutela das populações do norte da Península Itálica, bem como das massas populacionais emigradas dela só tiveram fim a partir das reformas implementadas por Leão XIII a partir de sua encíclica *Rerum Novarum* (1891)⁶³⁴. De acordo com Clarícia Otto (2006)⁶³⁵ essa mesma encíclica deu origem à nova Doutrina Social da Igreja mudando assim drasticamente os rumos das alianças diplomáticas estabelecidas entre o Vaticano e o Reino da Itália e partir da qual surgiu-se uma alta demanda por sacerdotes capacitados que pudessem exprimir e incentivar o sentimento de italianidade por meio da catolicidade⁶³⁶.

⁶³³ RUDY, Antônio Cléber. **Os Silêncios da escrita:** a historiografia em Santa Catarina e as experiências libertárias. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História. Florianópolis, 2009, p. 104-105.

⁶³⁴ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 36-37.

⁶³⁵ *Ibidem*, p. 37.

⁶³⁶ *Ibidem*, p. 72-82.

É dentro desse contexto que de acordo com Clarícia Otto (2006)⁶³⁷ e Agenor Neves Marques (1978)⁶³⁸, foi criada a Congregação dos Missionários de São Carlos em 1886, também conhecidos pela alcunha de *carlistas* ou *scalabrinianos*, por iniciativa próprio Monsenhor João Batista Scalabrini com objetivo expandir a religiosidade do catolicismo ultramontano associada aos sentimentos de pertença identitária pertinentes à *italianidade* através do apoio e assistência aos emigrados. De acordo com ambos os autores, foi utilizando-se com base nas mesmas diretrizes de valor dessa ordem que foi criado o programa da Missão Turinesa no Brasil⁶³⁹. Campanha essa, que encabeçada pelo Cônego Michele Sorásio a pedido do Bispo de Curitiba, Dom José de Camargo e Barros, foi responsável por trazer diversas levas de padres missionários turineses para o Brasil, dentre eles: o próprio Padre Luigi Marzano⁶⁴⁰.

Tendo em vista a importância que as festas dos oragos locais e a preservação de pequenos ritos de caráter mágico-medicinal-religioso com suas devidas peculiaridades domésticas detinham sobre a organização social e política dos imigrantes, conforme apontado por Luís Fernando Beneduzi (2004)⁶⁴¹, dando forma ao conceito de *superstição* manifestado pelo Padre Luigi Marzano enquanto alvo a ser combatido dentre as manifestações religiosas e culturais dos católicos brasileiros⁶⁴², mas que pela falta de professores, padres e médicos permaneciam dentre os italianos⁶⁴³. Vejamos a seguir, de que forma ele reporta e categoriza o fenômeno da *bruxaria* enquanto *superstição* a partir de seus relatos.

3.3.2. PÃO E QUEIJO: *Bruxos e Missionários Italianos nas Florestas de Urussanga.*

Ao buscar atender aos interesses colonialistas do Consulado Italiano junto ao Reino da Itália por meio do método missionário catequético aos moldes scalabrinianos conforme as exigências da Missão Turinesa no Brasil⁶⁴⁴, era, no entanto, necessário que

⁶³⁷ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 72-74.

⁶³⁸ MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana**: Centenário de Urussanga. Criciúma: s.n., 1978, p. 130.

⁶³⁹ OTTO, *op. cit.*, p. 72-73; MARQUES, *op. cit.*, p. 130.

⁶⁴⁰ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 28-30.

⁶⁴¹ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 138-142; *ibidem*, p. 147-148.

⁶⁴² MARZANO, *op. cit.*, p. 24-27.

⁶⁴³ *Ibidem*, p. 122.

⁶⁴⁴ OTTO, *op. cit.*, p. 72-73.

tal campanha tivesse também o respaldo governamental do novo regime republicano brasileiro alinhando-se ao Catecismo Romano (1566) onde prevalece a concepção de *bruxaria* enquanto pecado mortal contra a piedade cristã pertinente à prática de prodígios miraculosos associados ao exercício religioso não institucionalizado da medicina, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

[4] Aqueles também pedem a Deus, com a maior instância, para que possam guarecer de doenças e ferimentos, e escapar de grandes e iminentes calamidades. Mas a principal confiança de seu livramento, eles a põem em remédios dados pela natureza, ou aviados pelo engenho humano. **Sem nenhum escrúpulo, aceitam medicação de quem quer que seja, e pouco se lhes dá ser ela preparada com bruxaria, malefício, e intervenção diabólica, contanto que haja alguma esperança de reaver a saúde.**

Muito diversa é a prática dos cristãos. Nas doenças e outras calamidades, procuram em Deus o seu melhor refúgio e garantia de salvação; só a Ele reconhecem e veneram, como Autor de todo o bem, e como seu Libertador. **Quanto aos remédios, estão convencidos de que sua virtude medicinal vem de Deus, e admitem que só aproveitam aos enfermos, na medida que Deus mesmo determinar.**

Ora, foi Deus quem deu aos homens a arte médica para curar as enfermidades. Nesse sentido, declarou o Eclesiástico: "O Altíssimo é quem produziu os medicamentos, e o homem prudente não terá repugnância por eles".

Portanto, os fiéis discípulos de Jesus Cristo não põem, nos remédios, a sua maior esperança de recuperarem a saúde, mas confiam sobretudo em Deus, que é o próprio Autor da medicina.

[5] Esta é também a razão por que as Sagradas Escrituras repreendem aqueles que só confiam na medicina, e nenhum auxílio pedem a Deus. Os que regulam sua vida pelos preceitos divinos, deixam de usar qualquer remédio, se não tiverem a certeza de que Deus o instituiu como medicamento. **Ainda que o uso de tais remédios desse a esperança de sarar, contudo não deixariam de aborrecê-los como encantos e artifícios diabólicos.**

Nesse particular, é necessário exortar os fiéis a confiarem em Deus. Como Pai todo-bondoso, Deus nos mandou pedir livramento de todos os males, com o intuito de que, na Sua própria ordem, tivéssemos a esperança de sermos atendidos.

A esse respeito, são muitos os exemplos que se nos deparam nas Sagradas Escrituras. **Ora, tal cópia de exemplos deve mover à confiança os que dificilmente se entregariam à esperança só por meio de raciocínios.** Diante dos olhos temos Abraão, Jacó, Lot, José, Davi, que são testemunhas cabais da bondade divina. Os textos sagrados do Novo Testamento mencionam tantas pessoas que se salvaram dos maiores perigos pela oração bem feita, que não se faz mister alegar mais exemplos. Contentar-nos-emos com uma palavra do Profeta, por ser de molde a revigorar o mais pusilânime dos homens: "Clamaram os justos, e o Senhor os atendeu, livrando-os de todas as suas tribulações".⁶⁴⁵

E é a partir dessa perspectiva que de agora em diante abordaremos as utilizações políticas dos conceitos de *bruxaria*, *feitiçaria* e *superstição* dentro da sistematização religiosa positivista com base nos parâmetros das reformas higienistas do novo Código

⁶⁴⁵ **Grifos nossos.** CATECISMO ROMANO. Catecismo dos párocos, redigido por decreto do Concílio Tridentino. Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 570-571.

Penal Brasileiro de 1890, conforme apresentado por Jefferson Albino (2021)⁶⁴⁶ e Ana Carolina Dias Ramos (2021)⁶⁴⁷.

De acordo com David Gueiros Vieira (1987)⁶⁴⁸, o modo repentino com que se instaurou um regime republicano através do golpe militar de 1889 fez com se implantasse um novo governo provisório dando total autonomia aos governos municipais com base em sua legislação própria até que se desse a promulgação da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil em 1891. Conforme apontado por Jefferson Albino (2021)⁶⁴⁹, durante esse período também foi promulgado o Código Penal de 1890 enquanto principal diretriz para o estabelecimento da ordem pública através da repressão policial e militar contra todos aqueles que pudessem atentar contra a integridade político estatal do novo regime republicano recém-instaurado.

Assim como na categorização de *bruxaria* enquanto pecado mortal contra a piedade cristã expressa pelo Catecismo Romano (1566)⁶⁵⁰ enquanto principal diretriz das reformas ultramontanas promulgadas pelo Concílio Vaticano I⁶⁵¹, a utilização de meios mágico-religiosos para o exercício livre exercício da medicina também passou a ser convenientemente categorizada enquanto crime contra a saúde pública nos artigos 156, 157 e 158 do Código Penal de 1890.

De acordo Ana Carolina Dias Ramos (2021)⁶⁵² e Jefferson Albino (2021)⁶⁵³, o novo Código Penal de 1890 procurava assim impor dessa forma através dos ideais de “*Ordem e Progresso*” do positivismo republicano um novo modelo de nação com base em padrões eurocêntricos de higienismo social e eugenia. Embora ambos os autores utilizem como recorte o estudo casos criminais ocorridos no Rio de Janeiro especificamente, a conjunção entre a ostensiva repressão policial militarizada em defesa

⁶⁴⁶ ALBINO, Jefferson Nascimento. **Na imprensa, entre leis e ciências**: o curandeirismo em questão na Primeira República (1890-1899). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021, p. 01-11.

⁶⁴⁷ RAMOS, Ana Carolina Dias. **Travessias desnorteadoras**: ensaios decoloniais e suas tessituras dos estudos da bruxaria e da loucura. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021, p. 85-98.

⁶⁴⁸ VIEIRA, David Gueiros. O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil no século dezenove. **Estudos Teológicos**, v. 27, n. 3, 1987, p. 214-215.

⁶⁴⁹ ALBINO, *op. cit.*, p. 01-05.

⁶⁵⁰ CATECISMO ROMANO. Catecismo dos párocos, redigido por decreto do Concílio Tridentino. Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 570-571.

⁶⁵¹ *Ibidem*, p. 37-40; SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo - Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 26; SILVA, Ana Rosa Clocllet da & COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. **Estudos De Religião**, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021, p. 336-338.

⁶⁵² RAMOS, *op. cit.*, p. 85-98.

⁶⁵³ ALBINO, *op. cit.*, p. 04-05.

dos ideais positivistas eurocêntricos de nação republicana e as reformas religiosas ultramontanas do Concílio Vaticano I gerou uma série de revoltas populares de repercussão nacional em várias regiões do país durante a República Velha (1889-1930) que antecedeu o Estado Novo de 1930⁶⁵⁴. Dentre elas constam a Guerra de Canudos nos anos de 1896 e 1897 no norte da Bahia, a Guerra do Contestado (1912-1916) na Serra Catarinense e as insurreições de cunho popular, comandadas por Padre Cícero durante a emancipação de Juazeiro do Norte da cidade do Crato (1909-1911) no Ceará, conforme nos é apontado por Duglas Monteiro (1990)⁶⁵⁵, como exemplo.

Dessa forma, a categorização de *superstição* sobre os denominadores comuns encontrados entre os costumes religiosos brasileiros e os praticados pelos imigrantes italianos dentro da sistematização religiosa é alinhada assim pelo Padre Luigi Marzano às reformas ultramontanas enquanto gatilho para a implementação das reformas higienistas promovidas pelo governo republicano brasileiro a partir do âmbito religioso. Desse modo, o carácter missionário de seu ofício sacerdotal toma assim uma dupla autoridade: religiosa, por meio das reformas ultramontanas, e política, por meio das reformas higienistas, o que por sua vez, conforme apresentado por Clarícia Otto (2006)⁶⁵⁶ e Maurício Selau (2006)⁶⁵⁷, acabou lhe rendendo o título de *porta-voz autorizado* dos imigrantes italianos habitantes da Colônia de Urussanga e de seus demais núcleos coloniais adjacentes.

Ao alinhar seu expansionismo missionário catequético à promoção e expansão da italianidade como forma de trazer o progresso civilizatório ao Brasil de modo a atender também as demandas colonialistas do Consulado Italiano é que o Padre Luigi Marzano passou a unir-se com as elites comerciais italianas do distrito visando todos somente um objetivo em comum: alcançar a emancipação paroquial de Urussanga, conforme muito bem apontado por Clarícia Otto (2006)⁶⁵⁸, Natália Rovares Silva (2016)⁶⁵⁹ e Breno

⁶⁵⁴ MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado**. In: FAUSTO, Boris (dir.) História geral da civilização brasileira. O Brasil Republicano – sociedade e instituições (1889-1930). 4ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 1990, p. 42.

⁶⁵⁵ MONTEIRO, *op. cit.*, p. 87.

⁶⁵⁶ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 31-40.

⁶⁵⁷ SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 132-133.

⁶⁵⁸ OTTO, *op. cit.*, p. 196-197.

⁶⁵⁹ SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 23.

Anástácio Pereira (2017)⁶⁶⁰. Fato esse que poderia então possibilitar com que muito brevemente ele finalmente realizasse seu tão sonhado sonho de ser pároco descrito enquanto uma de suas maiores aspirações pessoais ao longo de seus relatos⁶⁶¹.

Para que tudo isso ocorresse dentro dos conformes era necessário, porém, que se operasse a manutenção do corpo eleitoral composto exclusivamente de eleitores italianos recém-estabelecido com base nas exigências eleitorais censitárias do novo sistema político republicano brasileiro por meio da emancipação municipal de Urussanga em 1900⁶⁶². Precisando para isso conter ou até mesmo exterminar as tais *ervas malignas* mencionadas por Caruso MacDonald anteriormente, ou seja, quaisquer formas de influência política e comercial oriundas das comunidades afro luso brasileiras que pudessem vir a ameaçar o monopólio hegemônico das elites comerciais italianas sobre o eleitorado recém estabelecido do Município de Urussanga⁶⁶³.

Dessa forma procuraremos demonstrar aqui por meio de nossa análise como esse processo se deu a partir da reelaboração cultural da crença em *bruxas*, no qual a *bruxaria* passa pela transubstanciação de *superstição* a ser desacreditada à prática criminal condenável conforme vemos apresentado nos relatos do Padre Luigi Marzano⁶⁶⁴. Para tanto utilizaremos como base para isso o influxo comercial dos dois produtos alimentícios mais cobiçados dentre os habitantes da Colônia: o *Pão* e o *Queijo*⁶⁶⁵.

3.3.1.1. PÃO.

É visando as faculdades medicinais do *Pão* enquanto um luxo da medicina usado em larga escala pelos imigrantes vênets e friulanos mais abastados devido ao alto preço da importação do trigo⁶⁶⁶, que procuraremos entender como através da remodelação da crença em *bruxas* metamorfoseadas em espírito que causavam mal à outrem, o Padre Luigi Marzano irá concentrar nas mãos dos representantes médicos e comerciais italianos

⁶⁶⁰ PEREIRA, Breno Anastácio. **Luigi Marzano: relações políticas e discursos de italianidades**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2017, p. 21-22.

⁶⁶¹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 17-23.

⁶⁶² *Ibidem*, p. 168-170.

⁶⁶³ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 196-197; PEREIRA, *op. cit.*, p. 11-22; SILVA, Natalia Rovares da.

Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 23.

⁶⁶⁴ MARZANO, *op. cit.*, p. 122-128.

⁶⁶⁵ *Ibidem*, p. 127.

⁶⁶⁶ *Ibidem*, p. 136.

a procura pelos itens de valor farmacêutico e que nos núcleos coloniais sob sua jurisdição de acordo com Quinto Baldessar:

Os remédios de farmácia existentes podiam ser contados nos dedos de uma mão. Era o óleo de rícino, purgativo, vendido em garrafinhas verdes, compridas e finas como uma vela de estearina. O "sal amargo" também purgativo tinha a mesma finalidade do anterior. A emulsão de Scott era um fortificante para as crianças que disputavam, apesar de seu gosto enjoativo. Brigava-se quando tomado em grupo, distribuído pela mãe quando a colher do outro estava mais cheia do que a da gente. Havia um comprimido para dor. Era a cafiaspirina da Bayer, nada além disso, senão a cachaça que era remédio de valor universal, às vezes tomada misturada ao café ou outros chás.⁶⁶⁷

Esse mesmo rol de itens incluindo a *banha de porco* podemos também encontrar nas descrições do Padre Luigi Marzano:

Só em Urussanga e Nova Veneza há duas farmácias bastante sortidas. Mas não havendo quem prescreva os remédios, nada vendem e vão fechar. Em outras localidades todos os remédios se reduzem ao óleo de rícino, ao sal da Inglaterra, que se compram nos armazéns, onde se vende sal, aguardente, banha e outros comestíveis, com os quais são tratadas todas as doenças.⁶⁶⁸

Devido à indisponibilidade ou alto custo financeiro que a assistência médica farmacêutica demandava nos núcleos coloniais (podendo custar até mesmo o dobro do valor de um terreno) é que muitos de seus habitantes desconhecendo as propriedades medicinais da flora nativa geralmente recorriam aos seus vizinhos que ainda mantivessem armazenados remédios caseiros trazidos ainda em sua bagagem de vinda da Itália⁶⁶⁹. A rápida escassez desse recurso, porém, fazia com que diante de tantas dificuldades frente à fatalidade iminente das doenças que muitos desses colonos em última instância procuravam a assistência médica farmacêutica de forma minimamente acessível para além das fronteiras dos núcleos coloniais, nas dependências da comunidade afro luso brasileira do Tubarão⁶⁷⁰.

Conforme apontado por Quinto Baldessar (1991)⁶⁷¹, motivados pelo desespero da escassez de recursos médicos farmacêuticos não eram incomuns os casos onde os habitantes desses núcleos coloniais recorriam até mesmo aos kujás inclusive, e dos quais recebiam-se inúmeras recusas por tratarem exclusivamente das comunidades indígenas sob seus cuidados. Lembra-se do cesto de palha comumente utilizado pelas mulheres xokleng-laklãnõ que coincidentemente aparece junto à imigrantes italianas no quadro

⁶⁶⁷ BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes:** sua história costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina. [Criciúma]: [s. n.], 1991 p. 118-119.

⁶⁶⁸ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p 179.

⁶⁶⁹ BALDESSAR, *op. cit.*, p. 117.

⁶⁷⁰ *Ibidem*, p. 121-122

⁶⁷¹ *Ibidem*, p. 118.

Vida Nova (1893) de Pedro Weingärtner?⁶⁷² Curiosamente, Quinto Baldessar (1991)⁶⁷³ também nos descreve alguns casos isolados onde havia uma convivência pacífica e de grandes trocas interculturais entre os imigrantes e os indígenas com direito a grandes festejos, nos quais prestavam-se favores e serviços uns aos outros em troca de produtos de gênero alimentício, roupas, bebidas alcoólicas, utensílios domésticos e ferramentas agrícolas até que se comesçassem os primeiros conflitos a partir de meados da década de 1880, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

Pois bem, lá no alto do paredão, o terreno cultivável continua em vasta extensão, formando quase uma planície.

Ali as terras eram de diversas famílias, mas parte delas eram da família Baldessar que extremava com os Muttini (parentes), imigrantes da mesma turma de outubro de 1879.

Ali, naquele alto, havia uma maloca indígena, bem povoada, em terras dos Baldessar ou, pelo contrário, os Baldessar tinham um terreno dentro do terreno dos índios, pois eles eram os primeiros donos, e quando meus bisavós efetuaram o pagamento dos lotes, não foi aos índios que eles pagaram, mas foi ao Governo, como se ele fosse o dono. Foi uma curiosa transação, o pagamento não foi para o dono das terras...

Como disse ali havia uma maloca indígena.

Eu usei o termo "maloca". Permitam-me explicar o significado, para não inflacionar o termo. Aprendi com a minha convivência com os índios, nos meus anos de Amazônia, porque os dicionários ainda não sabem que "Mal" é uma palavra que significa: "sagrado", inviolável, respeitável, venerável. "Oca", todos nós sabemos que significa "casa" moradia, lar.

O nosso lar deveria poder chamar-se "maloca", isto é, casa sagrada...

Voltando da digressão. Lá, naquele alto, havia uma maloca dos botocudos.

A família Baldessar nunca os molestou. Pelo contrário, mantinham boas relações.

Meu pai tocava bem a gaitinha de boca e os índios crianças ou jovens como ele, se divertiam ao ouvi-lo e queriam ouvi-lo sempre mais.

Quando os trabalhos da roça aumentavam, bastava alguém subir o paredão e bater na maloca dos índios. Eles, prontamente, vinham trabalhar o dia inteiro, em troca de gêneros alimentícios, produzidas na própria roça.

Era festa grande quando se lhes oferecia um pote de vinho e mais ainda, quando a oferta era uma garrafa de graspa.⁶⁷⁴

Bom, se o cesto de palha que presente encontra naquele cenário do quadro *Vida Nova* (1893) de Pedro Weingärtner foi interceptado através de trocas interculturais pacíficas ou bélicas de saque ou até mesmo se elas foram determinadas por meio do ritual do *Koplág*, fica aí o questionamento⁶⁷⁵. O fato é que Quinto Baldessar (1991)⁶⁷⁶ nos traz uma miscelânea de descrições acerca das armas de caça, culinária, lendas e costumes

⁶⁷² Ver Figuras 10 e 11.

⁶⁷³ BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes:** sua história costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina. [Criciúma]: [s. n.], 1991 p. 149-157.

⁶⁷⁴ *Ibidem*, p. 118-119.

⁶⁷⁵ Ver Figuras 10 e 11.

⁶⁷⁶ BALDESSAR, *op. cit.*, p. 153-157.

dessas comunidades indígenas que de acordo com ele foram coletados durante esse suposto período de convivência pacífica vivido pelo seu pai.

Para além desses poucos e escassos recursos, o que restava a muitos dos habitantes desses núcleos coloniais era simplesmente inventar um saber medicinal próprio com base nos poucos materiais de recurso acessíveis à sua volta por meio da suposição lógica aplicada às atribuições utilitárias desses itens, esse é o caso do *pão*, do *óleo de rícino* e da *banha de porco* já mencionados⁶⁷⁷, do *alho*, da *cachaça* e até mesmo da *querosene* utilizada para a cura e cicatrização de feridas, tudo isso para além daquilo que o autor denomina como “*outras mandingas*”⁶⁷⁸. Cabe ressaltarmos também aqui as pontuações de Karen Réchia (1998)⁶⁷⁹ acerca do uso do *óleo de rícino* feito de forma caseira por *parteiras* populares a partir do estrato da semente da mamona, que competindo diretamente com o vendido nas farmácias, era frequentemente utilizado para o tratamento das gestantes em que o uso da dosagem incorreta poderia resultar em efeitos colaterais abortivos indesejados nas parturientes.

À invenção e desenvolvimento desses novos “*saberes*” medicinais improvisados que se assomavam uma multiplicidade de devoções, orações, ladainhas, procissões e cânticos religiosos com objetivo de prevenir e remediar todo e qualquer malefício que pudesse ser causado pelas doenças⁶⁸⁰. Essa multiplicidade de atos devocionais, por sua vez, carregavam um extenso arcabouço de práticas e conhecimentos religiosos oriundos de sua experiência religiosa ainda na Península Itálica em que frente às dificuldades se invocava uma vasta gama de santos em sua diversa infinitude, alguns deles muito conhecidos e invocados pelos brasileiros dessa região como Santo Antônio, São Roque e

⁶⁷⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 136; *ibidem*, p. 179.

⁶⁷⁸ BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes: sua história costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina**. [Criciúma]: [s. n.], 1991 p. 118-119. Sobre a associação do termo “*mandinga*” com os conceitos de *bruxaria* e *feitiçaria* na contemporaneidade ver: Cf. SANTOS, Vanicléia Silva. **As bolsas de mandinga no espaço Atlântico: Século XVIII**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2008, p. 234-238.

⁶⁷⁹ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 75-79.

⁶⁸⁰ BALDESSAR, *op. cit.*, p. 118.

São João Batista por exemplo⁶⁸¹, já outros nem tanto como é o caso de um tal de São Fermo que no *Martirologio Romano*⁶⁸² é considerado inexistente⁶⁸³.

E é embrenhando-se pelo grande périplo de reclamações do Padre Luigi Marzano acerca de tais condutas, consideradas por ele como *supersticiosas* da parte dos colonos, que encontramos a descrição de diversos casos onde foi necessário que o sacerdote para reafirmar sua autoridade sacerdotal na esfera religiosa e política recorre às autoridades civis em defesa de diversas pessoas idosas, em sua maioria mulheres, que vinham sendo injustamente acusadas de serem *bruxas* e operar malefícios contra os moradores da região conforme podemos vemos no trecho de relato a seguir:

Há poucos meses me foram apresentados **dois bons velhinhos, marido e mulher**, que há sessenta anos estão em afetuosa companhia. Chegados a minha presença deram em chorar e soluçar causando pena. Logo tentei encorajá-los e perguntei-lhes qual desgraça lhes acontecerá. Depois de diversas tentativas falhas conseguiram dizer-me que **nem ousavam mais sair de casa, por temor de serem maltratados pelo vizinho, que acreditava dever atribuir a suas feitiçarias a doença da esposa.**

Aconteceram muitos casos semelhantes. Foram feitos sermões sobre isto, procurou-se, nos diálogos, gracejar de tais utopias, e algo se obteve, mas quanto tempo ainda será necessário antes que desapareçam todas estas superstições! Houve casos em que foi preciso recorrer à autoridade civil para freter e punir tais estúpidos detratores. Quando em semelhantes casos, pedem a benção do sacerdote, ordinariamente contam que encontraram no travesseiro do doente, como casca de ovo, lasca de madeira, cacos de pratos, etc. **E, em vez de acusar a mulher e os filhos de negligência ao fazer o travesseiro, pensam que bruxas puseram aqueles objetos.**

Encontra-se algum membro da família indisposto? Antes de recorrer a remédios **correm logo ao missionário para que lhes dê uma benção que afaste as feitiçarias.** Retornam com o pensamento a muitos anos atrás, recordam meia palavra de maldição mandada por algum vizinho. Sem uma família há uma **velha**, então a **bruxa** está encontrada. Quanto mais as mulheres são **velhas, feias e cobertas de rugas**, tanto mais são tidas como hábeis em seus malefícios. Pobres Velhinhas! Não sabem ou não podem fazer mais que recitar o rosário o dia inteiro e pensa-se que possam mandar maldições aos vizinhos e aos longínquos!⁶⁸⁴.

⁶⁸¹ Sobre os aspectos devocionais dos santos mencionados dentre os brasileiros dessa região ver: Cf. ARNS, Alice Bertoli. **Laguna**: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja. Curitiba: Imprimax, 1975, p. 105-113; Cf. COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 26; Cf. SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciencias Humanas, 1989, p. 48-52; Cf. *Idem*. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 56-66;

⁶⁸² *Martirologio Romano*: lista oficial de todos os santos cuja devoção é canonicamente aprovada pelo Vaticano. Ver: Cf. STEFANI, Wagner Aprecido. **A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015, p. 77.

⁶⁸³ BALDESSAR, *op. cit.*, p. 118.

⁶⁸⁴ **Grifos nossos**. MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 122-123.

Mas afinal de contas, (fazendo coro às indagações do Padre Luigi Marzano)⁶⁸⁵, de onde vinha tanta certeza da parte daqueles que recorriam às bençãos do sacerdote de que foram postos por *bruxas* os objetos encontrados em seu travesseiro? Segundo Luis Fernando Beneduzi (2004)⁶⁸⁶ a crença religiosa na capacidade sobrenatural maléfica ou curativa e medicinal de variados elementos de seu cotidiano como os troncos de determinadas árvores que curavam pessoas febris, o descruzar dos talheres ou o esconjuro do derramamento de sal e do canto da coruja eram largamente presentes e documentadas entre os camponeses das regiões ao norte da Península Itálica. As propriedades maléficas ou curativas e medicinais desses elementos eram elas na maioria das vezes associadas, por sua vez, à ação de seres sobrenaturais que acreditava-se conviver com os camponeses em seu cotidiano no qual:

Segundo ele, o imaginário contadino é povoado por infindável número de seres:

Os espíritos, sobre qualquer denominação, almas saídas de corpos humanos, folletti, anjos, gênios, demônios, divididos em diversas hierarquias, [...] que tem em cada idade e em cada lugar empregado a curiosidade e o raciocínio, excitado as esperanças e os temores não só da ínfima plebe.

Não são raros os casos de pessoas que dizem ter visto esses seres do mundo espiritual e a comunicação entre os dois mundos – como nos **festins de magos e bruxas**. Os personagens das lendas e fábulas assumem poderes de possessão, como o *Saguanello* ou *Mazzariollo* – um pequeno jovem todo vestido de vermelho⁶⁸⁷.

Práticas essas que conforme muito bem apontado por Maíra Inês Vendrame (2017)⁶⁸⁸ assumia contornos particularmente diferente entre os imigrantes friulanos principalmente naquilo que tange à crença na existência de *bruxas* e na prática da *bruxaria* em si. Segundo a autora, era comumente encontrada por toda essa região ao norte da Península Itálica, principalmente no Friuli e seus demais arredores a presenças de uma vastíssima gama de curandeiros especializados na identificação, diagnóstico e cura dos malefícios gerados por obras de *bruxaria* e *feitiçaria*⁶⁸⁹. Ainda de acordo com ela, o emprego de tais práticas curativas sobre os malefícios causados por obras de

⁶⁸⁵ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 123.

⁶⁸⁶ **Grifo nosso.** BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 73-74.

⁶⁸⁷ BENEDUZI, *op. cit.*, p. 73-74.

⁶⁸⁸ VENDRAME, Maíra Inês. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007, p. 175-177.

⁶⁸⁹ VENDRAME, *op. cit.*, p. 175-176.

bruxaria e *feiticeira* foi alvo de intensos conflitos durante a implementação das reformas tridentinas a partir do século XVI com os curandeiros competindo frente a frente com a implementação das benções sacerdotais sobre os campos e as colheitas contra as pragas de *bruxos* e *feiticeiras* durante a Procissão das Rogações no domingo que antecede a Solenidade da Ascensão no domingo à abertura do Tempo de Pentecostes⁶⁹⁰, ou seja, do Ciclo de Festas do Divino, conforme também mencionado por Luis Fernando Beneduzi (2004)⁶⁹¹ anteriormente⁶⁹². Particularidades desse conflitos podemos encontrar no caso dos *benandanti*⁶⁹³ analisado por Carlo Ginzburg em *Os Andarilhos do Bem* (2010)⁶⁹⁴, onde em um dos episódios elucidados pelo autor esses mesmos curandeiros são proibidos pelos inquisidores de ir à *Procissão das Rogações* por guardarem varinhas feitas dos ramos de viburno carregados atrás das cruzes que eram seguradas no trajeto durante o ofício para posteriormente as utilizarem como arma contra as *bruxas* em batalhas noturnas pela fertilidade dos campos e produtividade das colheitas⁶⁹⁵.

Longe dessa ser uma exclusividade do contexto veneto-friulano, conforme apontado por José Pedro Paiva (1997)⁶⁹⁶, a crença em curandeiros capazes de identificar as *bruxas*, bem como diagnosticar e curar os malefícios causados por obras de *bruxaria* e *feiticeira* era poderia se encontrar também sendo amplamente difundida em Portugal a extremo oeste da Península Ibérica dentre os séculos XVII e XVIII. A crença em *bruxas noturnas* presente nessa região consistiria, porém, na capacidade de certas mulheres em determinadas noites do ano adquirirem a habilidade de se metamorfosearem nas mais diversas formas humanas e inumanas possíveis para que sobrevoando os campos em forma de espírito pudessem sugar o sangue dos recém-nascido, podendo também pregar

⁶⁹⁰ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 72-73.

⁶⁹¹ MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. XV-XIII; *ibidem*, p. 573-575.

⁶⁹² VENDRAME, Máira Ines. “**Lá éramos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007, p. 176.

⁶⁹³ *Benandanti*, de acordo com Carlo Ginzburg, são pessoas que: “*afirmam opor-se a bruxas e feiticeiros, criar obstáculos aos seus desígnios maléficos e curar as vítimas de seus escantamentos*” e “*não diversamente dos seus adversários, afirmam participar de misteriosos encontros noturnos (...) cavalcando lebres, gatos e outros animais*”. Ver: GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 22.

⁶⁹⁴ *Ibidem*, p. 113-116.

⁶⁹⁵ *Ibidem*, p. 44-46.

⁶⁹⁶ PAIVA, José Pedro. **Magia e Superstição num País sem “Caça às Bruxas” – 1600-1774**. Editorial Notícias: Lisboa, 1997, p. 144-148.

peças e provocar toda sorte de malefícios por toda vizinhança⁶⁹⁷. A confluência desse tipo de mito acerca da existência de *bruxas* nessa região, de acordo com o autor, seria derivada da sobrevivência, continuidade e permanência de antigas crenças remontam à diversos autores da Antiguidade Clássica Romana como Horácio, Ovídio e Apuleio na qual certas senhoras idosas passavam a ser identificadas como *strix* (em português: *estriges*)⁶⁹⁸, por motivos de mediante a determinados *sortilégios* deterem a capacidade de habitualmente se metamorfosearem em forma de aves e pássaros (na maioria das vezes corujas) com o objetivo de sugar o sangue das crianças e perpetrar malefícios contra os moradores de suas respectivas vizinhanças⁶⁹⁹.

De acordo com Semíramis Corsi (2023)⁷⁰⁰, a associação feita entre *mulheres idosas* e a continuidade operacional de práticas e ritos considerados *sortílegos* trata-se de um processo de construção dos papéis sociais de gênero propagado pelos escritores da literatura romana a partir de meados do século I AEC. Esse processo tem como base de sua origem o temor de que as mulheres assumissem o controle da sociedade devido ao alto grau de influência e poder político que elas detinham por meio de laços familiares sobre as decisões governamentais dos cônsules durante a República Tardia. É a partir desse temor que ao longo das últimas décadas do século I AEC a construção do estereótipo da *mulher idosa* detentora da capacidade de causar malefícios através de antigos saberes de devoções e práticas ritualísticas vai se modelando em contraposição aos ideais patriarcais de cidadão romano estabelecidos a partir do governo do imperador Otávio proclamado Augusto que demarca a transição dos regimes de República para Principado no ano de 29 AEC⁷⁰¹.

Conforme apontado por Semíramis Corsi (2023)⁷⁰², com a instauração do Principado concentrou-se nas mãos de Augusto o predomínio não somente sobre os poderes estatais como também religiosos ao assumir o cargo de liderança do colégio dos

⁶⁹⁷ PAIVA, José Pedro. **Magia e Superstição num País sem “Caça às Bruxas” – 1600-1774**. Editorial Notícias: Lisboa, 1997, p. 144-147.

⁶⁹⁸ Para mais informações acerca da crença nas *estriges* na Antiguidade Clássica romana ver: Cf. BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 62-67. Cf. GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 300-301; Cf. SILVA, Semiramis Corsi. Gênero e Magia em Roma: as feiticeiras Canídia e Ságana na Sátira I, 8 de Horácio. In: SILVA, Semiramis Corsi, MARQUETTI, Flávia Regina & FUNARI, Pedro Paulo (Org.). **Magia, encantamentos e feitiçaria**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023, p. 327-332.

⁶⁹⁹ PAIVA, José Pedro. **Magia e Superstição num País sem “Caça às Bruxas” – 1600-1774**. Editorial Notícias: Lisboa, 1997, p. 145.

⁷⁰⁰ SILVA, *op. cit.*, p. 327-332.

⁷⁰¹ *Ibidem*, p. 350-353.

⁷⁰² *Ibidem*, p. 352-354.

sacerdotes, colocando a posição de *imperador* como de “*único intérprete dos deuses possível*” ao qual também caberia o ditame das pautas morais, estabelecendo-se assim o controle estatal sobre as devoções e práticas rituais legalmente aceitas. O processo de construção desses papéis de gênero propagada pelos escritores literários romanos do Principado se dá dessa forma com base nos ideais de juventude, masculinidade e piedade às devoções estatais (*religio*) que se esperavam de um cidadão romano contra os estereótipos de senilidade e feminilidade bem como a continuidade de certos ritos e práticas devocionais ilícitas (*superstitio*) atribuídas ao antigo regime da República Romana⁷⁰³. É partir do desenvolvimento desse contexto que de acordo com Julio Baroja (1998)⁷⁰⁴ é que se surgirão as figuras dos “*magos*” e das “*magas*” romanas nas acusações de *crimen magiae* a partir do século II atribuídas aos oficiantes da mediação dos humanos com o divino por meio de práticas religiosas ilícitas ou estrangeiras não institucionalizadas enquanto delito de acordo com Semiramis Corsi (2023)⁷⁰⁵.

Embora, ainda de acordo com a autora, dados arqueológicos e documentais que nos chegaram até agora aos dias atuais nos mostrem que a prática de devoções e rituais ilícitos fosse praticada majoritariamente por homens durante o Principado, o estereótipo que cristalizou-se no imaginário popular seria justamente o da *mulher idosa* que por meio da continuidade desses saberes proibidos tidos como *sortílegos* deteria a capacidade de se metamorfosear em animais e causar malefícios conforme apresentado pela literatura romana desse período. Esses mesmos estereótipos, por sua vez, também denotados por José Pedro Paiva (1997)⁷⁰⁶, Sônia Maluf (1989)⁷⁰⁷ e o próprio Padre Luigi Marzano (1904)⁷⁰⁸ sobre os quais *curandeiros*, *benzedadeiras* e demais testemunhadores do fenômeno também incorriam ao revelar a identidade da acusada de *bruxaria* tanto nos relatos inquisitoriais apresentados em Portugal entre os séculos XVII e XVIII como nos

⁷⁰³ SILVA, Semiramis Corsi. Gênero e Magia em Roma: as feiticeiras Canídia e Ságana na Sátira I, 8 de Horácio. In: SILVA, Semiramis Corsi, MARQUETTI, Flávia Regina & FUNARI, Pedro Paulo (Org.). **Magia, encantamentos e feitiçaria**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023, p. 327-330.

⁷⁰⁴ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 40-45.

⁷⁰⁵ SILVA, *op. cit.*, p. 327-330.

⁷⁰⁶ PAIVA, José Pedro. **Magia e Superstição num País sem “Caça às Bruxas” – 1600-1774**. Editorial Notícias: Lisboa, 1997, p. 144-148.

⁷⁰⁷ MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989, p. 198-203.

⁷⁰⁸ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 122-123.

coletados dentro da comunidade afro luso brasileira do início do século XX respectivamente.

Acerca da capacidade dos curandeiros de identificar as *bruxas*, bem como diagnosticar e curar os atingidos pelos malefícios gerados por obra de *feitiçaria* e *bruxaria* em Portugal dos séculos XVII e XVIII, José Pedro Paiva (1997)⁷⁰⁹ nos traça diversos paralelos entre o caso analisado por ele e o dos *benandanti* no Friuli analisado por Carlo Ginzburg em *Os Andarilhos do Bem* (2010)⁷¹⁰, incluindo aí também uma série de conflitos muito semelhantes às batalhas noturnas e nos quais ramos de alecrim e louro seriam utilizados como arma contra as supostas aparições. A correlação de ambos os mitos que podemos ver por meio da interconectividade de sua propagação atestado através dos fluxos migratórios no corredor afro euro asiático no qual a crença na existência de *bruxas* e outros demais fenômenos paranormais correlacionados às *estriges* romanas se propagaram por toda Europa, conforme podemos também ver apontado por Carlo Ginzburg em *História Noturna* (2012)⁷¹¹.

Um grande fator de diferença entre essas duas situações seria justamente a baixa frequência com que se relatavam casos de agrupamento de *bruxas*, prevalecendo a aparição e ação individual por parte delas na grande maioria dos episódios relatados⁷¹². Em Portugal são raríssimos os episódios em que as atividades das *bruxas* são associadas à demonolatria ou à *intervenção diabólica*, vindo casos desse tipo a ocorrer somente a partir de meados do século XVIII devido à difusão de doutrinas inquisitoriais estrangeiras que se propagavam nos discursos religiosos clericais da época⁷¹³. Outro dos fatores de diferenciação mais importantes que devemos ressaltar aqui, porém, consistiria no fato de em Portugal o controle da Inquisição sobre os curandeiros especializados na identificação de *bruxas* e na remediação dos malefícios atribuídos às obras de *bruxaria* e *feitiçaria* era muito mais brando do que no caso do Friuli por diversos motivos⁷¹⁴. O principal deles seria o fato de que devido à legislação de *padroado régio* os tribunais *civis-estatais* e *religiosos diocesanos* correspondentes à monarquia local prevaleciam sobre os *inquisitoriais* que respondiam diretamente ao Vaticano sob o comando das ordens

⁷⁰⁹ PAIVA, José Pedro. **Magia e Superstição num País sem “Caça às Bruxas” – 1600-1774**. Editorial Notícias: Lisboa, 1997, p. 147-148.

⁷¹⁰ GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 18-56.

⁷¹¹ GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 299-304.

⁷¹² PAIVA, *op. cit.*, p. 154-157.

⁷¹³ *Ibidem*, p. 157-159.

⁷¹⁴ *Ibidem*, p. 156-161.

franciscanas e dominicanas⁷¹⁵. Nesse caso dentro do contexto de Portugal dentre os séculos XVII e XVIII, todos esses três tipos de tribunais estavam mais preocupados em aplicar as políticas de perseguição contra judeus e muçulmanos verificando se havia a influência das práticas religiosas nas práticas das bruxas e curandeiros do que com o delito da *bruxaria* ou o ofício do curandeirismo em si⁷¹⁶. Sendo o fenômeno da *bruxaria*, assim como a prática do curandeirismo associada a ela, quando julgado nesses casos seria então somente passível de condenação mediante à comprovação de pacto *tácito* ou *explícito* com o *Diabo* e com penalidades bem mais brandas como o pagamento de multa, a prisão ou o degredo⁷¹⁷.

Segundo Sônia Maluf (1989)⁷¹⁸ é exatamente dentro desse recorte de período abordado por José Pedro Paiva (1997)⁷¹⁹ que a partir de meados do século XVIII chegam ao Brasil as primeiras levas de ondas migratórias das populações luso-açorianas com o objetivo de suprir as demandas demográficas estatais dos núcleos coloniais portugueses localizados no litoral de Santa Catarina. Ao aportarem no litoral de Santa Catarina, os imigrantes luso-açorianos trazendo consigo a crença em *bruxas* e nas formas de identifica-las trouxeram também uma vasta gama de conhecimentos religiosos, medicinais e herbológicos acerca das formas de remediar os malefícios gerados por *bruxaria*, os antigos curandeiros presentes nos processos inquisitoriais de Portugal cristalizaram-se na figura dos *benzedeiros* e muito particularmente a da *benzedeira* que em muitos dos casos assumia também o posto de *parteira*, sendo popularmente encontrada em toda a região litorânea com a expansão de sua presença também ao largo das regiões serranas por meio das caravanas tropeiras, conforme apontado por Sonia Maluf (1989)⁷²⁰ e Élio Cantalício Serpa (1989;1997)⁷²¹ respectivamente.

Dessa forma, as *benzedeiras* e *benzedeiros* encontraram terreno fértilmente profícuo para a especialização e o aprimoramento de suas práticas através das trocas

⁷¹⁵ PAIVA, José Pedro. **Magia e Superstição num País sem “Caça às Bruxas” – 1600-1774**. Editorial Notícias: Lisboa, 1997, p. 191-207.

⁷¹⁶ *Ibidem*, p. 207-229; *ibidem*, p. 54-70.

⁷¹⁷ PAIVA, *op.cit.*, p. 54-70; *ibidem*, p. 207-229.

⁷¹⁸ MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989, p. 162-164.

⁷¹⁹ PAIVA, *op. cit.*, p. 11-14.

⁷²⁰ MALUF, *op. cit.*, p. 159-161.

⁷²¹ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, 1989, p. 52-59; *Idem*. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 57; *ibidem*, p. 65-69.

interculturais de elementos em comum entre o conjunto de crenças relacionadas à *bruxaria* e *feitiçaria* dos imigrantes luso-açorianos alinhados àqueles presentes no imaginário local das populações que já viviam no litoral catarinense anteriormente gerando assim o processo de transformações culturais sobre a qual Sônia Maluf (1989)⁷²² debruça-se enquanto principal objeto de análise de estudo. Desses pontos de interconexão em comum podemos denotar aqui, segundo Carlo Ginzburg (2012)⁷²³, paralelamente à crença em *bruxas* capaz de se metamorfosear em aves ou borboletas e outros animais à dos pássaros noturnos sugadores de sangue muito comumente encontrada dentre as populações indígenas latino-americanas, assim como também nas comunidades xokleng-laklãnô mais especificamente, onde determinadas aves sagradas poderiam ser também portadoras de mensagens de mau agouro podendo elas também serem o kujá em sua forma transfigurada disfarçado, conforme apontado por Voia Criri (2020)⁷²⁴, Carli Popó (2015)⁷²⁵ e Nanblá Gakran (2005)⁷²⁶.

O mesmo processo se dá no contato com as religiões de matriz africana na disseminação de hábitos e costumes religiosos também presente em meio à comunidade afro brasileira, conforme apontado por Sônia Maluf (1989)⁷²⁷, onde é a relatada a presença de procedimentos rituais específicos por adeptos da *umbanda* em parceria com as *benzedadeiras* para a resolução dos casos de *embruxamento* em crianças recém-nascidas. Essa linha de conexão que aponta para crença em *bruxas* enquanto elemento em comum também presente nas religiões de matriz africana também podemos verificar através dos trabalhos de Vanda Azevedo (2006)⁷²⁸ acerca do culto e a devoção à Ìyàmi Òsòròngà, antiga divindade feminina iorubá, representada como a primeira mulher do mundo nos itans africanos e que podendo assumir a forma de pássaro é acompanhada por um séquito

⁷²² MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos**: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989, p. 179-181.

⁷²³ GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 299-302.

⁷²⁴ CRIRI, Voia. **Impactos da colonização e da barragem norte sobre a espiritualidade do povo Laklãnô/Xokleng**: memórias do ritual do Pétogdé. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 11-12.

⁷²⁵ POPÓ, Carli Caxias. **Cosmologia na Visão Xokleng**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Terra Indígena Ibirama Laklãnô: UFSC, 2015, p. 32-33.

⁷²⁶ GAKRAN, Nanblá. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Laklãnô (Xokleng) “Jê”**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudo de Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 33.

⁷²⁷ MALUF, *op. cit.*, p. 69-70.

⁷²⁸ AZEVEDO, Vanda Alves Torres de. **Ìyàmi**: Símbolo Ancestral Feminino no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC/SP, Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo, 2006, p. 19-20.

de *ajés*, ou seja, mulheres detentoras de poderes sobrenaturais tanto maléficos e benéficos, também descritas como *bruxas* cujo poder é sempre utilizado em reparação contra as ofensas dirigidas ao gênero feminino. De acordo com a autora, esse mesmo culto de raiz iorubá é muito comumente encontrado nos candomblés de nação Keto na Bahia⁷²⁹. Estado que conforme vimos apontado por Auricélio Costa (2003)⁷³⁰ assumia forte influência comercial e migratória sobre a região sul do litoral de Santa Catarina por meio das transações comerciais com Laguna através das atividades portuárias na Lagoa do Imaruí, incluindo-se aí também o tráfico humano de trabalhadores escravizados membros da comunidade afro diaspórica, conforme apontado por Alice Arns (1975)⁷³¹ e Claudino Biff (1997)⁷³².

De acordo com Sonia Maluf (1989)⁷³³ e Karen Réchia (1998)⁷³⁴, para além dos saberes de cura contra os malefícios do “*embruxamento*”, a subsequente sucessão progressiva de trocas de saberes interculturais de conhecimento acerca das práticas religiosas, das técnicas curativas e da botânica local possibilitou às *benzedadeiras* a expansão de seu ofício para o atendimento médico farmacêutico popular contra os mais diversos males patológicos que afligiam os moradores locais tais como febre, tosse comprida, sarampo, mau-jeito, problemas de pele, dores no corpo, arca-caída, ramo de aire e a “*doença do ar*” dentre outras por exemplo, cada qual com a sua especialidade através de garrafadas, benzeduras e emplastros, assumindo não raramente por isso também o posto de *parteiras*. É justamente em meio à influência efervescente desse caldeirão de trocas interculturais que regiam o cotidiano dos costumes religiosos das comunidades ítalo-brasileiras dos núcleos coloniais adjacentes à Urussanga e o conhecimento das *benzedadeiras* que se desenvolverá a crença na existência de *bruxas*, que de acordo com Máira Inês Vendrame (2017):

⁷²⁹ AZEVEDO, Vanda Alves Torres de. **Ìyàmi: Símbolo Ancestral Feminino no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC/SP, Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo, 2006, p. 28-33.

⁷³⁰ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos**. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 22-24.

⁷³¹ ARNS, Alice Bertoli. **Laguna: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja**. Curitiba: Imprimax, 1975, p. 105-113.

⁷³² BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 19-20.

⁷³³ MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989, p. 144-153.

⁷³⁴ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 47-52.

Outra característica da cultura agrária dos imigrantes italianos dizia respeito à crença de que certas mulheres, moças ou velhas, possuíam poderes especiais que as transformavam em **bruxas**. Segundo sua visão de mundo, as **bruxas** eram responsáveis por tomarem atitudes que prejudicavam determinadas pessoas da comunidade. Para desfazer os “**embruxamentos**”, recorriam ao sacerdote para que, com o seu poder sobrenatural, dissipasse o mal. Mas, se existiam **bruxas** que faziam o mal, havia também **feiticeiros** e **curandeiros** para romperem os feitiços. Tanto esses como os padres eram procurados pelos colonos quando acreditavam estar sendo vítimas de malefícios.

A região italiana do Vêneto do século XIX, segundo Luís Fernando Beneduzi, era fortemente marcada por traços de culturas pagãs, uma vez que a crença nas forças sobrenaturais, como em **benzeduras**, sortilégios e em outras práticas “mágicas”, fazia parte da vida da população camponesa. Nos períodos de crise na produção agrícola, as crianças eram as que mais sofriam de doenças. Para os vênéticos, o motivo que podia levá-las à morte era o término do aleitamento materno, por causa do **feitiço das bruxas** que secavam o peito das mães. As doenças não explicáveis, ou estranhas “pela experiência contadina eram atribuídas às **bruxas**”. Denominadas de “**strega**”, podiam “lançar feitiços e maldições contra os neonatos”.

Portanto, a crença na possibilidade da **bruxaria** exercia a função de oferecer à vítima da desgraça uma explicação, quando não existia outro esclarecimento para entender a origem dos malefícios que estavam perturbando determinada ordem existente. Uma das situações recorrentes nos casos de **bruxaria** é aquela onde, depois de ter sido **prejudicada**, a **bruxa** lança um **castigo**. Geralmente, a **vítima** era **acusada** de falta de caridade, por negar-se a emprestar algum objeto ou dar esmola.⁷³⁵

Esse conjunto de crenças, os quais se contrapunham aos valores almejados pelos discursos de superioridade civilizacional através da propagação da *italianidade* faz então com que o Padre Luigi Marzano coloque em pauta as situações narradas por ele envolvendo pessoas idosas acusadas injustamente de serem *bruxas* e praticar *feiticeira* contra seus vizinhos enquanto prova cabal da influência negativa do retrocesso civilizacional religioso exercido pelos brasileiros sobre os italianos, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

Se a **benção** do Padre de Urussanga não foi suficiente para curar o doente, vão ao de Criciúma, depois ao de Tubarão, etc., a todos os sacerdotes da região. Ainda não sarou? (como sarar se não toma remédio algum ou quando muito uma xícara de camomila?) então é necessário recorrer ao **magô ou feiticeiro**.

Há **alguns velhos brasileiros** que desejando viver alegremente às custas dos tansos e dos crédulos, retiram-se em lugar solitário, na praia do mar, ou na garganta de uma montanha onde fazem-se passar por **adivinhos e feiticeiros**. A eles correm os tansos, em geral à noite, para não serem vistos, e lá narram suas desgraças. O **oráculo** pede que se lhe traga um lenço ou camisa da pessoa doente, ou melhor da pessoa sobre quem recaem suspeitas de **feiticeira**. Ele examina tais objetos e depois de muito pensar, ordena que o consulente se vingue da pessoa suspeita. Daí contendias, litígios, perseguições, lutas e brigas.

⁷³⁵ **Grifos nossos.** VENDRAME, Maíra Ines. “**Lá éramos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007, p. 186-187.

Estes **magos fazem-se passar também por médicos e**, contra pagamento, vão visitar os doentes, aos quais **prescrevem sempre as mesmas cocções com as quais sem dúvida sararão!**

Há poucos meses, não longe de nós, havia um pobre doente sofrendo de tuberculose avançada. Passa lá um desses famosos curandeiros, e querendo viver alguns dias sem despesas e também querendo ganhar alguma somazinha, vai à casa do infeliz, olha-o, testa-lhe o pulso. Sem atender a contínua tosse e outros sintomas diz: — “Vossa doença é só falta de sangue e vos curarei”. Logo lhe ordena a **famosa garrafada de mata-pasto**. Aquele pobrezinho deixa a última receita de um bom médico e começa a tratamento do impostor. Tendo eu ouvido falar disto, logo fui visitá-lo para que recebesse os sacramentos. De fato morreu dois dias após.⁷³⁶

A partir dos trechos do relato do Padre Luigi Marzano que foram analisados vemos que a crença na existência em *bruxas* presente entre os italianos constituía-se de um forte elemento que escapava do controle sacerdotal necessário para a devida aplicação das reformas ultramontanas, conforme apontado por Maíra Ines Vendrame (2007)⁷³⁷. Isso se deve ao fato de que a doutrina ultramontana da segunda metade do XIX ao colocar-se enquanto uma visão de prática “*cientificada*” da fé católica⁷³⁸, muitas vezes deixava em muito a desejar no que diz respeito às demandas religiosas dos imigrantes italianos e sua incessante procura pela benção sacerdotal tendo em vista a causalidade sobrenatural das problemáticas de seu cotidiano geralmente incompatível com os ditames ultramontanos relativos ao *Primeiro Mandamento* do *Decálogo Mosaico*, conforme podemos verificar no trecho do Catecismo Romano (1566) a seguir:

[7] Pecam contra este Preceito todos aqueles que não têm fé, nem esperança, nem caridade. E seu pecado abrange muitas variantes. A essa classe de homens pertencem os que caem em heresia, não crendo as verdades que a Santa Mãe Igreja propõe a crer; os que acreditam em sonhos, agouros, e outras coisas sumamente supersticiosas; os que desesperam de sua própria salvação, e não confiam na bondade divina; os que se apóiam somente em riquezas, saúde, vigor corporal.

Desta matéria, encontra-se uma explicação mais ampla nos autores moralistas, na parte que trata dos vícios e dos pecados.⁷³⁹

Dessa forma, diante da tentativa de se erradicar a crença dos italianos acerca da

⁷³⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 123-124.

⁷³⁷ VENDRAME, Maíra Ines. “**Lá éramos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007, p. 188-189.

⁷³⁸ PIO IX. **Qui Pluribus**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1846, p. 04-06; SILVA, Ana Rosa Clotet da & COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. **Estudos De Religião**, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021, p. 342-343.

⁷³⁹ CATECISMO ROMANO. Catecismo dos párocos, redigido por decreto do Concílio Tridentino. Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 391.

existência de *bruxas* ao “fazer sermões sobre isto”⁷⁴⁰ ou “nos diálogos, *gracejar de tais utopias*”⁷⁴¹ o que se obteve foi o efeito justamente contrário ao passo que, conforme apontado por Maíra Ines Vendrame (2017)⁷⁴², dentro desse arcabouço cosmológico de crenças a eficácia da benção sacerdotal dependeria da boa ou má vontade prestada pelo sacerdote ao dispensá-la. É mediante a recusa ou falha na eficácia da benção sacerdotal, que de acordo com a autora muitos desses colonos insatisfeitos com a continuidade dos casos de *embruxamento* e o não cumprimento de suas demandas irão procurar a única opção alternativa mais acessível à sua disposição: os *benzedeiros*⁷⁴³, identificados pelo Padre Luigi Marzano como “magos”, “adivinhos” e “feiticeiros”⁷⁴⁴.

Ao imputar aos *benzedeiros* brasileiros a culpabilidade pelas “*contendas, litígios, perseguições, lutas e brigas*” entre vizinhos nos núcleos coloniais procurava-se, portanto, justificar os motivos para que se acionassem as autoridades civis com base nos artigos 156, 157 e 158 do Código Penal Brasileiro vigente à época nos quais proibia-se expressamente com pena de *prisão* não só o exercício do ofício de *curandeiro*, como também proibiam-se as práticas religiosas e oraculares que segundo as descrições do Padre Luigi Marzano compunham os ritos de benzedura contra *embruxamento*, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

Art. 156. Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a artedentaria ou a **pharmacia**; praticar a homeopathia, a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos:

Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

Paragrapho unico. Pelos abusos commettidos no exercicio ilegal da medicina em geral, os seus autores soffrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa.

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para **despertar sentimentos de odio** ou amor, inculcar **cura de molestias curaveis ou incuraveis**, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

§ 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas:

Penas - de prisão celular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000.

⁷⁴⁰ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 122-123.

⁷⁴¹ *Ibidem*, p. 122-123.

⁷⁴² VENDRAME, Maíra Ines. “**Lá éramos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007, p. 184-186.

⁷⁴³ *Ibidem*, p. 188-189.

⁷⁴⁴ MARZANO, *op. cit.*, p. 123-124.

§ 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá o médico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles.

Art. 158. Ministar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado **curandeiro**:

Penas - de prisão cellular por um a seis mezes e **multa** de 100\$ a 500\$000.

Paragrapho unico. Si o emprego de qualquer substancia **resultar** á pessoa **privação**, ou alteração temporaria ou permanente de suas faculdades psychicas ou funcções physiologicas, deformidade, ou **inhabilitação** do exercício de órgão ou aparelho organico, ou, em summa, alguma **enfermidade**:

Penas - de prisão cellular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000.

Si resultar a morte:

Pena - de prisão cellular por seis a vinte e quatro annos.⁷⁴⁵.

Levando em consideração as penas de *prisão* à que a denúncia desses delitos acarretava, vemos que ao associa-lo aos brasileiros presentes nas proximidades dos núcleos coloniais procurava-se através do aprisionamento sistemático desses sujeitos sob a acusação de *feitizaria* eliminar qualquer forma de influência comunitária que pudesse interferir nos projetos políticos do Consulado de se criar um corpo eleitoral exclusivamente italiano⁷⁴⁶. Dessa forma eliminavam-se todos os concorrentes brasileiros que por vias da medicina popular ou das práticas religiosas pudessem vir a competir com o comércio farmacêutico oferecido pelas elites comerciais italianas e o atendimento religioso dos sacerdotes italianos representantes dos interesses do Consulado⁷⁴⁷.

3.3.1.2. QUEIJO.

Através dos influxos comerciais do *Queijo*, cujo monopólio comercial era disputado entre as caravanas tropeiras, os criadores de cabra da região central e os donos de gado leiteiro da periferia de Urussanga, vejamos como através de acusações de *bruxaria* se deu o controle das festividades e dos ofícios rituais religiosos enquanto principal ponto de trocas comerciais entre os brasileiros e italianos que conviviam nas

⁷⁴⁵ **Grifos nossos. BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890.** Promulga o Código Penal. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1890.

⁷⁴⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil.** Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 169; OTTO, Clárcia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930).** Florianópolis: Insular, 2006, p. 196-197; PEREIRA, Breno Anastácio. **Luigi Marzano: relações políticas e discursos de italianidades.** TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2017, p. 11-22; SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República.** TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 23.

⁷⁴⁷ OTTO, *op. cit.*, p. 196-197; PEREIRA, *op. cit.*, p. 11-22; SILVA, *op. cit.*, p. 23.

imediações dos núcleos coloniais à oeste do Tubarão⁷⁴⁸. Para isso que através das descrições dos ritos fúnebres durante o início do século XX coletadas por Julia Tomasi (2010)⁷⁴⁹ e Karen Réchia (1998)⁷⁵⁰ respectivamente, partiremos nossa análise de dois pontos comerciais estratégicos: a região central de Urussanga e a localidade de Treze de Maio, antigo núcleo colonial de Quadro pertencente à Empresa Ângelo Fiorita e Companhia cujos imigrantes italianos advindos com a terceira onda migratória de 1890, de acordo com o Padre Luigi Marzano (1904)⁷⁵¹, foram o principal alvo dessa disputa.

É partindo desse princípio que o Padre Luigi Marzano nos traz uma breve descrição do processo de construção e de como era o estilo artístico e arquitetônico das igrejas dos núcleos coloniais antes do processo de implementação das reformas ultramontanas no Curato de Urussanga, encabeçadas ainda pelo seu antecessor no cargo de cura: o Padre Bernardino Freise ainda em 1896⁷⁵². Como forma de estabelecer vínculos territoriais com as elites comerciais locais, (do ramo dos serviços de construção principalmente), o Padre Bernardino Freise reconhece na necessidade de ampliação e reforma da Igreja Matriz um pretexto para a aplicação dos projetos de urbanização aos moldes higienistas em voga durante esse período do regime republicano, impondo o pagamento de uma taxa de imposto que deveria ser pago em liras italianas pelos moradores conforme o grau de proximidade de seu terreno para com o templo, obrigando assim os menos abastados a migrar da região central para as periferias de Urussanga⁷⁵³.

Segundo Riolando Azzi (1988)⁷⁵⁴ e Élio Cantalicio Serpa (1997)⁷⁵⁵ implementação dessas reformas, conforme pudemos ver anteriormente acarretou na demolição de diversas igrejas para se construir uma nova de acordo com os padrões

⁷⁴⁸ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 81-82; TARASANTCHI, Ruth Sprung... [et al.]. **Pedro Weingärtner (1853-1929): Um artista entre o Velho e o Novo Mundo**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2009, p. 121; VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão: das origens ao século XX**. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 83-113; ZILLI, Edson. **Caminhos das tropas no Extremo Sul Catarinense: memória e patrimônio**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015, p. 55-62; Ver Figura 13.

⁷⁴⁹ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 12-17.

⁷⁵⁰ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 04-25.

⁷⁵¹ MARZANO, *op. cit.*, p. 81-82.

⁷⁵² *Ibidem*, p. 108.

⁷⁵³ *Ibidem*, p. 108-109.

⁷⁵⁴ AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 64-72.

⁷⁵⁵ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 113-116; *ibidem*, p. 200-206.

eurocêntricos que os projetos políticos higienistas republicanos e ultramontanos propunham à época. Como exemplos desse tipo de caso podemos citar a transição para o estilo neogótico da Capela Santa Ana no núcleo colonial de Belluno (atual Siderópolis)⁷⁵⁶ e a destruição do Altar da Senhora da Piedade de pedra e em estilo barroco na Igreja Matriz do Tubarão pelo Padre Francisco Xavier Topp, substituindo-o por um propiciatório removível de madeira em estilo românico⁷⁵⁷. Pois bem, vamos ao relato:

Mais de um leitores, ao seguir a evolução das colônias italianas, deve ter-se feito esta pergunta: — Os pobres colonos, afastados dos centros e sem sacerdotes, que faziam nas festas para externar seu culto a Deus? Eis a resposta:

Construída sua **cabana**, primeiro pensamento de cada núcleo era o de erigir uma **capela**. Logo que houvesse meios para isto, esta **surgia** como **por encanto**. Uma velha imagem trazida da Itália serviria para ícone. Quando **não havia imagem** um deles pegava um tronco e um formão, e fazia uma **figura mais ou menos artística**. Depois de pintada e vestida, a seu modo, tinha que representar o **Santo Protetor** de seu vilarejo de origem. **Ninguém**, por certo, **poderia descobrir naquela figura um santo**, a não ser pelo nome que estava escrito no pedestal. Mas para eles era verdadeiramente uma raridade. Logo tornava-se **santo milagroso**, a cuja veneração acorria-se até de **capelas longínquas**. Conseguindo assim o Santo ou Nossa Senhora, colocavam-no em um nicho. Na frente punham uma **mesa** com dois degraus. Sobre estes punham quatro ou seis garrafas ainda com a etiqueta de célebres licores. Quanto mais coloridos e grandes, tanto melhor representavam os preciosos candelabros das catedrais.⁷⁵⁸

Um dos poucos exemplares de igreja nesse mesmo estilo artístico e arquitetônico ainda sobreviventes que podemos encontrar até os dias de hoje é o a Capela Santa Augusta na localizada nas imediações da Colônia de Grão-Pará (atual Braço do Norte), nas circunvizinhanças ao norte de Urussanga⁷⁵⁹. Foi construída em 1887 pelo italiano João Batista Uliano como forma de pagamento de uma promessa à Santa Augusta por ter lhe curado de uma dor de dente⁷⁶⁰. Curiosamente, esse é o mesmo “*um tal de Batista Uliano*” que segundo o Padre Luigi Marzano teria projetado a primeira construção original da Igreja Matriz de Urussanga anterior às reformas de ampliação com base nos parâmetros ultramontanos encabeçadas pelo Padre Bernardino Freise em 1896⁷⁶¹. Abaixo podemos

⁷⁵⁶ LOCATELLI, Eloise Salvaro. **Um Olhar para Siderópolis: a cultura local na escola**. TCC (Graduação) - Licenciatura em Artes Visuais. Criciúma: UNESC, 2018, p. 37-38.

⁷⁵⁷ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 232.

⁷⁵⁸ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 125.

⁷⁵⁹ MANARIN, Karina. **Universidade do Sul restaura imagens feitas por imigrantes há 134 anos**. ND Mais, Florianópolis, 12 de ago. de 2021. Disponível em: < <https://ndmais.com.br/cultura/universidade-do-sul-restaura-imagens-feitas-por-imigrantes-ha-134-anos/> >. Acesso em: 03 out. 2025; MARZANO, *op. cit.*, p. 80. Ver Figura 01.

⁷⁶⁰ MANARIN, *op. cit.*

⁷⁶¹ MARZANO, *op. cit.*, p. 68.

ver uma foto da fachada original à época de sua inauguração sem a torre do campanário acrescentada posteriormente:

Figura 25 – Capela Santa Augusta, 1887.



Fonte: ULIANO, 1887.

Nessa igreja podemos encontrar um belíssimo conjunto de imagens sacras composto por Santa Augusta, São Pedro e São Paulo feitos de barro batido pelos próprios imigrantes que construíram a capela⁷⁶². Podemos conferir a partir desse mesmo conjunto de imagens de valor histórico e artístico único e inestimável na fotografia abaixo sobre qual estilo de estética iconográfica e imagética o Padre Luigi Marzano menciona ao se referir como sendo uma “*figura mais ou menos artística*”⁷⁶³ na qual “*Ninguém, por certo, poderia descobrir naquela figura um santo*”⁷⁶⁴:

Figura 26 – Restauração das Imagens de São Pedro, Santa Augusta e São Paulo.

⁷⁶² MANARIN, Karina. **Universidade do Sul restaura imagens feitas por imigrantes há 134 anos**. ND Mais, Florianópolis, 12 de ago. de 2021. Disponível em: < <https://ndmais.com.br/cultura/universidade-do-sul-restaura-imagens-feitas-por-imigrantes-ha-134-anos/> >. Acesso em: 03 out. 2025.

⁷⁶³ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 125.

⁷⁶⁴ *Ibidem*, p. 125.



Fonte: MANARIN, 2021.

Uma réplica da imagem de Santa Augusta nesse mesmo estilo iconográfico e imagético podemos encontrar acima do tabernáculo do Altar de Nossa Senhora Aparecida na Igreja Matriz de Nosso Senhor do Bonfim em Braço do Norte:

Figura 27 – Réplica da Imagem de Santa Augusta na Matriz de Nosso Senhor do Bonfim.



Fonte: Acervo Pessoal do Autor.

Na grande maioria dos casos em que as reformas ultramontanas eram devidamente aplicadas no que tange ao estilo artístico e arquitetônico do espaço sacro geralmente as imagens originais eram guardadas ou substituídas por uma nova condizente com os

parâmetros eurocêtricos exigidos pelos ditames higienistas republicanos e ultramontanos, conforme apontado por Riolando Azzi (1988)⁷⁶⁵ e Élio Cantalício Serpa (1997)⁷⁶⁶. Um exemplo de caso apontado por Claudino Biff (1997)⁷⁶⁷ é a substituição da imagem da *Senhora da Piedade do Tubarão* original pelo Padre Francisco Xavier Topp por uma nova versão *germanizada*⁷⁶⁸ e mais condizente com o espírito de suas reformas:

Figura 28 – Imagem da Senhora da Piedade após reforma ultramontana.



Fonte: PREFEITURA DA CIDADE DE TUBARÃO, 2018.

Atualmente por questões de segurança, conforme informações divulgadas pela Prefeitura do Tubarão (2022)⁷⁶⁹, a imagem original datada por volta da década de 1820 permanece guardada em local privado, sendo exposta ao público somente uma única vez ao ano por ocasião da Festa da Padroeira:

Figura 29 – Imagem da Senhora da Piedade original datada por volta da década de 1820.

⁷⁶⁵ AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941.** São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 70-73.

⁷⁶⁶ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 113-116; *ibidem*, p. 200-206.

⁷⁶⁷ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão.** Tubarão: Coan, 1997, p. 232.

⁷⁶⁸ Sobre o processo de *germanização* da igreja e do clero por Francisco Xavier Topp nesse período ver: Cf. AZZI, *op. cit.*, p. 109-111.

⁷⁶⁹ PREFEITURA DA CIDADE DE TUBARÃO. **Festa de Nossa Senhora da Piedade volta a acontecer depois de dois anos de pandemia.** Prefeitura Tubarão: Tubarão, 05 de set. de 2022. Disponível em < <https://tubarao.sc.gov.br/noticia-746161/> >. Acesso em 07 de out. de 2025.



Fonte: PREFEITURA DA CIDADE DE TUBARÃO, 2022.

Seguindo a descrição das características artísticas e arquitetônicas dos templos vejamos a partir das entrevistas coletadas nos trabalhos de Júlia Tomasi (2010)⁷⁷⁰ e Karen Réchia (1998)⁷⁷¹ como se davam os pormenores da expressão religiosa ritualística dos habitantes dessa região correspondente aos núcleos coloniais e que de acordo com o Padre Luigi Marzano seriam anteriores às reformas ultramontanas implementadas durante esse período:

Existindo o altar era preciso haver um ministro para as funções. Geralmente este era **aclamado pela voz do povo**. Era escolhido entre os **cantores que soubessem ler e escrever**. Era chamado **capelão** e, não poucas vezes, **padre**.

Nas festas e domingos, à hora combinada de abrir a capela, tocava um pequeno **sino**, ou soprava um **cornó de caça**, ou mesmo com barulhentos golpes numa lata de **querosene**, dava sinal de que era dia de festa, e convidava os colonos para as funções.

Reunia-se um regular número de pessoas. O **capelão** acendia as velas e dava início aos exercícios de piedade cristã. De manhã liam-se as meditações para bem ouvir a Santa Missa, recitava-se o rosário e fazia-se a via-sacra. À tarde cantavam-se as **Vésperas**, e **quase sempre concluía-se com o salmodiar do Ofício dos Mortos**.

⁷⁷⁰ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana**: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 12-17.

⁷⁷¹ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó**: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 04-25.

Que exemplo para os tépidos católicos europeus que, com todas as comodidades possíveis e as atraentes belezas da arte cristã nos dias festivos, não sabem dispor de tempo para dar a Deus a veneração que lhe é devida!⁷⁷².

A escolha dos *capelões* dentre os cantores que especificamente sabiam ler e escrever não se dava por acaso, conforme apontado por Julia Tomasi (2010)⁷⁷³ e Karen Réchia (1998)⁷⁷⁴, muitos imigrantes traziam consigo uma série de livros litúrgicos como *breviários* e *hinários* comuns a todos os leigos e *missais* para o acompanhamento da *missa* conforme os parâmetros tridentinos em comum vigência, porém, com bem menos acesso nas comunidades afro luso brasileiras. Esse fenômeno se deve por conta das diferentes formas totalmente paralelas e opostas com que o *regalismo josefinista* foi instaurado no Brasil durante o governo imperial e nas províncias ao norte da Península Itálica durante as dominações franco-austriacas, conforme apontado por Alice Arns (1975)⁷⁷⁵, Italo Santirocchi (2010;2015)⁷⁷⁶ e Luís Fernando Beneduzzi (2004)⁷⁷⁷ respectivamente.

No Brasil, de acordo com Alice Arns (1975)⁷⁷⁸, Italo Santirocchi (2010;2015)⁷⁷⁹ e Augustin Wernet (1997)⁷⁸⁰, o *padroado régio* controlava as nomeações sacerdotais com o objetivo de manter o monopólio político estatal sem a intervenção administrativa de estrangeiros que viessem a ameaçar o status de *Independência* recém-declarada sobre as províncias do Império, havendo menor acompanhamento sacerdotal e maior liberdade de ação litúrgica sobre as populações desde que elas se mantivessem submetidas ao governo imperial. Ao passo que nas províncias ao norte da Península Itálica as especificidades do *regalismo josefinista* vigente durante os períodos de dominação franco-austriaca a partir do final do século XVIII impunham o acompanhamento sacerdotal de caráter

⁷⁷² MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 125-126.

⁷⁷³ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana**: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 87.

⁷⁷⁴ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó**: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 58.

⁷⁷⁵ ARNS, Alice Bertoli. **Laguna**: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja. Curitiba: Imprimax, 1975, p. 65.

⁷⁷⁶ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo - Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 25-27; *Idem*. Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). **Itinerantes**: Revista de Historia y Religión, San Miguel de Tucumán, n. 5, 2015, p. 79-81.

⁷⁷⁷ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 75-77.

⁷⁷⁸ ARNS, *op. cit.*, p. 63-70.

⁷⁷⁹ SANTIROCCHI, *op. cit.*, p. 25-27; *idem*, *op. cit.*, 2015, p. 70-81.

⁷⁸⁰ WERNET, Augustin. Crise e definhamento das tradicionais ordens monásticas brasileiras durante o século XIX. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 42, 1997, p. 121-130.

nobiliárquico enquanto meio de controle estatal de imposição dos idiomas imperiais sobre os dialetos locais através do uso litúrgico do latim nos ritos controlados pelo clero, conforme apontado por Luís Fernando Beneduzi (2004)⁷⁸¹ e Maira Ines Vendrame (2007)⁷⁸² respectivamente. Dessa forma através do uso litúrgico do latim os imigrantes conseguiam romper com as barreiras idiomáticas inserindo-se dentro das festividades religiosas que compunham o ciclo de produção e rotatividade econômica das rotas comerciais motivadas pelas caravanas tropeiras através das devoções e rituais litúrgicos que possuíam em comum com as comunidades afro luso brasileiras incluindo-se nesse interim os ritos fúnebres comuns à toda vizinhança, conforme apontado por Élio Cantalício Serpa (1997)⁷⁸³ e Riolando Azzi (1989)⁷⁸⁴ respectivamente.

O exercício das funções de capelão enquanto festeiro e oficiante dos ritos fúnebres como podemos ver se deve a três fatores: as *irmandades*, o *corpo de cantores* e o *Ofício dos Mortos*. O primeiro fator se deve ao fato de que, de acordo com as entrevistas coletadas por Karen Réchia (1998)⁷⁸⁵, os padres só visitavam a região uma vez por mês ou a cada dois meses, ficando a dispensa das exéquias do fiéis defuntos ao encargo das *irmandades* religiosas autogeridas por leigos por essas serem as responsáveis pelas festividades dos oragos locais com o objetivo de angariar fundos para a manutenção da capela, logo também responsáveis pelo cemitério enquanto parte inerente à sua estrutura, conforme também apontado por Quinto Baldessar (1991)⁷⁸⁶. Já o segundo fator se deve ao fato de que essas *irmandades* tinham por principais membros o *corpo de cantores* responsável pela realização dos ritos religiosos dos ofícios fúnebres e festivos que garantiam a funcionalidade e manutenção do espaço da capela e dentre os quais era eleito um capelão enquanto dirigente principal das funções na ausência de um clérigo, conforme

⁷⁸¹ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 65-69; *ibidem*, p. 75-77.

⁷⁸² VENDRAME, Maíra Ines. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007, p. 175-179.

⁷⁸³ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 50-55.

⁷⁸⁴ AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina**: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 63-73.

⁷⁸⁵ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó**: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 56.

⁷⁸⁶ BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes**: sua história costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina. [Criciúma]: [s. n.], 1991 p. 117.

apontado por Riolando Azzi (1989)⁷⁸⁷ e Maira Ines Vendrame (2007)⁷⁸⁸, bem como pelo próprio Padre Luigi Marzano (1904)⁷⁸⁹. O terceiro fator se dá no fato de que o *Ofício dos Mortos*, muito popular entre os imigrantes se consistia em parte do *Ofício Divino* de uso comum ao sacerdócio e ao laicato e que poderia ser utilizado tanto para o oferecimento das intenções diárias em sufrágio universal pelas almas dos fiéis defuntos com também para a execução dos ritos exequiais de encomendação e enterro dos falecidos da comunidade conforme apontado por Wagner Stefani (2015)⁷⁹⁰, Karen Réchia (1998)⁷⁹¹ e Júlia Tomasi (2010)⁷⁹² respectivamente. Ainda de acordo com Quinto Baldessar (1991)⁷⁹³ a demanda pelos *capelões* e *irmandades* que atendessem ao *Ofício dos Mortos* junto à consequente progressiva expansão dos cemitérios teria fortemente se desenvolvido e crescido após a grande que assolou toda essa região dos núcleos coloniais à oeste do Tubarão a partir da década de 1880.

Reminiscências desse fenômeno ainda durante as primeiras décadas do século XX podemos verificar através das entrevistas coletadas Julia Tomasi (2010)⁷⁹⁴ na região central de Urussanga, onde nos recorda Dona Zelinda Pellegrin: “*Latim, justamente, a parte da religião era só o latim, né. Fosse padre africano, fosse padre inglês, a missa era tudo em latim, né.*”. Os pormenores ritualísticos do fenômeno coletados por ela podemos conferir através do depoimento de Seu Vitalino Biz:

“Toda a pessoa que era apegada a religião, se era católico, a missa de sétimo dia, a missa cantada, hoje a gente diz que é diferente, naquela época não, a missa era cantada pelos cantores. Cantava só os cantores, abria o livro e ficavam cantando. A língua em latim, batiam sempre na mesma tecla. A missa de sétimo dia era diferente, né, eles cantavam lá no dia, eu até tava abusado porque eu era o cara que ajudava a missa. Eu ajudei muito tempo na missa,

⁷⁸⁷ AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941.** São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 43-63.

⁷⁸⁸ VENDRAMÉ, Maíra Ines. “**Lá éramos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007, p. 70-71.

⁷⁸⁹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil.** Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 125-126.

⁷⁹⁰ STEFANI, Wagner Apredido. **A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230).** Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015, p. 39-47.

⁷⁹¹ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 57.

⁷⁹² TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX.** TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 74-75.

⁷⁹³ BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes: sua história costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina.** [Criciúma]: [s. n.], 1991 p. 117.

⁷⁹⁴ TOMASI, *op. cit.*, p. 78.

mas eu vou te dizer uma coisa, o padre cantava uma coisa, e os cantores respondiam de outra maneira, era em latim. O padre com os cantores, uns cinco, seis.”⁷⁹⁵.

Fenômeno esse que também podemos observar nas entrevistas coletadas por Karen Réchia (1998)⁷⁹⁶ ao também analisar as atividades de *benzedeiras* e *parteiras* durante os ritos fúnebres nas circunvizinhanças “*meio brasileiras, meio italianas*” de Treze de Maio ao leste de Urussanga que remontam às primeiras décadas do século XX e do qual nos enfatiza Dona Robertina: “*cobrir um caixão de defunto, não era qualquer um que cobria. E eu cobria caixão de gente velha e tudo!*”⁷⁹⁷, cujos pormenores ritualísticos podemos conferir através dos depoimentos de Dona Irma, Dona Amábile e Dona Irene:

Algumas das entrevistadas eram esposas de “fabriqueiros”, homens da comunidade que se encarregavam de dar o aviso dos enterros, como foi anteriormente falado, limpar o cemitério, reformar a igreja, entre outras coisas. O sogro de Dna. Irma era capelão, comandava os cultos, os “enterros”, função assumida por seu marido posteriormente:

Ele era capelão que aquela época não existia padre, ele era capelão, ele enterrava defunto, ele era muito de igreja, presépio, essas coisa, muito ligado com os padre e depois o meu marido só casou e já começou também a ser puxa-saco dos padre.

A sua sogra, a parteira Luiza, era quem recebia os padres, fazia a comida e preparava o quarto. Os padres visitavam a região uma vez a cada mês, ou a cada dois meses, porém a religiosidade era preservada por meio das procissões, das festas dos santos, das irmandades e dos cerimoniais, que elas relembram com prazer. Dna. Irene, cuja sogra residia ao lado da igreja da “Sede” e igualmente atendia os padres, me fala dos cantores do “ofício”:

Aqueles que faziam o ofício, nunca ouviu falar, do ofício das almas? Aí os cantor, era o meu sogro, era o falecido Formentin, cantavam tudo em latim, não sei como é, italiano, né? É era o ofício. Então era doze pessoas, doze almas que tinha que cantar. Seje de um lado, seje de outro, então cada um cantava um pouco, o outro cantava um pouco, era um negócio bíblico que tem, antigo, é porque era pra alma de fulano né?

Pelo que pude levantar, o ofício dos mortos consistia numa celebração às almas dos mortos em geral, ou na ocasião de um “enterro”, onde se cantava em latim “*cantos muito longos com melodias fúnebres, com um sentimento profundo*” ou, no dizer de Claudino Biff, “*em paupertária melodia gregoriana.*” O coro era composto por vozes masculinas: “*Só cantava em latim, nada em brasileiro. Eu cantava a Offiziatura dos mortos, Pater Noster, Miserere mei Deus, ladainhas della Madona e dei Santi.*” Tudo indica também que os cantores eram pessoas detentoras de um certo respeito, “*como ele era o professor dos cantores, o povo dava dinheiro, pato, galinha pela cantoria*

⁷⁹⁵ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana:** os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 86.

⁷⁹⁶ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó:** partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 52-58.

⁷⁹⁷ *Ibidem*, p. 54.

dele”, possivelmente por dominarem uma função considerada importante, a qual exigia pessoas alfabetizadas, o que não era comum à época.

Mas mudanças ocorridas revelam, segundo o olhar de Dna. Irene, um empobrecimento deste cerimonial: “*agora não, tem uma missa só para cinqüenta defunto.*” Todavia é na fala de Dna. Amábile, sobre o ofício dos mortos, que encontramos as definições dos espaços femininos e masculinos, e o que cabia a cada um, no interior da igreja:

“*É, os home eles ia lá na frente, lá na frente do altar, então tinha uns banco assim do lado de lá e uns banco assim do lado de cá do altar, ali os home cantava, era 7, 8 home do lado de lá, mais 7, 8 do lado de cá, tudo home de idade, ali eles cantava aquilo em italiano. Eles cantava à tarde. (...) Ah! Mulher cantava de manhã, cantava aquelas ladainha italiano, que se fosse cantá eu canto de hoje também, eu sei cantá ainda. Pra Nossa Senhora, aqueles Pai Nosso e Ave-Maria, e rezava o terço.*”.⁷⁹⁸

Conforme apontado por Lélia Nunes (2010)⁷⁹⁹, Riolando Azzi (1989)⁸⁰⁰ e Élio Cantalício Serpa (1997)⁸⁰¹, esse era também o caso das Irmandades do Rosário e as Irmandades do Divino Espírito Santo que atuavam em conjunção conectadas às Irmandades de outros oragos locais e dos demais santos populares que habitavam as capelas por meio dos ciclos de festas que acompanhavam a rotatividade comercial e econômica da região. Ainda de acordo com Riolando Azzi (1989)⁸⁰², durante o processo de aplicação das reformas ultramontanas entre o final do século XIX e início do século XX, tentou-se através da organização de *confrarias* religiosas internacionais suplantarem as *irmandades* que tinham nos *bailes* e *folgedos* das festividades dos oragos locais seu principal meio de subsistência como forma de se obter um maior controle diocesano sobre a atividade religiosa das capelas, como é o caso da Pia União das Filhas de Maria também instaurada pelo Padre Luigi Marzano (1904)⁸⁰³, que conforme muito bem pontuado por Karen Réchia (1998)⁸⁰⁴ proibia terminantemente suas afiliadas de dançar.

Em muitos dos casos onde essa tentativa falhou, como o de Treze de Maio apontado por Karen Réchia (1998)⁸⁰⁵ por exemplo, as *confrarias* internacionais

⁷⁹⁸ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 56-57.

⁷⁹⁹ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina.** 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Insular, 2010, p. 24.

⁸⁰⁰ AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941.** São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 64-70.

⁸⁰¹ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 50-55.

⁸⁰² AZZI, *op. cit.*, p. 70-72

⁸⁰³ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil.** Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 174.

⁸⁰⁴ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 58.

⁸⁰⁵ *Ibidem*, p. 58.

simplesmente não vingaram fortalecendo as *irmandades*, como foi o caso da Pia União frente à Irmandade do Sagrado Coração de Jesus e de Maria analisado por ela, onde os conceitos de *irmandade* e *confraria religiosa* se confundem dentro do imaginário popular devido à experiência das constantes tentativas fracassadas de implantação nas quais de acordo com Dona Felícia:

Decididamente, a irmandade das “Filhas de Maria” não encontraria adeptas, posto que era só sair “*da igreja e a gaita velha tava lá tocando, todo mundo de chinelo, de tamanco*”. (Felícia). Ao ritmo da valsa, da rancheira e do xote, “*as mocinhas da cidade, são bonitas e dançam bem*”, dançavam até próximo do sol descer, porque “*se chegasse em casa depois do sol entrá, Deus o livre, aquele tempo era rigoroso, né.*” (Felícia).⁸⁰⁶.

Conforme apontado por Karen Réchia (1998)⁸⁰⁷, às *irmandades*, devido às suas responsabilidades para com os ritos fúnebres e a manutenção do cemitério, ficava também incumbida a obrigação de garantir a cova e o féretro às famílias dos falecidos. Dessa forma não eram raros os casos em que o capelão também assumia os papéis de coveiro e fabricante de caixões sendo ele também o responsável pelo preparo do corpo para o velório como no caso de Seu Adão Bettiol na região central de Urussanga, ficando relegada às mulheres a confecção das alfaias da igreja, dentre elas, o famoso catafalco preto decorado com estampas de caveira do qual nos recorda Júlia Tomasi (2010):

A utilização do cadafalso é lembrada por todos os entrevistados, desde os mais velhos, até os mais novos, como Bettiol, de 86 anos de idade, que recorda as cores do pano, os detalhes no desenho e quem o confeccionava (quando este encontrava-se muito usado e já furado): “Ele era branco, cabeça de caveira, assim oh, o pano era preto, mas o enfeite era branco, caveira, quem fazia era a dona Matilde Macari, até o outro não usa mais, não dava mais de pregar porque tava tudo furado, e aí mandamos fazer um novo com a dona Matilde Macari.” (2010). Já Maria João, de 45 anos, tem poucas lembranças do pano de caveira, visto que após sua infância não se utilizou mais os cadafalsos na igreja no momento da encomendação. Mas recorda que era bastante assustador ver o pano cheio de caveiras em baixo do caixão: “Lembro, bem pouco, mas peguei. Na verdade era meio assustador, né? Porque esse pano ficava estendido e só aquele momento, porque depois, naquele tempo era criança, me marcava muito, por que, né? Preto e as caveiras brancas.” (2010).⁸⁰⁸.

Em outros casos como os analisados por Karen Réchia (1998)⁸⁰⁹, tais funções eram divididas entre o capelão e os demais membros das *irmandades*, incluindo dentre eles para além dos cantores diversas mulheres, muitas delas na grande maioria das vezes

⁸⁰⁶ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias** em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 59.

⁸⁰⁷ *Ibidem*, p. 52-55.

⁸⁰⁸ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 74.

⁸⁰⁹ RÉCHIA, *op. cit.*, p. 52-57.

também *parteiras* e *benzedeiras* devido à sua sensibilidade para com os corpos dos falecidos decorrente da experiência de ter que lidar com a fatalidade humana de forma recorrente no exercício de seus ofícios. Nesse caso existe também uma divisão de gênero nas funções exercidas: aos homens são incumbidas as funções de coveiro, fabriqueiro, capelão e cantor do *Ofício dos Mortos* na parte da tarde, enquanto às mulheres são reservados o preparo do corpo, o forro do caixão e a preparação da merenda, bem como a recitação das ladainhas e do rosário pela manhã⁸¹⁰.

Visando obter o controle da influência religiosa que as festividades religiosas locais regidas pela rotatividade econômica das caravanas comerciais brasileiras detinham junto às *benzedeiras* e *parteiras* sobre a administração das capelas enquanto principais meios de organização econômico social dos habitantes dos núcleos coloniais por meio das *irmandades*, é que dessa forma o Padre Luigi Marzano nos traz o seguinte relato no qual ele acusa os *capelões* de serem *Bruxos*:

Mas se na origem este modo de santificar as festas era louvável, não poucas vezes, com o progredir do tempo, por um zelo mal entendido, degeneraram em profanação.

Estes simples sacristãos, por um inesperado sucesso em suas funções, passavam deveras a crer-se sacerdotes. Como tais não se contentavam com a leitura em voz alta das meditações para bem ouvir a Santa Missa, mas **vestindo a alva e o cingulo, às vezes com capinha vermelha, subiam ao altar**. Recitavam o “Júdice me Deus”, os “Kyrie”. Entoavam o “Glória” e o “Credo”. Enquanto os cantores prosseguiam, iam às cadeiras. Cantavam o “Dominus Vobiscum” e os “Oremus”. Faziam soar a sineta ao “Sanctus”. No final davam a benção com as duas mãos. Não era raro o caso, em que dirigiam a palavra aos fiéis tentando explicar o Evangelho. Mas nisto não eram muito felizes, no mais das vezes, satíricos e interesseiros.

Alguns destes **capelões** tornaram-se tão célebres que mesmo **de longe vinha-se ouvi-los**. Davam benção com **ritual e aspersório**, para eles era lícito **benzer** qualquer coisa, pessoas doentes, animais, casas e até a uva quando não queria fermentar. Entre outros houve um que se tornou célebre com suas **benções às gestantes** e, ainda hoje é vivamente lembrado. A esta benção dava certa solenidade, vestia uma **sobrepeliz** muito **curta**, tomava de um **aspersório formado por raminhos** e saía à porta da capela. Ali, feita uma primeira **aspersão**, dava à **gestante a orla de seu casaco** e acompanhava-a ao **altar**.

Ali, após a recitação das orações, e tendo-lhes dado a benção, sugeria-lhe ao ouvido algumas palavras e despedia-a bem contente.

Pobres colonos! A que mãos imundas confiavam seus mais altos destinos! **Mas isto não deve ser causa de admiração num país em que, com a maior facilidade um carpinteiro torna-se juiz; um sapateiro médico; um barbeiro, escrivão, advogado. Professor, então, qualquer garção. E pensar que a estes graduados o povo dedica respeito e veneração, sem preocupar-se de pedir um diploma legal.**

⁸¹⁰ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias** em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 53-57.

Infelizmente os pobres iludidos freqüentemente abrem os olhos por si mesmos, pela péssima conduta de tais **bruxos**.⁸¹¹

Para além da recitação do Ofício dos Mortos, das rezas, ladainhas e procissões, tanto vestimenta dos paramentos de alva, cingulo e sobrepeliz mencionada pelo Padre Luigi Marzano (1904)⁸¹², a dispensa de benções e a oficiação dos ritos da Missa que antecedem as *secretas* do *Canon Romano*⁸¹³ citados por ele de acordo com as regras do Catecismo Romano (1566)⁸¹⁴ eram vedadas somente ao laicato que candidatando-se ao sacerdócio ainda assim detivesse o recebimento das *Ordens Menores* de ostiário, leitor, exorcista e acólito desde que se mantivessem a tonsura e a devida autorização episcopal em dia. O mesmo ocorre com a leitura do Evangelho vedada somente às Ordens Maiores do *diaconato* e *subdiaconato* que requerem o celibato⁸¹⁵. Sendo expressamente proibido aos leigos de tocar nos vasos sagrados, o que de fato não ocorria⁸¹⁶.

A junção desse conjunto paramentário às capas coloridas que facilmente poderiam ser confundidas com um “*casaco*”, muito comumente utilizadas pelas irmandades para sua identificação (como a roxa do Senhor dos Passos⁸¹⁷ ou a “*vermelha*”⁸¹⁸ do Divino Espírito Santo⁸¹⁹, por exemplo) e que em muito se assemelham ao paramentos diaconais e subdiaconais compostos de *dalmática* colorida, podendo gerar certas confusões acerca das faculdades eclesiásticas atribuídas ao capelão, acarretando assim no cometimento da seguinte infração prevista pelo *Código Penal Brasileiro* de 1890:

CAPITULO IV

DO ESTELLIONATO, ABUSO DE CONFIANÇA E OUTRAS FRAUDES

Art. 338. Julgar-se-ha crime de estellionato:

(...)

10. **Fingir-se ministro de qualquer confissão religiosa** e exercer as funções respectivas para obter de outrem dinheiro ou utilidade;

⁸¹¹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 126.

⁸¹² *Ibidem*, p. 126.

⁸¹³ Ou seja, que de acordo com as rubricas do *Missal Romano* (1570) são de uso exclusivo do sacerdote murmurante para com a oblação de sacrifício. Ver: Cf. MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. 759-771.

⁸¹⁴ CATECISMO ROMANO. Catecismo dos párocos, redigido por decreto do Concílio Tridentino. Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 346-353.

⁸¹⁵ CATECISMO ROMANO. *Ibidem*, p. 353-355.

⁸¹⁶ *Ibidem*, p. 293.

⁸¹⁷ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 127.

⁸¹⁸ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 126.

⁸¹⁹ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino**: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Insular, 2010, p. 25-30.

11. Alterar a qualidade e o peso dos metaes nas obras que lhe forem encomendadas; substituir pedras verdadeiras por falsas, ou por outras de valor inferior; vender pedras falsas por finas, ou vender como ouro, prata ou qualquer metal fino objectos de diversa qualidade:

Penas - de prisão celular por um a quatro annos e multa de 5 a 20 % do valor do objecto sobre que recahir o crime.⁸²⁰.

O uso repressivo dessa lei por meio da força policial para punir esses determinados infratores sob acusação de *bruxaria*, podemos verificar, portanto, através das acusações de formação de *seitas* contra os habitantes dos núcleos coloniais da Empresa Ângelo Fiorita e Companhia que aparecem tanto no telegrama de João Cabral (1897)⁸²¹ ao Governador Hercílio Luz, como também nas práticas de *demonolatria* atribuídas aos *Irmãos do Divino* de Nova Veneza nos depoimentos do scalabrianiano Padre Pedro Maldotti transcrito por Riolando Azzi (1989)⁸²². É por meio desse *modus operandi* que os capelões tiveram de submeter-se à autoridade do Padre Luigi Marzano e às políticas públicas de imposição da italianidade pelo Consulado ao eliminar-se através das acusações de *bruxaria* e *feitiçaria* qualquer forma de influência que pudesse vir a ameaçar o objetivo das elites comerciais italianas de formar o corpo eleitoral exclusivamente italiano garantindo assim o suprimimento das demandas consulares por meio da conquista do monopólio do *Pão* e do *Queijo*, os dois itens de maior valor e rotatividade comercial econômica existente dentro dos núcleos coloniais, chegando ao ponto de serem usados como moeda de troca pelos habitantes de toda a região conforme podemos ver pela ótica do próprio Padre Luigi Marzano em seu trecho de relato a seguir:

Os italianos vênnetos tinham especial devoção pelo **Ofício dos Mortos**. Assim, à morte de alguém deles, o sufrágio em uso era o canto do Ofício. Para isto os parentes do defunto pagavam uma taxa à capela para as velas, gorjetas ao oficiante-chefe, e aos cantores, histórica merenda de **pão e queijo**. Os cantores estavam tão habituados, que, ao convidar-se para as funções, mandavam dizer simplesmente: “**Dománi, pane e formáio**” (**amanhã, pão e queijo**), frase para eles **sinônimo de Ofício**, que todos entendiam.

Mas hoje estes abusos desapareceram, **tendo o povo maior fé e confiança no sacerdote**. Os únicos descontentes são os velhos capelões que lamentam seu feliz tempo passado.

Mais difícil é endireitar certas opiniões que os **sacristãos-padres** inculcaram no povo. Eis dois pequenos episódios a respeito:

Um dia se me apresenta uma mulher de aspecto sofredor. Entrega-me um **pacote embrulhado** com cuidado e com as lágrimas nos olhos: — “Padre, por favor dê uma grande benção a este pacote”. Surpreso pela novidade do caso, perguntei-lhe o que estaria querendo alcançar com esta **benção ao**

⁸²⁰ **Grifo nosso. BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890.** Promulga o Código Penal. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1890.

⁸²¹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo, 1897.** Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

⁸²² AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941.** São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 64-65.

pacote. E ela: — Ah, padre! Meu marido é um grande bêbado, e eu lhe trago a **camisa** dele para que a **benza**. Assim, vestindo ele a **camisa benta**, possa perder o vício de beber cachaça. Esforcei-me para consolar aquela infeliz, e dando-lhe a benção, exortei-a a confiar na Virgem Dolorosa.

Mas há coisa ainda melhor. Numa manhã, após a Missa, vem para a sacristia uma velhinha: — “Abençoado, me diz em vêneto, faça-me o grande favor de **benzer esta roupa** de minha neta”. — Está doente sua neta? — “Não, não, é muito teimosa e quer casar com um rapaz não muito às direitas. Oh! Queira Deus fazer a grande graça de mudar-lhe a má idéia!”

Tentei persuadir a boa senhora a confiar em Deus e em Nossa Senhora. Mas, insistindo ela na **benção** da roupa, e não querendo eu alienar os ânimos, dei a benção de Nossa Senhora e ela saiu tranquila.

Poucos meses depois reencontro a velhinha, que contente e fora de si pela alegria, não acabava de agradecer-me o bom efeito de minha benção.

Nossa! que belo efeito! Tomando informações sobre o caso de fontes seguras vim a saber que a **maligna franzida** tanto soube fazer e dizer que a neta repudiando o primeiro honesto partido, caiu logo vítima de suas insinuações enganadoras, pelas quais agora vive mal em casa da mesma avó. Pobre velha!... mas bem mais desdita jovem!

Desde então **antes de dar as benções, me informo bem sobre o motivo porque as pedem.**

Sendo o caso, **instruo, e não concedo** senão quando são pedidas para bons e honestos fins.

Oh! venha o céu em socorro do pobre missionário! E surja logo a aurora do dia suspirado em que os fiéis, unidos **num só coração com o sacerdote**, elevem a Deus a veneração solene e generosa, **isenta de qualquer mancha mundana!**⁸²³

Dessa forma conclui-se que a manutenção desse sistema de repressão das consideradas práticas de *bruxaria* e *feitiçaria* através de mandados de prisão visando a aplicação progressiva das reformas ultramontanas em conjunção aos projetos políticos criação do corpo eleitoral italiano do Consulado às diretrizes higienistas do governo republicano se sintetiza pela identificação e controle sacerdotal institucionalizado do uso de *semióforos* obtidos através da benção por meio de determinadas práticas religiosas, como a *benzedura* e a dispensa de benções com “*aspersório feito de raminhos*” por exemplo⁸²⁴, podendo ele assim impedir que qualquer outra pessoa viesse a subverter a hierarquia social imposta por meio do monopólio político administrativo da *arte de curar* enquanto forma das classes subalternizadas elevarem o patamar de suas relações pessoais, conforme apontado por Nikelen Witter (2007)⁸²⁵. Fenômeno esse também observado por Maria Ines Vendrame (2007)⁸²⁶, como nos casos dos “*benzimentos*” de camiseta ou das

⁸²³ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 125-128.

⁸²⁴ *Ibidem*, p. 125

⁸²⁵ WITTER, Nikelen. **Males e Epidemias: Sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil** (Rio Grande do Sul, século XIX). Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em História. Niterói: 2007, p. 223-224

⁸²⁶ VENDRAME, Maíra Ines. “*Lá éramos servos, aqui somos senhores*”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007, p. 183-190.

benções às gestantes com “*aspersórios feitos de raminhos*” por exemplo, práticas ritualísticas muito comumente encontrada dentre as *benzedadeiras* e *parteiras* brasileiras e as quais na visão do Padre Luigi Marzano serviriam como demarcadores sociais precisos dos agentes diretos da influência política brasileira dentro dos núcleos coloniais que por isso então são acusados de serem *bruxos* e *feiticeiros*.

Ainda podemos verificar a presença de reminiscências ritualísticas do uso do “*aspersório feito de raminhos*” de alecrim nos ritos fúnebres da região central de Urussanga atualmente, conforme nos é apontado por Júlia Tomasi (2010):

O raminho de alecrim e a água benta também faziam parte dos velórios no decorrer do século XX, e estão presentes até os dias de hoje, tanto no velório feito em casa, quanto na casa mortuária, como descreve Silva: “[...] a gente tem água benta, aí bota ali, pega um raminho bento, ou alecrim, alguma coisa, e continua bastante, todos os antigos faziam.” (2010). Colocar o raminho e a água benta para fazer o sinal da cruz em cima da pessoa morta é um ritual bastante comum em Urussanga. Como modo de abençoar o corpo, “[...] já que a pessoa não pode fazer nela, é uma forma de tu tá fazendo por ele, abençoando ele, encaminhando ele para um bom lugar. É uma despedida, cada um faz.” (JOÃO, 2010). Muitas pessoas fazem o sinal da cruz em cima do morto com o ramo e a água benta ao chegar ao velório, outras fazem na hora da saída, e algumas fazem em ambos os momentos, quando chegam e vão embora.⁸²⁷

O cuidado zeloso com que os fiéis devotos aspergiam *benções* por meio de água benta com *galhinhos de alecrim* sobre o corpo do falecido, ao contrário do que se pensa, vai muito mais além do que uma simples tentativa de acesso leigo às rubricas dos ritos de *absolvição* vedados somente ao *celebrante* durante o rito de *encomendação*⁸²⁸. No rito exposto pelas rubricas do missal, o *celebrante* dá a volta no catafalco duas vezes incensando e aspergindo o corpo em clamor pela absolvição dos pecados cometidos defunto em vida pelo defunto, repetindo o processo ao baixar da sepultura⁸²⁹. Do mesmo modo, de acordo com os entrevistados pela autora, a aspersão *coletiva* de benções por meio de água benta com galhinhos de alecrim por todos os presentes assim que chegassem e ao se despedir do corpo, garantiria então uma melhor eficácia da realização do *Ofício dos Mortos* como forma de trazer a paz de espírito para alma do falecido⁸³⁰.

A presença desse pequeno acessório botânico tanto na dispensa de benções descritas pelo Padre Luigi Marzano, como nos ritos fúnebres da região central de Urussanga, por sua vez, encontra diversas similitudes paralelas com os ritos de

⁸²⁷ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana**: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 63.

⁸²⁸ Ver: MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. 1505-1510.

⁸²⁹ *Ibidem*, p. 1505-1510.

⁸³⁰ TOMASI, *op. cit.*, p. 63.

transmigração de alma pelas gestantes das comunidades xokleng-laklãnõ⁸³¹ e com os *benzimentos* contra as *bruxas* que continuam agindo em espírito mesmo depois de mortas, comumente presente dentre os membros da população afro luso brasileira⁸³². Seja por influência da matrifocalidade cosmológica de *benzedadeiras* e *parteiras* das comunidades xokleng-laklãnõ⁸³³ e afro luso brasileiras⁸³⁴ ou por meio da continuidade de antigas crenças friulanas acerca das propriedades sobrenaturais de certos gênero botânicos para o combate e a condução das almas padecentes que vagueiam à procura do descanso e da luz eterna no pós-vida⁸³⁵, a presença dos aspersórios feitos com raminhos de alecrim torna-se um importante ponto de intersecção entre os diversos fatores míticos paralelos que sob acusações de *feitiçaria* e *bruxaria* compõem os diferentes grupos sociais que permeiam nosso caso.

Esses paralelos orbitam todos, por sua vez, em torno da mesma crença vigente onde o não recebimento ou descaso para com a devida dispensa dos ritos fúnebres aos fiéis defuntos podem acarretar em consequências aterrorizantes nas quais as almas dos falecidos que não receberam a sua devida encomendação acabam por ficarem presas à esfera terrena, assombrando assim a todo e qualquer vivo que intercruze seu local de falecimento como forma de chamar a atenção para os sufrágios de que precisam receber para escapar da pena pela qual padecem no Purgatório, como no seguinte caso da jovem polonesa narrado pelo Padre Luigi Marzano a seguir:

Há também a superstição de que as almas dos mortos perambulam em determinados lugares, pelos quais ninguém se atreve a passar. Quem de Urussanga vai a Criciúma, a um certo ponto, deve passar por duas pequenas

⁸³¹ GAKRAN, Nanblá. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Laklãnõ (Xokleng) “Jê”**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudo de Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 30-32; SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklãnõ/Xokleng: no “tempo do mato”**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a, p. 90.

⁸³² MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989, p.137-139.

⁸³³ CAMLEM, Elaine Kosiclã. **Cândida Patté, Parteira Tradicional do Povo Xokleng Laklãnõ: retomada de práticas tradicionais e a saúde das mulheres**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 33-48; PRIPRA, Lalan. **As Práticas de Autoatenção: Gravidez e Pós-parto entre as mulheres Laklãnõ/Xokleng na Terra Indígena Laklãnõ**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2015, p. 15-18; PRIPRA, Acir Caile. **Koplág: o ritual de previsão Xokleng/Laklãnõ**. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020, p. 23-24; SILVA, *op. cit.*, p. 73-74; *ibidem*, p. 82-91.

⁸³⁴ MALUF, *op. cit.*, p. 55-61; RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 48-52.

⁸³⁵ GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p.; *Idem*. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 24.

pontes atravessando dois córregos que descem da floresta. Aconteceu que há oito ou dez anos, atingida por insolação, lá morreu uma jovem polonesa. A solidão do lugar, o murmúrio das torrentes, a ausência de casas, a floresta, e a morte!... O fato é que há a lenda de rumores, de choros, de uma aparição. É corajoso quem passa por lá sozinho! Interrogando-as, todas as pessoas viram alguma coisa, ouviram algum rumor estranho, lamentos, sombras que caminham à noite, etc., etc., de modo que é perigosa aquela passagem. Uma noite escura, tive que levar Viático a um doente, passando pelas duas famosas pontes. Eu, com dois companheiros de viagem, a cavalo, íamos recitando o rosário. Era tão escuro que a lanterna mal iluminava dois metros à frente dos cavalos. Chegados às pontes ouvimos o trotar de um cavalo. Depois, um grito de cavaleiro que vinha em direção contrária, e depois... um tiro de revólver!... Era um medroso que pensara serem lamentos da pobre morta, as nossas orações, e tremendo de medo, disparava a arma. Persuadi-me ainda mais que não é dos mortos, mas dos vivos que se deve temer. Agora, quando devo passar pelas duas pontes, de noite, canto as ladainhas, em vez de continuar o rosário, para não ser tido por uma alma do purgatório vagando na floresta e para não assustar as pessoas.⁸³⁶

Vejamos então como a confluência desses mitos acerca da necessidade de realização e eficácia dos ritos fúnebres foram utilizados como ferramenta de aplicação prática e manutenção desse modo operandi de repressão legal às práticas de *bruxaria* e *feitiçaria*, influenciando fortemente não somente o imaginário popular dos habitantes locais como também o processos emancipatórios municipais e ordenamento das políticas públicas de saúde e educação em toda essa região correspondente à área dos antigos núcleos de colonização italiana a oeste do Tubarão⁸³⁷.

3.3.3. SACERDOS ET PONTIFEX: *O monopólio político do Pão e do Queijo.*

A partir de agora iremos estabelecer uma breve linha sucessória de fatos e acontecimentos que nos mostram na prática de que forma a reelaboração do conceito de *bruxaria* pelo Padre Luigi Marzano impactou no imaginário da população local culminando em diversas demonstrações de preconceito étnico-cultural para com Dona Robertina por parte de membros da comunidade ítalo brasileira de Treze de Maio ainda hoje nos dias atuais conforme exposto nas entrevistas apresentadas por Karen Réchia (1998)⁸³⁸. Pois bem, comecemos pelo início do fim: o fato é que graças aos esforços do Padre Luigi Marzano a aplicação das reformas ultramontanas junto às políticas higienistas e de imposição da *italianidade* no Curato de Urussanga pelos sacerdotes da Missão

⁸³⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 124.

⁸³⁷ Ver Figura 01.

⁸³⁸ RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 52-53; *ibidem*, p. 115.

Turinesa no Brasil foram de um sucesso estrondoso que repercutiu a positivamente a níveis diocesanos.⁸³⁹

O sucesso foi tão grande que o próprio Bispo de Curitiba Dom José de Camargo Barros em pessoa decidiu fazer uma nova série de visitas pastorais por toda Santa Catarina em 1902 só para verificar com seus próprios olhos a veracidade do bom andamento das operações missionárias estrangeiras para a aplicação das reformas ultramontanas e higienistas demandadas de acordo com os parâmetros positivistas republicanos em sua jurisdição⁸⁴⁰. Ao chegar em Urussanga, porém, Dom José de Camargo Barros surpreende o Padre Luigi Marzano ao proclamar a Fundação da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Urussanga no dia 17 de julho de 1902, emancipando-a e tornando-a totalmente politicamente independente de Tubarão a partir de então, conforme podemos conferir no emocionado discurso triunfal relatado por ele no trecho a seguir:

Finalmente fora confirmada a notícia de que o Exmo. Senhor Bispo visitaria também as colônias e todos o aguardavam com júbilo.

De fato, em meados de maio de 1902 partiu de Curitiba, foi ao Desterro e depois Laguna, onde chegou em primeiro de junho. Depois de visitar as paróquias de Laguna, Imaruí e Tubarão, foi a Jaguaruna, que elevou a paróquia “in actu visitationis”. Nomeou como primeiro vigário o Pe. Michele Pizzio, até então morando comigo em Urussanga.

Em seguida sua Excelência dirigiu-se a Araranguá, onde há seis meses era vigário o Padre Ludovico Cóccolo, transferido de Criciúma para lá.

Depois visitou Criciúma, Nova Veneza, Nova Beluno e no dia 12 de julho partiu para Urussanga, acompanhado por um padre franciscano, por seu secretário e pelos sacerdotes Cóccolo, Pizzio e Canônico.

O Reverendíssimo Vigário de Tubarão, de que dependia Urussanga, com as autoridades municipais, Filhos de Maria e alunos das escolas, foi-lhe ao encontro a um quilômetro de distância, perto de um arco que trazia a inscrição “Pastor bônus in papulo”. Ao aparecer, uma imensa aclamação — “Viva Monsignore” — irrompia de cada peito, enquanto uma salva de tiros morteiros e foguetes acordava nos corações dos que estavam longe a mais viva expectativa.

Depois das boas-vindas a sua Excelência, começou a procissão das Associações, escolas e povo. O Bispo vinha atrás a cavalo, acompanhado pelos sacerdotes, também a cavalo, e seguido por não menos de quatrocentos cavaleiros que lhe tinham ido ao encontro. Todas as casas estavam belamente ornadas de bandeiras com os escudos do Brasil e da Itália.

Foi um espetáculo nunca visto. Era o primeiro bispo a visitar as colônias. Os jovens olhavam-no cheios de maravilha. Os velhos, recordando os bispos da Itália, choravam de consolação, por tornar a ver um deles, depois de 24 anos de permanência no Brasil. Ao chegar a procissão perto da casa canônica, o Senhor Bispo apeou do cavalo. Foram-lhe, então, dirigidas belas palavras de boas-vindas. Uma Filha de Maria recitou um poema em português, enquanto o povo gritava entusiasmado, de vez em quando: — “Viva Monsignore!”

Depois de breves palavras de agradecimento, Sua Excelência entrou em casa para revestir as vestes pontificais. Pouco depois novamente desfilou a procissão por toda a praça. O Bispo, precedido pelo clero, vinha com capa de asperges, mitra e báculo, sob o baldaquim. À sua entrada na igreja os meninos

⁸³⁹ MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana: Centenário de Urussanga**. Criciúma: s.n., 1978, p. 130-133.

⁸⁴⁰ MARQUES, *op. cit.*, p. 133.

entoaram o “Sacerdos et Pontifex”, e, após realizar as cerimônias prescritas, subiu ao púlpito.

Com a doçura que lhe é natural, com a alegria estampada no rosto, falando com o coração, como faz o pai com os filhos, entretive, por mais de meia hora, a atenção da imensa população: “Pax vobis”, disse e repetiu mais vezes, “Pax vobis”, “Pax Vóvis”, ó caro povo de Urussanga. Vós me fizestes uma recepção esplêndida, sinal certo de vossa fé, da instrução religiosa que vos é ministrada... Sou-vos profundamente reconhecido.

Depois de ter dado sapientes conselhos e avisos, desceu do púlpito e deu a benção do Santíssimo Sacramento.

No dia seguinte, 13 de julho, houve festa solene do Sagrado Coração de Jesus, com comunhão geral (além de 600). À tarde, vésperas solenes, procissão, panegírico e benção. À noite houve esplêndida iluminação de toda a praça, igreja e casas particulares.

O Bispo dignou-se descer junto ao povo para gozar deste espetáculo nunca visto antes aqui. Por três dias, às duas horas da tarde o Bispo ministrava a crisma, para dar comodidade a todos, também os moradores mais longínquos, de recebe-la. Foram bem 1.102 crismados, 950 as comunhões feitas. Sua Excelência ficou visivelmente satisfeito e contente. Surgiu no dia 17, fixado para a partida e “Monsignore” quis deixar-nos uma gratíssima recordação. Após a celebração da missa, entregou uma folha ao vigário de Tubarão para que fosse lida desde o púlpito. Todos estavam ansiosos para saber do que se trataria... Era o decreto com o qual a sua Excelência erigia a paróquia de Urussanga e lhe fixava os limites. Em seguida procedeu-se à leitura da nomeação do vigário, em minha pobre pessoa. Então o vigário de Tubarão deu-me a estola e acompanhou-me ao altar, ao batistério, ao confessionário e finalmente ao púlpito.

Eu estava confuso, comovido... as lágrimas caíam-me dos olhos, e assim mesmo devia dizer algo. (...) Todo o povo chorava, choravam os sacerdotes, chorava também o Bispo...

Tive quase que trancar o discurso e descer do púlpito.

Então subiu outra vez o Bispo e com delicado pensamento disse que iria recolher todas as lágrimas e com elas formar uma chave de ouro para fechar sua visita pastoral entre nós. (...) Pouco depois partiu para Azambuja, outra colônia italiana, deixando em toda localidade uma lembrança imorredoura.

A elevação de Urussanga a paróquia impunha-se, dada a distância de 50 quilômetros de Tubarão, dada a numerosa população e a presença de sacerdotes estáveis. Abraça quase todas as colônias italianas, mais uma colônia polonesa, algumas famílias alemãs e uma centena de famílias brasileiras, formando em todas cerca de 20.000 habitantes com um território de cerca de 50 quilômetros por lado. É um campo evangélico extensíssimo para o qual quatro sacerdotes mal seriam suficientes para atender a necessidade. Em vez devo dizer: “Messis quidem multa, operarii autem, pauci”.⁸⁴¹

A Emancipação Paroquial de Urussanga em julho de 1902, conforme vimos anteriormente, foi seguida da transferência do Padre Antônio Manno do Curato de São Marcos de Nova Veneza para a Paróquia de São João Batista do Imaruí em outubro desse mesmo ano⁸⁴². É nesse mesmo ano que chega à cidade também o médico *anarquista* Dr. Cesare Sartori atendendo à demanda por médicos divulgada nos relatórios expedidos pelo

⁸⁴¹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 174-176.

⁸⁴² OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 71; COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 62

Consul Gherardo Pio de Savóia ainda em fevereiro de 1900⁸⁴³.

É em 1902, que por ocasião das primeiras eleições para prefeito de Urussanga o Padre Luigi Marzano se une à facção de Giacinto de Brida, rivalizando diretamente com a de Bez Batti apoiada por Caruso MacDonald e coligada ao mesmo Partido Republicano da família Collaço⁸⁴⁴. Bez Batti saiu vitorioso nas urnas tomando posse do cargo em primeiro de janeiro de 1903⁸⁴⁵. A facção de De Brida, pede recurso ao governo estadual alegando fraude nas urnas⁸⁴⁶. As eleições são canceladas e Bez Batti é deposto oito dias depois, sendo substituído por Giacinto de Brida⁸⁴⁷. Por intermédio de diversas disputas políticas a âmbito estadual, Bez Batti retorna ao cargo em 15 de agosto de 1903, permanecendo no poder por mais 16 anos⁸⁴⁸.

É durante esse meio tempo entre os dias 08 de janeiro e 15 de agosto em que Giacinto de Brida reassume o poder da Câmara Municipal de Urussanga que curiosamente no dia 1º de março é lançado um artigo intitulado *Gli Anarcoidi*, ou *Os Anarcóides* em português, estampando a manchete principal da capa do *La Patria* (1903)⁸⁴⁹, periódico redigido por Caruso MacDonald enquanto principal representante dos poderes laicos da *italianidade* e único porta-voz autorizado da imprensa na cidade⁸⁵⁰.

Figura 30 – Manchete Capa de Jornal: “*Gli Anarcoidi*”.

⁸⁴³ BORTOLOTTTO, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992, p. 114-115.

⁸⁴⁴ SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 24-27.

⁸⁴⁵ *Ibidem*, p. 30-31.

⁸⁴⁶ *Ibidem*, p. 30-31.

⁸⁴⁷ *Ibidem*, p. 32.

⁸⁴⁸ *Ibidem*, p. 32.

⁸⁴⁹ LA PATRIA. Anno III, n. 89, Urussanga, 01 mar. 1903 *apud* OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 101.

⁸⁵⁰ Infelizmente não pudemos encontrar a fonte na íntegra, ficando nossa análise restrita ao recorte de imagem exposto por Clarícia Otto. Ver: OTTO, *op. cit.*, p. 101.



Fonte: OTTO, 2006, p. 101.

Um fato muito curioso acerca desse artigo é que nele Caruso McDonald ao descrever os assim chamados “*anarcóides*” denunciados por ele, compartilha da mesma retórica discursiva do “*país em que, com a maior facilidade um carpinteiro torna-se juiz; um sapateiro médico; um barbeiro, escrivão, advogado. Professor, então, qualquer garção*” também utilizada pelo padre Luigi Marzano para identificar os *bruxos* e *feiticeiros* em seu livro⁸⁵¹. Curiosamente, os chamados “*anarcóides*” são acusados de cometerem os mesmos delitos de praticar o exercício ilícito da medicina e das atividades intelectuais que envolvem a administração dos espaços dos públicos da esfera civil, também atribuídos pelo Padre Luigi Marzano (1904)⁸⁵² aos *capelões* e *benzedeiros* enquanto *bruxos* e *feiticeiros* só que dentro do âmbito *religioso*, conforme podemos verificar na transcrição a seguir:

OS ANARCÓIDES

O tema seria de competência da **antropologia criminal** mas merece ser tratado na capa pela preocupação que isso tem causado nos altos poderes das repúblicas sul americanas.

Falando de **anarcóide** não queremos falar dos **anarquistas**, mas em vez disso daquela escória social que pelo drapejamento de um ideal comete toda obscenidade e toda covardia.

O **anarquista** em si é um utopista, um estudioso dos problemas sociais, mesmo que de um só lado, mas ajuizado nos seus hábitos morais; O **anarcóide** é um **desequilibrado**, um **delinquente alcoolizado** cheio de ideias que é visto se mostrando nas conferências públicas, um **papagaio dos anarquistas cultos**;

⁸⁵¹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 126.

⁸⁵² *Ibidem*, p. 123-124.

propenso ao crime, como a qualquer ação generosa, caótico nas suas concepções intelectuais, impulsivo, imoral, violento.

O **anarcóide** reverte a seu modo, e certas vezes de forma comodamente utilitária, certos princípios proclamados de seus líderes: deles o dilema de que na atual sociedade o destino dos humanos é explorar e ser explorado, tiram como consequência muito útil ao desfrute e à exploração. Eles dizem que no comércio é muito conveniente se vender a preços muito altos, para conquistar a emancipação econômica e pregar mais livremente os próprios princípios, se recusam a ajudar os miseráveis com o pretexto de que a esmola é desanimadora, justificam o furto, a fraude e a ladroagem dizendo que esses atos são necessários para estabelecer um certo equilíbrio social. Antes nessa colônia (...)

(...)

Se é um pedreiro, torna-se engenheiro; um ferreiro, doutor; um lavador de pratos, farmacêutico, etc... etc.

E não se duvida que se façam pagar bem os seus serviços! Se engenheiros, comerão metade do orçamento de um edifício que cairá em menos de um mês, **se médicos assassinarão as pessoas por um alto preço**, sempre em nome do ideal. **Se farmacêuticos, venderão por dez “mil réis” uma garrafa de água suja** que para eles não custa duzentos “réis”.

Esses parasitas especuladores da estupidez humana, certificam-se sempre de cobrir com o puro véu do ideal que torna-se sujo ao se aninhar na consciência deles. Frente ao público se certificarão de se fazerem de vítimas das injustiças sociais, falando de **Bakunin**, de **Reclus**, de **Kropotkin**, que conhecem somente de nome, eles ficam de olho em qualquer forma de reconstrução social que renderiam piedosamente os pacíficos tansos, e no meio os que escutam atentamente, sabem que são capazes de tirar a carteira da bolsa.

O “Alongi” um inspetor da polícia italiana, estudiosíssimo da ciência antropológica, em um estudo publicado recentemente na “Revue de Antropologie” nota que o corpo de espionagem do qual se serve a polícia para a descoberta desses rebeldes políticos é em boa parte composta de **anarcóides** que não possuem nenhum contra senso entre o princípio libertário, publicamente professado, e o “nobre” e lucroso ofício de espionagem.

Se ouvisse a esses **anarcóides** (...)

(...)

Toda a vida deles é composta de contrassensos, todas as suas ações são uma ofensa contínua contra qualquer princípio de moral pública ou privada.

Por isso no início do artigo havíamos dito que a discussão desse tema compete à **antropologia criminal**; que não é questão de se discutir as ideias mas de **prevenir a sociedade contra essa nova categoria de delinquentes**, mais perigosos e muito piores do que os delinquentes comuns porque são mais espertos, mais falsos, mais numerosos.⁸⁵³

⁸⁵³ **Grifos nossos.** LA PATRIA. Anno III, n. 89, Urussanga, 01 mar. 1903, p. 01 *apud* OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 101. – No original: “**Gli anarcoidi** / Il tema sarebbe di competenza dell’ antropologia criminale pero merita di essere trattato dalla stampa per le preoccupazioni che esso ha destato recentemente negli alti poteri dele repubbliche sud-americane. / Parlando di anarcoidi non intediamo parlare degli anarchici ma invece di quello scarto sociale che sotto il drappeggiamento di un’ ideale cometa tutte le ribalderie, tutte le viltà. / L’ anarchico per lo più è un utopista, uno studioso dei problemi sociali, per quanto unilateralmente, però castigato nei suoi abiti morali, l’anarcoidi è uno squilibrato, um delinquente alcoolizzato da quattro idee che ha sentito sciorinare nelle pubbliche conferenze, un pappagallo degli anarchici colti; pronto al crimine, come pronto a qualche azione generosa, caotico nelle sue concezioni intellettuali, impulsivo, immorale, violento. / L’ anarcóide inverte a suo modo, e certe volte in forma comodamente utilitaria, certi principi proclamati dai suoi capi: egli dal dilemma che nella attuale società la sorte degli umani è di sfruttare e sfruttare. Vi dirà che in commercio è più conveniente di vendere a prezzi più alti, per acquistare l’emancipazioni economica e predicare più liberamente i propri principi, si rifiuterà di aiutare i miseri col pretesto che l’elemosina avvilisce, giustificherà il furto, la truffa, la rapina, dicendo che questi atti sono necessari per stabilire um certo equilibrio sociale. Anche in queste colonie

Mas afinal de contas, de que se trata a *antropologia criminal* encarregada de tratar dos “*anarcóides*” decritos por Caruso MacDonald? De acordo com Cristiane Mérida (2009)⁸⁵⁴, a *antropologia criminal* trata-se de uma pseudociência de cunho extremamente racista e etnocêntrico que atribui delitos criminais às características herdadas geneticamente enquanto fator de degeneração racial por meio de métodos imprecisos e totalmente desacreditados atualmente como a Frenologia (estudo da composição cerebral através da medição de crânios), por exemplo. Segundo Marcello Messina (2019)⁸⁵⁵, a *antropologia criminal* enquanto pseudociência validada por científica dentre os intelectuais europeus durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas XX, teria sido então criada pelo médico italiano Cesare Lombroso, baseando-se unicamente nos crânios e nas características fenotípicas dos rebeldes combatentes que lutavam contra os exércitos italianos nas Guerras pela Unificação Italiana durante a década de 1860 com o objetivo de justificar o massacre e extermínio de diversas populações revoltosas ao sul da Península Itálica somente com base em sua composição étnica.

Ainda de acordo Cristiane Mérida (2009)⁸⁵⁶, a *antropologia criminal* em muito se popularizou no Brasil, havendo diversas parcerias entre intelectuais do Brasil e da Europa

(...) / (...) / trove avrebbero tentato di esercitare. / Qui um muratore, diventerà ingegnere; un maniscalco, dottore; un lava-piatti, farmacista, ecc., ecc. / E non dubitate che si faranno pagar bene i loro servizi! Se ingegneri papperanno la metà dela spesa di un edificio che cascherà dopo um paio di mesi, se dottori assassineranno la gente ad alto prezzo, sempre in omaggio all’ideale, se farmacisti venderanno per dieci “mil réis” una bottiglia di acqua sporca che a loro non costa forse duecento “réis”. / Questi parassiti speculatori sulla dabbenaggine umana, cercano poi sempre di coprire col candido velo dell’ideale quanto di più sudicio si annida nella loro coscienza. Avanti al pubblico cercheranno di Bakounine, di Reclus, di Kropotkine, che conoscono solo di nome, vi metteranno sott’occhio dele sagome di ricostruzioni sociali che farebbero rider di compiacenza le pacifiche oche, e nel mentre voi state ad ascoltarli atentamente, sarebbero enpaci di tirarvi il portafoglio dalla saccoccia. / L’ “Alongi” un ispettore della polizia italiana, studiosissimo di scienze antropologiche, in un studio pubblicato recentemente sulla “Revue de Antropologie” nota che il corpo di spionaggio di cui si serve la polizia per la scoperta dei reati politici è in buona parte composto di anarcoidi, che non trovano poi alcun contrassenso tra i principi libertari, pubblicamente professati, ed il “nobile” e lucroso mestiere di spia. / Se li sentiste poi questi anarcoidi a (...) / (...) / Tutta la loro vita è intessuta di contrassensi, tutta loro azione è uma offesa continua contra qualunque principio di morale pubblica e privata. / Per questo al principio dell’articolo abbiamo detto che la trattazione di questo tema compete all’antropologia criminale; qui non è questione di discutere dele ide ema di prevenir ela società contro questa nuova categoria di delinquenti, più pericolosi e più abbietti dei delinquenti comuni perchè più astuti, più falsi, più numerosi.”. Tradução nossa.

⁸⁵⁴ MÉRIDA, Cristiane Brandão Augusto. **O cérebro criminógeno na antropologia criminal do século XIX**: um estudo sobre a etiologia do crime a partir da medicalização da sociedade. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 42-61.

⁸⁵⁵ MESSINA, Marcello. Contra o Museu de Antropologia Criminal ‘Cesare Lombroso’, em Turim, Itália: ‘corpos-trofêus’, ‘vergonha in vitro’, e ‘atavismo colonial’. **Anais do 30º Simpósio Nacional de História – História e o futuro da educação no Brasil**. Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil: Recife, 2019, p. 02-04.

⁸⁵⁶ MÉRIDA, *op. cit.*, p. 113-120.

para tratar principalmente daquilo que tange aos delitos criminais concernentes ao fenômeno religioso principalmente dentre a população afrodescendente. Um dos casos mais emblemáticos e repercutidos envolvendo a prática da *antropologia criminal* no Brasil, de acordo com Isabela Fraga (2021)⁸⁵⁷, teria sido justamente a fracassada tentativa de Nina Rodrigues de obter novas descobertas contributivas para o estudo dessa pseudociência a partir da análise de medição do crânio de Antônio Conselheiro após o fim da Guerra de Canudos (1806-1897), conflito esse que conforme vimos anteriormente teria sido alvo de comparações para com a “seita” misteriosa de Nova Veneza denunciada no Telegrama de João Cabral (1897)⁸⁵⁸.

Segundo Walter Piazza (1999)⁸⁵⁹, a *antropologia criminal* teria perdurado em vigor no Estado de Santa Catarina até o final da década de 1950, sendo o tratado *Os Fanáticos* (1952) do médico Aujor Ávila da Luz um dos maiores expoentes dessa pseudociência na região. Pois bem, vejamos o que esse autor tem a nos dizer acerca do fenômeno religioso principalmente naquilo que concerne à população *cabocla* do Estado de Santa Catarina:

Assim, a **religiosidade do caboclo** é forçosamente um produto de mestiçagem... O catolicismo do português, o **animismo** do índio e o **fetichismo** do negro, fundindo-se na alma do caboclo, criaram-lhe uma religiosidade que ainda está na fase de um monoteísmo mal compreendido, muitas vezes deformada por heresias terríveis e que está impregnada de **misticismo estúpido** pronto a descambar para o fanatismo. Sua religião é politeísta, pois, para ele cada santo, um mais que outro, possui poderes divinos. **Idólatra**, o caboclo adapta a sua religião à sua **psique atrasada**, aceitando facilmente as exterioridades do culto da Igreja, mas, não podendo, pela sua **incapacidade psicológica** para a abstração, apropriar-se da pura doutrina católica.⁸⁶⁰

Pois bem, agora que descobrimos os aportes teóricos, vejamos então a que projeto político está submetida a escola de padres historiadores do sul de Santa Catarina ao classificar como *animistas* todas as populações periféricas da região de Laguna, mais precisamente as comunidades indígenas, afro brasileiras e ribeirinhas dos arredores da Lagoa do Imaruí⁸⁶¹. Para tanto é preciso antes de tudo nos atentarmos à diferenciação de

⁸⁵⁷ FRAGA, Isabela. O crânio-celebridade: Antônio Conselheiro e o fracasso da degeneração racial.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2021, p. 51-60.

⁸⁵⁸ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo**, 1897. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

⁸⁵⁹ LUZ, Aujor Ávila da. **Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos** (contribuição para o estudo de antropossociologia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina). 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999, p. 293-296.

⁸⁶⁰ **Grifos nossos**. *Ibidem*, p. 114.

⁸⁶¹ Sobre as acusações de *animismo* da escola de padres historiadores do sul de Santa Catarina: a) contra as populações indígenas, ver: *Cf* COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos**. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 40; b) contra a população afro brasileira, ver: *Cf*. BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 19-20; c)

“*anarquista culto*” para “*anarcóide*” efetuada por Caruso MacDonald na capa de seu jornal⁸⁶².

Ao traçar a diferenciação entre o “*anarquista culto*” e o “*anarcóide*”, Caruso MacDonald pretendia assim então justificar a presença de Cesare Sartori atuando enquanto médico nas dependências de Urussanga à serviço do Consulado, tendo em vista o fato dele ter sido um denotado parlamentar na Itália, filiado ao Partido Socialista Libertário, conhecido por ser adepto dos ideais anarquistas revolucionários e notável por ser protagonista de diversos escândalos políticos em praça pública em protestos envolvendo a nobreza e o clero italiano⁸⁶³. De acordo com César Ávila (1988)⁸⁶⁴, ele teria sido obrigado a emigrar para o Brasil após cumprir pena de prisão por cuspir na cara e tacar uma bengala na cabeça do Rei Vitor Emanuel enquanto o monarca passava de carruagem por um cortejo. Embora Cesare Sartori fosse uma figura política fortemente envolvido em polêmicas nada apreciáveis aos olhos do Consulado Italiano, seu currículo enquanto médico era altamente valorizado pelo simples fato dele ser um pesquisador e cirurgião altamente especializado e aficionado pelo ramo da *antropologia criminal*, sendo assistente de Bassini e parceiro profissional de Lombroso durante seu período de formação e residência na Universidade de Pádua⁸⁶⁵. Sendo sua principal especialidade de estudo o fenômeno religioso dentro do âmbito de pesquisa da *antropologia criminal*, participando de diversos comitês investigativos acerca de casos paranormais envolvendo o espiritismo, as escavações arqueológicas da Terra Santa e até mesmo investigações oficiais do Vaticano acerca da veracidade das propriedades miraculosas de diversas manifestações sobrenaturais e relíquias de santos e oragos locais espalhadas por toda a Europa⁸⁶⁶.

Dessa forma, Cesare Sartori chega ao Brasil submetido a diversas perseguições políticas e ameaças do Consulado Italiano contra a integridade física de sua família na Itália de modo que desse continuidade em nível laico e sob o âmbito da *antropologia criminal* às pesquisas do Padre Luigi Marzano acerca do fenômeno da *bruxaria* e da

contra as populações ribeirinhas dos arredores da Lagoa do Imaruí, ver: Cf. COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 40; Cf. BIFF, *op. cit.*, p. 126.

⁸⁶² LA PATRIA. Anno III, n. 89, Urussanga, 01 mar. 1903, p. 01 *apud* OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 101.

⁸⁶³ ÁVILA, César. **Revelações de um médico**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 62-63.

⁸⁶⁴ *Ibidem*, p. 63.

⁸⁶⁵ *Ibidem*, p. 60.

⁸⁶⁶ *Ibidem*, p. 59-61.

feitiçaria/ fetichismo religioso na Paróquia de Urussanga⁸⁶⁷. Logo, de acordo com Caruso MacDonald, caberia também dentro das atribuições profissionais do Dr. Cesare Sartori, portanto, o estudo aprofundado dos assim chamados “*anarcóides*”⁸⁶⁸. A descrição das atribuições do “*anarquista culto*” nesse artigo seria, portanto, uma forma de garantir que a exposição dos ideais filosóficos e políticos manifestados por Cesare Sartori não seria colocada em pauta enquanto fator de legitimidade para com o exercício de seu ofício desde que ele mantivesse assim um padrão de comportamento correspondente aos ideais de civilidade com base no sentimento de *italianidade* pressupostos pelo Consulado, e sem interferir, portanto, na execução de seus projetos políticos dentro do âmbito da administração pública⁸⁶⁹.

O que ninguém esperava, porém, é que Cesare Sartori procurava por meio de seus meios de pesquisa comprovar a superioridade civilizacional negra e indígena com base nos parâmetros da *antropologia criminal*, contrariando assim o padrão de superioridade civilizacional da *italianidade* pressuposta pelo Consulado, conforme apresentado pelo extensíssimo acervo exposto por Ninarosa Manfroi (2013)⁸⁷⁰. O que justificaria, portanto, seu posicionamento antifascista⁸⁷¹, anticlerical e antimilitarista mesmo que por meios extremamente controversos advindos de suas pesquisas dentro do âmbito da *antropologia criminal*, sendo ele também mestre, parceiro profissional e companheiro de cigarros do próprio Aujor Ávila, que como vimos anteriormente foi um dos grandes expoentes dessa pseudociência no Estado de Santa Catarina⁸⁷², conforme exposto por Cléber Rudy (2009) no trecho a seguir:

Na memória lageana vigoram lembranças deste médico que, com sarcasmo, proferia suas críticas, como pontua Jaime Garbelotto,

Na calçada, ao lado da “Alfaiataria Chic”, onde eu trabalhava, quase todos os dias, ali por perto de meio-dia, algumas pessoas, inclusive médicos, se reuniam para conversar sobre os mais variados assuntos. Um dia vi e ouvi o dr. Sartori, frequentador assíduo dessas reuniões, dizer ao também médico Aujor Ávila da Luz, um fumante inveterado (...) as seguintes palavras: “Vou

⁸⁶⁷ *Ibidem*, p. 62.

⁸⁶⁸ LA PATRIA. Anno III, n. 89, Urussanga, 01 mar. 1903, p. 01 *apud* OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 101.

⁸⁶⁹ LA PATRIA. Anno III, n. 89, Urussanga, 01 mar. 1903, p. 01 *apud* OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 101.

⁸⁷⁰ MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. **Bleyer, Sartori e Bertoni**: singulares imigrantes colonizadores de ideias. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013, p. 89-102; *ibidem*, p. 131-179.

⁸⁷¹ ÁVILA, César. **Revelações de um médico**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 69.

⁸⁷² LUZ, Aujor Avila da. **Os fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos (contribuição para o estudo de antropolociologia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina). 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999, p. 293-296.

te dizer mais uma vez, Aujor. O cigarro é como o padre. Às vezes faz mal. Nunca faz bem.

Mas o clero não era o único alvo de seus escritos: em artigo enviado ao *La Scurie*, colocou-se contra o militarismo, afirmando que “*os militares de profissão constituem uma categoria especial na moderna Antropologia criminal*”, manifestando-se ainda “*contra o exército e as instituições malditas que obrigaram um homem honesto a se tornar um canalha por defender a bandeira dos ‘seus senhores’, em nome dos quais se justificam os delitos mais brutais*”.⁸⁷³

O uso indiscriminado do método investigativo da *antropologia criminal* para o estudo da religiosidade indígena fez com que, infelizmente, mesmo alegando a melhor das intenções, o Dr. Cesare Sartori com seus estudos em muito contribuiu para a disseminação da teoria racista do “*bom selvagem*” e da “*ingenuidade indígena*” comumente utilizadas enquanto pretexto para justificar os pretensos métodos violentos de pacificação por meio da assimilação forçada das comunidades indígenas à sociedade nacional durante o período de implantação e vigência do SPI – Serviço de Proteção ao Índio (1910-1967)⁸⁷⁴, embora ele mesmo considerasse isso um crime: “*Deixemos os peles-vermelhas adorarem o sol, a lua, as estrelas, deixemos sua linda nudez vagando pela floresta: é um crime trazê-los para a nossa sociedade, a civilização branca é uma sociedade falida*”⁸⁷⁵.

Curiosamente, esses estudos aplicados pelo Dr. Cesare Sartori também se utilizam da mesma concepção freudiana de *animismo* manifesta por Auricélio Costa (2003)⁸⁷⁶ e Claudino Biff (1997)⁸⁷⁷ ao descreverem a religiosidade das populações indígenas, afro-brasileiras e ribeirinhas dos arredores da Lagoa do Imaruí conforme podemos verificar no seguinte trecho de seus relatórios que expomos a seguir:

⁸⁷³ RUDY, Antônio Cléber. **Os Silêncios da escrita**: a historiografia em Santa Catarina e as experiências libertárias. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História. Florianópolis, 2009, p. 106.

⁸⁷⁴ FEIJÓ, Julianne Holder da Câmara Silva. A Teoria da Bondade Natural e a Regulação da Questão Indígena no Brasil. **Revista de Direito Setorial e Regulatório**, Brasília, v. 2, n. 2, out. de 2016, p. 116-117; RONCHI, Elisete Soares. **Imigração, povos Xokleng e infância**: relatos e discussões (Sul de Santa Catarina 1880-1920). TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015, p. 37; SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925)**: resistência e extermínio. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 135-140; SPINDOLA, Marina Paiano. **As representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores da região sul de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2018, p. 20-21.

⁸⁷⁵ MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. **Bleyer, Sartori e Bertoni**: singulares imigrantes colonizadores de ideias. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013, p. 179.

⁸⁷⁶ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 40.

⁸⁷⁷ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 126.

O pele-vermelha em origem (e ainda hoje) é fetichista com **pensamento infantil**. Entre os missionários e o índio não houve compreensão mútua: portanto, malentendidos. O pele-vermelha não entende o missionário, e era (e é) inclinado a afirmar somente o que o padre pedia. Este estava sempre disposto a adaptar suas próprias crenças à ingênua resposta do pele-vermelha. O sacerdote está convencido de que a crença em Deus é inata e, o contrário, absurdo. O índio é como uma criança, e acredita que a árvore, a pedra, o animal sentem como ele, daí a adoração dos fetiches de animais e coisas (ver Freud). Se, no entanto, ninguém ensina que existe um Ente com atributos tais, ao qual se deu o nome de Deus, **ele, como uma criança**, não compreende e não sabe tudo. A Teogonia indígena é a prova mais definitiva desta antiga (e atual) incompreensão mútua entre o padre e o índio.⁸⁷⁸ **Grifos no original.**

Dessa forma, tendo em vista as teorias da conspiração envolvendo serviços secretos de espionagem junto à conjuntura política nada amigável manifestadas por Caruso MacDonald, acabou que a estadia do Dr. Cesare Sartori por Urussanga não durou muito tempo, menos de um ano na verdade, ocasionado assim sua mudança para Lages ainda em 1903, sob licença médica para um suposto tratamento de tuberculose envolto de diversas ameaças de perseguição política⁸⁷⁹. Uma breve descrição de César Ávila nos dá uma pequena ideia sob que circunstâncias ocorreram essa mudança:

Magro, já um pouco curvado, alto, nariz adunco, vestindo a roupa que trouxera da Itália, os mesmos sapatos pesados europeus, chegou a Lages vindo de Urussanga, a cavalo. Sua bagagem em dois cargueiros com “bruacas”. Poucas roupas. Muitos livros e ferros de cirurgia.⁸⁸⁰

Embora os autores César Ávila (1988)⁸⁸¹, Ninarosa Manfroi (2013)⁸⁸², Zulmar Bortolotto (1992)⁸⁸³ e Cléber Rudy (2009)⁸⁸⁴ divirjam fortemente entre si acerca do motivo da sua mudança repentina de Urussanga teria sido por motivações médicas ou políticas, o fato é que poucos meses depois da publicação do *La Patria* (1903)⁸⁸⁵, ainda em novembro daquele mesmo ano seu novo consultório médico em Lages já encontrava-se em pleno funcionamento de acordo com divulgações publicitárias presentes no

⁸⁷⁸ **Grifos no original.** MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. **Bleyer, Sartori e Bertoni:** singulares imigrantes colonizadores de ideias. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013, p. 163.

⁸⁷⁹ ÁVILA, César. **Revelações de um médico.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 59-63.

⁸⁸⁰ *Ibidem*, p. 59.

⁸⁸¹ *Ibidem*, p. 59-63.

⁸⁸² MANFROI, *op. cit.*, p. 46-48.

⁸⁸³ BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza.** Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992, p. 114-115.

⁸⁸⁴ RUDY, Antônio Cléber. **Os Silêncios da escrita:** a historiografia em Santa Catarina e as experiências libertárias. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História. Florianópolis, 2009, p. 103.

⁸⁸⁵ LA PATRIA. Anno III, n. 89, Urussanga, 01 mar. 1903, p. 01 *apud* OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 101.

periódico serrano *O Imparcial*⁸⁸⁶. Pois bem, sob a guia de seu *afilhado de batismo*⁸⁸⁷, aprendiz de medicina e fiel assistente, Dr. César Ávila, adentremo-nos no interior de seu consultório e vejamos as chocantes curiosidades que se escondem em seu gabinete:

Três degraus. Corredor estreito. Na porta o horário sob anúncio de jornal. **Consultório Dr. César Sartori, médico, operador e parteiro.**

Entrava-se por uma porta ao lado. Sala modesta.

O consultório de Sartori, uma peça pequena em sua residência particular. Um esqueleto completo a um canto, dependurado na parede. Dois grandes armários com livros.

Mesas pequenas lembravam um museu. Havia, entre outras coisas, uma queixada de piranha trazida do interior do Mato Grosso, minérios de ouro colhidos por suas próprias mãos na galeria mais profunda de Morro Velho, arcos e flexas das tribos mais diversas, dois crânios de indígenas e de animais. Um grande couro de jibóia contornava a peça, paralelo ao teto. Recortes de jornais e de revistas nas janelas de vidro dos armários: Abdelkin, Stalin, a Passionária, Plutarco Calles, Mateotti, Luiz Carlos Prestes, fotografias de crianças, colegas e amigos.

E os livros: bíblias e livros comunistas ao lado de manuais de cirurgia e de obras de Biologia. Tudo lido. Tudo anotado. Em outra peça, seu arquivo. E, junto, as contas, contas que quase nunca mandava e ficavam ali à espera de pagamento, com tudo em ordem, dia e hora em que o paciente fora atendido. Algumas pitorescas. Esquecera o primeiro nome do paciente e especificara como lembrete:

“Santos (o sem orelha)

10 injeções de 914

*semanalmente de 2 de junho de 1925 a 4 de agosto.”*⁸⁸⁸.

Curiosamente, do extensíssimo acervo documental e bibliográfico da biblioteca do Dr. Cesare Sartori, analisado por Ninarosa Manfroí (2013)⁸⁸⁹ em partes categóricas de sua conjunção, não encontramos nenhum exemplar de autoria de Bakunin, Kropotkin ou Reclus conforme mencionado por Caruso MacDonald⁸⁹⁰. Encontramos apenas, porém, dentre os conjuntos analisados por Ninarosa Manfroí (2013)⁸⁹¹, as obras do filósofo anarquista Errico Malatesta de cujos ideais era devotíssimo adepto⁸⁹² e também de James

⁸⁸⁶ O IMPARCIAL. Dr. Cesare Sartori. Anno 8, n. 27, Lages, 28 nov. 1903. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/oimparcial%20lages/IML1903027.pdf> >. Acesso em: 27 out. 2025., p. 04; MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. **Bleyer, Sartori e Bertoni: singulares imigrantes colonizadores de ideias.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013, p. 47.

⁸⁸⁷ ÁVILA, César. **Revelações de um médico.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 59-60; RUDY, Antônio Cléber. **Os Silêncios da escrita: a historiografia em Santa Catarina e as experiências libertárias.** Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História. Florianópolis, 2009, p. 11-13.

⁸⁸⁸ **Grifo no original.** ÁVILA, *op. cit.*, p. 68-69.

⁸⁸⁹ MANFROI, *op. cit.*, p. 80-84.

⁸⁹⁰ LA PATRIA. Anno III, n. 89, Urussanga, 01 mar. 1903, p. 01 *apud* OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930).** Florianópolis: Insular, 2006, p. 101.

⁸⁹¹ MANFROI, *op. cit.*, p. 88.

⁸⁹² ÁVILA, *op. cit.*, p. 103.

Frazer, que de acordo com Emmanuel Ramalho (2019)⁸⁹³, tornou-se durante o final do século XIX e início do XX, um dos maiores expoentes da *antropologia* naquilo que concerne aos estudos fenomenológicos da *magia*, *bruxaria* e *feitiçaria* a partir dos pressupostos do *primitivismo religioso* postulado por Edward Tylor.

Se por um lado temos aquela que seria a presença de um “*anarquista culto*” supostamente manifesta através do médico Cesare Sartori, por outro lado, em junho de 1903, surge em Urussanga uma outra figura que poderia muito bem ser a personificação daquele cujos comportamentos inspirados em ideais anárquicos seriam passíveis de condenação, sendo por isso identificado sob a alcunha de “*anarcóide*”. Essa é a figura do Padre José Francisco Bertero de Tubarão, que durante esse período ocupou o cargo de coadjutor da Paróquia de Urussanga com o objetivo de cobrir a ausência do Padre Luigi Marzano durante sua viagem de ida para Itália⁸⁹⁴. Em 11 de janeiro de 1904, enquanto o Padre Luigi Marzano está fora, o então prefeito de Urussanga Lucas Bez Batti envia um telegrama urgente ao governador do estado pedindo a expulsão do Padre José Bertero do referido território devido ao fato dele estar organizando uma revolta armada de cunho *anarquista* em passagem pelos núcleos coloniais da Empresa Ângelo Fiorita e Companhia, conforme trecho exposto e analisado por Clarícia Otto (2006) a seguir:

As fofocas são numerosas, como, por exemplo, a de que “um grupicho que a consciência popular expulsou dos cargos públicos municipais, chefiados pelo vigário José Francisco Bertero, com fim de tirar uma qualquer vingança contra a autoridade, pretende sublevar o povo com meios criminosos, tomando por pretexto o imposto”. Afirmo que padre Bertero é um perigo para a população, é contra a arrecadação de impostos porque julga que os impostos diminuiriam os seus honorários. Informa ainda que ele recebia dinheiro em batizados, casamentos, missas e bênçãos, funções religiosas realizadas fora da paróquia:

*aproveitando da boa fé dos colonos, suga do bolso deles o pouco dinheiro que eles possuem; perigo porque ensina o desprezo à lei e incita os cidadãos a desobedecerem a autoridade. Ontem, em vista da titubância desta povoação, que muito dificilmente deixa-se arrastar pelas suas idéias **anarquistas** (grifo nosso) foi em visita aos diversos núcleos de Beluno, Treviso e Nova Veneza, a fim de organizar uma revolta armada.*

Bez Batti procura impor a legitimidade de seu poder e não a de outro. O “outro”, nesse específico, é um padre italiano, alcunhado anarquista por um líder italiano. Bourdieu salienta que todo agente social aspira o poder de nomear e de constituir o outro: “mexericos, calúnias, maledicências, insultos, elogios, acusações, críticas, polêmicas, louvações, são apenas a moeda cotidiana dos atos solenes e coletivos de nomeação, celebrações ou

⁸⁹³ ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. **Ciência e Ideologia**: análise do “discurso polêmico antimágico” na teoria intelectualista da magia de Edward Tylor e James Frazer. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em História. João Pessoa: 2019, p. 115-122.

⁸⁹⁴ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 223.

condenações de que se incumbem as autoridades universalmente reconhecidas”.

Desse modo, em decorrência de ser o padre Bertero indivíduo perigoso, Urussanga precisa contar com a força policial: “Peço a V. Excia. que deixe nesta vila o Tenente Marinho até quando desaparecer o perigo [...] e ao mesmo tempo **a expulsão do referido Padre deste território** (grifo nosso), conforme permite a Lei Federal, visto não ser ele naturalizado brasileiro”. Nesse discurso aparece novamente a questão étnica, já tratada anteriormente. São divisões, classificações arbitrárias no campo de lutas pelo poder simbólico.⁸⁹⁵

Curiosamente, o mesmo período de visitação do Padre José Bertero aos núcleos coloniais onde aconteceria a suposta revolta armada anarquista seria justamente correspondente ao das novenas de arrecadação de fundos e Passagem da Bandeira para a Festa do Divino de Tubarão⁸⁹⁶, que conforme vimos anteriormente, acontecia quadrienalmente sendo também motivo de batidas de policiais nas edições anteriores ocorridas nessa mesma região⁸⁹⁷. A acusação de tentar conduzir uma revolta armada *anarquista* pode muito bem ser interpretado como um grande temor das elites comerciais italianas representadas pela facção de Bez Batti de perder seu monopólio no poder do município vendo na vinda do Padre José Bertero uma tentativa de recuperar a posse política da Paróquia do Tubarão sobre o Município de Urussanga, ainda mais se levarmos em conta de que a edição da Festa do Divino de 1904, pela qual ele supostamente estaria arrecadando fundos, era dedicada justamente ao orago local de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão, conforme apontado por Lélia Nunes (2010)⁸⁹⁸. Em 10 de fevereiro de 1904, um mês após formalizado o pedido de expulsão do referido clérigo por Bez Batti ao governado estadual⁸⁹⁹, Padre José Bertero é transferido para a Paróquia de Sant’Ana do Mirim onde se realizam as procissões náuticas da Bandeira do Divino na costa norte da Lagoa do Imaruí⁹⁰⁰.

Desse modo, Caruso MacDonald ao cunhar o termo “*anarcóide*” com base na *antropologia criminal* relega ao campo da *demência* e da *alienação mental* todos os

⁸⁹⁵ **Grifos no original.** OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 222-223.

⁸⁹⁶ A VÁRZEA. **Resenha do Foro.** Anno I, n. 4, Tubarão, 27 jul. 1904. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884375/5> >. Acesso em: 27 out. 2024, p. 03; A VÁRZEA. **Festa do Espírito Santo.** Anno I, n. 4, Tubarão, 27 jul. 1904. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884375/5> >. Acesso em: 27 out. 2024, p. 04

⁸⁹⁷ AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina:** A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 64-65.

⁸⁹⁸ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino:** um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2010, p. 108-109.

⁸⁹⁹ OTTO, *op. cit.*, p. 223.

⁹⁰⁰ OTTO, *op. cit.*, p. 71; CUSTÓDIO, Diego Fernandes. **Estudo do meio como possibilidade para uma educação libertadora:** a festa do Divino Espírito Santo de Mirim (Imbituba) como tema gerador. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação, Tubarão, 2021, p. 94-102.

membros da população que ousassem manifestar não somente ideais políticos contrários aos seus, como também quaisquer formas de comportamento que não condissessem com os ideais de civilidade com base nos parâmetros de *italianidade*⁹⁰¹. De acordo com Claricia Otto (2005)⁹⁰², tal acusação poderia acarretar em consequências gravíssimas para o indivíduo que fora acusado: desde a internação forçada no *Hospital de Alienados do Rio de Janeiro* até mesmo o degredo de volta para a Itália, ou em supostos casos de suicídio a perda do direito à sepultura eclesiástica, fazendo com que o defunto fosse enterrado em lugar separado reservado de forma vexatória dentro do cemitério⁹⁰³. Assim, muitas famílias procuravam ocultar do clero a causa da morte ou a trajetória de vida do falecido, fator esse que em muito poderia ser facilitado por meio do auxílio dos *capelões*, *benzedeiros* e *parteiras* que regiam as irmandades⁹⁰⁴. Dessa forma, conforme apontado por Beatriz Weber (1997)⁹⁰⁵, a procura por parteiras, benzedeiros, curandeiras e diversos outros ofícios de cura por vias mágico-religiosas ou sobrenaturais acabavam por muitas vezes sendo altamente demandados por diversos setores da sociedade devido ao alto índice de violência médica encontrado durante o final do século XIX e início do XX.

Enquanto o caos *anárquico* reinava na Paróquia de Urussanga...

Em julho de 1903, o Padre Luigi Marzano finaliza o seu livro durante viagem de ida para a Itália, com o intuito de trazer médicos e educadores religiosos para suprir às demandas de saúde e educação apresentadas em seu relatório de missão⁹⁰⁶. Lá ele obtém o *imprimatur* do Cônego G. Colombero (revisor sinodal) em 23 novembro de 1903, autorizando assim sua publicação de seu relatório de missão no formato no devido formato de livro intitulado *Colonos e Missionários nas Florestas do Brasil* no ano de 1904⁹⁰⁷.

⁹⁰¹ LA PATRIA. Anno III, n. 89, Urussanga, 01 mar. 1903, p. 01 *apud* OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 101.

⁹⁰² OTTO, Clarícia. As Cicatrizes da Imigração. In: RADIN, José Carlos. **Cultura e identidade italiana no Brasil**: algumas abordagens. UNOESC: Joaçaba, 2005, p. 232-237.

⁹⁰³ CATECISMO ROMANO. Catecismo dos párocos, redigido por decreto do Concílio Tridentino. Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951, p. 438; TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana**: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 81-83.

⁹⁰⁴ OTTO, *op. cit.*, 2005, p. 233-234; RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó**: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 52-58.

⁹⁰⁵ WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar**: medicina, religião, magia e positivismo na República Riograndense – 1889-1928. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Departamento de História. Campinas, 1997, p. 247-252.

⁹⁰⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 189-191.

⁹⁰⁷ *Ibidem*, p. 08.

Volta em 29 de abril de 1904 com freiras da Congregação das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração para lecionar nas escolas e trazendo junto consigo o médico Francisco Búrzio que se tornará seu braço direito na política eleitoreira de Urussanga⁹⁰⁸. Ainda de brinde trouxe também o Padre Luiz Gilli enquanto coadjutor oficial da Paróquia de Urussanga⁹⁰⁹.

E como se não bastasse mais nada para a situação ficar mais caótica ainda diversos conflitos se estenderam entre as facções Bez Batti e De Brida acarretando em diversas acusações de distribuição de notas falsas de dinheiro durante os festejos da Festa do Divino de Tubarão em setembro de 1904⁹¹⁰. São extensivos os relatos de pedidos de reforços policiais da capital e intervenção do Tenente Marinho para a dissolução dos conflitos em praça pública envolvendo as duas facções de Bez Batti e De Brida e os rebanhos de cabras em praça pública na região central de Urussanga tanto nas fontes jornalísticas, como nas bibliografias que discutem sobre o período⁹¹¹.

Decretando de vez a situação de caos e desespero em que se encontravam as elites comerciais italianas que detinham o monopólio do município, em 08 de dezembro, por ocasião da Festa de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Urussanga, é publicada na capa da *Vergasta* uma manchete noticiando a vinda de uma leva de imigrantes polonesas adeptas dos ideais do *socialismo* e engajadas na causa da liberdade e emancipação feminina que chegavam ao Núcleo Accioli de Vasconcelos no Distrito do Cocal⁹¹². O Distrito do Cocal, região distrital que desde a década de 1890 abrigava as primeiras escolas comunitárias brasileiras do Município de Urussanga, administradas

⁹⁰⁸ VENDRAMINI, Lucimary. **Urussanga: da escola italiana à escola pública**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2008, p. 32.

⁹⁰⁹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 176; MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana: Centenário de Urussanga**. Criciúma: s.n., 1978, p.135-136.

⁹¹⁰ IL COLONO. **Laguna, 19 de Outubro de 1904**. Anno I, n. 1, Urussanga, 21 out. 1904. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2024, p. 03.

⁹¹¹ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 259; IL COLONO.

Urussanga. Anno I, n. 1, Urussanga, 21 out. 1904. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2024, p. 02-03; MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana: Centenário de Urussanga**. Criciúma: s.n., 1978, p. 135-136; MARZANO, *op. cit.*, p. 148; OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 221-233; PEREIRA, Breno Anastácio. **Luigi Marzano: relações políticas e discursos de italianidades**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2017, p. 14-22; SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 25-27.

⁹¹² A YERGASTA. **A Polônia**. Anno I, n. 1, Urussanga, 08 dez. 1904. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ayergasta/YER1904001.pdf> >. Acessado em: 06 jan. 2023, p. 01-02.

pelo Professor Vendramino Landonatti⁹¹³. As escolas comunitárias brasileiras do Distrito do Cocal, por sua vez, atendiam a demanda de toda a população dos núcleos coloniais dos municípios de Urussanga, Nova Veneza e das regiões fronteiriças com Tubarão em contrapartida ao ensino católico e das escolas étnicas italianas subsidiadas pelo Consulado em que só ítalo-descendentes podiam se matricular⁹¹⁴.

Devido ao alto prestígio do Padre Luigi Marzano para com os prelados da Diocese de Curitiba essa situação de embates políticos entre ele e os porta-vozes da italianidade na imprensa local se estende até a Fundação da Diocese de Florianópolis, que emancipada de Curitiba e sob a governança de Dom João Becker, assinala de vez sua expulsão e volta definitiva para a Itália em 1908⁹¹⁵. Luiz Gilli assume a função de Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Urussanga após a expulsão do Padre Luigi Marzano em 1908⁹¹⁶, cargo pelo qual ficou nacionalmente conhecido devido às suas missas rezadas com sermão e orações de intercessão dirigidas ao público em italiano em petição pela vitória da Itália no final da II Guerra Mundial⁹¹⁷. Infelizmente, não obtivemos maiores informações da trajetória do Padre Luigi Marzano após sua expulsão.

Caruso MacDonald também se tornará mais tarde o principal representante dos grupos fascistas organizados pelas elites comerciais italianas que mantinham o controle do monopólio político hegemônico sobre a cidade nesse período⁹¹⁸. O mesmo se sucederá com o médico Francisco Burzio, braço direito político-partidário do Padre Luigi Marzano que às vésperas da expulsão do referido clérigo em 1908, se muda para Ponta Grossa no Paraná em 1907 onde manteve-se como um dos principais difusores da propagação dos ideais de eugenia e da organização político-partidária do fascismo italiano durante as décadas seguintes nessa mesma região⁹¹⁹. Isso nos mostra que as divisões partidárias entre

⁹¹³ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 166.

⁹¹⁴ BÚRIGO, Tânia Bernadete Serafim. **Grupo Escolar Professor Padre Schüller** – Educação, História e Memória em Cocal do Sul – Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2008, p. 36-37.

⁹¹⁵ OTTO, *op. cit.*, p. 36; PEREIRA, *op. cit.*, 2017, p. 22; SILVA, *op. cit.*, p. 27.

⁹¹⁶ BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 53.

⁹¹⁷ BESEN, *op. cit.*, p. 56.

⁹¹⁸ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 198-208; Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 36; ZANELATTO, João Henrique. Fascismo Italiano em território Barriga Verde: sua receptividade entre imigrantes italianos e no integralismo. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul.-dez., 2015, p. 393

⁹¹⁹ Sobre a trajetória de Francisco Burzio em Ponta Grossa ver: Cf. ACADEMIA DE LETRAS DOS CAMPOS GERAIS. **Francisco Burzio**. Cadeira 19: Patrono. Disponível em: < <https://www.academialetrascamposgerais.org/academicos/francisco-burzio> >. Acesso em: 03 out. 2025; Cf. FERNANDES, Josué Corrêa. **Confeitaria em principal avenida de PG promoveu fascismo**. DC

as facções de Bez Batti e De Brida embora se mantivessem em embates calorosamente acirrados, ambas mantinham o monopólio da *italianidade* como interesse em comum em suas alianças políticas de conciliação assim como o fora por ocasião da emancipação municipal de Urussanga em 1900⁹²⁰.

Um grande exemplo de conciliação da aliança política dessas duas facções em prol das políticas públicas de imposição da *italianidade* podemos verificar no seguinte trecho a seguir onde o próprio Padre Luigi Marzano elogia Caruso MacDonald acerca da administração das escolas étnicas italianas no Município de Urussanga:

As escolas por ele fundadas dão bons resultados, sob a direção do infatigável doutor Giuseppe Caruso MacDonald, siciliano, de inteligência aberta e muito interessado no progresso da colônia. Mas, não obstante sua boa vontade não se consegue obter quanto se tem direito a desejar, por falta de pessoas capacitadas para ministrar a instrução.⁹²¹

O mesmo não se pode dizer acerca da disputa pelo monopólio político da opinião de imprensa no município onde ressurge o mesmo embate novamente:

No mês de maio de 1901, saiu à luz pela primeira vez o jornalzinho semanal italiano “La Pátria”, dirigido pelo advogado Giuseppe Caruso Macdonald. Eis qual juízo fez do jornalzinho, nosso Consul:

“Não hesito em dizer que este jornalzinho de formato modesto, de programa modestíssimo, já trouxe inapreciáveis serviços a esta coletividade italiana, espalhada pelos campos, vivendo até agora na mais absoluta ignorância de si mesma”.

Também este foi um pequeno passo para a colônia que vê diante de si, aberto um desenvolvimento, um progresso real, certo e invejado.”.⁹²²

Em 1910 chega ao Distrito do Cocal na territorialidade municipal de Urussanga o Padre Francisco Boleslau Chilynsky, que desde 1898 permanecia no posto de *vigário encarregado* da Paróquia de São João Batista do Imaruí, assumindo a partir de então o cargo de *cura*, fundando-se assim o Curato da Natividade de Nossa Senhora do Cocal pertencente à Paróquia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá, da qual em 1912 ele também se torna pároco mudando a sede da Matriz Paroquial também para o Cocal⁹²³. Em 1915 com a chegada do casal de intelectuais poloneses Stanislaw Werpachowski, prático farmacêutico e de sua esposa Helena Grzywinski Werpachowski,

Mais, Ponta Grossa, 21 de jun. de 2024. Disponível em: < <https://dcmais.com.br/blogs/memoriaviva/confeitaria-em-principal-avenida-de-pg-promoveu-fascismo/> >. Acesso em: 03 out. 2025; Cf. HOLOWATE, Isaias. Entre Diálogos, Negociações e Mediações: a configuração social do Diário Dos Campos e as representações eugênicas. **Revista Profanações**, Mafra, v. 06, 2019, p. 152-157.

⁹²⁰ PEREIRA, *op. cit.*, p. 14; SILVA, *op. cit.*, p. 24.

⁹²¹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 167.

⁹²² MARZANO, *op. cit.*, p. 167.

⁹²³ BESEN, *op. cit.*, p. 362-363.

professora e parteira, foi que o Padre Francisco Chilynsky passou a investir fortemente na formação de parteiras e enfermeiras populares através da atuação da rede de ensino comunitário das escolas brasileiras do Distrito do Cocal por meio da construção de novos edifícios escolares e capelas⁹²⁴. Com isso pretendia-se arrefecer os ânimos dos conflitos entre vizinhos italianos e poloneses nessa região com base na *identidade brasileira* em comum união com as famílias brasileiras que também habitavam essa região devido à proximidade com a linha ferroviária de Pedras Grandes pela qual se passavam as principais rotas de caravanas comerciais⁹²⁵.

Ora a governança da Diocese de Florianópolis, ora o início da gestão paroquial do Padre Luiz Gilli no ano de 1908, foram marcadas pela chegada da doutrina do *Integrismo Católico* promulgada pelo Papa Pio X através das encíclicas *Pacendi Dominici Gregis* e *Lamentabili Sane Exitu*, ambas de 1907⁹²⁶. De acordo com a encíclica *Pacendi Dominici Gregis* (1907)⁹²⁷, ao dar continuidade aos ditames do *Quanta Cura* (1864) de Pio IX, o Papa Pio X faz uma denúncia àquilo que considera os novos erros do *modernismo* derivados das ciências liberais que afligiam sua contemporaneidade. De acordo com Pio X, a única forma de remediar esses erros seria através da atuação dos clérigos e fiéis católicos numa ampla e decidida colaboração de para além de se evitar a leitura e o consumo das obras filosóficas e demais manifestações científicas ou artísticas discordantes do papado também deveria se fazer de tudo para censurá-las e impedir sua produção e circulação em meio à sociedade⁹²⁸. Sendo dentre um dos principais erros condenáveis e passíveis de excomunhão expostos pelo sílabe da encíclica *Lamentabili Sane Exitu* (1907)⁹²⁹ a afirmação de que: “*Os dogmas da fé devem ser considerados somente segundo o sentido prático, isto é, como norma de proceder e não como norma de crer*”.

É dentro desse contexto que Padre Miguel Giacca chega ao Brasil assumindo o cargo de *cura* e fundando a primeira escola católica do Curato de São Marcos de Nova Veneza ainda em 1908⁹³⁰. Ele chega ao Brasil após passar por dupla revista de exame e

⁹²⁴ BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 362-363.

⁹²⁵ *Ibidem*, p. 362-363.

⁹²⁶ MOREIRA, José Cristiano Mansur. Cristofascismo e o integrismo católico: na construção do ideal de um Jesus bélico. In: PAOLOZZI, Mariana; NUNES, Marcus Vinicius [et al.]. **O sujeito dos afetos entre a religião e a política**: narrativas de um Brasil. Cachoeirinha: Fi, 2023, p. 64.

⁹²⁷ PIO X. **Pacendi Dominici Gregis**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1907, p. 01-02.

⁹²⁸ *Ibidem*, p. 18-19.

⁹²⁹ PIO X. **Lamentabili Sane Exitu**. Faculdade Católica de Belém: Belém, 2020, p. 05.

⁹³⁰ BENSEN, *op. cit.*, p. 61-62.

censura tanto pelos emissários italianos da Santa Sé que restringiam e barravam os clérigos “*napolitanos*” que vinham para as Américas fugidos da censura na Itália, como também pela banca de exames previamente requisitada pela Diocese de Florianópolis e cujos avaliadores responsáveis eram justamente os padres Francisco Tombrock e ninguém mais, ninguém que o próprio José Francisco Bertero, que conforme visto anteriormente, fora expulso de Urussanga e transferido para Imaruí em 1904 após ser acusado de promover uma revolta armada de cunho *anarquista*⁹³¹.

3.3.3.1. DIVISÃO DISTRITAL E CONTROLE: A *Senhora Menina do Cocal* e os *degredados Filhos de Eva*.

Dessa forma com a gestão paroquial de Urussanga alinhada aos ideais dos porta-vozes da italianidade que mantinham o monopólio sobre a imprensa e o governo municipal passa a assumir um maior controle sobre as encomendações visando combater e identificar quaisquer possíveis infratores que pudessem vir a ameaçar esse projeto político por meio de sua influência ritualística na celebração dos ritos fúnebres interceptada por *capelões benzedeiros* e *parteiras* ou de profissões análogas como o *padre*, o *médico* e o *professor*, por exemplo, que mesmo licenciados se fossem dissidentes políticos corriam sérios riscos de serem identificados como *bruxos* ou *anarquistas* nas capelas e cemitérios ao ousarem ultrapassar as fronteiras limites do Distrito do Cocal e de Nova Veneza para a região central de Urussanga enquanto principal polo de concentração das escolas étnicas italianas, conforme podemos conferir a partir do controle de registro do Livro de Tombo da Paróquia de Urussanga exibido abaixo:

Figura 31 – Quadro com o número de encomendações da Paróquia de Urussanga entre os anos de 1908 a 1928.

⁹³¹ BESEN, *op. cit.*, p. 61-62; OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 222-223.

Ano do “Relatorio do Movimento Religioso da Parochia de Urussanga”	Número de Encomendações
1908	8
1909	11
1910	11
1911	7
1912	8
1913	14
1914	8
1915	9
1922	11
1923	12
1924	18
1925	18
1926	28
1927	18
1928	19

Fonte: TOMASI, 2010, p. 76.

Conforme podemos observar na tabela acima o controle de encomendações na Paróquia de Urussanga inicia-se em 1908 e termina em 1928 havendo um hiato entre os anos de 1915 a 1922. Sendo assim, a tabela é dividida em dois períodos que vão de 1908 a 1915 e de 1922 a 1928. Curiosamente, as datas que marcam o início e o fim desses dois períodos batem exatamente com determinados fatores e acontecimentos políticos à nível de escola global e local imprescindíveis para a obtenção dos dados necessários para a resolução final de nossa problemática conforme podemos verificar na análise a seguir.

Em 1908: inicia-se o controle com o acerto político da divisão paroquial a partir do início das gestões do novo Pároco de Urussanga e do novo Cura de Nova Veneza, os padres Luiz Gilli e Miguel Giacca respectivamente⁹³².

Em 1915: termina o primeiro período do controle de encomendações marcado pela vitória e retorno de Bez Batti ao poder executiva acompanhado do monopólio total da *italianidade* no legislativo⁹³³. É também a partir de 1915 que os cemitérios pertencentes ao território da jurisdição eclesiástica de São Marcos de Nova Veneza (elevada paróquia em 1912) passam a ser divididos etnicamente pelos Franciscanos da Saxônia que atendiam a comunidade teuta de Forquilha em total contrariedade às ordens do Pároco Miguel Giacca, enquanto opositor contrário a essa divisão, embate esse que se estenderá até o final da década de 1930⁹³⁴.

⁹³² BENSEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 53; *ibidem*, p. 61.

⁹³³ SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 31.

⁹³⁴ BENSEN, *op. cit.*, p. 64.

Durante o hiato entre 1915 e 1922 existem duas datas de importância crucial para entendermos a rigidez com que se reiniciará o novo ciclo de controle a partir de 1922, são elas: os anos de 1917 e de 1919. No ano de 1917 se dá início às atividades mineradoras de carvão na região⁹³⁵, aumentando fortemente o fluxo migratório⁹³⁶ e consequentemente da diversidade étnico religiosa advinda com os novos moradores que vieram trabalhar nas minas do município, passando a partir de então os cemitérios de Urussanga também a serem divididos etnicamente⁹³⁷.

É também nesse ano que se dá a promulgação do primeiro Código de Direito Canônico padronizado universalmente, resguardando os privilégios dos países onde o *regalismo* ainda se mantinha vigente⁹³⁸. Conforme apontado pelos Cânones 1239 §1, §2 e §3; 1240 §1 do 1º ao 6º parágrafo: passa a ser terminantemente proibido o *sepultamento eclesiástico de homicidas* (incluindo nessa categoria mulheres que abortaram ou provocaram o aborto: Cânone 2350§1⁹³⁹), suicidas, acatólicos, excomungados, não-batizados, e dos demais sujeitos considerados *pecadores públicos*. Dentre os considerados *pecadores públicos* incluem-se aí também todos aqueles que, assim como nos relatos de *bruxaria* descritos pelo Padre Luigi Marzano (1904)⁹⁴⁰, fingem rezar a missa ou fazem-se passar por sacerdotes de acordo com o 1º e 2º parágrafos do Cânone 2322, com agravamento da pena canônica se isso for feito por meios supersticiosos ou sacrílegos conforme apontado no Cânone 2325⁹⁴¹. Já em 1919, uma terceira facção política de oposição, derivada de uma cisão dentre membros do grupo de Bez Batti, toma o poder do município se mantendo coligada politicamente mais próxima de Adolfo Konder a nível estadual, enquanto principal representante das elites comerciais estrangeiras em território catarinense⁹⁴².

⁹³⁵ VENDRAMINI, Lucimary. **Urussanga: da escola italiana à escola pública**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2008, p. 06.

⁹³⁶ Sobre a correlação do influxo migratório de trabalhadores das minas de carvão com o caso do Túnel Mal-Assombrado de Siderópolis ver: LOCATELLI, Eloise Salvaro. **Um Olhar para Siderópolis: a cultura local na escola**. TCC (Graduação) - Licenciatura em Artes Visuais. Criciúma: UNESC, 2018, p. 43-45.

⁹³⁷ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 41-42.

⁹³⁸ CODEX IURIS CANONICI. Vaticano: Tipografia Pontifícia, 1918, p. 354-355.

⁹³⁹ *Ibidem*, p. 642.

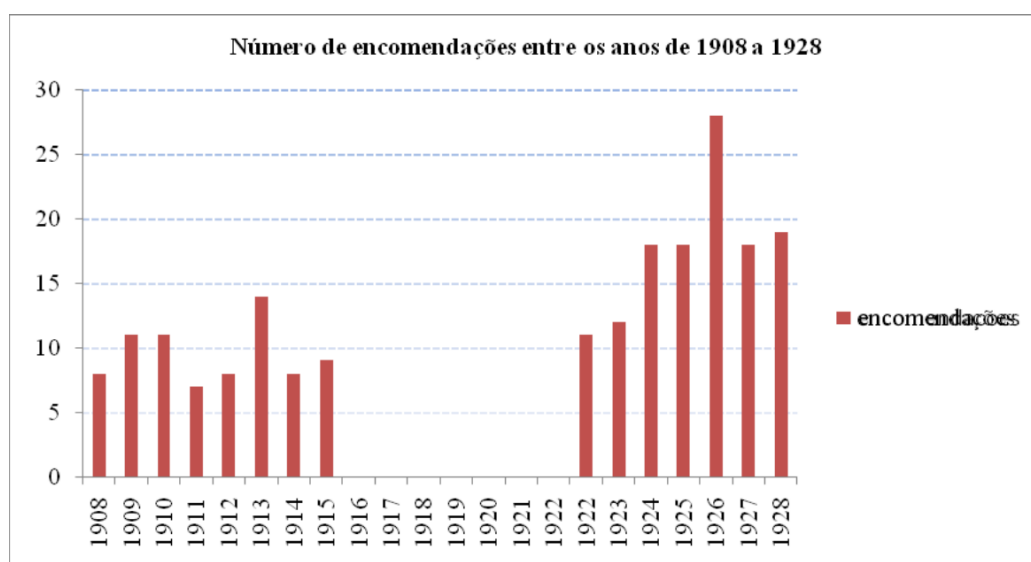
⁹⁴⁰ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 125-126.

⁹⁴¹ CODEX IURIS CANONICI. *Op. cit.*, p. 632-633.

⁹⁴² SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 32.

O segundo período de controle se inicia então em 1922 com a ascensão do fascismo na Itália e a queda da Família Collaço no Tubarão que intermediava as mercadorias produzidas nos núcleos coloniais⁹⁴³. O controle finalmente termina quando é fechado em 1928 por ocasião da implantação de políticas de controle total do fascismo italiano sobre os emigrados, sendo todos os cônsules e agentes consulares substituídos por membros do partido fascista⁹⁴⁴. Nesse mesmo ano, ganhando grande visibilidade e repercussão nacional pela primeira vez na história do país fora autorizado às mulheres se inscreverem como eleitoras mesmo tendo seus votos invalidados nas eleições para o cargo de senador do Rio Grande do Norte⁹⁴⁵. Podemos ver esses dados na forma de *gráfico de controle* elaborado por Julia Tomasi (2010) no quadro a seguir:

Figura 32 – Gráfico representando o número de encomendações da Paróquia de Urussanga entre 1908 a 1928.



Fonte: TOMASI, 2010, p. 77.

Com a ascensão do fascismo italiano ao poder no governo do Reino da Itália em 1922, um período sombrio e de fortíssima censura controlada rigidamente pelos agentes

⁹⁴³ SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 20; CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial: A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 101-103.

⁹⁴⁴ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 93.

⁹⁴⁵ KARAWAJCZYK, Mônica. **As Filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c. 1850-1932)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2013, p. 292-299.

consulares se apoderou das Paróquias de Nossa Senhora da Conceição de Urussanga e São Marcos de Nova Veneza⁹⁴⁶.

Em 1923, de acordo com Stuart Knee (1990)⁹⁴⁷, Benito Mussolini dá início aos seus primeiros passos para o estabelecimento de alianças diplomáticas com o Vaticano condenando a maçonaria, autorizando a exposição de crucifixos em repartições públicas e o incentivo ao ensino religioso nas escolas. Ao mesmo tempo, conforme apontado por Ana Carletti (2012)⁹⁴⁸, Pio XI dá também seus primeiros passos em comum acordo com Mussolini dando total apoio ao seu governo enquanto único meio de extinguir aquilo que ele considerava como a “*ameaça do socialismo*”.

Os efeitos dessa aliança diplomática, por sua vez, puderam ser sentidos diretamente nos núcleos de colonização italiana do sul do Brasil. De acordo com Gustavo Valduga (2007)⁹⁴⁹, a partir do início da década de 1920, a *Staffeta Riograndense*, jornal periódico semanal de propriedade dos Frades Capuchinhos de Garibaldi no Rio Grande do Sul, passou a apoiar completamente o fascismo, não somente fazendo gloriosas odes ao ditador e seu regime como também atuando na propagação da construção do ideal de sujeito católico e de catolicismo a ser professado de acordo com os moldes fascistas de padronização da *italianidade* impostas pelo Consulado. É durante esse período também que de acordo com Gustavo Valduga (2007)⁹⁵⁰, a *Staffetta Riograndense* expandirá sua área de circulação abrangendo diversos núcleos coloniais para além da região em que ele era originalmente redigido, encontrando-se em circulação inclusive em Nova Veneza ainda no final da década de 1920, conforme apontado por Clarícia Otto (2004)⁹⁵¹.

A exigência de um catolicismo aos moldes dos padrões de *italianidade* nos centros de ensino se estendeu também às freiras da Congregação das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus em Urussanga⁹⁵². Consideradas um foco de resistência ao nacionalismo

⁹⁴⁶ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 93.

⁹⁴⁷ KNEE, Stuart E. The strange alliance: Mussolini, Pope Pius XI, and the Lateran treaty.

Mediterranean Historical Review, Tel Aviv, v. 6, n. 2, 1990, p. 186.

⁹⁴⁸ CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial**: A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 101-103.

⁹⁴⁹ VALDUGA, Gustavo. **"PAZ, ITÁLIA, JESUS" uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes**: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945). Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2007, p. 149-156.

⁹⁵⁰ VALDUGA, *op. cit.*, p. 155.

⁹⁵¹ OTTO, Clarícia. Um italiano na lista dos subversivos. **Esboços**: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004, p. 94.

⁹⁵² OTTO, *op. cit.*, p. 119; VENDRAMINI, Lucimary. **Urussanga**: da escola italiana à escola pública. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2008, p. 32-33.

italiano, ao recusarem se adaptar a esses novos moldes foram obrigadas a escolher entre o uso dos materiais didáticos laicizados das escolas étnicas italianas ou o das escolas comunitárias brasileiras⁹⁵³. Mediante a essa escolha, optaram por se mudar para Campo Largo nas proximidades de Curitiba no Paraná, voltando a atuar em Urussanga somente no final da década de 1990, permanecendo exclusivamente nos trabalhos pastorais relacionados à área da saúde auxiliando os hospitais, sem mais voltar a lecionar na cidade novamente⁹⁵⁴. Não coincidentemente na virada de 1923/1924 o número de encomendações sob demanda aumenta em 50% de acordo com o *gráfico de controle*⁹⁵⁵.

Em 1925, ocorre a instauração da Festa de Cristo Rei nos calendários litúrgicos por meio da encíclica *Quas Primas* do Papa Pio XI, devoção imposta enquanto solenidade de 1ª Classe que deveria ser obrigatoriamente comemorada em todo último domingo de outubro como forma de protesto contra a laicização das instituições de estado⁹⁵⁶. É em 1925 também que o Professor Cesare Tibaldeschi cria seu *grupo de escoteiros* em Nova Veneza que mais tarde lhe será motivo de severa perseguição por parte do Consul Antônio Remor após se recusar a transforma-lo em uma *célula balilla*, (núcleo de formação fascista cívico-recreativa de ideais militaristas para jovens garotos dos 08 aos 19 anos de idade)⁹⁵⁷.

Em 1926, as constantes ondas de conflitos violentos entre a Juventude Católica e os Balillas culminaram num atentado contra Mussolini em 31 de outubro, na Véspera de Todos os Santos e coincidentemente a recém-estreada Solenidade de Cristo Rei, dando início assim às negociações do ditador com o Papa Pio XI que mais tarde culminarão no Tratado de Latrão de 1929⁹⁵⁸. Em Santa Catarina 1926 foi um dos anos de maior agitação, censura e cooptação de adeptos dos grupos fascistas que detinham o monopólio do poder político em Urussanga, fazendo o número de encomendações demandadas em cemitérios

⁹⁵³ VENDRAMINI, Lucimary. **Urussanga**: da escola italiana à escola pública. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2008, p. 32-33.

⁹⁵⁴ *Ibidem*, p. 32-33.

⁹⁵⁵ Ver Figura 33.

⁹⁵⁶ Sobre esses aspectos da devoção, ver: PIO XI. **Quas Primas**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1925, p. 02-04; MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. 1357.

⁹⁵⁷ OTTO, Clarícia. Um italiano na lista dos subversivos. **Esboços**: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004, p. ; *Idem*. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 237; O' BRIEN, Albert C. Benito Mussolini, Catholic Youth, and the Origins of the Lateran Treaties. **Journal of Church and State**, Oxford, v. 23, n. 1, 1981, p. 123; ZANELATTO, João Henrique. Fascismo Italiano em território Barriga Verde: sua receptividade entre imigrantes italianos e no integralismo. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul.-dez., 2015, p. 398-399.

⁹⁵⁸ O' BRIEN, *op. cit.*, p. 117-119.

italianos disparar⁹⁵⁹. Isso em muito se deve à tomada de posse de Adolfo Konder ao posto de governador do Estado de Santa Catarina, sendo ele considerado o principal representante das elites comerciais europeias espalhadas por todo território catarinense⁹⁶⁰.

Em 1927, o Padre Luiz Gilli troca o antigo carrilhão do campanário da Matriz de Urussanga, instalado ainda durante a gestão do Padre Luigi Marzano⁹⁶¹ por um novo importado da Itália⁹⁶². O novo carrilhão possuía quatro sinos de tamanhos diferentes que para além de suas funcionalidades litúrgicas e meteorológicas⁹⁶³, também passava a definir o papel social do defunto a caminho da cemitério, ficando designado um sino com tamanho e timbre diferente para cada um desses papéis: clérigo, homem, mulher e criança⁹⁶⁴ e sendo a autorização da entrada do cortejo e recebimento da *sepultura eclesiástica* circunscrita às badaladas específicas do campanário durante a chegada do cortejo à igreja⁹⁶⁵. Dessa forma, conforme apontado por Luis Fernando Beneduzi (2007)⁹⁶⁶, com o intuito de obter-se um maior controle do regime fascista sobre os emigrados é que as agências consulares passaram a investir fortemente na apropriação política usurária do *campanilismo*, onde o campanário da igreja local deixa de ser o lugar de organização social e pertença para ser um lembrete do pertencimento da tutela do emigrado enquanto propriedade privada do Reino da Itália materializado corporativamente na figura do Consulado. Mas há, porém, uma única noite no ano em que a ordem social imposta pelo regime fascista é subvertida...

Mediante à incerteza da garantia do direito à sepultura é que anualmente ao badalar da meia-noite de 1º para 2 de Novembro, da Noite de Todos os Santos para a Aurora do Dia das Almas, todos aqueles defuntos que não tiveram em morte sua

⁹⁵⁹ Ver Figura 33.

⁹⁶⁰ SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b, p. 28.

⁹⁶¹ A YERGASTA. **Badaladas NO!**. Anno I, n. 1, Urussanga, 08 dez. 1904. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ayergasta/YER1904001.pdf> >. Acessado em: 06 jan. 2023, p. 03.

MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana: Centenário de Urussanga**. Criciúma: s.n., 1978, p. 135.

⁹⁶² BENSEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 54.

⁹⁶³ Sobre o popular uso meteorológico dos sinos do campanário através do seu som, vibração e timbre, ver: Cf. COSTA, Paulo Ferreira da. Sons do tempo: usos sociais e simbólico do sino na cultura popular. In: SEBASTIAN, Luis. **História da fundição sineira em Portugal: trajectos da História**. Coruche: Câmara Municipal, 2008, p. 81-84.

⁹⁶⁴ BENSEN, *op. cit.*, p. 54.

⁹⁶⁵ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 81-84.

⁹⁶⁶ BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004, p. 93-94.

encomendação devida, como a *jovem polonesa* descrita pelo Padre Luigi Marzano (1904) por exemplo⁹⁶⁷, ou que por qualquer outro motivo continuam a padecer vagando pela Terra, encontram finalmente uma nova chance de encontrarem o descanso e receberem a luz eterna, aproveitando-se para isso da passagem da *Procissão dos Mortos* onde todas as almas voltam à esfera terrestre para visitar suas respectivas famílias⁹⁶⁸. Tudo isso graças à uma antiquíssima tradição que em muito se assemelha à visão dos *benandanti* enquanto condutores das almas que seguem o cortejo fúnebre da *Procissão dos Mortos* e que de acordo com Carlo Ginzburg (2010)⁹⁶⁹ teria se cristalizado nas óperas friulanas do final do século XIX, no qual segundo Julia Tomasi (2010):

Além da celebração na igreja matriz e no cemitério, outra característica dos finados era o toque dos sinos. Nas décadas passadas, o sino fúnebre era repicado durante a noite inteira do dia primeiro de novembro: “[...] no dia de todos os santos, no dia um, depois da Ave Maria das oito horas, até seis horas do dia dois, o **sino tocava a noite inteira**. A madrugada toda. Já tinham voluntários, né, era **fuzil de cachaça, a noite toda**. Era costume.” (PELLEGRIN, A., 2010).

Os sinos dos finados, tocados no século XX e ainda nos dias de hoje apenas por homens que se dispõem voluntariamente a auxiliar no bater dos sinos, esses eram anteriormente repicados durante toda a madrugada. Dentre os voluntários está Adão Bettiol, que recorda com saudade dessas datas, queixando-se do desprezo de muitos habitantes da cidade que reclamam do toque dos sinos fúnebres:

*Amanhã eu vou, amanhã de noite é a última vez [entrevista realizada no dia 31 de outubro], depois não dá mais pra eu ir, din dón din dón, (choro). Naquela época batiam até de madrugada, ninguém mais quer. [...], “isso não se usa mais, é **cafona**”. Pra ti é, mas pra nossa tradição, que ainda nós temos filho que conheceram, preservam, eles admiram, se concentram, porque eles se concentram sabe* (2009).

Os sinos dos finados, que se distinguem pelos repiques de todos os sinos juntos, inclusive o festivo, são tocados apenas por homens, não havendo participação nesse momento das mulheres da comunidade. Terezinha Costa justifica a ausência das mulheres devido ao elevado peso dos sinos, além do horário, que é tarde: “Porque é de noite, é muito tarde. É uma tradição assim, né. Depois é assim, é batido também o grandão, aquele bem festivo, que é puxado assim, e tem que segurar forte, e ele é bem pesado, então tem que ser homem.” (2010).

Diferentemente das décadas anteriores, que o sino era batido por horas, adentrando muitas vezes a madrugada, nos dias de hoje são repicados durante um pequeno intervalo de tempo. Tocados não mais de uma ou duas horas, atualmente “Na véspera das almas, dia primeiro, à noite, eles tocam, eles começam geralmente pelas nove horas, por aí eles tocam até dez, dez e pouquinho.” (COSTA, 2010). As longas horas de batidas fúnebres do século XX passaram “[...] agora a uma horinha e já acabou.” (BIZ, 2010).

⁹⁶⁷ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 124.

⁹⁶⁸ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 101.

⁹⁶⁹ GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 101.

Outra especificidade do dia de todos os santos e finados na cidade de Urussanga é a procissão dos mortos na noite do dia primeiro de novembro. Para muitos, como Biz (2010), essa procissão é apenas uma “história” contada de pais para filhos, que não tem qualquer fundamento, visto que para ele, depois de morto, o corpo não se levanta mais. No entanto, outros acreditam fielmente nessa procissão dos mortos, se dirigindo as almas do cemitério até a casa dos familiares para fazer uma visita: “[...] eles fazem uma procissão pra matarem a saudade, eram assim então.” (PELLEGRIN, A., 2010). Dessa forma, **o toque dos sinos fúnebres durante a noite do dia de todos os santos, significa para muitos moradores uma forma dos mortos saírem do cemitério e se dirigirem até a igreja matriz, passando pela casa dos familiares.** Para outros, o toque do sino fúnebre era apenas um componente dessa procissão dos mortos, como “[...] os nonnos diziam que dia primeiro [...] Então como é dia de todos os santos o **toque até a meia-noite** é pra aquele que tinha **falecido encontrar seu lugar lá no céu.** Eles iam em procissão. **Finados é a libertação das pessoas.**” (DAMIANI, 2010).

Com a matéria intitulada “Almas escolhem 2 de novembro para caminhada”, do dia 26 de outubro de 2007, o jornal Vanguarda aponta histórias contadas pelos moradores de Urussanga sobre essa procissão dos mortos. Segundo essa matéria, a caminhada “percorre todas as ruas do município e o finado mais recente é quem leva a cruz.” (2007b). Enfim, muitas são as histórias contadas sobre a procissão dos mortos, e conforme diz o jornal Vanguarda, pessoas de todas as idades (desde crianças até idosos), têm medo dessa procissão, não saindo de casa na noite do dia primeiro de novembro, ou seja, “**Não coloque o rosto para fora de casa depois da meia-noite.** As almas vão se levantar dos túmulos e seguir em procissão.” (2007b).⁹⁷⁰ **Grifos nossos.**

De acordo com Julia Tomasi (2010)⁹⁷¹, essa mesma tradição é acompanhada do acendimento de velas em sufrágio universal das almas por todos os membros da população, nem que para isso sejam obrigados pelos parentes mais velhos como é o caso de Giordano Massucheti (2010), de 16 anos: “*Levo vela, a vó pede pra levar daí eu levo.*”. O acendimento de velas em sufrágio universal das almas e dedicadas principalmente àqueles túmulos que permanecem abandonados e esquecidos no cemitério encontra, por sua vez, diversas similitudes com a tradição dos *Cruzeiros das Almas*, que de acordo com Élio Cantalício Serpa (1989)⁹⁷² era exercida pelos caboclos da região serrana. Embora a tradição do toque dos sinos da Procissão dos Mortos seja uma tradição quase que exclusivamente masculina, as novenas no cemitério que se seguem a esse rito são de exercício piedoso majoritariamente feminino conforme podemos verificar no trecho da análise operada por Julia Tomasi (2010) exposto a seguir:

Além de serem feitas em qualquer época do ano, é bastante comum a ocorrência das novenas durante as nove segundas-feiras que sucedem o dia de finados. As mulheres, ao chegarem ao cemitério para rezar o terço, dirigem-se cada qual para um lugar diferente, ficando algumas na frente da santa cruz,

⁹⁷⁰ **Grifos nossos.** TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana:** os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 100-102.

⁹⁷¹ *Ibidem*, p. 109.

⁹⁷² SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930).** Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciencias Humanas, 1989, p. 53.

outras na frente do túmulo de seus familiares, enquanto diversas rezam o terço caminhando entre as sepulturas.

É costume também entre os moradores de Urussanga, em especial os mais idosos, iniciar a partir do dia de finados (depois de rezadas as missas no cemitério municipal) a oração do terço que tem a duração de sete dias, contando a partir da data dos finados. Assim, diferente das novenas, que se caracterizam pela presença apenas de mulheres, nesses “eventos”, homens e mulheres se dirigem ao cemitério, alguns em conjunto, outros sozinhos, para rezar um terço por dia na intenção das almas do campo-santo, até completar uma semana consecutiva de orações.⁹⁷³

Da mesma forma é que devido ao trauma gerado pela falta de garantia para com o direito à sepultura é que em Urussanga em muito se popularizou o costume de se produzirem *Fotografias Post-Mortem* de seus defuntos como forma de se eternizar um último momento de glória de seu ente querido, mesmo que as autoridades locais não reconhecessem sua importância e dignidade enquanto ser humano lhe negando a sepultura eclesiástica. Das diversas *Fotografias Post-Mortem* coletadas por Julia Tomasi (2010)⁹⁷⁴, embora a grande maioria delas sejam de crianças e recém-nascidos, talvez a mais chocante e famosa delas seja a do próprio Padre Luiz Gilli, circulando cópias por toda a cidade. Esse mesmo trauma também foi responsável por fazer com que muitas famílias guardassem para si dentro de suas casas as tradicionais cruzeiros de ferro que restaram dos túmulos dos cemitérios mais antigos da região após serem quase todos desmanchados a partir da década de 1960, conforme apontado por Julia Tomasi (2010)⁹⁷⁵, fator esse que infelizmente nos impede de fazermos estudos mais aprofundados sobre assunto.

Avisamos ao leitor que dispomos a seguir de imagens fortes com exemplares de fotografias post-mortem coletadas por Julia Tomasi (2010) que se popularizaram durante o período dispostas na forma de *Procissão dos Mortos*. Se tiver coragem, acompanhe ao fúnebre cortejo:

Figura 33 – Cortejo fúnebre em Urussanga na metade do século XX.

⁹⁷³ TOMASI, *op. cit.*, p. 108.

⁹⁷⁴ TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana:** os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010, p. 65-70.

⁹⁷⁵ TOMASI, *op. cit.*, p. 33-36.



Fonte: TOMASI, 2010, p. 69.

Figura 34 – Post-Mortem do Cônego Luiz Gilli, 1956.



Fonte: TOMASI, 2010, p. 53.

Figura 35 – Post-Mortem do primeiro filho de Edith Massucheti, 1944.



Fonte: TOMASI, 2010, p. 66.

Figura 36 – Sepultamento de Antônio Rosso, 1950.



Fonte: TOMASI, 2010, p. 53.

Figura 37 – Criança carregando a cruz durante sepultamento, 1949.



Fonte: TOMASI, 2010, p. 71.

Passada a *Procissão dos Mortos*, voltemos à nossa análise...

Em maio de 1927, o Professor Cesare Tibaldeschi viaja para a Itália⁹⁷⁶. Em 1928, Cesare Tibaldeschi volta para o Brasil com o objetivo de se formar em medicina, passando a trabalhar na redação da *Staffetta Riograndense* em Garibaldi no Rio Grande do Sul⁹⁷⁷. É durante sua estadia em Garibaldi que ele toma a frente dos serviços pastorais da *União dos Jovens Católicos*, realizando um grandiosíssimo “*churrasco*” com grande pompa em praça pública junto de seus jovens no último domingo de outubro por ocasião das

⁹⁷⁶ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 234.

⁹⁷⁷ OTTO, *op. cit.*, p. 234.

comemorações da Solenidade de Cristo Rei e contando com a presença de diversas autoridades eclesiásticas locais⁹⁷⁸.

Em 1929, por ocasião das assinaturas do Tratado de Latrão pelo Papa Pio XI em sinal de aliança e pleno acordo territorial diplomático com Mussolini, tornando o Vaticano um país independente⁹⁷⁹, Padre Miguel Giacca tenta escapar da censura imposta pelo Consulado que tinha como principal base para a imposição da *catolicidade* aos moldes do fascismo o ideal de sujeito católico imposto pela *Staffeta Riograndense*, propondo assim um periódico próprio de estilo similar ao Bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, sendo o seu pedido indeferido⁹⁸⁰. O mesmo ocorre com seu projeto de ensino profissionalizante de enfermeiras populares para o hospital que é boicotado pela elite médica local liderada pelo casal Carlo e Celé Gorini, ambos principais membros do grupo fascista de Nova Veneza⁹⁸¹. A adesão de mulheres ao grupo fascista de Nova Veneza antes de ser total masculinizado na década de 1930 em muito se deve à visita de Anita Itália, neta de Anita Garibaldi à Nova Veneza em 1921 às vésperas da tomada de posse do governo italiano pelo regime de Mussolini⁹⁸², fator esse que carece urgentemente de maiores e mais aprofundados estudos, conforme apontado por João Henrique Zanelatto (2015)⁹⁸³. Com efeito, em Nova Veneza, a Bandeira do Divino fora substituída pela bandeira da *Società San Marco* ainda durante os festejos da edição da Festa do Divino Espírito Santo nesse mesmo ano de 1921⁹⁸⁴.

Em 1931, assim como ocorrido em Urussanga são trocados os sinos do campanário de Nova Veneza, instalados por Cesare Tibaldeschi logo antes de voltar para

⁹⁷⁸ STAFFETTA RIOGRANDENSE. **La grandiosa festa di Cristo Re celebrata dall'Unione dei giovani cattolici**. Anno XX, n. 25, Garibaldi, 31 out. 1928. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/882038/2329> >. Acessado em: 06 jan. 2023, p. 03.

⁹⁷⁹ CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial: A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 103.

⁹⁸⁰ OTTO, Claricia. Um italiano na lista dos subversivos. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004, p. 95.

⁹⁸¹ BENSEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 63; BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992, p. 115-117.

⁹⁸² BORTOLOTTI, *op. cit.*, 1992, p. 38; Sobre o papel da construção da masculinidade enquanto pré-requisito para a adesão aos grupos fascistas ver: VALDUGA, Gustavo. **"PAZ, ITÁLIA, JESUS" uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2007, p. 156-162.

⁹⁸³ ZANELATTO, João Henrique. Fascismo Italiano em território Barriga Verde: sua receptividade entre imigrantes italianos e no integralismo. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul.-dez., 2015, p. 392-393.

⁹⁸⁴ BORTOLOTTI, *op. cit.*, p. 99.

a Itália com o objetivo de casar-se e trazer sua noiva para o Brasil⁹⁸⁵. Infelizmente na Itália ele tem seu passaporte apreendido e o diploma médico cassado por ter sido adquirido no Brasil⁹⁸⁶. Dentre as justificativas constava-se o fato dele ter se recusado a transformar seus escoteiros em balillas e de ter causado a morte de uma parturiente atendida por ele durante a ausência do Casal Gorini, que aproveitando-se dessa situação, resolvem junto aos agentes consulares, dentre eles Antônio Remor, engajar uma campanha de difamação contra o Professor Cesare Tibaldeschi e o Padre Miguel Giacca acusando-os de serem *anti italianos* e *antifascistas*, garantindo assim o monopólio da *italianidade* com base nos parâmetros fascistas sobre o atendimento médico da população de Nova Veneza⁹⁸⁷. Culminando esse episódio também na transferência do Padre Miguel Giacca para São Joaquim⁹⁸⁸. Os pormenores desse caso podemos conferir na manchete *O Charlatanismo e suas Deploraveis Consequencias* que estampa a capa da edição de 18 de dezembro de 1930 do jornal periódico *O Estado* da capital Florianópolis em circulação por toda Santa Catarina, onde Cesare Tibaldeschi é acusado de fazer-se passar por médico assim como os acusados de *feitiçaria* pelo Padre Luigi Marzano (1904)⁹⁸⁹:

Figura 38 – Manchete Capa de Jornal: “*O Charlatanismo e suas Deploraveis Consequencias*”.

⁹⁸⁵ BORTOLOTTTO, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992, p., p. 93; OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 234.

⁹⁸⁶ OTTO, *op. cit.*, p. 234-243.

⁹⁸⁷ OTTO, *op. cit.*, p. 240-243.

⁹⁸⁸ BENSEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 62-63.

⁹⁸⁹ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 123-124.



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Fonte: O ESTADO, 1930, p. 01.

O CHARLATANISMO E SUAS DEPLORÁVEIS CONSEQUÊNCIAS

— :xx: —

No dia 25 do mês passado, em Nova Veneza, município de Cresciuma, foi chamado por uma família de colonos, residente naquella districto, um tal Tibaldeschi, que, na séde, pratica o charlatanismo, intitulado-se médico.

Chegando a casa onde devia prestar os seus serviços, viu que se tratava de um parto.

Sem mais nem menos o Dr. Tibaldeschi poz mãos á obra, para livrar a paciente, garantindo á família o sucesso de sua intervenção.

Trabalhou o homem cerca de 4 horas a fio, tendo a creança, desdo o inicio se apresentado com um dos braços, cujos dedos se mexiam como que implorando a vida.

Nada conseguindo, no fim de 4 horas, estava o menino morto; e o tal Tibaldeschi dava por encerrado o seu trabalho, deixando a parturiente em estado desesperador, quasi a exalar o ultimo suspiro.

Chamada, urgente, uma parteira, e verificando a mesma o estado deploravel em que ficara a paciente, pediu immediatamente que chamassem um medico, o que foi feito, tendo comparecido o **dr. Vitério Giaccone**, de Urussanga.

Como a parturiente estivesse em perigo imminente de vida, a família pediu á assistente, até a chegada do medico, que ao menos não se ausentasse.

A parteira ponderou que o caso era desesperador e que mesmo desembaraçada, a parturiente viria a morrer devido ao estado em que a deixaram, e só agiria sem responsabilidade.

Em poucos minutos, de facto, a paciente ficou livre, mas logo depois morreu.

O caso foi denunciado ao Delegado de Hygiene do Municipio, Dr. Asdrubal Costa, no dia 5 do corrente, a fim de que o mesmo mandasse abrir inquérito, e aqui deixamos a nota afim de que a policia e a Directoria de Hygiene tomem as providencias para o caso, de modo que não se repita.⁹⁹⁰

De acordo com depoimento coletado por Claricia Otto (2006): *“Uma parteira que tudo acompanhou testemunhou: ‘quando Tibaldeschi chegou, não era mais possível salvar a mulher, e a criança já estava morta.’”*⁹⁹¹. Já o Dr. Vitorio Giaconne, conforme apontado por João Henrique Zanelatto (2015)⁹⁹², era membro honorário do Grupo Fascista de Urussanga. Teria sido essa uma cilada para Cesare Tibaldeschi?

Enquanto as elites comerciais e médicas italianas que detinham o monopólio sobre as escolas étnicas italianas e das escolas católicas das Paróquias de Urussanga e Nova Veneza, o Distrito do Cocal cujo curato era pertencente à Paróquia de Araranguá, crescia politicamente e demograficamente sob o abrigo das escolas comunitárias brasileiras que administradas pelas *brasileiras* Dona Maria e Dona Chiquinha atendiam à população dessa três localidades junto aos núcleos fronteiriços do Tubarão⁹⁹³.

Figura 39 – Escola Pública “Secção Feminina” de Cocal Professora Francisca Martins de Oliveira Búrigo (1927).

⁹⁹⁰ O ESTADO. **O Charlatanismo e suas Deploraveis Consequencias**. Anno XVI, n. 5167, Florianópolis, 18 dez. 1930. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2025, p. 01.

⁹⁹¹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 242.

⁹⁹² ZANELATTO, João Henrique. Fascismo Italiano em território Barriga Verde: sua receptividade entre imigrantes italianos e no integralismo. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul.-dez., 2015, p. 393.

⁹⁹³ BÚRIGO, Tânia Bernadete Serafim. **Grupo Escolar Professor Padre Schüller** – Educação, História e Memória em Cocal do Sul – Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2008, p. 35-37.



Fonte: BÚRIGO, 2008, p. 37.

Com o objetivo de arrecadar fundos do governo para a ampliação e reforma dos edifícios escolares demandadas pelas seções masculinas e femininas das escolas comunitárias brasileiras do Distrito do Cocal é que se decidiu organizar o Comitê de Construção do Grupo Escolar Padre Schüller em 1929⁹⁹⁴. Pois bem, vejamos quem eram os membros que participavam dessa comissão com base nas entrevistas concedidas por Dona Olga Galli e Seu Venícios Búrigo à Tania Búrigo (2010):

Dona Chiquinha, *brasileira* e escritora de livros didáticos, mais formalmente conhecida como Francisca Maria Martins de Oliveira Búrigo e Seu Zeferino Búrigo, seu marido que se colocavam enquanto forte cabo eleitoral político e oposição às elites comerciais italianas da região central de Urussanga⁹⁹⁵; O Padre Francisco Chilynsky, que de acordo com o relato de Dona Olga: “*era muito rígido, principalmente quando via uma moça de braços e pernas de fora, virava a cara e resmungava*”⁹⁹⁶; Seu Luiz Búrigo, *coralista*, ou seja, membro do *corpo de cantores* responsável pelos sepultamentos do Cocal:

Luiz Búrigo nascido em Cocal, aos 14/05/1895, filho de Pietro Búrigo (gol) e Anna Bortoluzzi, casou em 12/08/1916 com Santina Cechinel com quem teve 9 filhos e, em segundas núpcias, com Maria Benedet, 2 filhos. Iniciou como agricultor com a família. Exerceu o cargo de Juiz de Paz em Cocal. Comerciante com um bar e engarrafador de vinho que adquiria em Caxias do Sul e revendia na região. Membro da comissão que construiu o Grupo Escolar

⁹⁹⁴ BÚRIGO, Tânia Bernadete Serafim. **Grupo Escolar Professor Padre Schüller** – Educação, História e Memória em Cocal do Sul – Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2008, p. 39.

⁹⁹⁵ *Ibidem*, p. 38-41

⁹⁹⁶ *Ibidem*, p. 42.

Professor Padre Schüller em 1932. **Coralista**, participava dos cânticos em **latim nos sepultamentos**. Faleceu em Criciúma em 13/08/1969, onde foi sepultado.⁹⁹⁷ **Grifos nossos**.

Dona Amábile de Cezare e Seu Angelo Peruchi, ambos médicos populares:

Ângelo Peruchi, filho de imigrantes, nasceu em Rio Maior em 23/05/1889 e veio com a família para Cocal, aproximadamente em 1900, quando em 1910 casou com **Amábile Beneton (de Cezare)**. Versátil em seu lidar, entendia e fazia de tudo. Foi industrial, comerciante, minerador, corretor, **prático farmacêutico**, etc. Em Cocal tinha casa de negócio em sociedade com os irmãos José e David, uma fábrica de bebidas onde se produzia a cerveja cocalina e a gasosa ideal. Foi minerador da mina de carvão Estrela do Oriente, empreiteiro de 1939 a 1944. Em 05/04/1932, em contato com a Prefeitura Municipal de Urussanga, obteve a concessão de fornecimento por 20 anos de energia elétrica, instalando um dínamo novo produzindo e atendendo à vila Cocal com luz elétrica domiciliar e pública, no período das 18 às 23 horas, cuja concessão transferiu em 1943 para a família Cechinel. Como político, foi líder atuante na comunidade e exerceu o cargo de Intendente Distrital em 1931 a 1937 e foi Juiz de Paz em 1920. **Com sua esposa**, atendia em Casa casos mais simples, **medicando**, inclusive, fazendo **curativos** e pequenas **intervenções cirúrgicas**, nada cobrando dos pacientes. Foi membro da comissão encarregada da construção do Grupo Escolar Professor Padre Schüller. Possuiu o primeiro automóvel de Cocal, a primeira vitrola RCA Victor, o primeiro rádio. Transferiu residência para Criciúma em 1942. Faleceu em 31/01/1954, em Criciúma, e lá foi sepultado.⁹⁹⁸ **Grifos nossos**.

A brasileira Dona Marieta Nunes de Souza, *capelã*, com seu marido e também brasileiro, Seu Antônio Nunes de Souza que era terapeuta homeopata e médico popular, mais conhecido na vizinhança pelo apelido de *Papai Noel*:

Escrivão de paz, serrano, casado com dona Marieta Nunes de Souza, teve família numerosa. A **dona Marieta** era quem **cuidava da igreja e batia o sino**, desde as seis da manhã às seis da tarde. Ele doou o terreno para a construção do grupo que ficava em frente a sua casa. Ele **fazia remédios homeopáticos** e atendia a todos que o procuravam com simplicidade e dedicação. Era conhecido como **papai Noel**, pela sua barba branca e comprida.⁹⁹⁹ **Grifos nossos**.

E foi assim, através dos inúmeros esforços desse ilustre comitê que no dia 10 de outubro de 1933 é inaugurado o grandiosíssimo Núcleo Escolar Padre Schüller enquanto um dos maiores edifícios escolares de toda a região¹⁰⁰⁰.

Figura 40 – Inauguração do Núcleo Escolar Padre Schüller (1933).

⁹⁹⁷ **Grifos Nossos**. BÚRIGO, Tânia Bernadete Serafim. **Grupo Escolar Professor Padre Schüller** – Educação, História e Memória em Cocal do Sul – Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2008, p. 43.

⁹⁹⁸ **Grifos Nossos**. *Ibidem*, p. 42-43.

⁹⁹⁹ **Grifos Nossos**. *Ibidem*, p. 43.

¹⁰⁰⁰ *Ibidem*, p. 44.



Fonte: BÚRIGO, 2008, p. 45.

No momento da inauguração, porém, segundo o relato de Seu Venícios Búrigo, algo de estranho aconteceu:

Os dois, **dona Chiquinha** e o tio Zeferino Búrigo, foram membros atuantes na comunidade e a professora ficou muito chateada, pois como uma das docentes mais antigas da cidade, sendo esposa do Zeferino e amiga dos membros da comissão, **foi impedida de lecionar no Grupo** porque não era normalista.¹⁰⁰¹ **Grifos nossos.**

Mas o que será que teria ocasionado tudo isso?

No dia 27 de fevereiro de 1931 falece o Padre Chilynsky, vítima de um infarto fulminante¹⁰⁰². No dia 15 de maio de 1931 entra em seu lugar o Padre Huberto Rohden enquanto *vigário* encarregado do Curato Cocal, só que agora subordinado ao Padre Luiz Gilli da Paróquia de Urussanga por ordem de Dom Joaquim Domingues de Oliveira que queria dar uma “*lição de humildade*” ao novo sacerdote após uma temporada de estudos no exterior¹⁰⁰³. Em 14 de novembro de 1931 por ordem do Cardeal Dom Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, o Padre Huberto Rohden é transferido para Santa Maria com o intuito único e exclusivo de atuar como um dos principais porta-vozes do jornalismo e da literatura católica no Brasil por meio da então assim chamada Liga da Boa Imprensa¹⁰⁰⁴.

¹⁰⁰¹ **Grifos Nossos.** BÚRIGO, Tânia Bernadete Serafim. **Grupo Escolar Professor Padre Schüller – Educação, História e Memória em Cocal do Sul – Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2008, p. 37.

¹⁰⁰² BENSEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina.** Florianópolis: FACASC, 2015, p. 354.

¹⁰⁰³ *Ibidem*, p. 382.

¹⁰⁰⁴ *Ibidem*, p. 383.

Em 24 de fevereiro desse mesmo ano de 1932 é outorgado o sufrágio universal feminino brasileiro pelo então presidente Getúlio Vargas¹⁰⁰⁵, evento esse que é acompanhado pelas agitações populares causadas pela chegada das primeiras Verônicas¹⁰⁰⁶ de barco à Lagoa do Imaruí e pelo culto da Virgem Albertina, criança vítima de feminicídio cuja devoção se propagou rapidamente por toda a região ao ser alçada aos altares pela população local comovida com o caso¹⁰⁰⁷. As edições de número 11, 12, 17, 18, 19 e 20 do periódico *O Camponez* que se seguem a esse evento trazem consigo um belíssimo rol contendo os nomes das primeiras eleitoras de Urussanga dentre o corpo eleitoral recém inscrito que com certeza merecem ser objeto de análises posteriores mais aprofundadas de estudo¹⁰⁰⁸.

Figura 41 – *A Estação de Santa Verônica*, 1960.

¹⁰⁰⁵ KARAJEWICZYK, Mônica. **As Filhas de Eva querem votar**: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c. 1850-1932). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2013, p. 12.

¹⁰⁰⁶ *Verônicas*: mulheres designadas como cantoras para fazer o papel de Verônica e das demais mulheres que compõem o Calvário durante as celebrações da Semana Santa e da Festa de Passos. Ver: COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 122-126;

¹⁰⁰⁷ Sobre o caso Albertina Berckenbrock, ver: SILVA, Kelly Caroline Noll da. **"Sangue e silêncio na mata virgem"**: a construção da santidade de Albertina Berkenbrock (Santa Catarina, 1950-2008). Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2020, p. 19-27.

¹⁰⁰⁸ Cf. O CAMPONEZ. **Edital de Qualificação de Eleitores**. Ano I, n. 11, Urussanga, 29 jan. 1933. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932011.pdf> >. Acessado em: 22 jun. 2024, p. 03; Cf. *Idem*. **Edital de Qualificação de Eleitores**. Ano I, n. 12, Urussanga, 05 fev. 1933. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932012.pdf> >. Acessado em: 22 jun. 2024, p. 03; Cf. *Idem*. **24ª Zona Eleitoral Município e Comarca de Urussanga**. Ano I, n. 16, Urussanga, 05 mar. 1933. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932016.pdf> >. Acessado em: 22 jun. 2024, p. 03; Cf. *Idem*. **Edital de Qualificação de Eleitores**. Ano I, n. 17, Urussanga, 12 mar. 1933. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932017.pdf> >. Acessado em: 22 jun. 2024, p. 03; Cf. *Idem*. **SERVIÇO ELEITORAL: Relação dos cidadãos qualificados pelo Doutor Juiz Eleitoral**. Ano I, n. 18, Urussanga, 19 mar. 1933. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932018.pdf> >. Acessado em: 22 jun. 2024, p. 02-03; Cf. *Idem*. **SERVIÇO ELEITORAL: Relação dos cidadãos qualificados pelo Doutor Juiz Eleitoral**. Ano I, n. 19, Urussanga, 26 mar. 1933. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932019.pdf> >. Acessado em: 22 jun. 2024, p. 02; Cf. *Idem*. **Apresentai-vos!**. Ano I, n. 20, Urussanga, 02 abr. 1933. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932020.pdf> >. Acessado em: 22 jun. 2024, p. 02-03.



Fonte: COSTA, 2003, p. 79.

É com muito medo dessas *mulheres brasileiras*, dentre elas Dona Chiquinha, e temendo que como administradoras das escolas públicas brasileiras do Cocal ao se colocarem enquanto concorrentes diretas das escolas católicas e italianas pudessem por meio das eleições de 1933 exercer sua forte influência política brasileira sobre a territorialidade municipal já conquistada pelo Consulado é que o Padre Huberto Rohden no dia 21 de Setembro de 1932 lança na capa da *Staffetta Riograndense* o seguinte manifesto:

Figura 42 – Capa de Jornal: Manifesto “*Mulheres Brasileiras — Inimigas de Christo*”.



Fonte: ROHDEN, 1932, p. 01.

Mulheres Brasileiras — Inimigas de Christo

Parece incrível — mas é triste realidade...

Non encontramos, nas paginas aureas do sagrado Evangelho, uma unica mulher que não manifestasse profundo respeito ou até sincera admiração para com o silencioso peregrino de Nazareth.

Maria, a Mãe de Jesus — luminoso ideal de mulher christan!

Magdalena — ardentissima discipula do divino Mestre!

Martha e Maria de Bethania — ditosas hospedeiras do incansavel apostolo e carinhoso enfermeiro!

Salomé — satisfeitissima em ver incorporados no collegio apostolico os ricos filhos do seu amor, Thiago e João.

Veronica — typo authenticico da caridade christan sempre empenhada em minorar os soffrimentos de Jesus e seus irmãos.

A propria Samaritana se converte em enthusiastica admiradora do Nazareno e ardente pregoeira do seu Evangelho.

E Claudia Prócula, esposa de Pilatos, apezar de pagan, se empenha por persuadir o marido a que abra mão do processo iniquo contra Jesus Christo.

No topo do Calvario, ao pé da cruz, se achava apenas um homem fiel, João Evangelista; mas diz o texto sacro que lá estavam numerosas mulheres piedosas, que tinham seguido a Jesus desde a Galiléa, ministrando-lhe o necessario.

Centenas de homens vomitam improperios ao Crucificado agonizante — de lábios femininos, porém, não se desprendem sinão gemidos e doloridos ais de piedade.

E assim continuou a ser através dos séculos do Christianismo; o mundo feminino tece uma fulgurante auréola de amor e dedicação á pessoa e doutrina do divino Mestre — é este um dos seus mais bellos titulos de gloria.

Pudéra não! Ninguém deve maiores beneficios a Jesus e sua Igreja do que a mulher. É só lembrar a profunda degradação social e moral em que as relações sexuaes tinham lançado a mulher pagan. Nos paizes onde não chegou a dominar a luz do Evangelho, até ao presente dia, não passa a mulher de uma bella escrava do homem, instrumento dos seus prazeres insaciaveis, desprezível odalisca atulada nas inconfessaveis ignominias do harem. Foi o Christianismo, e só elle, que arrancou a mulher do abysmo da sua infamia, collocando-a na excelsa altura de amiga e companheira do homem, igual a elle na dignidade humana. Por isso, si a mulher é, por via de regra, mais propensa aos exercicios da piedade christan, tem toda a razão; é um dever de gratidão e amor.

E eis que vemos surgir no Brasil mulheres que se declaram publicamente inimigas de Christo! Verdadeiras monstruosidades femininas!

Sim, ao Brasil dos nossos dias foi reservada a triste prerrogativa de possuir mulheres que fazem gala de hostilizar a Jesus e sua doutrina! mulheres brasileiras, filhas da Terra de Santa Cruz, que, como os judeus da Palestina, lançam pedras e vomitam insultos ao silencioso Martyr do Gólgatha, filiando-se á “Liga Feminina pró Estado Leigo”, que tem por fim expresso expulsar a Jesus da escola, da familia, das repartições publicas e de toda a vida official da nação.

As mães de Israel apresentavam ao amavel Nazareno os seus filhinhos, pedindo que lhes lançasse a benção — e existem mães brasileiras que prohibem a seus filhos de se aproximarem de Jesus, como si fôra um indesejavel, um sedutor, um facinora!...

As Veronicas de todos os seculos do Christianismo porfiam em limpar a face de Christo pela caridade — e as socias da “Liga” enxotam a Jesus do limiar das suas casas!

É doloroso, profundamente doloroso e humilhante; faz subir á face o rubor da vergonha, saber que ha mulheres brasileiras, patrícias nossas, que

então na grita feroz da plebe amotinada pela sanha ignobil dos phariseus impenitentes:

Fôra com elle! não temos outros reis sinão a Cesar!...

Solta-nos Barrabás!...

Crucifica-o! crucifica-o!...

Seu sangue caia sobre nós e nossos filhos!...

.....

E o divino Martyr volve o olhar ensanguentado ás filhas do Brasil e com, infinita tristeza, lhes diz:

Chorai sobre vós e vossos filhos!... Povo meu, que mal te fiz? ou em que te contristei? responde-me...

E segue avante, Calvario acima, por entre os insultos e as pedradas de mulheres brasileiras — inimigas de Christo...

P. Huberto ROHDEN.

Santa Maria, 1932.

(*Da Estrella do Sul*).¹⁰⁰⁹ **Grifo no original.**

Esse mesmo tipo de retórica *antissemita* utilizada pelo Padre Huberto Rohden com o objetivo de difamar as mulheres brasileiras e seus devidos núcleos de organização política que lutavam pela laicização de ensino nas escolas é exatamente o mesmo método discursivo que podemos encontrar em sua obra magna *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do evangelho* (1937)¹⁰¹⁰. De acordo com Claudino Biff (1997)¹⁰¹¹, tanto esse livro, como também uma outra obra chamada “*Rapazes de Truz*”, tiveram ambas as suas escritas iniciadas e foram frutos da inspiração obtida pelo Padre Huberto Rohden durante seu trabalho missionário com os jovens do Distrito do Cocal.

Em *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do evangelho* (1937)¹⁰¹², o próprio Padre Huberto Rohden nos traz em sua introdução os objetivos desse livro: livrar o catolicismo popular brasileiro do *fetichismo religioso* dos judeus e da *demagogia pagã* dos *comunistas* (associados por ele ao culto de Diana dos Efésios)¹⁰¹³. Dessa forma, de acordo com ele, procurava-se estabelecer totalmente de norte a sul do Brasil, o ideal de sujeito católico livre de todas essas influências e com uma prática ritual voltada somente à Cristo, tornando-o assim um “*cristão integral*”¹⁰¹⁴ enquanto principal diretriz política da Ação Católica¹⁰¹⁵ no Brasil:

¹⁰⁰⁹ **Grifo no original.** ROHDEN, Huberto. **Mulheres Brasileiras — Inimigas de Christo.** In: STAFFETTA RIOGRANDENSE. Anno XXIV, n. 19, Garibaldi, 21 set. 1932, p. 01.

¹⁰¹⁰ ROHDEN, Huberto. **Paulo de Tarso: o maior bandeirante do evangelho.** Cruzada da Boa Imprensa: Rio de Janeiro, 1939, p. 03-09.

¹⁰¹¹ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão.** Tubarão: Coan, 1997, p. 99.

¹⁰¹² ROHDEN, *op. cit.*, 1939, p. 04-06.

¹⁰¹³ *Ibidem*, p. 233-239.

¹⁰¹⁴ *Ibidem*, p. 07-08.

¹⁰¹⁵ *Ação Católica*: grande entidade e órgão organizacional a nível internacional de militância católica leiga unificada criada por Pio XI sob a égide dos ditames ultramontanos frente à “*sociedade moderna*”. Ver: SOUZA, Ney de. *Ação Católica, Militância Leiga no Brasil: méritos e limites.* **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 14, n. 55, abr./jun., 2006, p. 39-43.

PRELIMINARES

Na alvorada do Cristianismo, nenhum homem prestou tão ingente trabalho como Paulo de Tarso. Espírito dinâmico, homem de vistas largas, livre de quaisquer compromissos e preconceitos, reunindo em sua pessoas três grandes culturas da época — hebraica, grega e romana — é ele o apóstolo por excelência, o maior campeão do Evangelho.

Nenhum outro homem teve sobre a evolução histórica do Cristianismo maior e mais decisiva influência do que Paulo de Tarso. Percorrendo o oriente e o ocidente, levou ao seio da jovem igreja inumeráveis multidões de almas, povos e países inteiros.

Divide-se a existência desse homem singular em dois períodos, de duração quase igual, mas de caráter diametralmente oposto um ao outro. Póde-se mesmo falar em duas vidas desse intrépido evangelizador, assim como também usava dois nomes, Saulo e Paulo: 30 anos de Tarso a Damasco, e 30 anos de Damasco a Óstia. E, tanto na primeira como na segunda fase, desempenha ele completa e integralmente o seu papel. Adversário mortal de atitudes penumbristas e de posições indefinidas, cumpre Paulo a sua tarefa sempre com corpo e alma, com todas as fibras do seu ser, com toda a veemência do seu gênio, com toda a paixão da sua natureza de fogo. A princípio, combate o Nazareno sem tréguas nem descanso, porque vê nele o grande inimigo da religião revelada; e depois o adora com todas as veras do coração, e o quer ver adorado do mundo inteiro, porque o reconhece como o Redentor da humanidade.

No centro da vida de Paulo está o Cristo — ontem como inimigo, hoje como amigo; a princípio, alvo de ódio; depois, objeto de amor e glorificação.

Paulo não conhece meias medidas. Detesta a mediocridade. **É o tipo autêntico do cristão integral.**

E, em todo esse ardor, nada há de fanatismo; tudo é pautado por uma **serena racionalidade, que mais parece ocidental do que oriental.**

Às portas de Damasco soara a hora do fiat lux para o fero perseguidor de Cristo: "Saulo, Saulo, por que me persegues?..."

Saulo cai por terra — e rue por terra também o soberbo castelo da sua **orgulhosa filosofia judaica...** Ruínas e escombros... Não ficou pedra sobre pedra...

Tão intensa é a luz do céu que apaga todas as luzes da terra. Saulo está cego. Completa escuridão por espaço de três dias. É necessário que, por algum tempo, se cale a terra para que o céu possa falar...

Nesse tríduo de silêncio e de introspecção, procura Saulo orientar os seus pensamentos, no meio do incógnito universo que lhe despontou na alma.

"Quem és tu, Senhor?..."

"Eu sou Jesus..."

Desde essa hora dramática, uma só idéia, um só ideal domina a Paulo: tomar Jesus Cristo conhecido, amado e servido de todos os homens.

Foi nesta disposição psíquica que o maior bandeirante do Evangelho iniciou a sua estupenda carreira — a sua "Ação Católica", se quisermos — de cuja pujança e prosperidade dão eloquente testemunho os "Atos dos Apóstolos" e as "Epístolas" do incomparável arauto de Cristo. Cercou-se desde logo duma seleta e disciplinada **falange** de auxiliares — homens e mulheres, moços e velhos — e com eles saiu à conquista espiritual do mundo. Por amor a esse ideal se deixa perseguir e caluniar, escarnecer e flagelar, condenar à morte e degolar. E no meio dos seus sofrimentos escreve: "Meus irmãos, eu transbordo de júbilo por entre as minhas tribulações... Cristo é minha vida, e a morte me é lucro... Já não vivo eu — Cristo é que vive em mim"...

Paulo é um livro que só fala de Cristo.

É uma chama que só arde por Cristo.

É um gênio que só pensa em Cristo.

É uma vontade que só quer a Cristo.

É um herói que só luta por Cristo.
É uma alma que só vive de Cristo, por Cristo e para Cristo.

**

O período histórico em que incide a vida de Paulo de Tarso assemelha-se notavelmente aos tempos atuais: **a prepotência do materialismo pagão**, por um lado — e o **domínio do fetichismo religioso**, por outro. Esses dois inimigos — o **gentilismo materialista** e o **judaísmo fetichista** — ameaçavam sufocar em germe o Cristianismo nascente. Contra esses adversários mortais do Evangelho desce à arena o impávido gladiador de Cristo. Pilho de fariseus aferrados a um estreito formalismo religioso, conhecia Paulo todo o perigo que vai na hipertrofia do corpo e atrofia da alma da religião.

Educado num dos maiores centros do paganismo helênico-romano, experimentara ele, na sua mocidade, a ação funesta do gentilismo grosseiramente sensual sobre as aspirações superiores do espírito humano.

O **pagão, impotente** embora para se erguer do abismo, reconhecia pelo menos a sua miséria moral e mantinha assim aberta a porta para a redenção — ao passo que o **judeu, deslumbrado** pelo esplendor da liturgia, **perdera a noção da sua impotência espiritual e procurava narcotizar como entorpecente das formas externas a vacuidade da sua consciência religiosa.**

Por isso, encontrou Paulo maiores óbices entre os judeus do que entre os gentios. É que o Evangelho não cala numa alma que não esteja inteiramente convencida da sua miséria moral e da necessidade do auxílio divino. **A sinagoga**, depois de séculos de glórias espiritualistas, **decaíra para a idolatria** das formalidades externas. "Sepulcros caiados" — é o termo clássico que Jesus criou para definir a índole dos chefes religiosos de Israel: a hipócrita vacuidade interior disfarçada por um exuberante ritualismo exterior. O "vestido gasto" e os "odres velhos" da piedade tradicional não podiam servir de base e norma ao vigoroso movimento espiritualista inaugurado pelo Nazareno. Divino e puro a princípio, degenerara o mosaísmo nessa teia de exterioridades humanas, que não satisfazia os espíritos sinceramente religiosos.

É esta, aliás, a sorte de todas as coisas divinas: quando lançadas ao meio dos homens e entregues a mãos profanas, não tardam a perder o seu nativo esplendor, e, em vez da fascinante beleza do original, aparece, não raro, a repelente fealdade duma caricatura.

O Evangelho, nascido num ambiente de decadência religiosa, corria perigo de ser empolgado pelos tentáculos construtores do oco formalismo da sinagoga, que então levava o rótulo de "religião revelada".

O Nazareno imolara a sua jovem vida na luta contra a adulteração da religião e em defesa do ideal espiritualista.

Paulo, o seu maior discípulo, segue-lhe o exemplo. Às portas de Damasco tomba o mais ferrenho defensor do ritualismo mosaico, Saulo, o fariseu — e levanta-se o mais ardente paladino do espiritualismo cristão, Paulo, o apóstolo. E logo de início compreende ele que **o maior perigo para o Evangelho está no culto exagerado das formalidades vazias.** Compreende que é mais fácil levantar o edifício do Cristianismo no campo raso do paganismo do que sobre as ruínas religiosas de Israel.

O **triunfo definitivo do Evangelho sobre o materialismo gentio e a sua preservação das malhas asfixiantes do judaísmo cerimonial** — eis aí a obra titânica de Paulo de Tarso. O Cristianismo, é certo, existiria também sem Paulo; mas só Deus sabe qual teria sido a marcha do Evangelho através dos séculos, se lhe faltara, na sua alvorada, esse espírito clarividente, esse homem singular que, indiferente a vivas e mortas, lhe abriu caminho por entre um mundo de obstáculos e um inferno de perseguições; esse homem que bateu desertos e florestas, galgou montanhas e transpôs precipícios, arrostando as intempéries da natureza e a perversidade dos homens e plantou o sanguinolento pendão da cruz nas mais longínquas plagas do universo. Mais arrojado que as próprias legiões dos Césares, penetra esse bandeirante de Deus por terras

incógnitas e proclama o nome de Cristo lá onde nem soara ainda o clangor das trombetas imperiais...

O homem só é verdadeiramente grande quando tem a coragem de viveras suas idéias e morrer por seus ideais...

Que diria Paulo de Tarso, se regressasse em nossos dias?... Não teria de libertar o Evangelho mais uma vez desse polvo de mil e uma formalidades vazias que ameaçam sufocar a alma do Cristianismo?...

A religiosidade de milhares de patrícios nossos labora do mal funestíssimo das pompas externas, das sonoras vacuidades, dos discursos hiperbólicos, das encenações teatrais, da carência de penetração espiritual, da ausência de convicção íntima, da falia duma consciência nítida dos motivos da sua fé.

Quantas vezes não se constitui a religiosidade inimiga mortal da religião!...

O nosso catolicismo oficial vive em grande parte divorciado da sociedade, segregado do mundo das duras e prosaicas realidades de cada dia. Não quer saber da poeira das fábricas, do desconforto dos tugúrios, da miséria dos proletários, do elemento profano das casernas militares; prefere viver no **ambiente tépido dum misticismo religioso**, escutar as melodias sugestivas duma novena, aspirar o suave aroma dos turíbulos, contemplar os círios e as flores dos altares — enquanto lá fora **filósofos pagãos** solapam os fundamentos da fé e **demagogos comunistas** agitam as massas, **envenenam a alma do povo e preparam a destruição universal da civilização cristã** de longos séculos.

É de urgente necessidade recolocarmos o Evangelho bem ao meio da vida real da sociedade e dos povos. Não há um Cristo domingueiro e um Cristo da semana; não há um Cristo da igreja e outro da sociedade; há um só Cristo, um só Redentor, um só Medianeiro entre Deus e os homens...

Quem, como o autor deste livro, perlustrou o Brasil inteiro, desde Porto Alegre até Manaus, desde o litoral até ao fundo do sertão, pôde falar de ciência própria. **Faz-se mister uma intensa e persistente campanha de espiritualização, campanha de evangelização, campanha de interiorização, campanha mesmo** — por mais que escandalize aos inexperientes e aos sonâmbulos — **campanha de "cristianização" do nosso decantado catolicismo tradicional**. Se Paulo reaparecesse seria este o seu primeiro e, talvez, único trabalho; evangelizar a Cristo, o Crucificado; restituir à nossa dispersa e anêmica religiosidade o vigoroso caráter **cristocêntrico** — restaurar tudo em Cristo, como ele escrevia no primeiro século. **Milhares de católicos vivem num catolicismo vago**, puramente tradicional, numa espécie de sonambulismo inconciente ou semi-conciente; **conhecem os seus "santos" e ignoram a Cristo; recitam mecanicamente as fórmulas do seu devocionário e nunca leram uma página sequer do Evangelho — vivem e morrem sem terem descoberto o espírito de Cristo e a alma da religião...**

Daí esse indiferentismo religioso. Daí essa mania de gozos e prazeres. **Daí a estupenda facilidade em abraçarem qualquer ideologia que lhes apresente em cores simpáticas a pessoa e doutrina de Cristo** e afirme ser o caminho único da salvação.

"O reino de Deus não vem com aparato exterior — o reino de Deus está dentro de vós"... "No meio de vós está aquele a quem vós não conheceis"...

**

Nesta mesma intenção lanço agora ao meio do povo e dos intelectuais este livro sobre o maior discípulo de Cristo. **Paulo é, de fato, a mais lídima personificação do espírito, da alma e do caráter do Nazareno. É o Evangelho feito homem. É o Cristianismo em síntese. É a religião vivida e sofrida — Paulo é, numa palavra, o cristão integral.**

Em nossos dias, quando o Evangelho é ignorado da maior parte dos que o deviam saber e viver; **quando a religião de muitos se reduz a simples**

cerimónias, ritos e fórmulas; quando o credo anda divorciado do decálogo, e a ética em conflicto com a ascética; quando **inúmeros homens vêm na religião algo de fraco, de feminino, de menos digno do homem**; quando o paganismo das praias e dos casinos, das ruas e dos salões desmente o catolicismo das igrejas e das procissões — hoje, mais do que nunca, importa lançar ao meio desse ambiente crepuscular de estagnação espiritual a vigorosa alvorada dum Cristianismo juvenil e forte, e esboçar aos olhos do mundo o másculo perfil de um homem que sabia viver a sua fé e informar do espírito de Cristo todos os atos da sua vida.

É possível que o espírito deste livro não agrade a todos os meus leitores — nem eu escrevo para agradar a quem quer que seja — **maximé àqueles que consideram a religião apenas como um artigo de luxo**, uma espécie de trajo domingueiro que se veste em dias festivos e se despe em dias de trabalho e diversão profana. **São Paulo não conhecia essa espécie de "cristianismo"...**

Ainda outra classe de leitores desamará a índole deste livro: todos os que esperam da religião alguma vantagem material, os que costumam fazer dela uma profissão, um negócio lucrativo, um mercado, como, há 19 séculos, faziam aqueles vendilhões que Jesus expulsou do templo de Jerusalém. São Paulo era inimigo do mercantilismo dessas almas mercenárias...

Também não lerá o meu livro a turba-multa dos fetichistas de todas as cores e matizes, todos aqueles católicos cuja religiosidade labora de hipertrofia material e atrofia espiritual; **todos os devotos que de certas fórmulas e coisas esperam efeitos mágicos**, resultados milagrosos, santificação automática pelo contacto com determinados objetos, regeneração moral sem esforço pessoal, salvação por obra e graça de terceiros — enfim, **todos os adeptos dum tal ou qual cabalismo pagão**, ao qual emprestam o nome de "virtude" ou "piedade cristã". **Saibam todos esses que encontram em Paulo de Tarso o mais ferrenho adversário...**

Este livro visa tão somente os espíritos de boa vontade, os que sinceramente procuram a verdade, os que teem a coragem de sacrificar as convenções do ambiente à convicção da consciência, os que realmente querem viver de Cristo, com Cristo e para Cristo, sem perguntar pelas opiniões de quem quer que seja.

**

A primavera espiritual inaugurada pelo movimento da "Ação Católica" está a reclamar uma sincera, profunda e vigorosa recristianização de cada um de nós, um decidido retorno às fontes eternas da espiritualidade cristã. Se a "Ação Católica" não quiser ser uma simples modalidade litúrgica e definir aos poucos, a exemplo de tantos outros movimentos religiosos, promissoramente iniciados, e ingloriamente extintos, é indispensável informá-la do espírito do grande convertido de Damasco; é necessário como ele **recoloquamos no centro de todas as nossas práticas religiosas e profanas a luminosa figura de Jesus Cristo**, através da meditação diária do seu Evangelho; urge, antes de tudo, estabelecermos a mais estreita harmonia entre o dogma e a moral, entre a fé e as obras, entre a ascética dos nossos exercícios religiosos e a ética da nossa vida quotidiana.

Paulo de Tarso, o maior bandeirante do Evangelho, é bem uma bandeira para os tempos que correm, ele, que reduziu a uma perfeita unidade o dualismo entre a fé e a vida, ao ponto de poder exclaimar: "Minha vida é Cristo; já não vivo eu — Cristo é que vive em mim"

Compreender esse herói, entusiasmar-se por ele, encher-se do seu espírito e da sua indómita coragem no serviço do reino de Cristo — **eis o que teem mister os apóstolos do Evangelho e os arautos da "Ação Católica" em terras de Santa Cruz e no mundo inteiro...**

"Cristo ontem, hoje e por todos os séculos!"...¹⁰¹⁶. **Grifos nossos.**

Ou seja, os dogmas religiosos conforme os ditames ultramontanos passam a definir a prática ritual e não o contrário, reafirmando-se assim a inversão do axioma “*lex orandi, lex credendi*”¹⁰¹⁷, tal qual como vimos anteriormente se desenvolver durante o decorrer de todo o século XIX e ser reafirmado depois por Pio X no artigo 26 do sílabeo de sua *Lamentabili Sane Exitu* (1907)¹⁰¹⁸.

Esse livro¹⁰¹⁹, por sua vez, foi um dos best-sellers de maior sucesso à nível *internacional* influenciando fortemente na criação de um novo padrão nacional de *feitiçaria* a ser reprimida mediante ao regime autoritário que se seguiria com o Estado Novo de 1937 a 1945 que em muito era engajado pelo então Arcebispo do Rio de Janeiro, o Cardeal Dom Sebastião Leme, conforme apontado por Francisco Vasconcelos (2015)¹⁰²⁰. A diplomacia política assumida por ele durante o Estado Novo em muito teria seus aportes teóricos e político ideológicos, bem como seu *modus operandi*, todos calcados nos fascismos europeus, dentre eles o italiano, conforme apontado por Riolando Azzi (1980)¹⁰²¹. No caso da teoria do *cristão integral* defendida por Huberto Rohden¹⁰²², é muito provável que também tenha se inspirado nos ideais do *integralismo brasileiro* de Plínio Salgado¹⁰²³, que de acordo com Riolando Azzi (1980)¹⁰²⁴, teria influenciado fortemente o clero católico durante esse período.

Uma das maiores e mais conhecidas vítimas desse tipo de retórica discursiva que se interpõe dentre o período de lançamento do manifesto *Mulheres Brasileiras — Inimigas de Christo* (1932) e o livro *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho* (1937) foi Olga Benário, militante comunista *judia* que foi presa e entregue ainda grávida pelo então presidente Getúlio Vargas à Gestapo como forma de dissolver os movimentos

¹⁰¹⁶ **Grifos nossos.** ROHDEN, Huberto, **Paulo de Tarso: o maior bandeirante do evangelho**. Cruzada da Boa Imprensa: Rio de Janeiro, 1939, p. 03-09.

¹⁰¹⁷ TABORDA, Francisco. *Lex Orandi – Lex Credendi: Origem, sentido e implicações de um axioma teológico*. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 35, n. 95, 2003, p. 78-80.

¹⁰¹⁸ PIO X. **Lamentabili Sane Exitu**. Faculdade Católica de Belém: Belém, 2020, p. 05.

¹⁰¹⁹ BENSEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 383-384.

¹⁰²⁰ VASCONCELOS, Francisco Antônio de. Notas sobre a liderança de Dom Sebastião Leme no Brasil. **FLEXUS: Revista de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória, v. 09, n. 14, p. 311-315.

¹⁰²¹ AZZI, Riolando. A Igreja Católica no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945). **Síntese: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 7, n. 19, 1980, p. 49.

¹⁰²² ROHDEN, *op. cit.*, p. 07-08.

¹⁰²³ A aderência de fiéis e clérigos católicos aos ideais do *integralismo brasileiro* apontada por Riolando Azzi (1980), mesmo mediante à clara e objetiva condenação dos aportes teóricos europeus que fundamentam essa ideologia pelo Papa Pio X em sua *Pacendi Dominici Gregis* (1907) é um fator que necessita urgentemente de mais estudos. Ver: *Cf. AZZI, op. cit.*, p. 69-70; PIO X. **Pacendi Dominici Gregis**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1907, p. 13

¹⁰²⁴ AZZI, *op. cit.*, p. 68-71.

comunistas no Brasil por meio do estabelecimento de alianças diplomáticas amigáveis com o regime nazista de Adolf Hitler no ano de 1936, sendo ela enviada para um campo de concentração onde acabou falecendo na câmara de gás de Bernburg em 1942, conforme apontado por Veyzon Muniz (2012)¹⁰²⁵. A influência do Cardeal Dom Sebastião Leme que agia por meio dos discursos de Huberto Rohden, nessa tomada de decisão feita pelo então presidente Getúlio Vargas podemos verificar através de Francisco Vasconcelos (2016)¹⁰²⁶, onde segundo o autor, a alta hierarquia eclesiástica católica passou a apoiar totalmente a gestão varguista em troca do combate fortemente autoritário contra o *comunismo*. Aliança política essa que de acordo com Riolando Azzi (1980)¹⁰²⁷, teria tido sua continuidade intensificada a partir do Estado Novo de 1937, período em que teria sido concedida então pelo presidente Getúlio Vargas ao Arcebispo do Rio de Janeiro a faculdade de orientar as diretrizes políticas morais estatais em troca de demonstrar total apoio ao governo como forma de estabelecer vínculos com a hierarquia eclesiástica católica e seus fiéis durante o regime.

Em 1942, porém, por ocasião da morte de Dom Sebastião Leme, uma nova comissão de bispos é acionada e *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do evangelho* (1937) é censurado e perde seu *imprimatur* devido ao seu ideal de “*cristão integral*” ser próximo demais do *protestantismo*¹⁰²⁸. Padre Huberto Rohden após sentir-se humilhado com a censura imposta sobre sua obra resolve então largar a batina e se mudar pros E.U.A. para dar continuidade aos seus estudos filosóficos na Universidade de Princeton, onde passará o restante de seus dias observando de forma meticulosamente fria, calculosamente cada passo das caminhadas matinais de Albert Einstein (célebre e famoso matemático e teórico físico astrônomo *judeu*) nas dependências do campus¹⁰²⁹.

Esse mesmo ideal teórico, por sua vez, teria sido retomado após as reformas litúrgicas do Concílio Vaticano II (1962-1965) como forma de estabelecer alianças diplomáticas com os dois lados da política polarizada da Guerra Fria, tanto o *capitalista* dos E.U.A. no *ocidente*, como o *socialista* da U.R.S.S. no *oriente*, onde a partir dos quais, de acordo com Ana Carletti (2012): “*o mundo teria dois pulmões, um ocidental, que é*

¹⁰²⁵ MUNIZ, Veyzon Campos. O caso Olga Benário Prestes: um estudo crítico sobre o habeas corpus nº 26.155/1936. Direito & Justiça, **Porto Alegre**, v. 37, n. 1, p. 36-60, jan./jun. 2011, p. 47.

¹⁰²⁶ VASCONCELOS, Francisco Antônio de. Notas sobre a liderança de Dom Sebastião Leme no Brasil. **FLEXUS: Revista de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória, v. 09, n. 14, p. 296-297.

¹⁰²⁷ AZZI, Riolando. A Igreja Católica no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945). **Síntese: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 7, n. 19, 1980, p. 68-71.

¹⁰²⁸ BENSEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015, p. 383.

¹⁰²⁹ BENSEN, *op. cit.*, p. 383.

*técnico, e um oriental, que é contemplativo (LEBEC, 1999)''*¹⁰³⁰. Dessa forma, a divisão *orientalista*¹⁰³¹ do axioma “*lex orandi, lex credendi*” é invertida ficando a base filosófico teológica do Concílio Vaticano II baseada nos parâmetros do *socialismo* da U.R.S.S. enquanto os ditames da sua reforma litúrgica passam a ser guiados pelo modelo de ciclicidade econômica do *capitalismo de ética protestante*¹⁰³² defendido pelos E.U.A. como forma de unir diplomaticamente os dois lados durante a Guerra Fria por meio do novo Missal Romano e Liturgia das Horas do Papa Paulo VI conforme apontado por Ana Carletti (2012)¹⁰³³ e exemplificado especificamente tanto por Marcelo Spiess (2016)¹⁰³⁴ a partir do estudo de caso da estruturação eclesiástica na formação de padres em Santa Catarina no decorrer de todo o século XX, como pelo próprio Claudino Biff (1997) que logo após o longo processo de redemocratização que se iniciou a partir de 1985¹⁰³⁵, assumindo declaradamente de vez, então, a culpa do clero católico no apoio ao golpe de estado que culminou no regime da Ditadura Cívico-Militar:

No dia 31 de março de 1964 vence a revolução que mortificou a nação por quase duas dezenas de anos. Era de ostracismo medieval. Foi um tempo sem Deus e sem luzes, tempo de guilhotina, castração e morte. Foi a proscricção de Deus e da raça humana. Nós brasileiros vivíamos no cativeiro da Babilônia que era o Brasil. Então, deu-se **caça às bruxas**.

Mais de um milhão de cassados nos seus direitos mais primários. **A Igreja foi ingênua: organizou as Marchas por Deus e pela Família**. Nossos

¹⁰³⁰ CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial**: A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 131-134.

¹⁰³¹ Sobre a influência da Guerra Fria acerca das concepções de *oriente* e *ocidente* com base na invenção do *orientalismo*, ver: SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 296-325; Acerca da influência do *orientalismo* nas proposições lógicas da reforma litúrgica pós-Vaticano II, nas quais as Igrejas Orientais são representadas como entidades exóticas paradas estaticamente no espaço-tempo permanecendo com exatamente o mesmo ritual litúrgico dos paleocristianismos sem nunca haver tido nenhum tipo de mudança ou adaptação ao longo dos séculos, ver: GIRAUDO, Cesare. “In Persona Christi” – “In Persona Ecclesiae”: Fórmulas Eucarísticas à Luz da “Lex Orandi”. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 42, n. 117, 2010, p. 196-199.

¹⁰³² Sobre a influência do *ascetismo* da ética protestante no ritmo e método de produção econômica capitalista, ver: Cf. WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Connecticut: Editora Pioneira Thomson Learning, 1990, p. 73-87; Sobre a influência dessa doutrina no meio de produção capitalista baseada na escravização de membros da comunidade afro diaspórica nos E.U.A. Ver: Cf. RECLUS, Eliséé. **Evolução, Revolução e Ideal Anarquista**. Biblioteca Sociológica: São Paulo, 1904, p. 18-19.

¹⁰³³ CARLETTI, *op. cit.*, p. 137-149; AUGÉ, Matias. **Ano Litúrgico**: É o próprio Cristo presente na sua Igreja. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 25-30.

¹⁰³⁴ Sobre a inversão dessa divisão especificamente no contexto da formação de padres em Santa Catarina durante o pós-Vaticano II, ver: SPIESS, Marcos Alfonso. A crise das vocações pós Vaticano II: reflexões a partir da reprodução social do clero catarinenese. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 13, n.1, jan-jun/2016, p. 51-56.

¹⁰³⁵ Sobre a continuidade dos aparelhos autoritários de repressão da Era Vargas durante a Ditadura Cívico-Militar, ver: GRECO, Heloisa Amélia. **Dimensões Fundacionais da Luta pela Anistia**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas. Curso de Pós-Graduação das Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2003, 37-66; Sobre o processo de redemocratização, ver: *ibidem*, p. 386-407.

rosários nos deram um álibi doloroso: éramos brasileiros, exilados em todos os brasis.¹⁰³⁶ **Grifos nossos.**

Desse modo, o Tempo de Pentecostes é abolido, sendo então substituído pelo Tempo Ordinário ou Comum¹⁰³⁷. A Solenidade de Cristo Rei, devoção essa que tornou-se um dos principais gritos de guerra e símbolo dos fascismos ibéricos *franquista* e *salazarista* respectivamente¹⁰³⁸, é transferida do último domingo de outubro para a última celebração dominical anterior ao início do Advento, abolindo de vez a renovação cíclica do calendário litúrgico com base no Ciclo de Festas do Divino Espírito Santo enquanto autor de toda a Criação¹⁰³⁹. Estabelecendo-se assim a nova ordem de um sistema único mundial de produção econômica *capitalista* altamente industrializada e consumista conforme preconizado pelas doutrinas políticas impostas pelos E.U.A.¹⁰⁴⁰.

Essa reforma foi implementada no Brasil com base nas diretrizes nacionalistas e anticomunistas da Ditadura Cívico-Militar que tomou o poder do governo brasileiro por intervenção dos E.U.A. com o objetivo de erradicar a tal chamada “*ameaça comunista*” do país no ano de 1964¹⁰⁴¹. Dessa forma em 1970, de acordo com Claudino Biff (1997)¹⁰⁴², a Matriz de Nossa Senhora da Piedade do Tubarão (elevada à categoria de *Catedral* no ano de 1954) é bombardeada e demolida para ser usada como aterro do campo de futebol do Quartel Militar do Município para a construção de uma *Nova Catedral* aos moldes da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II implementada junto ao novo regime da Ditadura Cívico-Militar mesmo sob protestos da população local, descritos sarcasticamente por ele como sendo o “*choro de santos e beatas*”:

A velha Catedral, que por mais de cem anos serviu a cidade tombou em 1970. **Houve choro de santos e de beatas...**

(...)

O serviço de terraplanagem começou: “No dia de São Miguel,

¹⁰³⁶ **Grifos Nossos.** BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão.** Tubarão: Coan, 1997, p. 48.

¹⁰³⁷ AUGÉ, Matias. **Ano Litúrgico:** É o próprio Cristo presente na sua Igreja. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 25-30.

¹⁰³⁸ Sobre esses aspectos da devoção ver: ÁLVARES, Miguel Madueño. Guerrilleros de Cristo Rey: El brazo armado de la extrema derecha en los primeros años de la Transición. **La Razón Histórica:** Revista hispanoamericana de Historia de las Ideas, n. 35, 2017, p. 158-164; FONTES, Paulo. A institucionalização da Acção Católica Portuguesa e a festa de Cristo-Rei. *Lusitania Sacra*, Lisboa, n. 19-20, 2007, p. 171-173; SERRADOR, Sofia Rodríguez & GARCÍA, Rafael Serrano. Aspectos de la Piedad Nacionalcatólica em España em Tiempos de Guerra Civil: Vallaloid, 1936-1941. **Archivio italiano per la storia della pietà**, Roma, v. 32, 2019, p. 114-118; SIMPSON, Duncan. A Igreja Católica e o Estado Novo de Salazar. **Locus:** Revista de História, Juiz de Fora, v.18, n.1, 2012, p. 102-103.

¹⁰³⁹ AUGÉ, *op. cit.*, p. 25-30; MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015, p. XI-XVII.

¹⁰⁴⁰ CARLETTI, *op. cit.*, p. 161-178.

¹⁰⁴¹ GRECO, Heloisa Amélia. **Dimensões Fundacionais da Luta pela Anistia.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas. Curso de Pós-Graduação das Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2003, 47-49.

¹⁰⁴² BIFF, *op. cit.*, p. 236-242.

29.09.64, o trator do DER de Tubarão, cedido pelo engenheiro Jacopo Tasso, iniciou a terraplanagem do local da construção. Houve muita alegria em toda a cidade, pois todos diziam: “Começou a Catedral”. Sendo pequeno e fraco o trator, pediu-se reforço à Companhia Beta. O possante trator d-7 da Companhia Beta, enviado pelo Diretor engenheiro João Monteiro, fez um trabalho apreciável. **O aterro foi carregado pelos caminhões para o campo esportivo do Quartel Militar de nossa cidade.** Mais de 1500m³ de aterro foram doados ao Quartel”.¹⁰⁴³. **Grifos nosso.**

Fazendo assim com que a Festa do Divino que de acordo com Lélia Nunes (2010)¹⁰⁴⁴ ocorria quadrienalmente naquela localidade se tornasse uma memória cristalizada, deixando totalmente de existir...

Deixasse de existir em todos os lugares do mundo, menos em Imaruí, onde a Festa do Divino Espírito Santo continua a ser celebrada atualmente todo os anos no Último Domingo de Pentecostes que antecede o Advento¹⁰⁴⁵. Isso em muito se deve ao fato de que as reformas ultramontanas só começaram a ser efetivamente aplicadas em Imaruí a partir do início da década de 1960 como forma de conter as agitações populares provocadas pela devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos e o culto à Virgem Albertina através de alianças missionárias entre os Padres Dehonianos¹⁰⁴⁶ de São Martinho com a chegada dos Frades Capuchinhos de Nova Trento¹⁰⁴⁷ que assumiram a Paróquia de São João Batista do Imaruí após a saída do Padre Doutor Itamar Luiz da Costa¹⁰⁴⁸ em 1959¹⁰⁴⁹.

¹⁰⁴³ **Grifos nossos.** BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão.** Tubarão: Coan, 1997, p. 236-240.

¹⁰⁴⁴ NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino:** um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Insular, 2010, p. 99; *ibidem*, p. 108-114.

¹⁰⁴⁵ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos:** tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 118.

¹⁰⁴⁶ *Dehonianos:* sacerdotes da Ordem dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus criada por Leão XIII com o intuito de combater o socialismo junto das demais vertentes filosóficas provenientes do marxismo, ver: Cf. PALERMO, Gervásio. **Leão Dehon:** construtor social. Florianópolis: Copyflo, 1970, p. 28-37.

¹⁰⁴⁷ Sobre os ideais de *germanidade* manifestados pelos Capuchinhos do Médio Vale do Itajaí-Açu com base na repressão aos anarquistas, comunistas, socialistas e maçons enquanto personificação do *outro*, ver: OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 170-171; *ibidem*, p. 181-191

¹⁰⁴⁸ De acordo com Franklin Cascaes: “O Dr. Padre Itamar Luiz da Costa trabalhou um ano e poucos meses em Florianópolis. Homem formado na europa e com muita visão social desagradou sua excia. rvdssimo D. Joaquim D. de Oliveira que o retirou imediatamente de Florianópolis, para Imarui 1949 1950.”. Ver: Cf. CASCAES, Franklin Joaquim. 9 – Informe sobre o Padre Itamar Luiz da Costa. In: **Caderno Pequeno.** Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral/ UFSC. 1971: 67; Fato esse que nunca teria sido desmentido pelo sacerdote-doutor, ver: Cf. BESEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina.** Florianópolis: FACASC, 2015, p. 46-50; Mesmo bispo que censurou Padre Giacca, ver: Cf. OTTO, Clarícia. Um italiano na lista dos subversivos. **Esboços:** histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004, p. 95; Permaneceu na sede arquiepiscopal até 1965, ver: Cf. OTTO, *op. cit.*, 2006, p. 38; Sendo substituído por Dom Afonso Niehues, **sobrinho de Huberto Rohden**, cuja carreira eclesiástica em muito fora influenciada pelo **tio**, ver: Cf. BESEN, *op. cit.*, p. 381.

¹⁰⁴⁹ Sobre o processo de aplicação das reformas ultramontanas na região dos arredores da Lagoa Imaruí ver: Cf. COSTA, *op. cit.*, p. 51-53; Cf. DIRKSEN, Valberto. **Viver em São Martinho:** a colonização alemã no Vale do Capivari. Tubarão: Copiart, 2012, p. 104-106; *ibidem*, p. 132-134; Cf. SILVA, Kelly Caroline Noll da. **"Sangue e silêncio na mata virgem":** a construção da santidade de Albertina Berkenbrock (Santa Catarina, 1950-2008). Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa

Utilizando-se para isso das doutrinas *anticomunistas* de Pio XII alicerçadas aos ideais dehonianos contra essa mesma vertente ideológica¹⁰⁵⁰ e tendo como base a prerrogativa de construção dos ideais de *germanidade* e *açorianidade* a partir da criação da Paróquia de Cristo Rei em 1965 como recurso para um acordo final acerca do estabelecimento da territorialidade limítrofe em níveis paroquiais e municipais dos antigos núcleos de colonização alemã sobre a antiga *Serra do Imaruí*¹⁰⁵¹. *Serra do Imaruí* essa que vai desde a costa noroeste da Lagoa até as imediações das colônias de Orleans e Grão-Pará circundando todo o norte do Vale do Tubarão compreendendo os antigos caminhos das caravanas tropeiras que entrecortavam os *misteriosos* domínios do Cacique Tubá-Nharô do povo carijó-guarani nessa região, conforme apontado por João Leonir Dall' Alba (1971)¹⁰⁵² e Valberto Dirksen (2012)¹⁰⁵³. Encaixando assim perfeitamente essas localidades nas “*caixinhas étnicas*” que mais tarde serão utilizadas como parâmetro oficial de construção histórica catarinense proposto pela vertente historiográfica de Claudino Biff (1997)¹⁰⁵⁴.

Desse modo, ao migrar de Vargem do Cedro nas divisas com a costa norte da Lagoa do Imaruí, Dona Robertina assim como Dona Arina acabam por receber por parte das comunidades ítalo-brasileiras de Treze de Maio toda uma carga de estereótipos negativos associados aos conceitos de *bruxaria*, *demonolatria*, *feitiçaria*, *paganismo* e *animismo* inculcados na população local pelos discursos clericais pseudocientíficos perpetrados pelos padres Pedro Maldotti¹⁰⁵⁵, Luigi Marzano (1904)¹⁰⁵⁶, Huberto Rohden

Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2020, p. 53-60.

¹⁰⁵⁰ CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial: A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 119-126; PALERMO, *op. cit.*, p. 28-37.

¹⁰⁵¹ Sobre o repentino desaparecimento de incautos tropeiros desavisados por essas vias, ver: *Cf.* DALL'ALBA, João Leonir. **Pioneiros nas terras dos condes: história de Orleans I**. Orleans: [s.n.], 1971, p. 37-40.

¹⁰⁵² DALL'ALBA, *op. cit.*, 1971, p. 37-40.

¹⁰⁵³ DIRKSEN, *op. cit.*, p. 95-96.

¹⁰⁵⁴ **Sobre a desumanização do povo carijó-guarani**, categorizado por Claudino Biff como sendo do gênero Homo Amherindius, ou seja, não pertencente à espécie humana (Homo Sapiens sapiens), ver: BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 17; *sobre as caixinhas étnicas* pelas quais Claudino Biff propõe dividir a historiografia do sul catarinense, ver: *ibidem*, p. 18-23; *sobre as divisões étnicas por meio da territorialidade paroquial das localidades mencionadas*, ver: *ibidem*, p. 270-271; *ibidem*, p. 223-224; *ibidem*, p. 75-77; *ibidem*, p. 125-128.

¹⁰⁵⁵ AZZI, Rioldo. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988, p. 64-65.

¹⁰⁵⁶ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 72; *ibidem*, p. 123-126.

(1937)¹⁰⁵⁷, Claudino Biff (1997)¹⁰⁵⁸ e Auricélio Costa (2003)¹⁰⁵⁹ que detêm como base a construção dos ideais nacionalistas alinhados ao catolicismo ultramontano surgida a partir da formação de cunho *colonialista* da Paróquia de Urussanga. É mediante a tantas horrendas acusações que Dona Maria Ana sai em defesa de Dona Robertina e de sua sogra Dona Arina:

Sempre pontuando que as “italianas”, não acreditavam, mas recorriam a este aparato. Dna. Maria Ana, mais ponderada, quiçá preocupada com a **não associação** da imagem da Dna. Arina com **bruxarias e “macumbas”**, diz que ela não desmanchava **feitiço**, não trabalhava com isso. Ainda segundo ela, Dna. Arina dizia que tinha “um **dom** com ela assim, uma coisa dela, **não é espírita**, ela não era dessas coisa assim”.¹⁰⁶⁰ **Grifos nossos.**

¹⁰⁵⁷ ROHDEN, Huberto. **Paulo de Tarso**: o maior bandeirante do evangelho. Cruzada da Boa Imprensa: Rio de Janeiro, 1939, p. 03-09.

¹⁰⁵⁸ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 19-20; *ibidem*, p. 126.

¹⁰⁵⁹ COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos**: tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003, p. 40.

¹⁰⁶⁰ **Grifo Nosso**. RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó**: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998, p. 115.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: *Ut digni efficiamur promissionibus Christi!*

Longe de ser uma tentativa de procurar encontrar ou tecer uma origem de onde vieram, os objetivos ou até mesmo a sistematização de todo um sistema de crenças que compõem o imaginário da *bruxaria* local, o presente trabalho procura entender como as disputas políticas religiosas em seus jogos e tramas de poder no contexto regional do sul de Santa Catarina remodelou a seu modo a figura dos sujeitos *bruxos* não só em seu caráter jurídico criminal como também influenciando fortemente na consciência mítica coletiva de toda uma população. Desse modo encontramos em todo o decorrer de nosso trabalho três tipos de caso: a) sujeitos não integrados à sociedade nacional; b) sujeitos tutelados pelo estrangeiro; c) sujeitos tutelados pelo Estado.

Não levaremos em consideração a análise dos pormenores sistêmicos das perseguições políticas ocorridas na Europa com relação às *estriges romanas* e às *bruxas* da modernidade e medievo, já que esses casos possuem suas devidas peculiaridades que fogem do recorte espaço-temporal de nossa análise que se reduz à transição do Império para a Primeira República condizente ao contexto de formação da Paróquia de Urussanga. O mesmo se aplica aos casos de *metamorfose noturna* ou *êxtase xamânico*¹⁰⁶¹ manifestadas popularmente por membros das comunidades afro luso brasileiras e imigrantes advindos do Norte da Península Itálica, cujos pormenores repressivos já foram extensissimamente estudados por Sonia Maluf (1989)¹⁰⁶² e Carlo Ginzburg (2012)¹⁰⁶³ respectivamente.

Durante todo o recorte temporal que por meio de nosso trabalho que foi analisado vimos que para aqueles que foram acusados do delito de serem *bruxos* ou de praticar atos considerados análogos às práticas de *bruxaria* e *feitiçaria* poderiam acabar sofrendo por uma série de variados tormentos conforme seu demarcador social podendo variar dentro de uma diversidade de penas à nível civil-jurídico e religioso que procuraremos expor por meio dos exemplos a seguir:

¹⁰⁶¹ Ambos são explicações para o mesmo fenômeno da presença espiritual *bruxólica*, diferenciando-se pelo fato de a *metamorfose* ser uma transfiguração da forma humana para uma nova através da materialidade do espírito, sendo que este no *êxtase xamânico* precisaria antes sair do corpo para só a partir daí então dar continuidade às suas atividades *bruxólicas*. Ver: MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos:** análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989, p. 121-143; GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 194-217.

¹⁰⁶² MALUF, *op. cit.*, p. 121-143;

¹⁰⁶³ GINZBURG, *op. cit.*, p. 194-217.

Sujeitos não integrados à sociedade nacional: é o caso das comunidades indígenas xokleng-laklãnõ que ao se recusarem se assimilar às sociedades coloniais acabaram sofrendo as sentenças de *morte* e *massacre* de toda sua família e declaração de *guerra justa*. Ao se tornarem prisioneiros de guerra sobreviventes acabaram por sofrer *assimilação forçada*, *estupro*, *imposição linguística* e *repressão ritualística*. Também é o caso dos caboclos da região da serrana que culminou na *Guerra do Contestado* e que de acordo com Duglas Monteiro (1990)¹⁰⁶⁴ e Élio Cantalício Serpa (1997)¹⁰⁶⁵ acabaram por sofrer também as sentenças de *guerra justa* e *imposição ritualística*.

Sujeitos tutelados pelo estrangeiro: é o caso dos imigrantes itálicos sob tutela do Reino da Itália no Brasil que ao se recusarem a aderir as políticas de construção da *italianidade* impostas pelos agentes do Consulado Italiano poderiam sofrer as seguintes penas de: *degredo*, *multa*, *prisão*, *internação forçada*, *cassação de diploma*, *imposição linguística*¹⁰⁶⁶ e *repressão ritualística*.

O mesmo se aplica também aos clérigos tutelados pelo Estado do Vaticano (Santa Sé)¹⁰⁶⁷ que ao manifestarem atitudes e comportamentos considerados reprováveis pelos agentes consulares enquanto porta-vozes da *italianidade* ou qualquer outra forma de dissidência política análoga às práticas de *bruxaria* e *feitiçaria* são penalizados com penas mais brandas como a *censura* de suas obras e o *degredo* para a Itália ou no “*pior*” de todos os casos: *transferência para a Lagoa do Imaruí* ou para a região serrana de *Lages* e *São Joaquim*, que conforme podemos verificar por meio dos depoimentos de Claudino Biff (1997)¹⁰⁶⁸ e Aujor Ávila (1999)¹⁰⁶⁹ respectivamente, eram considerados destinos tão

¹⁰⁶⁴ MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado**. In: FAUSTO, Boris (dir.) *História geral da civilização brasileira. O Brasil Republicano – sociedade e instituições (1889-1930)*. 4ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 1990, p. 71-85.

¹⁰⁶⁵ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 69-77.

¹⁰⁶⁶ A imposição linguística em questão é a do italiano sobre os dialetos locais vindos da Península Itálica junto aos adquiridos no Brasil, o famoso *talian brasileiro*, que impediu em muito a comunicação do Padre Luigi Marzano com a população de Urussanga durante seus primeiros meses como pároco na Paróquia. Ver: Cf. MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 129-130.

¹⁰⁶⁷ *Santa Sé*: órgão responsável pela administração da territorialidade do Vaticano não só na região correspondente ao seu atual Estado como de todos os seus núcleos espalhados ao redor do mundo, ou, seja, absolutamente todas as igrejas e capelas que possuem sua *pedra d'ara* com a devida verificação episcopal em dia, ver: Cf. CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial**: A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 15-17; Cf. SANZI, Roger. Feitiço e fetiche no Atlântico moderno. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51 n° 1, 2008, p. 134.

¹⁰⁶⁸ BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997, p. 125-128.

¹⁰⁶⁹ LUZ, Aujor Ávila da. **Os fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos (contribuição para o estudo de antropológia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina). 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999, p. 114.

temíveis quanto o *degredo* pelas elites sacerdotais e intelectuais da época. O mesmo se aplica para as freiras da Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus que são transferidas para a região serrana de Campo Largo nas proximidades de Curitiba de acordo com Lucimary Vendramini (2003)¹⁰⁷⁰.

Sujeitos tutelados pelo Estado: O mesmo se aplica a todos os demais membros da sociedade nacional brasileira que sob a imposição das reformas ultramontanas e higienistas com base nos parâmetros positivistas republicanos poderiam sofrer as penas de: *internação forçada*¹⁰⁷¹, *prisão*, *multa*, *cassação de diploma* e *repressão ritualística*.

Ao analisarmos os denominadores comuns sobre todas essas penas acima listadas verificamos que a repressão ritualística é o único denominador comum que permeia ambos os três casos tão somente. É dentro desse sistema que passam a ser redefinidas constantemente as concepções de *feitiçaria* e *bruxaria* conforme os interesses diplomáticos em disputa pelas classes dominantes garantindo assim o controle e a continuidade do direito à propriedade privada de seres humanos através da tutela estatal conforme os padrões positivistas¹⁰⁷² eurocêntricos defendidos tanto pelo Padre Luigi Marzano (1904)¹⁰⁷³ como pelos próprios regimes imperial¹⁰⁷⁴ e republicano¹⁰⁷⁵ em parceria com as políticas de imposição da italianidade exercidas pelo Consulado¹⁰⁷⁶ por meio da manutenção da continuidade dos privilégios garantidos sobre o controle da

¹⁰⁷⁰ VENDRAMINI, Lucimary. **Urussanga: da escola italiana à escola pública.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2008, p. 32-33.

¹⁰⁷¹ Para uma melhor análise de como a imposição desses parâmetros higienistas do período da Primeira República se deram mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, ver: Cf. ALBINO, Jefferson Nascimento. **Na imprensa, entre leis e ciências: o curandeirismo em questão na Primeira República (1890-1899).** Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021, p.161-169; Para uma análise mais aprofundada de como esses parâmetros afetaram no desenvolvimento dos estudos da psicologia acerca do fenômeno da *bruxaria* associado à *loucura* e sua devida psiquiatrização sob uma perspectiva antirracista e decolonial, ver: RAMOS, Ana Carolina Dias. **Travessias desnorteadoras: ensaios decoloniais e suas tessituras dos estudos da bruxaria e da loucura.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021, p. 62-83.

¹⁰⁷² AMORIM, Adriana Monteferrari. **O Projeto de uma Ciência Moral: A Religião em Auguste Comte.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Juiz de Fora, 2007, p. 30-57; RECLUS, Eliséé. **Evolução, Revolução e Ideal Anarquista.** Biblioteca Sociologica: São Paulo, 1904, p. 13-19.

¹⁰⁷³ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil.** Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985, p. 72.

¹⁰⁷⁴ ARNS, Alice Bertoli. **Laguna: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja.** Curitiba: Imprimax, 1975, p. 64-65; SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011, p. 19-58.

¹⁰⁷⁵ ALBINO, *op. cit.*, p. 01-12; RAMOS, *op. cit.*, p. 98-119.

¹⁰⁷⁶ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930).** Florianópolis: Insular, 2006, p. 86-96.

população por vias religiosas através das doutrinas de *regalismo* e *padroado* ajustadas à república por meio da partidarização do ultramontanismo¹⁰⁷⁷.

Teoria essa também defendida por Elisée Reclus (1904)¹⁰⁷⁸ ao analisar a repressão das classes dominantes sobre as classes subalternizadas por meios religiosos durante o Principado Romano, cujo poder religioso ficava centralizado nas mãos do Imperador dando origem assim à construção do imaginário das *estriges* e dos *crimen magiae* apontados por Semiramis Corsi (2023)¹⁰⁷⁹. Argumento esse utilizado para refutar o positivismo por meio da exemplificação da Ascensão do Cristianismo enquanto novo causador de perseguições políticas por questões religiosas¹⁰⁸⁰, conforme podemos verificar também durante as ondas de Caça às Bruxas na Europa durante a Modernidade e Medievo por meio das obras de Carlo Ginzburg (2010; 2012)¹⁰⁸¹, Julio Baroja (1998)¹⁰⁸² e Silvia Federici (2017)¹⁰⁸³.

Para operar essas perseguições durante a transição de regimes autoritários é que se torna necessário então que se crie um novo duplo divinizado para substituir o pré-existente que antes dominava as classes subalternizadas de acordo com os ditames do governo anterior conforme apontado por Mikhail Bakunin (2011)¹⁰⁸⁴. É desse modo então que a partir da recepção das doutrinas religiosas do novo sistema passam a se definir os sujeitos que irão compor a sociedade estatal ou serão totalmente eliminados dela, passando a serem associados e identificados com as concepções de *santidade* e *bruxaria* conforme seu grau de aproximação receptiva para com o novo duplo divinizado¹⁰⁸⁵.

Modus operandi sistemático esse que torna-se necessário não somente para o controle ideológico das classes subalternizadas pelas classes dominantes como também para a tomada de posse das elites sobre os espaços de devoção religiosa enquanto

¹⁰⁷⁷ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo - Reforma. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 24-26; *idem*. Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). *Itinerantes: Revista de História y Religión*, San Miguel de Tucumán, n. 5, 2015, p. 87-88.

¹⁰⁷⁸ RECLUS, Elisée. *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*. Biblioteca Sociológica: São Paulo, 1904, p. 13.

¹⁰⁷⁹ SILVA, Semiramis Corsi. Gênero e Magia em Roma: as feiticeiras Canídia e Ságana na Sátira I, 8 de Horácio. In: SILVA, Semiramis Corsi, MARQUETTI, Flávia Regina & FUNARI, Pedro Paulo (Org.). **Magia, encantamentos e feitiçaria**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023, p. 327-332.

¹⁰⁸⁰ RECLUS, *op. cit.*, p. 13-19.

¹⁰⁸¹ GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 138-196; *Idem*. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012, p. 294-311.

¹⁰⁸² BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 98-153.

¹⁰⁸³ FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**. Editora Elefante: São Paulo, 2017, p. 235-284.

¹⁰⁸⁴ BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Hedra, 2011, p. 37-47.

¹⁰⁸⁵ BAKUNIN, *op. cit.*, p. 37-47; OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 181.

ambientes no qual as massas da população subalternizada exercem seu direito ao luxo, conforme apontado por Piotr Kropotkin (2011)¹⁰⁸⁶. Fator esse essencial para o desenvolvimento das perseguições à *bruxaria* enquanto forma de *acumulação primitiva de capital*¹⁰⁸⁷, garantindo assim a manutenção da luta de classes frente às novas demandas econômicas geradas pelo sistema, conforme apontado por Silvia Federici (2017)¹⁰⁸⁸ ao analisar as ondas de *Caça às Bruxas* na Europa durante a Modernidade e o Medievo, demarcando assim a transição de um sistema de produção agrária para a industrialização capitalista, principalmente no que tange às questões étnico-culturais dentro do *colonialismo*. Fator esse também que explicaria a criação de um novo missal ou mudança brusca no calendário litúrgico, acompanhando as mudanças vigentes no sistema econômico das potências imperialistas europeias a cada nova onda de perseguição à *bruxaria* conforme pudemos verificar anteriormente durante todo o decorrer de nosso trabalho por meio das obras de Wagner Stefani (2015)¹⁰⁸⁹ e Rafael Maciel (2023)¹⁰⁹⁰ em conjunção aos trabalhos de Julio Caro Baroja (1998)¹⁰⁹¹.

Dessa forma concluímos que os conceitos de *animismo*¹⁰⁹², *bruxaria*¹⁰⁹³ e *feiticeira*¹⁰⁹⁴ são todos inventados como forma de manutenção do sistema de governança do poder vigente das elites dominantes por meio de seus mecanismos de opressão que consistem na dominação do *Mercado* e do *Estado* sobre os sujeitos das classes subalternizadas que compõem a *sociedade civil* com base no controle do monopólio do direito, da verdade e do poder de acordo com Michel Foucault em suas reflexões teóricas

¹⁰⁸⁶ KROPOTKIN, Piotr Alexeyevich. **A Conquista do Pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p. 72-81.

¹⁰⁸⁷ Acerca da conceitualização de *acumulação primitiva de capital* cunhado por Karl Marx enquanto fator preponderante para a transição de um sistema agrário para a industrialização necessária para o surgimento do *capitalismo*, ver: MARX, Karl H. A Chamada Acumulação Primitiva. In: **O Capital** (Crítica de Economia Política). Livro 1, Vol. 2. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 828-831.

¹⁰⁸⁸ FEDERICI, *op. cit.*, p. 413-418.

¹⁰⁸⁹ STEFANI, Wagner Apécido. **A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015, p. 71-89.

¹⁰⁹⁰ MACIEL, Rafael Silva. A História do Missal Romano: Um Livro Litúrgico para a Celebração do Mistério. **Ars Celebrandi: Revista de Liturgia**, Curitiba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2023, p. 14-22.

¹⁰⁹¹ BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998, p. 98-153.

¹⁰⁹² SERAFIM, Vanda Fortuna. Os Conceitos “Fetichismo” e “Animismo” no Discurso de Nina Rodrigues. **Em Tempo de Histórias**, Brasília, n. 15, jul./dez. 2009, p. 64-65; PIRES, Rogério Brites W. Pequena história da ideia de fetiche religioso: de sua emergência a meados do século XX. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2011, p. 78-80.

¹⁰⁹³ PIRES, *op. cit.*, p. 62-67.

¹⁰⁹⁴ BAROJA, *op. cit.*, p. 300-301; Cf. SILVA, Semiramis Corsi. Gênero e Magia em Roma: as feiticeiras Canídia e Ságana na Sátira I, 8 de Horácio. In: SILVA, Semiramis Corsi, MARQUETTI, Flávia Regina & FUNARI, Pedro Paulo (Org.). **Magia, encantamentos e feiticeira**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023, p. 327-332.

conforme apontado por Isabella Ferreirinha e Tânia Reitz (2010)¹⁰⁹⁵. Conceitos esses que tem como base apenas pressupostos baseados em estereótipos mentirosos acerca do *outro* e todos derivados da tradição inventada dos *nacionalismos* conforme apontado por Patrick Geary (2005)¹⁰⁹⁶ ao analisar esse mesmo fenômeno dentro do paradigma religioso durante a Antiguidade e Medievo de que forma isso influenciou na construção das *ideologias nacionalistas*¹⁰⁹⁷ inventadas a partir do século XIX e das quais tem se fundamentado a vertente historiográfica dos padres-historiadores do sul catarinense conforme pudemos ver exemplificado em todo decorrer de nosso trabalho¹⁰⁹⁸.

Conceitos de *animismo*, *bruxaria* e *feitiçaria* que precisam ser urgentemente desconstruídos para que assim se evitem ao máximo possível os usos deturpados da ciência histórica conforme denunciados por Marc Bloch (2001) ao se perguntar: “*É possível acreditar que a história teria nos enganado?*”¹⁰⁹⁹ logo após ele também ter sido vítima desses termos aplicados à sua pessoa enquanto *judeu*¹¹⁰⁰ conforme estabelecido pelo Padre Huberto Rohden (1937)¹¹⁰¹ em continuidade à vertente historiográfica dos padres historiadores do sul de Santa Catarina iniciada pelo Padre Luigi Marzano (1904)¹¹⁰². E é por meio desse estudo de caso que reafirmamos o pedido do constante estado de cuidado e **ALERTA** que devem se manter todos aqueles *sacerdotes e leigos* que ousam exercer o tão nobre ofício do historiador considerado por Marc Bloch (2001) como “*a mais difícil de todas as ciências*”¹¹⁰³. **AMEN.**

¹⁰⁹⁵ FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes & RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, 2010, p. 369-373.

¹⁰⁹⁶ GEARY, Patrick. **O Mito das Nações: A invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad Livros, 2005, p. 70-73.

¹⁰⁹⁷ Incluindo-se também o *ultramontanismo* nesse meio. Ver: Cf. CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial: A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 15-18; SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo - Reforma. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010, p. 24-26.

¹⁰⁹⁸ GEARY, Patrick. **O Mito das Nações: A invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad Livros, 2005, p. 42-55.

¹⁰⁹⁹ BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou O Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 43.

¹¹⁰⁰ Sobre os estudos de Marc Bloch acerca da mentalidade religiosa das camadas populares frente aos poderes sobrenaturais de cura pertinentes ao *laicato* enquanto possível método alternativo menos nocivo, mas não menos enganoso de se escapar de possíveis erros da ciência, conforme condenado por Huberto Rohden, ver: Cf. *Idem*. **Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio**, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 279.

¹¹⁰¹ ROHDEN, Huberto. **Paulo de Tarso: o maior bandeirante do evangelho**. Cruzada da Boa Imprensa: Rio de Janeiro, 1939, p. 03-09.

¹¹⁰² SPINDOLA, Marina Paiano. **As representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores da região sul de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2018, p. 31-37;

¹¹⁰³ BLOCH, *op. cit.*, 2001, p. 47.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE LETRAS DOS CAMPOS GERAIS. **Francisco Burzio**. Cadeira 19: Patrono. Disponível em: < <https://www.academialetrascamposgerais.org/academicos/francisco-burzio> >. Acesso em: 03 out. 2025.

AMBROZIO, Cláudio. João Batista Scalabrini e sua atuação junto aos migrantes. **TRAVESSIA - revista do migrante**, São Paulo, v. 11, n. 30, 1998.

AMORIM, Adriana Monteferrari. **O Projeto de uma Ciência Moral: A Religião em Auguste Comte**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Juiz de Fora, 2007.

ALBINO, Jefferson Nascimento. **Na imprensa, entre leis e ciências: o curandeirismo em questão na Primeira República (1890-1899)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021.

ÁLVARES, Miguel Madueño. Guerrilleros de Cristo Rey: El brazo armado de la extrema derecha en los primeros años de la Transición. **La Razón Histórica: Revista hispanoamericana de Historia de las Ideas**, n. 35, 2017.

ALVES, Marcia. **Entre a folia e a sacristia: as (re) significações e intervenções da elite clerical e civil na festa do divino em Florianópolis (1896-1925)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1999.

ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos, “nuvem de gafanhotos”?. In: Boni, Luís Alberto de (Org.). **A Presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Edições Est, 1990.

ARNS, Alice Bertoli. **Laguna: uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja**. Curitiba: Imprimax, 1975.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo**, 1897. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

AUGÉ, Matias. **Ano Litúrgico: É o próprio Cristo presente na sua Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2019.

A VÁRZEA. **Festa de E. Santo**. Anno I, n. 1, Tubarão, 27 jul. 1904. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884375/1> >. Acesso em: 27 out. 2024.

_____. **Resenha do Foro**. Anno I, n. 4, Tubarão, 27 jul. 1904. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884375/5> >. Acesso em: 27 out. 2024.

_____. **Festa do Espírito Santo**. Anno I, n. 4, Tubarão, 27 jul. 1904. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884375/5> >. Acesso em: 27 out. 2024.

A VERGASTA. **A Polônia**. Anno I, n. 1, Urussanga, 08 dez. 1904. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ayergasta/YER1904001.pdf> >. Acessado em: 06 jan. 2023.

_____. **Badaladas NO!**. Anno I, n. 1, Urussanga, 08 dez. 1904. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ayergasta/YER1904001.pdf> >. Acessado em: 06 jan. 2023.

ÁVILA, César. **Revelações de um médico**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

AZEREDO, Carlos de. O reino de Portugal e o Bloqueio Napoleónico. **História**: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 10, 2018.

AZEVEDO, Vanda Alves Torres de. **Ìyàmi**: Símbolo Ancestral Feminino no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC/SP, Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo, 2006.

AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina**: A atuação salesiana em prol dos imigrantes, 1916-1941. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988.

_____. **A Igreja Católica no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945)**. Síntese: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 7, n. 19, 1980.

BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Hedra, 2011.

BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes**: sua historia costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina. [Criciúma]: [s. n.], 1991.

BARBOSA, Ewerson Joabe de Melo Ribeiro. A (im)pertinência de normatização constitucional acerca do princípio da ampla disposição do próprio corpo: Body Modification. **Revista de Direito UNIFACEX**, Natal, v. 8, n.1/2, 2018.

BAROJA, Julio Caro. **As bruxas e o seu mundo**. Lisboa: Vega, 1998.

BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2004.

BERTONCINI, Sandra da Silva. **Acorde São Joaquim**: identidade local e vocação turística. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2011.

BESSEN, José Artulino. **História de padres em Santa Catarina**. Florianópolis: FACASC, 2015

BIFF Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997.

BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992.

BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou O Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Os Reis Taumaturgos:** O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. **Promulga o Código Penal.** Rio de Janeiro: Presidência da República, 1890.

BRITTO, Michelle Carolina de. Episcopado, clero regular e regalismo na América portuguesa. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 42, n. 87, 2021.

BRUNELLO, Piero. **Trofei e prigionieri:** una foto ricordo della colonizzazione in Brasile. Verona: Cierre edizioni, 2020.

BÚRIGO, Tânia Bernadete Serafim. **Grupo Escolar Professor Padre Schüller – Educação, História e Memória em Cocal do Sul – Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2008.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. O anarquismo na geografia de Elisée Reclus. **Elisée:** Revista de Geografia da UEG. Anápolis, v. 1, n.1, 2012.

CARLETTI, Anna. **O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial:** A diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

CASCAES, Franklin Joaquim. 9 – Informe sobre o Padre Itamar Luiz da Costa. In: **Caderno Pequeno.** Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral/ UFSC. 1971: 67

CATECISMO ROMANO. Catecismo dos párocos, redigido por decreto do Concílio Tridentino. Tradução: MARTINS, Frei Leopoldo Pires. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1951.

CODEX IURIS CANONICI. Vaticano: Tipografia Pontifícia, 1918.

COSTA, Auricélio. **Imaruí do Senhor dos Passos:** tópicos para a construção da história de Imaruí de Passos. Imaruí (SC): [s.n.], 2003.

COSTA, Gustavo Marangoni. **Entre contrabando e ambigüidades:** outros aspectos da República Juliana Laguna/SC – 1836-1845. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2006.

COSTA, Paulo Ferreira da. Sons do tempo: usos sociais e simbólico do sino na cultura popular. In: SEBASTIAN, Luis. **História da fundição sineira em Portugal:** trajectos da História. Coruche: Câmara Municipal, 2008

CUSTÓDIO, Diego Fernandes. **Estudo do meio como possibilidade para uma educação libertadora:** a festa do Divino Espírito Santo de Mirim (Imbituba) como tema

gerador. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação, Tubarão, 2021.

CRESTANI, Taiza Gabriela Zanatta; COLOGNESE, Silvio Antônio; BAVARESCO, Paulo Ricardo. A construção do conceito de caboclo como demarcador social de inferioridade no sul do Brasil. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 27, n. 54, 2020.

CRIRI, Voia. **Impactos da colonização e da barragem norte sobre a espiritualidade do povo Laklânõ/Xokleng**: memórias do ritual do Pétogdé. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020.

DALL'ALBA, João Leonir. **Pioneiros nas terras dos condes**: história de Orleans I. Orleans: [s.n.], 1971.

DIAS, Maria Odila. A interiorização da metrópole, 1808-1853." In: MOTA, Carlos Guilherme. (Org.). **1822: Dimensões**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

DIRKSEN, Valberto. **Viver em São Martinho**: a colonização alemã no Vale do Capivari. Tubarão: Copiart, 2012.

DUARTE, Janluis. **Os bruxos do século XX**: neopaganismo e invenção de tradições na Inglaterra do pós-guerra. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**. Editora Elefante: São Paulo, 2017.

FEIJÓ, Julianne Holder da Câmara Silva. A Teoria da Bondade Natural e a Regulação da Questão Indígena no Brasil. **Revista de Direito Setorial e Regulatório**, Brasília, v. 2, n. 2, out. de 2016.

FELDHAUS, Fabiano. O conflito do Contestado como espaço de representação do sagrado: dos monges ao ícone São João Maria. **Revista RA'E GA – O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 27, 2013.

FELLER, Vitor Galdino. Elementos básicos para uma teologia sobre o Espírito Santo. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000.

FERNANDES, Josué Corrêa. **Confeitaria em principal avenida de PG promoveu fascismo**. DC Mais, Ponta Grossa, 21 de jun. de 2024. Disponível em: < <https://dcmais.com.br/blogs/memoriaviva/confeitaria-em-principal-avenida-de-pg-promoveu-fascismo/> >. Acesso em: 03 out. 2025.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, 2010

FIGUEIREDO, Gabriela Freitas. **Festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens**: Patrimônio Imaterial de Araranguá. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016.

FILHO, Alcides Goularti. A Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina na formação do complexo carbonífero de Santa Catarina. **XXI Jornadas de Historia Económica**, Buenos Aires, 2008.

FONTES, Paulo. A institucionalização da Acção Católica Portuguesa e a festa de Cristo-Rei. **Lusitania Sacra**, Lisboa, n. 19-20, 2007.

FRAGA, Isabela. O crânio-celebridade: Antônio Conselheiro e o fracasso da degeneração racial. **Revista PHILIA** | Filosofia, Literatura & Arte, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2021.

FRANCO, Maria da Conceição Vilela. A Igreja e o Padroado: o clero secular e as ordens regulares na América portuguesa (séculos XVI-XVIII). In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; AMANTINO, Marcia (Org.). **Franciscanos, jesuítas e beneditinos na América colonial, séculos XVI-XVIII**. São Leopoldo: Oikos, 2023.

GAKRAN, Nanblá. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Laklânô (Xokleng) “Jê”**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudo de Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005.

GANDRA, Manuel. O Império do Divino. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000.

GIRAUDO, Cesare. “In Persona Christi” – “In Persona Ecclesiae”: Fórmulas Eucarísticas à Luz da “Lex Orandi”. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 42, n. 117, 2010.

GINZBURG, Carlo. Lorenzo Valla e a doação de Constantino. In: **Relações de Força: História, retórica, prova**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. **O Queijo e os Vermes**. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

_____. **Os Andarilhos do Bem**. Companhia das Letras: São Paulo, 2010.

_____. **História Noturna**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.

GRECO, Heloisa Amélia. **Dimensões Fundacionais da Luta pela Anistia**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas. Curso de Pós-Graduação das Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2003.

GREGÓRIO XVI. **Mirari vos**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1832.

HIPONA, Agostinho de. **Confissões**. Paulus: São Paulo, 2013.

HOLOWATE, Isaias. Entre Diálogos, Negociações e Mediações: a configuração social do Diário Dos Campos e as representações eugênicas. **Revista Profanações**, Mafra, v. 06, 2019.

INOCÊNCIO VIII. A bula de Inocêncio III. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

IL COLONO. **“Monsignor Scalabrini”**. Anno I, n. 1, Urussanga, 21 out. 1904. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2024.

_____. **Urussanga**. Anno I, n. 1, Urussanga, 21 out. 1904. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2024.

_____. **Laguna, 19 de Outubro de 1904**. Anno I, n. 1, Urussanga, 21 out. 1904. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2024.

JOCHEN, Toni Vidal. **A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da igreja católica (1860 – 1910)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2002.

KARAWEJCZYK, Mônica. **As Filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c. 1850-1932)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2013.

KNEE, Stuart E. The strange alliance: Mussolini, Pope Pius XI, and the Lateran treaty. **Mediterranean Historical Review**, Tel Aviv, v. 6, n. 2, 1990.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

KROPOTKIN, Piotr Alexeyevich. **A Conquista do Pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

LEÃO XIII. **Humanum Genus**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1884.

LIMA, Cauana Harz de. **O deus do êxtase e o masculino anticristão: um estudo comparado entre as figuras condutoras dos Bacanaís e dos Sabás das bruxas**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Florianópolis: UFSC, 2022.

LOCATELLI, Eloise Salvaro. **Um Olhar para Siderópolis: a cultura local na escola**. TCC (Graduação) - Licenciatura em Artes Visuais. Criciúma: UNESC, 2018.

LUPI, João. A doutrina de Joaquim de Fiore sobre o Espírito Santo. In: ALVES, Joi Cletison (Org.). **Anais do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis: UFSC, 2000.

LUZ, Aujor Avila da. **Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos** (contribuição para o estudo de antropológica criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina). 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Política de colonização no Império**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

MACIEL, Rafael Silva. A História do Missal Romano: Um Livro Litúrgico para a Celebração do Mistério. **Ars Celebrandi** – Revista de Liturgia, Curitiba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2023.

MALUF, Sônia Weidner. **Encontros perigosos:** análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1989.

MANARIN, Karina. **Universidade do Sul restaura imagens feitas por imigrantes há 134 anos.** ND Mais, Florianópolis, 12 de ago. de 2021. Disponível em: < <https://ndmais.com.br/cultura/universidade-do-sul-restaura-imagens-feitas-por-imigrantes-ha-134-anos/> >. Acesso em: 03 out. 2025.

MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. **Bleyer, Sartori e Bertoni:** singulares imigrantes colonizadores de ideias. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013.

MARCÍLIO, Maria Luiza. O Povo na Igreja do Brasil Tradicional: Indicações Documentais para uma História do Catolicismo Popular Brasileiro, da Colônia aos Meados do Século XIX. In: **Para Uma História da Igreja na América Latina** (O debate metodológico). Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana:** Centenário de Urussanga. Criciúma: s.n., 1978.

MARX, Karl H. A Chamada Acumulação Primitiva. In: **O Capital** (Crítica de Economia Política). Livro 1, Vol. 2. São Paulo: DIFEL, 1982.

MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil.** Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985.

MÉRIDA, Cristiane Brandão Augusto. **O cérebro criminógeno na antropologia criminal do século XIX:** um estudo sobre a etiologia do crime a partir da medicalização da sociedade. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MESSINA, Marcello. Contra o Museu de Antropologia Criminal ‘Cesare Lombroso’, em Turim, Itália: ‘corpos-troféus’, ‘vergonha in vitro’, e ‘atavismo colonial’. **Anais do 30º Simpósio Nacional de História – História e o futuro da educação no Brasil.** Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil: Recife, 2019.

MIRANDA, Mario de França. “Um Catolicismo Plural?”. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 25, n. 65, 1993.

MISSAL ROMANO QUOTIDIANO. Petrus/Artpress: Campinas, 2015.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FAUSTO, Boris (dir.) **História geral da civilização brasileira.** O Brasil Republicano – sociedade e instituições (1889-1930). 4ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 1990.

MOREIRA, José Cristiano Mansur. Cristofascismo e o integrismo católico: na construção do ideal de um Jesus bélico. In: PAOLOZZI, Mariana; NUNES, Marcus Vinicius [et al.]. **O sujeito dos afetos entre a religião e a política: narrativas de um Brasil**. Cachoeirinha: Fi, 2023.

MUNIZ, Veyzon Campos. O caso Olga Benario Prestes: um estudo crítico sobre o habeas corpus nº 26.155/1936. **Direito & Justiça**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 36-60, jan./jun. 2011.

MUSSI, Daniela. Antônio Gramsci e a questão feminina. **Tempo Social**, São Paulo, v. 31, n. 2, 2019.

NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2010.

O' BRIEN, Albert C. Benito Mussolini, Catholic Youth, and the Origins of the Lateran Treaties. **Journal of Church and State**, Oxford, v. 23, n. 1, 1981.

O CAMPONEZ. **Editais de Qualificação de Eleitores**. Ano I, n. 11, Urussanga, 29 jan. 1933. Disponível em: <
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932011.pdf> >.
 Acessado em: 22 jun. 2024.

_____. **Editais de Qualificação de Eleitores**. Ano I, n. 12, Urussanga, 05 fev. 1933. Disponível em: <
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932012.pdf> >.
 Acessado em: 22 jun. 2024.

_____. **24ª Zona Eleitoral Município e Comarca de Urussanga** Ano I, n. 16, Urussanga, 05 mar. 1933. Disponível em: <
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932016.pdf> >.
 Acessado em: 22 jun. 2024.

_____. **Editais de Qualificação de Eleitores**. Ano I, n. 17, Urussanga, 12 mar. 1933. Disponível em: <
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932017.pdf> >.
 Acessado em: 22 jun. 2024.

_____. **SERVIÇO ELEITORAL: Relação dos cidadãos qualificados pelo Doutor Juiz Eleitoral**. Ano I, n. 18, Urussanga, 19 mar. 1933. Disponível em: <
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932018.pdf> >.
 Acessado em: 22 jun. 2024.

_____. **SERVIÇO ELEITORAL: Relação dos cidadãos qualificados pelo Doutor Juiz Eleitoral**. Ano I, n. 19, Urussanga, 26 mar. 1933. Disponível em: <
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932019.pdf> >.
 Acessado em: 22 jun. 2024.

_____. **Apresentai-vos!**. Ano I, n. 20, Urussanga, 02 abr. 1933. Disponível em: <
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ocamponez/1932/CPZ1932020.pdf> >.
 Acessado em: 22 jun. 2024.

O ESTADO. **O Charlatanismo e suas Deploráveis Consequências**. Anno XVI, n. 5167, Florianópolis, 18 dez. 1930. Disponível em: < <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/887560/1> >. Acesso em: 27 out. 2025.

O IMPARCIAL. **Dr. Cesare Sartori**. Anno 8, n. 27, Lages, 28 nov. 1903. Disponível em: < <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/oimparcial%20lages/IML1903027.pdf> >. Acesso em: 27 out. 2025.

OTTO, Clarícia. Um italiano na lista dos subversivos. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004.

_____. As Cicatrizes da Imigração. In: RADIN, José Carlos. **Cultura e identidade italiana no Brasil**: algumas abordagens. UNOESC: Joaçaba, 2005.

_____. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006.

PAIVA, José Pedro. **Magia e Superstição num País sem “Caça às Bruxas” – 1600-1774**. Editorial Notícias: Lisboa, 1997.

PALERMO, Gervásio. **Leão Dehon**: construtor social. Florianópolis: Copyflo, 1970, p. 28-37.

PEREIRA, Breno Anastácio. **Luigi Marzano**: relações políticas e discursos de italianidades. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2017.

PIO IX. **Qui Pluribus**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1846.

PIO X. **Pacendi Dominici Gregis**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1907.

_____. **Lamentabili Sane Exitu**. Faculdade Católica de Belém: Belém, 2020.

PIO XI. **Quas Primas**. Livraria Editora Vaticana: Vaticano, 1925.

PIRES, Rogério Brittes W. Pequena história da ideia de fetiche religioso: de sua emergência a meados do século XX. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2011.

PREFEITURA DA CIDADE DE TUBARÃO. **Tubaronenses homenageiam Nossa Senhora da Piedade, no sábado (15)**. Prefeitura Tubarão: Tubarão, 15 de set. de 2018. Disponível em < <https://tubarao.sc.gov.br/noticia-512941/> >. Acesso em 07 de out. de 2025.

_____. **Festa de Nossa Senhora da Piedade volta a acontecer depois de dois anos de pandemia**. Prefeitura Tubarão: Tubarão, 05 de set. de 2022. Disponível em < <https://tubarao.sc.gov.br/noticia-746161/> >. Acesso em 07 de out. de 2025.

PRIPRA, Acir Caile. **Koplág**: o ritual de previsão Xokleng/Laklãnõ. ". TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020.

PRIPRA, Lalan. **As Práticas de Autoatenção:** Gravidez e Pós-parto entre as mulheres Laklânô/Xokleng na Terra Indígena Laklânô. TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2015.

POPÓ, Carli Caxias. **Cosmologia na Visão Xokleng.** TCC (Graduação) – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Terra Indígena Ibirama Laklânô: UFSC, 2015.

RAMOS, Ana Carolina Dias. **Travessias desnorteadoras:** ensaios decoloniais e suas tessituras dos estudos da bruxaria e da loucura. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RÉCHIA, Karen Christine. **Lembranças íntimas de minha avó:** partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio - SC. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1998.

RECLUS, Eliséé. **Evolução, Revolução e Ideal Anarquista.** Biblioteca Sociologica: São Paulo, 1904.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista brasileira de educação**, v. 15, 2010.

ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. **Ciência e Ideologia:** análise do “discurso polêmico antimágico” na teoria intelectualista da magia de Edward Tylor e James Frazer. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em História. João Pessoa: 2019.

ROHDEN, Huberto. **Mulheres Brasileiras — Inimigas de Cristo.** In: STAFFETTA RIOGRANDENSE. Anno XXIV, n. 19, Garibaldi, 21 set. 1932. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/882038/3138> >. Acessado em: 06 jan. 2023.

_____. **Paulo de Tarso: o maior bandeirante do evangelho.** Cruzada da Boa Imprensa: Rio de Janeiro, 1939.

ROSA, Frederico Delgado. Edward Tylor e a extraordinária evolução religiosa da humanidade. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, São Paulo, v. 19, n. 19, 2010.

RUDY, Antônio Cléber. **Os Silêncios da escrita:** a historiografia em Santa Catarina e as experiências libertárias. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História. Florianópolis, 2009.

SANSI, Roger. Feitiço e fetiche no Atlântico moderno. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51 n° 1, 2008, p.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo - Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2010.

_____. Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). **Itinerantes**: Revista de Historia y Religión, San Miguel de Tucumán, n. 5, 2015.

SANTOS, Livia Guimarães Torquetti dos. Pomadas, poções e unguentos: as reuniões secretas diabólicas em manuscritos Alpinos do século XV. In: SILVA, Semiramis Corsi, MARQUETTI, Flávia Regina & FUNARI, Pedro Paulo (Org.). **Magia, encantamentos e feitiçaria**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023.

SANTOS, Vanicléia Silva. **As bolsas de mandinga no espaço Atlântico: Século XVIII**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2008.

SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2011.

SERAFIM, Vanda Fortuna. Os Conceitos “Fetichismo” e “Animismo” no Discurso de Nina Rodrigues. **Em Tempo de Histórias**, Brasília, n. 15, jul./dez. 2009.

SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Catolicismo popular no planalto serrano catarinense (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, 1989.

_____. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SERRADOR, Sofía Rodríguez; GARCÍA, Rafael Serrano. Aspectos de la Piedad Nacionalcatólica em España em Tiempos de Guerra Civil: Vallaloid, 1936-1941. **Archivio italiano per la storia della pietà**, Roma, v. 32, 2019.

SILVA, Ana Rosa Cloclet da; COSTA, Estela Maria Frota da. A Igreja Católica Perante a Modernidade: Uma Análise Das Encíclicas Papais No Século XIX. **Estudos De Religião**, São Bernardo do Campo, vol. 35, n. 2, 2021.

SILVA, Kelly Caroline Noll da. **"Sangue e silêncio na mata virgem": a construção da santidade de Albertina Berkenbrock (Santa Catarina, 1950-2008)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2020.

SILVA, Milene Félix da. **Práticas rituais Laklãnô/Xokleng: no "tempo do mato"**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UFSC, 2016a.

SILVA, Natalia Rovares da. **Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República**. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b.

SILVEIRA, Aline Dias da. Relação corpo, natureza e organização sociopolítica no Medievo: revelação, ordem e lei. In: NODARI, Eunice Sueli & KLUG, João (Org.). **História Ambiental e Migrações**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

SIMPSON, Duncan. A Igreja Católica e o Estado Novo de Salazar. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v.18, n.1, 2012.

SOUZA, Almir Antônio de. Um viajante no Brasil Joanino. Auguste de Saint-Hilaire, o Caminho das Tropas, o mato e o campo, e os índios do Planalto Meridional. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 15, n. 35, 2015.

SOUZA, Ney de. Catolicismo, sociedade e teologia no Brasil Império. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 46, jan./abr. 2013.

SPIESS, Marcos Alfonso. A crise das vocações pós Vaticano II: reflexões a partir da reprodução social do clero catarinense. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 13, n.1, jan-jun/2016

SPINDOLA, Marina Paiano. **As representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores da região sul de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2018.

STAFFETTA RIOGRANDENSE. **La grandiosa festa di Cristo Re celebrata dall'Unione dei giovani cattolici**. Anno XX, n. 25, Garibaldi, 31 out. 1928. Disponível em: < <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/882038/2329> >. Acessado em: 06 jan. 2023.

STEFANI, Wagner Apécido. **A instrumentalização da *Ordo Fratrum Minorum* como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, São Paulo, 2015.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Tradução Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de Leituras n. 62**. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.

TARASANTCHI, Ruth Sprung... [et al.]. **Pedro Weingärtner (1853-1929): Um artista entre o Velho e o Novo Mundo**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2009.

TABORDA, Francisco. Lex Orandi – Lex Credendi: Origem, sentido e implicações de um axioma teológico. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 35, n. 95, 2003.

TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX**. TCC (Graduação) - Bacharelado em História. Florianópolis: UDESC, 2010.

ULIANO, Edi. **Capela original (1887) de Santa Augusta**. 1887. Acervo Pessoal: Braço do Norte, 1887. Fotografia.

VALDUGA, Gustavo. **"PAZ, ITÁLIA, JESUS" uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2007.

VARNIERI, Marcos Lampert. Nikolai Leskov e o animismo: falar com pedras no conto Alexandrita. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 26, 2021.

VASCONCELOS, Francisco Antônio de. Notas sobre a liderança de Dom Sebastião Leme no Brasil. **FLEXUS: Revista de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória, v. 09, n. 14, 2016.

VAZ, Henrique Carvalho de Lima. **Experiência Mística e Filosofia e na Tradição Ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.

VENDRAME, Maíra Ines. *“Lá éramos servos, aqui somos senhores”*: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins: 1877-1914. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em História, Porto Alegre, 2007.

VENDRAMINI, Lucimary. **Urussanga**: da escola italiana à escola pública. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2008.

VENTURA, Margarida Garcês. Heresias e dissidências: regalismo e anti-regalismo no século XV. **Lusitania Sacra**, Lisboa, n. 10, 1998.

VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Ed. do autor: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992.

VIEIRA, David Gueiros. O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil no século dezenove. **Estudos Teológicos**, v. 27, n. 3, 1987.

WERNET, Augustin. Crise e definhamento das tradicionais ordens monásticas brasileiras durante o século XIX. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 42, 1997.

WEINGÄRTNER, Pedro. **Blumenbekränzte Mädchen in Nova Veneza**. 1893. Dorotheum: Viena. Óleo sobre tela, 13,3 x 23,5 cm. Coleção particular.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar**: medicina, religião, magia e positivismo na República Riograndense – 1889-1928. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Departamento de História. Campinas, 1997.

WITTER, Nikelen. **Males e Epidemias**: Sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX). Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em História. Niterói: 2007.

ZANELATTO, João Henrique. Fascismo Italiano em território Barriga Verde: sua receptividade entre imigrantes italianos e no integralismo. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul.-dez., 2015.

ZILLI, Edson. **Caminhos das tropas no Extremo Sul Catarinense**: memória e patrimônio. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2015.